

Academia de História Militar Terrestre do Brasil
Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul



- GENERAL OSÓRIO -

O maior herói e líder popular brasileiro

*Edição comemorativa aos 200 anos de nascimento
do Marquês do Herval*

CLÁUDIO MOREIRA BENTO

RESENDE - 2008

BICENTENÁRIO DO MARECHAL MANUEL LUÍS OSÓRIO

Composição da capa: Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, grande colaborador da AHIMTB e administrador de seu site Sob fundo azul e vermelho, as cores do Exército Brasileiro. Ela representa na 1ª capa os brasões da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) sob cujas égides este trabalho é publicado. Destaca uma alegoria do General Osório na batalha de Avai, do acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia e o nome desta obra alusiva ao Bicentenário do General Osório. Na parte inferior o nome do autor e informa que o trabalho faz parte do Projeto História do Exército na Região Sul em desenvolvimento pela AHIMTB. A 4ª capa apresenta uma foto do General Osório em pleno vigor físico, tendo bem abaixo o seu brasão de titular do Império. E uma alegoria da batalha de Monte Caseros, onde o Ten Cel Osório lidera uma carga do seu 2º Regimento de Cavalaria e de autoria do patrono de cadeira Especial da AHIMTB pintor Miranda Junior, a qual é ocupada pelo pintor Cel Estigarribia. Ao lado da foto de Osório figuram detalhes da sua espada e da sua lança de Honra, hoje integrando o patrimônio histórico do Regimento Osório.

Digitação dos originais: O autor, e a professora Maria Verônica de Abreu em Itatiaia-RJ.

Revisão: O autor, o cel Luiz Ernani Caminha Giorgis e a revisora Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho da Gráfica Irmãos Drumond.

Ilustrações: Pelo autor com apoio nas que reuniu de diversas fontes que são mencionadas nas legendas.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila, da Gráfica Irmãos Drumond.

CIP CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira

General Osório o maior herói e líder popular brasileiro. Barra Mansa-RJ, AHIMTB/Gráfica Irmãos Drumond Ltda, 2008

328 p.

ISBN: 978-85-60811-04-5

- 1- Biografia Marques do Herval
- 2- Biografia do Marechal de Exército Manoel Luiz Osório
- 3- História do Brasil

Catálogo na publicação
Departamento Nacional do Livro

Dedicatória

Dedico este livro ao Exército Brasileiro de ontem, de hoje e de sempre e, em especial a sua Cavalaria que tem o General Osório como Patrono, bem como ao Povo Brasileiro que tão bem com ele se identificou. E recordo o seguinte conceito: A História estuda e interpreta o passado para entender o presente e assim colher subsídios para a construção do futuro em bases seguras.

E neste livro, General Osório o maior herói e líder popular brasileiro, intérpretes de sua preciosa vida e obra assim o consideraram.

“Que embora morto Osório continua a guiar-nos sempre, em razão de sua vida e de seus feitos heróicos traduzirem um código sublime de lições que devem ser rigorosamente observadas”.

“ De que ninguém no Brasil como Osório pode ter tão extensa popularidade e glória tão fulgente”.

“ Que o valor legendário de Osório inexcedivelmente épico que nasceu há dois séculos, precisa assim permanecer e ser cultuado pelos tempos afora”.

“ Que a biografia de Osório servirá de revigoreamento cívico geral dos valores nacionais, como um protótipo da bravura e da abnegação patriótica, gloriosas tradições, plenas de exemplos e de lições a imitar”.

E finalmente: “Que se sobrevier, por desgraça dos brasileiros, o dia em que seja necessário defender, a terra, a honra e as tradições do Brasil que seus filhos tenham nos olhos e corações as imagens de nosso maior herói e líder popular brasileiro - o General Osório e, com o mesmo heroísmo, a mesma abne-

gação e a mesma resistência e, ao Sol da Vitória, defendam a nossa Bandeira, mais amada do que as próprias vidas de seus filhos, como o fez o General Osório em toda a sua fulgurante carreira”.

Que assim seja!

Coronel Cláudio Moreira Bento

Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil
e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul

• • •

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**

POUPEX

Associação de Poupança e Empréstimo

Prefácio

Honra-me mais uma vez o Coronel Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB/IHTRGS, ao incumbir-me de prefaciar obra tão relevante como esta. Com efeito, trata-se de Osório, o mui valoroso Patrono da arma de Cavalaria do Exército Brasileiro, que tão relevantes exemplos nos deixou, nas tantas oportunidades em que teve a incumbência e a nobre missão de defender as cores da nossa Pátria.

Osório foi tão importante que seu nome foi defendido por muitos para ser o Patrono do Exército. Qualidades certamente não lhe faltaram. Não foi isso, com certeza, mas sim o fato de não ter projeção nacional, como Caxias. O que não lhe desmerece, absolutamente, pois provou, em múltiplas oportunidades, ser merecedor dos encômios de grande vulto da história da nação.

Osório foi, antes de tudo, um abnegado pelos valores tradicionais de uma sociedade. Honestidade, arrojo, franqueza de palavras e de atitudes, iniciativa, coragem física e moral, espírito militar, solidariedade, iniciativa, lealdade, disciplina e tantos outros atributos, estiveram sempre presentes na sua personalidade de homem campeiro e simples, nascido na antiga Conceição do Arroio, depois Osório e hoje Tramandaí, Rio Grande do Sul.

Cavaleiro como poucos, Osório soube fazer desta sua destreza com o nobre amigo, o cavalo, um predicado a mais nos combates. Contagiava a sua postura, im-

pulsionava o seu exemplo, arrastava o seu idealismo.

A Canção da Cavalaria reflete exatamente esse perfil, o do líder e o do “legendário”.

Fora do ambiente dos campos de batalha, Osório mostrou também o seu valor. Como parlamentar e como Ministro da Guerra granjeou destaque e respeito, assim como na sua fazenda, em relação às pessoas que com ele conviviam, inclusive empregados. Caracterizava sua conduta pela simplicidade.

Na oportunidade em que se aproxima o ano de 2008, bicentenário do nascimento do Patrono da Cavalaria, a AHIMTB e o IHTRGS, através de ninguém menos que o seu Presidente, Cel Bento, associa-se às comemorações que serão realizadas com esta obra.

Este trabalho prima pela abordagem de aspectos importantes, como sejam as Efemérides da vida de Osório, a rica Iconografia, os preciosos depoimentos sobre a sua significação histórica. Completam a obra a descrição das principais comemorações levadas a efeito no centenário (1908), a análise do pensamento militar do patrono, a sua atuação como Ministro da Guerra e a extensa, e não menos valiosa, Bibliografia, apresentada em ordem cronológica..

Esperamos que este livro, pela importância da qual se reveste, seja uma referência especial, diferenciada, da vida do grande militar servindo, queira Deus, como “estrela-guia de novos horizontes, no caminho da luta e da vitória” para os jovens, futuro deste nosso Brasil.

Luiz Ernani Caminha Giorgis
Acadêmico Emérito
Vice-Presidente da AHIMTB/IHTRGS
Delegado/RS – Delegacia General Rinaldo
Pereira da Câmara da AHIMTB.

Apresentação

O presente livro, General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro, traduz a minha admiração por este personagem desde menino em que minha cidade natal a rua, conhecida popularmente como “rua da Frente”, leva o nome de General Osório. Rua que se originou de antigo caminho sobre o divisor de águas do Rincão do Tamanduá, onde se assenta, desde 1800, a povoação criada como Capela Curada Nossa Senhora da Conceição do Canguçu, transferida de Canguçu Velho, local onde, de 1783 a 1789, funcionou a Sede da Real Feitoria do Linha Cânhamo do Rincão de Canguçu, transferida por questões de segurança da então fronteira de fato com a Espanha, no rio Piratini, para o Faxinal do Courita em São Leopoldo, em local que abrigaria os primeiros imigrantes alemães, que foram os primeiros povoadores de São Leopoldo.

Por esta rua transitou o General Osório várias vezes para, de Pelotas onde residia, para ir e vir visitar e assistir sua mãe, residente em Caçapava.

Canguçu, próximo a Pelotas, foi local onde residiam eleitores do General Osório e de seu filho e amigo Dr. Fernando Luiz Osório, nome de uma das cinco ruas longitudinais de Canguçu, como a de seu pai.

Meu bisavô e primeiro professor régio para meninos de Canguçu, Antônio Joaquim Bento era do Partido Liberal de Osório, e seu eleitor, e fora nomeado

professor régio para meninos, em 1855, pelo alagoano Presidente da Província Visconde de Sinumbú, grande amigo de Osório.

Meu avô, Cel GN Genes Gentil Bento, estudou em Pelotas, onde foi eleitor do deputado Fernando Luiz Osório. E creio que a ele se deva dar de Fernando Luiz Osório a citada rua, na qualidade de seu intendente de 1905/1917.

Tomei conhecimento do significado de Osório através de meu pai, Conrado Ernani Bento, Tabelião local, quando menino, com cerca de 8 anos, ao compulsar curioso um livro que ele havia recebido com dedicatória do Dr. Fernando Luiz Osório (filho) intitulado **O Espírito das Armas Brasileiras**.

Fiquei fascinado com as ilustrações do mesmo, que mexeram com o historiador militar existente em mim.

Mais tarde recebi de presente de um amigo, Flávio Azambuja Kraemer, um exemplar deste livro que tanto me impressionara quando menino.

E cheguei à conclusão de que se tratava de uma História Militar do Brasil editada em 1918, ao final da 1ª Guerra Mundial.

Em Pelotas, onde estudei de 1945 a 1950, Osório era figura expressiva, considerado filho adotivo de Pelotas e era conservada a casa onde residira.

Como aluno da Escola Preparatória de Porto Alegre de 1951/52 colecionava frases pronunciadas por militares brasileiros e muito me impressionaram as do General Osório em sua Ordem do Dia alusiva a invasão do Paraguai pelo Passo da Pátria: “É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever!”

Como cadete, tinha especial predileção pelas aulas de História Militar, e lá encontrei Osório brilhando em Monte Caseros, Passo da Pátria, Tuiti, Avaí e Peribebugá.

Ao chegar aspirante a Oficial em São Leopoldo, em 1955, fui logo escalado para fazer uma palestra sobre a Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52, para toda a oficialidade da Guarnição.

Transferido para o 1º Batalhão Ferroviário em Bento Gonçalves em 1957, fui escalado em 10 de maio daquele ano para proferir uma palestra sobre o General Osório para todo o Batalhão.

E como escritor, sua heróica figura me impressionava sobremodo. E muitos artigos e trabalhos realizei como historiador militar, conforme registro na bibliografia.

Em 1970/71, como coordenador do projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, escrevi o livro **A grande festa dos Lanceiros**, sobre a festa de inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luís Osório.

No centenário de sua morte, comemorada na Academia Militar das Agulhas Negras em 1979, e na qualidade de Instrutor de História Militar, e já membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Brasileira de História, participei ativamente como membro da Comissão encarregada das Comemorações, presidida pelo Cel Cav Clóvis Jacy Burmann, comandante do Corpo de Cadetes, tendo produzido o trabalho de História Militar Crítica “Osório, pensamento militar”.

Elaboramos, mais tarde, o trabalho inédito **Os patronos nas Forças Armadas**, hoje disponível em Livros no site da AHIMTB, www.resenet.com.br/users/ahimtb.

Ao escrevermos o livro **Caxias e a Unidade Nacional** chamou-me a atenção, a grande amizade que uniu Caxias e Osório de 1839 a 1879, por cerca de 40 anos, e a estudamos e a publicamos no citado livro com o sub título A amizade Osório e Caxias e sua projeção política. Assunto que sintetizamos em

palestra a convite da Confraria dos Camaradas de Cavalaria em 23 de agosto de 2003, em Brasília, dois dias antes do Bicentenário de Duque de Caxias.

Como Diretor do Arquivo Histórico do Exército fomos incumbidos de pesquisar a situação dos restos mortais do General Osório, com vistas ao seu traslado para o Rio Grande do Sul. Realizamos este estudo, que deixamos no Arquivo Histórico do Exército. Mas esta tentativa de traslado não se concretizou.

E o bicentenário do General Osório, em 10 de maio de 2008 foi a oportunidade ideal para escrevermos o presente livro **General Osório, o maior herói e líder popular brasileiro**, como uma contribuição da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, com o enfoque de procurar demonstrar ao leitor e pesquisador interessados a validade do título da obra.

Livro prefaciado pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, acadêmico emérito da AHIMTB, seu Delegado, da Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara, do Rio Grande do Sul e Vice-Presidente do Instituto de História do Rio Grande do Sul. O Posfácio é do acadêmico emérito da AHIMTB, Gen Div Arnaldo Serafim, seu 2º Vice-Presidente e Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa, de Brasília, com sede em instalações do Colégio Militar de Brasília e que já havia sido o prefaciador do livro Caxias e a Unidade Nacional.

Cel Cláudio Moreira Bento
Presidente da AHIMTB e IHTRGS

Sumário

Dedicatória	III
Prefácio	V
Apresentação	VII
Introdução – Osório, Patrono da Cavalaria	16
Efemérides do General Osório	18
• No Brasil Colônia	18
• No Império sob D. Pedro I.....	18
• No Império sob a Regência.....	19
• No Império sob D. Pedro II.....	23
• Na República – homenagens recebidas	32
Iconografia relacionada com o General Osório	37
• As 179 figuras, numeradas de 1 a 179	39
• As 179 legendas das figuras numeradas	96
Significação histórica do General Osório	123
• A Manifestação oficial do Exército	123
• Diário Oficial do Império de 5 de outubro de 1879.....	124
• Senador Silveira da Mota no Senado em 7 de outubro de 1879	125
• Deputado Alves Araújo na Câmara de Deputados em 7 de outubro de 1879.....	125
• Deputado Cesário Alvim	126
• Deputado José Diana, representante do RGS	126
• Poesia do poeta Otaviano Hudson.....	127
• Opinião de seus comandantes na Guerra do Paraguai	128
• Gen Bartolomeu Mitre no Editorial de La Nación de Buenos Aires	128
• O julgamento de Osório pelo Duque de Caxias, seu amigo e comandante em três ocasiões	130
• O Conde D’Eu, Marechal Gastão de Orleans, seu comandante na Campanha da Cordilheira	130
• Carlos de Laet no Jornal do Comércio, Rio, 12 de outubro de 1875.....	131
• Osório na visão de Emílio Mallet, atual Patrono da Artilharia	132
• Osório na visão de outro herói popular no Paraguai, o Gen Tibúrcio.....	133
• Cel Manoel Deodoro da Fonseca.....	133
• Marechal Floriano Peixoto – Presidente da República.....	133
• Visconde de Ouro Preto – Presidente do último Conselho de Ministros..	134

• Barão do Rio Branco – Ministro das Relações Exteriores e historiador.....	134
• Gaspar Silveira Martins, o maior tribuno de seu tempo	134
• Major Alfredo de Taunay – Escritor responsável pelo Diário do Exército na Campanha da Cordilheira.....	134
• Homem de Mello – Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e historiador que ajudou o General Osório na Mobilização do 3º Corpo do Exército	134
• Seus comandados no 2º Regimento de Cavalaria.....	135
• Gen Bibiano Costallat em 20 de julho de 1892, em nome do Presidente Marechal Floriano Peixoto.....	135
• Coronel Martinez (paraguaio comandante da praça de Humaitá)	135
• Rui Barbosa ao recepcionar Osório em Salvador em 1877.....	135
• Barão de Mauá	136
• Pandiá Calógeras – historiador	136
• Cel Emílio Carlos Jourdan, veterano e historiador da Guerra do Paraguai, a pedido do Marechal Floriano Peixoto.....	136
• Dr. Cândido Gaffree – Presidente da Sociedade Sul Rio Grandense.....	136
• Pintor Pedro Américo	136
Outras apreciações sobre Osório.....	137
• Marechal Jacinto Pinto, General Liberato Bittencourt, General Resin Palleja (Cel uruguaio), Xavier de Oliveira, Cap Ataíde Seixas, Joaquim Manoel de Machado, Alfredo de Toledo Costa, Max von Versen, Gomes Castro, Tobias Monteiro, Almirante Cordovil Maurity, Olavo Bilac, Barbosa Lima	137 a 139
• Eugênio Vilhena de Moraes – historiador promotor do culto de Caxias na República	139
• João Maia na inauguração do Monumento a Osório em Porto Alegre em 1933.....	139
• Fernando Luiz Osório (filho) na inauguração do Monumento de Osório em Porto Alegre em 1933 e representando a família Osório	140
• Ten Bayard, em nome da 3ª Região Militar na inauguração do Monumento de Osório em Porto Alegre em 1933	140
• Oração do Padre Ponciano Stenzel, na inauguração do Monumento a Osório em Porto Alegre em 1933	140
• Do Cel Francisco Ruas Santos em 1967	141
• Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos (Discurso no Parque Osório em 1970).....	141
• Gen Ex Breno Borges Fortes, Cmt do III Exército (no Parque Osório em 1970)	141
• Major Cláudio Moreira Bento (no CPOR/Recife em palestra no Centenário do Término da Guerra do Paraguai em 1970).....	141
• Do historiador Dr. Pedro Calmon, no Monumento de Osório no Rio em 4 de março de 1979.....	142
• Senador Jarbas Passarinho	142

• Cel Arnaldo Serafim na AMAN em 28 Set 1979.....	143
• Professora Stella Francisca de Assumpção Osório, trineta do General Osório, ao serem deportados seus restos mortais para o seu túmulo definitivo no Parque Osório em Tramandaí-RS	143
• Presidente Emílio Médici, o idealizador do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório	143
Osório, pensamento militar	144
• Osório e os Princípios da Guerra	144
• Osório, a Estratégia e a Logística.....	150
A Projeção Política da amizade entre o Duque de Caxias e o Marquês do Herval	153
O General Osório e a Revolução Farroupilha	170
A Batalha de Tuiuti	172
• O Terreno e Dispositivo	172
• A Batalha.....	174
• Conclusões.....	177
• Situação após Tuiuti	178
• Parte do combate, da Batalha de Tuiuti do General Osório.....	179
O General Osório na visão de seu Biógrafo e Filho	181
• Características físicas de Osório.....	181
• Na intimidade familiar.....	182
• Vestuário e moradia sem ostentação, luxo e adornos.....	183
• Acessibilidade, consideração e comunicabilidade em suas relações	184
• Respostas a uma dama em um baile, a um ator e a um senador	184
• Recusa ao convite do Imperador para tratar seus ferimentos na Europa... ..	186
• Exemplos de solidariedade com os fracos, pobres e desvalidos.....	186
• Osório e a sua estância Cruzeiro no Uruguai	187
• Um notável autodidata que compensou o sonho de cursar uma faculdade.....	188
Osório como soldado	189
• Osório e sua notável memória.....	191
• Osório na hora do combate – a sua transformação	192
• Acessível a qualquer hora na guerra e na paz	193
• Osório, chefe organizador e disciplinador exemplar	194
• Osório e seu admirável golpe de vista, segundo Conrado Niemayer.....	196
• Osório, o poeta repentista	198
• Fernando Luiz Osório, amigo, filho e biógrafo de Osório	198
• A visão de Osório sobre o Imperador do Brasil	201
• A rotina do General Osório como Ministro da Guerra e senador, e sua obra nestas funções	203
Osório, Senador e Ministro da Guerra	204
• Organização	204
• Equipamento	207
• Intendência	208

Osório nas Memórias de Alfredo de Taunay na Campanha da Cordilheira	212
Osório e sua amizade com o Imperador D. Pedro II	219
Recepção em Porto Alegre com a entrega de sua Espada de Honra	221
O General Osório e seu testamento em Pelotas em 11 de janeiro de 1871	226
• Relíquias e troféus deixados por Osório à sua única filha.....	227
A chegada do general Osório ao Rio de Janeiro em 28 de abril de 1877 para assumir sua cadeira de senador pela Província de São Pedro do rio Grande do Sul	229
Viagem do senador Osório ao Recife em visita aos filhos e saudação de Rui Barbosa em Salvador	233
O falecimento do Gen Osório em 4 de outubro de 1879 e a comunicação de seu filho	236
• O traslado do corpo de Osório de sua casa para a Igreja Santa Cruz dos Militares	237
• José do Patrocínio na folha A Cidade do Rio de Janeiro de 21 de outubro de 1879	239
• Traslado do corpo do General Osório em 21 de julho de 1892 para o seu monumento na Praça 15	240
• Inauguração do Monumento de Osório no Rio de Janeiro em 12 de novembro de 1894	241
• Oração do General Bibiano Sérgio Costallat em nome do Presidente Floriano Peixoto	242
Comemorações do Centenário do General Osório no Rio em 10,11,12 e 24 maio de 1908	244
• Comemoração do Centenário em 10 de maio de 1908	244
• A Ordem do Dia do Exército	249
• A Ordem do Dia da Armada.....	250
• A psicologia de Osório, segundo o professor militar Liberato Bittencourt	251
• As manifestações da imprensa	253
• Barbosa Lima em Discurso no IHGB.....	253
• Conceitos do jornalista Alcindo Guanabara sobre Osório	254
• Tobias Barreto em “Reminiscências” no Jornal do Comércio de 10 de Maio de 1908	254
• Palestra de Arthur Azevedo, O País, 10 de Maio de 1908.....	255
• Revista O Rio	255
• Jornal do Brasil, 10 de Maio de 1908.....	255
• O País, 11 de Maio de 1908	256
• Comemorações em 11 de Maio de 1908	257
• Palavras de Agradecimento do Dr. Francisco Luiz Osório.....	259
• Final de cerimônia.....	260 a 265
• A Osório - Poesia.....	261

• Marquês do Herval, de F. Jacinto.....	266
• A comemoração em 24 de Maio de 1908.....	266
Inauguração do Monumento de Osório na Praça da Alfândega em Porto Alegre em 6 de agosto de 1933	271
• Palavras de João Maia – Presidente da Comissão Pró-Monumento.....	271
• Oração de seu neto Fernando Luiz Osório (filho) representando a família	273
• Oração do representante da 3ª Região Militar, Ten Bayard Galvão	274
• Oração do padre Ponciano dos Santos Stenzel	274
Inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório em 10 de maio de 1970	277
• Roteiro da inauguração do Parque	278
• Cerimônia no interior da Casa de Osório.....	279
Comemorações do centenário de morte do General Osório na Academia Militar das Agulhas Negras de 28 de setembro a 6 de outubro de 1978.....	281
• Retrato e relíquias no Museu Histórico Nacional	283
• Publicações da Revista da Cavalaria	284
O traslado dos restos mortais do General Osório do Rio de Janeiro para o Parque Histórico Marechal Osório em 11 de novembro de 1993 e a deposição definitiva no seu jazigo arquitetônico no Parque Osório.....	285
História do Regimento Osório e comandantes.....	291 a 296
O 3º comandante dos Dragões, do atual 3º RCD e o General Osório.....	297
Bibliografia em ordem cronológica.....	304
Posfácio	307
Dados da AHIMTB, do IHTRGS e do autor	310 a 328



Introdução

Osório - Patrono da Cavalaria

Em 10 de maio de 2008 comemoramos o bicentenário do Marechal de Exército Manoel Luiz Osório, Marquês do Herval, ou simplesmente o General Osório, como foi consagrado popularmente em seu tempo. Ele foi, pelo Dec. 51.429, de 13 de março de 1962, oficializado patrono da Arma de Cavalaria, em cujo seio se forjou e despontou como líder de combate, o mais bravo, audaz, querido e carismático do Exército, a ponto de haver sido o único a concorrer com o Duque de Caxias à consagração como Patrono do Exército.

Osório foi o comandante aliado na vitoriosa batalha de Tuiuti, em 24 de maio de 1866, a maior batalha campal da América do Sul, na qual foi anulada a capacidade ofensiva tática adversária, ao liderar pessoalmente modelar defesa em posição. Foi tamanho o brilho de sua arte militar nesta batalha que um dos seus biógrafos assim a definiu – “Tuiuti é Osório e Osório é Tuiuti” o General Osório Tuiuti de Oliveira Freitas.

Osório teve especial destaque na guerra da Cisplatina (1825-28) quando, como alferes, conseguiu espetacular e audazmente romper o cerco inimigo no combate de Sarandi. Seu comandante, General Bento Manoel Ribeiro, admirado pelo feito do Alferes Osório sentenciou: **Hei de legar-lhe, Alferes, a minha lança, porque a levarás mais longe do que eu a levei!** E esta profecia seria cumprida!

Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52) à frente do 2º

Regimento de Cavalaria Ligeira, Osório desempenhou importante papel na vitória aliada de Monte Caseros, em 2 de fevereiro de 1852, o que lhe valeu promoção a coronel, por merecimento.

Na guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1865-1870) coube-lhe comandar o Exército Brasileiro em operações contra o Paraguai, desde o Uruguai até a batalha de Tuiuti, destacando-se no comando da invasão ao Paraguai, em Passo da Pátria, quando escreveu célebres palavras na Ordem do Dia de 17 Abr 1866: **“É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever”**. Ele foi o primeiro a pisar no outro lado, em solo inimigo.

Osório destacou-se como líder de combate em Avaí, onde foi ferido no rosto. Prestou nesta guerra excepcionais serviços à Integridade e à Soberania do Brasil, sobrepujando doenças e ferimentos, que justificariam seu retorno ao lar.

Dele e de sua singular liderança poderíamos afirmar:

“Osório, nome que foi lenda e que é glória, e líder sem igual em combate. Foi a estrela-guia em negros horizontes no caminho da luta e da vitória. Formou-se na Academia Militar das Coxilhas, na Fronteira do Vai e Vem, entre paratátas de centauros, pontacos de lanças, tilin-tilins de armas brancas, quadrados de Infantaria, troar de canhões e cargas de Cavalaria, na belicosa coreografia da Arte Militar dos Pampas”.

Osório nasceu em Conceição do Arroio, atual Osório-RS, em 10 Mai 1808, em local transformado em Parque Histórico com o seu nome. Faleceu no Rio de Janeiro, como senador pelo Rio Grande do Sul e Ministro da Guerra, em 4 Out 1879, aos 71 anos. Seu corpo embalsamado repousava em seu monumento na Praça 15 no Rio de Janeiro desde 1892. Hoje está em Tramandaí, no Parque Osório.

Osório sublimou as virtudes militares de Coragem, Bravura, Desprendimento, Honra Militar e Camaradagem. Foi militar excepcionalmente vocacionado, cidadão exemplar, chefe e líder amado, camarada invulgar e modelo de soldado brasileiro. Glória lhe seja dada pois, ou, no seu conceito: “a mais preciosa recompensa dos bravos”.

Efemérides do General Osório

No Brasil Colônia

1808 maio 10 - Osório nasceu na então freguesia da Conceição do Arroio, hoje Município de Tramandaí, em casa hoje restaurada, onde funciona o Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, desde 1970. Era filho legítimo do Ten Coronel Luiz da Silva Borges e de Ana Joaquina Luiza Osório, de quem herdou o sobrenome.

No Império sob D. Pedro I

1823 maio - Sentou praça aos 15 anos incompletos na Cavalaria da Legião de São Paulo que, com outras tropas brasileiras, sitiava Montevidéu. Osório teve o seu batismo de fogo numa guerrilha no arroio Miguelete contra a Cavalaria de Portugal.

1824 maio - O soldado Osório jurou a Constituição do Império do Brasil, outorgada pelo Imperador D. Pedro I, com o apoio do Exército.

1824 out 1 - foi reconhecido cadete de 1ª classe.

1824 dez 1 - Promovido a Alferes aos 16 anos para o 3º Regimento de Cavalaria.

1826 out 12 - Tomou parte no combate do Arroio Sarandi, de onde conseguiu romper o cerco, combatendo e liderando nove praças de seu esquadrão. Nesta operação, salvou na passagem do rio Gi seus comandantes e coronéis de Estado-Maior de Exército Bento Manoel Ribeiro e Bento Gonçalves da Silva, ao liderar uma guerrilha que lhes assegurou transpor o citado

rio em segurança. Segundo a tradição, o Cel Bento Manoel Ribeiro, impressionado por sua atuação, teria assim lhe falado: “Eu vou lhe deixar a minha lança, na certeza de que a levará mais longe do que eu a levei”. E tinha razão!

1826 - Participou em Sant’Ana do Livramento da desastrosa concentração do Exército ao comando do brigadeiro Francisco de Paulo Massena Rosado. Pagou o Exército pesado tributo com as vidas de cerca de 700 soldados mortos quase à fome, por divergências entre este comandante e o Presidente da Província.

1827 jan 17 - Parte de Sant’Ana, ao comando do Marquês de Barbacena, integrando o Esquadrão de sua Vanguarda na marcha estratégica, muito bem sucedida, que culminaria com a Batalha do Passo do Rosário, tendo se destacado na travessia do rio Camaquã, ao salvar a vida de um soldado brasileiro, prestes a afogar-se.

1827 fev 20 - Integra a 2ª Divisão ao comando do General Chrisóstomo Calado, cuja atuação analisamos na obra **2002 - Os 175 anos da Batalha do Passo do Rosário**. Porto Alegre: Metrópole, 2002.

1827 out 12 - Promovido a Tenente do 5º Regimento de Cavalaria, aos 19 anos.

1828 abril - Participou na ação de Cunetas na 2ª invasão de Alvear pela fronteira, em Jaguarão.

1829 março - Servindo em Rio Pardo, no 5º Regimento de Cavalaria ali sediado, foi destacado para o corte do rio Quaraí, para combater índios de Bela-União do outro lado do rio e que com freqüência invadiam nosso território e causavam depredações e roubos no Brasil. Regressou em julho.

No Império sob a Regência

1831 ago - Foi novamente destacado para a guarda de Quaraí.

1832 jan 08 - Foi preso por ordem do comandante da atual 3ª RM, Marechal de Campo Sebastião Barreto Pereira Pinto, que em 1835 seria destituído de comandante e substituído

pelo Cel Bento Marechal Ribeiro, que o derrotaria no Combate de Rio Pardo. Foi preso sob a acusação de haver atacado os índios que “talavam” nosso território em Bela União.

1832 dez 11 - Foi libertado, e o seu filho Fernando Luiz Osório, na obra **História do General Osório**, destrói acusações que motivaram a sua prisão por quase um ano.

1833 – Osório, em Rio Pardo, ingressou na política, no Partido Liberal, para defender a Revolução de 7 de abril de 1831 “para que ela não se perdesse na dissolução social em curso”. Seu partido criou a Associação Defensora da Independência. E Osório filiou-se na seção de Rio Pardo “declarando-se liberal, e adversário intransigente do Partido Português, tido como retrógrado, absolutista e conservador”.

1835 set 20 - Ao estourar a Revolução Farroupilha se encontrava em Bagé e apoiou o Comandante das Armas Marechal Sebastião Barreto Pereira, até este dissolver sua força. Em seguida, à noite, com quatro praças, escoltou o seu comandante de Regimento, que não aderiu à Revolução, como a esmagadora maioria da guarnição do Exército da Província, e até o atual Uruguai, a salvo dos farrapos. Depois, aderiu à Revolução, ao comando do Cel Bento Manoel Ribeiro, nomeado pela mesma o novo Comandante das Armas.

1835 out 13 - Depois de haver acompanhado o Cel Bento Manoel Ribeiro, ao ser por este nomeado comandante do 5º Regimento de Cavalaria em Bagé, desligou-se da Revolução Farroupilha, quando Bento decidiu continuar do lado do novo Presidente da Província, nomeado para substituir o presidente deposto pela Revolução e continuando no comando das Armas da Província. Passou à causa legal como Major de Legião e depois como Major de Brigada instrutor da Guarda Nacional.

1835 nov 15 - Casou em Bagé, então distrito de Piratini, com Francisca, filha do Juiz de Paz Fagundes de Oliveira. Possuía o Tenente Osório 27 anos e comandava o 5º Regimento de Cavalaria, ali aquartelado.

1836 mar - Como Major de Brigada, e integrando com o seu 5º Regimento de Cavalaria a Divisão da Direita do Exército Legal criado por Bento Manoel Ribeiro, marchou integran-

do Vanguarda, ao comando do Cel Antônio, em busca dos farrapos, cuja Vanguarda era comandada pelo Cel Antônio de Almeida Corte Real. No Passo do Rosário, o Ten Cel Silva Borges e seus dois filhos, José e Manoel Luiz Osório prenderam o Cel Corte Real, que foi desarmado por Osório. Corte Real, que estudamos na obra **O Exército Farrapo e os seus chefes**, era cunhado do Major João Manoel de Lima e Silva, tio de Caxias, também estudado na citada obra.

1836 mai 30 - Morre em Caçapava o pai de Osório, Cel Manoel Luís da Silva Borges, que ali se radicara, proveniente de Salto no Uruguai, por haver sido reformado ao final da Guerra Cisplatina por doença. O general Felicíssimo de Azevedo Aveline biografou o pai de Osório em plaqueta **Uma família dos primeiros povoadores do Sul do Brasil**, demonstrando que foi um valoroso e bravo soldado.

1836 nov 21 - Osório foi nomeado Major da 3ª Brigada de Cavalaria.

1837 jan 04 - O Major Osório, junto com 5º Regimento tomou parte no combate de Pedras Altas, que obrigou os então republicanos rio-grandenses a se internarem no atual Uruguai.

1837 abril 07 - Bento Manoel deixou, pela primeira vez, a causa imperial, à qual aderira em apoio ao seu amigo Presidente Araújo Ribeiro, substituído no governo da Província, com desconsiderações. O Major Osório não o acompanhou. E foi cercado neste dia em Caçapava pelos farrapos, rompendo espetacularmente o cerco com alguns praças e levando a notícia ao Comando Geral em Porto Alegre.

1838 maio 03 - Combate em Herval, na terra do Coronel Silva Tavares.

1837 maio 1 - Em Porto Alegre foi promovido a Major da Guarda Nacional, como instrutor da mesma, submetido às ordens diretas do Governo Provincial. Neste mesmo dia, foi nomeado pelo Comando das Armas (atual 3ª RM) para comandar o Esquadrão de Cavalaria em Porto Alegre.

1838 abril 22 – Passou, em Canudos, a exercer a função de Major da 1ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional.

1837 abril 08 - As tropas de que fazia parte capturaram,

em Caçapava, cerca de seiscentos homens, treze bocas de fogo e ainda cerca de mil e quinhentos homens, estes comandados por Antônio Neto, Canabarro e João Antônio, tudo em acordo com Bento Manoel.

1838 ago 20 - Foi promovido a Capitão e pediu reforma com 16 anos de serviço, dos quais 09 anos em campanha. Perdera o pai, que fora reformado com direito a uma pensão que nunca foi recebida. E ele precisava ajudar a sua mãe em Caçapava.

1838 maio 11 - Porto Alegre, sitiada pelos republicanos farrapos, era defendida por setecentos infantess, duzentos e cinquenta cavalariass, vinte e dois canhões e cento e cinquenta civiss adestrados e bem armados; foi intimada a render-se. E Osório participava ativamente de sua defesa, ajudando a repelir os ataques. Sítios que abordamos com detalhes em nosso livro **Porto Alegre - memória dos sítios farrapos e da administração de Caxias**. Brasília: EGGCF, 1989.

1837 maio 29 - Osório comanda golpe de mão além das trincheiras de Porto Alegre, do que resultou aprisionar 32 republicanos farrapos, 50 cavalos, 170 bois e oito canoas, sendo elogiado em Ordem do Dia pelo comando da resistência legal.

1837 set 29 - Socorre o Major Mazzaredo, que foi ferido na ocasião impedindo, com parte de seu Esquadrão, que o 8º Batalhão de Caçadores fosse envolvido. Mazzaredo fora seu comandante em Bagé, antes de 20 de Setembro de 1835 e fora por Osório escoltado até o Uruguai.

1837 nov 08 - Em função de ordem depois recebida e, em seguida, de contra ordem, estava em Rio Grande, onde passou a servir sob as ordens do chefe Silva Tavares. E ali participou de uma vitória contra os republicanos farrapos.

1838 jan - Osório recebe ordens do Presidente da Província para, interinamente, exercer a função de Major da 1ª Brigada de Cavalaria da Guarda Nacional, ao comando de Silva Tavares.

1839 mai 03 - Deu-se o combate do Passo do Taquari do qual tomou parte o Major de Legião Osório, ao comando do General Jorge Rodrigues.

1839 set 24 - Sob o comando do General Jorge Rodrigues, Osório encaminha ao governo proposta de reorganização do

2º Regimento de Cavalaria. Estudamos o General Rodrigues em nota no nosso **O Exército farrapo e os seus chefes**.

1839 nov - O Ten Cel Luís Alves de Lima e Silva, na qualidade de assessor do Ministro da Guerra, ouve uma representação de Osório em nome dos oficiais brasileiros, contra o General Elzeário Brito. Representação que foi acolhida pelo Ministro da Guerra ao ouvir o futuro Duque de Caxias. E nascia ali uma grande amizade, providencial para os destinos da nacionalidade. O futuro Duque de Caxias, no mês seguinte, foi promovido a coronel e nomeado presidente e comandante das Armas do Maranhão para combater a Balaiada, depois de 8 anos à frente da atual Polícia Militar da Corte, com a qual proporcionou segurança ao Governo do Brasil, no Rio de Janeiro.

1839 dez 02 - Osório é transferido para o 2º RC.

No Império sob D. Pedro II

1841 mai 25 - Passou a servir sob o comandante-em-chefe do Exército, General João Paulo dos Santos Barreto, um famoso engenheiro militar, mas que não teve sucesso em sua campanha, como o tivera no Rio, no comando do Batalhão Sagrado, quando teve, por sub-comandante, o futuro Duque de Caxias.

1841 jul 13 - O capitão Osório se destaca no combate no passo de São Borja.

1841 julho 18 - Participa do combate da Tapera da Trilha, em São Gabriel.

1841 jul 22 - Participa do combate de São Gabriel.

1842 mai 27 - Foi promovido a major, para o 2º Regimento de Cavalaria, com 33 anos.

1842 jul 13 - Foi condecorado Cavaleiro da Ordem Imperial pelo Barão de Caxias.

1843 abril 10 - Sob o comando do brigadeiro Luís Alves de Lima e Silva (Caxias), que vinha de pacificar o Maranhão, São Paulo e Minas Gerais, Osório tomou parte no Combate de encontro de São Gabriel.

1843 - Osório participa do combate de Vacaicua.

1843 mai 26 - Osório participa do combate de Ponche Verde.

1843 jun 08 - Osório participa do combate de Santa Maria Chico.

Julho/Agosto 1843 – O Major Osório comanda ação sobre Piratini onde irrompeu com dois esquadrões, a seguir apreendeu duas carretas e a pouca distância prendeu seis farroupilhas e dois foram mortos, escapando os demais para o mato.

1843 dez 15 - Osório assume interinamente o comando do 2º Regimento de Cavalaria.

1844 jul 23 - Foi promovido a Tenente Coronel aos 36 anos e agraciado com a medalha de Cavaleiro da Ordem Militar de São Bento de Aviz.

1846 - Osório foi eleito deputado à Assembléia da Província do Rio Grande do Sul e muito ajudou na eleição do Barão de Caxias para ser incluído em lista de escolha para senador pelo Rio Grande pelo partido Conservador, conseguindo ser escolhido pelo Imperador D. Pedro II.

1846 mai 25 - O Barão de Caxias confiou ao Tenente Coronel Osório, a delicada e honrosa missão de escoltar com o seu 2º Regimento de Cavalaria, o Imperador D. Pedro II, e lhe recomendando “Muito cuidado, pois o Imperador é jovem e há de querer correr”.

1948 mai 30 - Nasceu em Bagé, Fernando Luis Osório, filho do general Osório, cerca de dois anos depois de Bagé ser criado município pelo Barão de Caxias, conforme demonstramos em nosso livro em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, História da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada –Brigada Patrício Corrêa da Câmara (2002), tendo integrado o município de Piratini como seu distrito, junto com os de Canguçu e Cerrito de 1831 a 1846, cerca de 15 anos.

1852 - Agraciado com a Medalha da Campanha do Uruguai, de ouro, depois da Guerra contra Oribe e Rosas de 1852, antes da qual teve brilhante atuação diplomáti-

ca junto ao General Urquiza, levando-lhe de presente um lote de cavalos tobianos e o atraindo para a aliança com o Império para depor Rosas da Argentina e, ainda, com ele, segundo a tradição, tendo negociado uma cavahada para remontar as tropas brasileiras.

1852 mar 07 - Agraciado Dignitário da Ordem Imperial de Cruzeiro ao término da Guerra contra Oribe e Rosas (1851- 1852).

1852 mar 14 - Agraciado com a Medalha de Ouro da Batalha de Moron (Monte Caseros).

1852 mai 03 - Promovido por merecimento ao posto de Coronel aos 46 anos.

1854 - Obrigado a deixar o comando do seu 2º RC por intrigas, tendo sido transferido para São Borja, no Comando da Fronteira das Missões.

1856 - Caxias, ao assumir pela primeira vez o Ministério da Guerra, juntou Osório ao seu grande 2º Regimento de Cavalaria, em Bagé.

1856 dez 02 - Foi promovido a Brigadeiro graduado.

1858 abr 16 - Deixa o comando da Fronteira das Missões, comando onde descobriu um grande herval de mate, sua bebida preferida e origem de seu título de Barão do Herval.

1858 maio - Brigadeiro graduado, foi lhe dado o comando da 1ª Brigada do Corpo de Observação e tão logo se juntou a este Corpo recebeu o Comando da Fronteira do Jaguarão.

1858 nov - Deixou o Comando da Fronteira do Jaguarão e foi nomeado, por perseguição política do Presidente da Província, Inspetor das Cavalarias do Norte.

1859 jun 15 - Osório foi efetivado Brigadeiro e retornou de sua função de Inspetor das Cavalarias do Norte para o comando da Fronteira de Jaguarão, por interferência de seu amigo Caxias.

1863 - Falece em Caçapava do Sul a mãe do general Osório, D. Anna Luiza, com cerca de 70 anos, sendo sepultada em Caçapava, junto com seu marido. Em Caçapa-

va ela viveu cerca de 35 anos.

1865 mar 01 - Por indicação de Caxias, assumiu as funções de Comandante-em-Chefe, interino, das Forças Aliadas contra o Paraguai, tendo convidado Mallet e Antônio de Sampaio para comandarem a Artilharia e a Infantaria, respectivamente.

1865 mai 15 - Assumiu o Comando-em-Chefe efetivo das Forças Aliadas contra o Paraguai.

1865 - Foi agraciado com medalha de ouro do Exército em Operações no Uruguai .

1865 jul 08 - Promovido ao posto de Marechal de Campo (hoje General de Divisão) aos 57 anos.

1866 abr 15 - Neste dia, em Ordem do Dia, dirigiu ao seu Exército a seguinte mensagem: “É fácil a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever”. Isto, como preparação dos seus comandados para a invasão aliada do Paraguai pelo Passo da Pátria, quando foi o primeiro a pisar em território inimigo na companhia de 14 cavalarianos de seu piquete.

1866 mai 01 - Foi titulado Barão do Herval no 2º ano da guerra da Tríplice Aliança, aos 58 anos.

1866 mai 02 - Osório liderou seu Exército no vitorioso combate de Estero Bellaco.

1866 maio 24 - Osório liderou a vitória na Batalha de Tuiuti, a maior batalha campal travada na América do Sul. Sua atuação foi notável e assim a definiu um de seus biógrafos: “Osório é Tuiuti e Tuiuti é Osório!”

1866 jul 15 – Osório, doente, deixou o Comando-em-Chefe do Exército em Operações, que transferiu ao General Polidoro Quintanilha Jordão, e retirou-se do Teatro da Guerra. Um soldado baiano, em poesia, assim definiu como foi a sua alimentação nesta guerra: “Osório nos deu churrasco e Polidoro farinha. O Marquês (Caxias) nos deu jabá e sua Alteza (Conde D’Eu) sardinha”.

1866 jul - Osório é agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Cristo.

1866 out 18 - Foi nomeado Comandante interino das

Armas da Província do Rio Grande do Sul (3ª RM atual). Seu QG era junto ao Palácio do Presidente da Província (local do atual Palácio Piratini). Tomou parte ativa na mobilização do 3º Corpo de Exército, com a ajuda do presidente da Província o Barão Homem de Melo, que faleceria em Itatiaia atual durante a Gripe Espanhola em 1918. Personagem que é o meu patrono na Academia Itatiaense de História por nós fundada em 1992.

1866 out 10 - Osório é indicado por Caxias para comandar o 3º Corpo de Exército, que deveria mobilizar no Rio Grande, tarefa que aceitou enfrentando e vencendo enormes dificuldades que lhe foram impostas pelo presidente da Província e pelo Comandante da Guarda Nacional, só afastadas com a nomeação de novo Presidente, o Barão Homem de Melo.

1866 out 20 - Foi nomeado Comandante do Exército em Operações na Fronteira da Província, seguindo no final deste ano para o Teatro de Guerra no comando do 3º Corpo de Exército.

1867 jun 01 - Promovido a Tenente-General (o equivalente hoje a General de Exército), com 59 anos.

1867 jul 31 - Osório derrota coluna inimiga no combate de Guaiavi.

1867 ago 1 - Osório passa o comando aliado ao Presidente Bartolomeu Mitre, da Argentina.

1868 abr 11 - Elevado ao título de Conde de Herval durante a Guerra do Paraguai.

1868 jun 12 - Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de São Bento de Aviz.

1868 jul 16 - Osório lidera o reconhecimento à viva força da fortaleza de Humaitá.

1868 jul 26 - Em carta à esposa, Osório lhe descreve como foi o reconhecimento de Humaitá e a sua retirada por ordem de Caxias.

1868 jul 26 - Osório é elogiado por sua liderança no reconhecimento à viva força de Humaitá.

1968 ago 28 - Morre no combate de Tebiquari o bravo

Major Joaquim Pantaleão Telles que comandou o piquete com o qual Osório foi o primeiro a pisar o solo inimigo em Passo da Pátria.

1868 dez 1 - Combate de conquista de Itororó liderado por Caxias.

1868 dez 06 - Osório participa da perseguição do inimigo depois da conquista por Caxias da ponte de Itororó.

1868 dez 11 - Trava-se a Batalha do Avaí, onde Osório foi ferido gravemente a bala, que fraturou seu maxilar. Lavado em sangue após tomar a Artilharia inimiga, falou: "Coragem camaradas, acabem com este resto!".

1868 dez 26 - Agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro.

1869 jan 22 – Osório, em Assunção, deixa o Teatro de Guerra com destino a Pelotas, para tratar-se do ferimento recebido em Avaí.

1869 fev 05 - Chega à cidade de Pelotas, onde residia em local junto à Praça Pedro Osório, em casa que hoje mantém sua frente preservada.

1869 fev 20 - Agraciado com a Medalha do Mérito Militar, quase ao final da Guerra do Paraguai, e assume o comando do 1º Corpo de Exército.

1869 jun – Osório, depois de cerca de três meses em tratamento em Pelotas, retornou ao Teatro de Guerra, atendendo apelo de seus homens e do Conde D'Eu o novo comandante aliado na campanha da Cordilheira, apesar de estar muito doente.

1869 ago 12 - Osório lidera o assalto e a conquista, à frente do 1º Corpo de Exército, do forte Peribebeú, sendo o 1º a entrar na praça conquistada. Fato heróico descrito por Alfredo de Taunay, testemunha ocular, em suas **Memórias** às p.332/333, o que abordaremos em local próprio, com destaque.

1869 ago 15 - Recolhe-se à Assunção face ao agravamento de seus males.

1869 set 25 - Osório retorna ao front e reassume o 1º Corpo de Exército na vila do Rosário.

1969 nov 4 - Falece em Pelotas a esposa do General Osório, sua grande companheira há cerca de 34 anos e com a qual mantinha freqüente correspondência do Teatro de Guerra que é transcrita na sua História feita por seu filho e netos.

1869 nov 24 - Osório deixa em definitivo o Teatro de Guerra do Paraguai, forçado pelo agravamento de seus males, aos 61 anos de idade. De retorno, na Argentina, soube da morte de sua esposa, a Marquesa do Herval D. Francisca Fagundes Osório.

1870 jul 17 - Escreveu em Pelotas a seu filho Fernando Luiz: "visitei minha fazenda no Arapeí (em Santana) e a achei em mau estado. Com a proteção dos amigos comprei mais 2.000 reses e o Adolfo (filho caçula) ficou instruído, além do capataz. Se melhorarem as coisas nestes dois anos ficaremos bem colocados. Por ora estamos pobres e devendo uns 40 contos de gado e campo comprado. Por esta razão talvez eu não possa ir a Corte, pois lá é preciso gastar-se dinheiro, principalmente na minha posição, acrescido que eu trouxe para a casa a viúva do Cypriano com 7 filhos menores, sem terem o que comer. A minha saúde continua má. Quanto a boca no mesmo estado e da perna para pior, de maneira que a pé, nem a cavalo, presto para nada. Ainda preciso tirar mais um dente e continuo privado da mastigação. Estimo que vás bem nos teus estudos, aonde só deves de empregar, pois haverá tempo para o mais. Teu pai e amigo Marquês do Herval". O General Osório, em três dias depois da invasão pelo Passo da Pátria sob sol, chuva e sobre a lama, não pode tirar suas botas, resultando uma infecção que muito o prejudicou o andar a cavalo.

1870 jul 20 - Agraciado com a Medalha em ouro da campanha do Uruguai.

1870 set - Osório passa a fazer jus a uma pensão equivalente a 6.000 cruzeiros (valor em 1966), igual a do Visconde de Pelotas, herói como ele em Avaí.

1870 dez 29 - Titulado Marquês do Herval, ao final do

ano de 1870, em que findou a Guerra do Paraguai.

1871 ago 06 - Osório chega em Porto Alegre e recebe das mãos do Coronel Deodoro da Fonseca, uma espada de Honra de alto valor, financiada pelos oficiais que comandara no Paraguai.

1872 mar 24 - Recebe a medalha da Campanha do Paraguai com passador, n-º 04.

1877 jan 05 - O Partido Liberal assume o poder e Osório é convidado para a função de Ministro da Guerra. Assim integra o Gabinete de Ministros até falecer, por cerca de um ano e 8 meses.

1877 abr 28 - O senador Osório chega ao Rio de Janeiro a bordo do vapor Rio de Janeiro. É acolhido com apoteótica recepção popular sendo o carro que o transportaria até sua hospedagem desatrelado e substituídos seus cavalos por populares que tracionaram seu carro entre protestos constrangidos e ignorados do herói. Nesta ocasião foi-lhe ofertada pelo povo do Rio de Janeiro a sua lança de Honra que hoje se encontra em Porto Alegre no Regimento Osório.

1887 mai 2 - Osório presta juramento como senador.

1877 jun 27 - Graduado Marechal do Exército aos 69 anos.

1877 out 19 - O senador Osório viaja para o Recife em companhia de seu filho Fernando Luis Osório para visitar seus outros filhos Adolpho e Francisco que ali estudavam Direito e onde se formara Fernando Luiz depois de cursar por um tempo a Faculdade de Direito de São Paulo.

1887 out 23 - Osório desembarca em Salvador, onde é alvo de estrondosa manifestação popular e saudado por Rui Barbosa em antológico discurso em que Rui interpretou os sentimentos do povo baiano pelo maior herói popular guerreiro do Brasil, o General Osório.

1877 out 24 - Osório chegou a Maceió, terra de dois de seus heróicos comandados, os futuros marechais Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, que seriam os dois primeiros presidentes da Republica. Em Maceió, Osório foi alvo de grandes homenagens.

1877 out 26 - Osório desembarca no Recife, onde também foi alvo de estrondosa manifestação popular e lá permaneceu ao lado dos três filhos por 19 dias. De retorno ao Rio pediu licença para usar a sua espada de honra o que lhe foi concedido.

1877 nov 15 - Osório deixou o Recife, onde homenageou o Marechal Deodoro da Fonseca que 12 anos mais tarde, nesta data, proclamaria a República. Falou: “que ao Deodoro comandar um Batalhão de Voluntários da Pátria ele o viu muitas vezes descalço, comandando e atravessando arroios, assoberbado de sofrimentos, mas altivo, rindo e abrindo passagens no meio de fumaça e fogo e dizendo para a morte –“Passaremos juntos”.

1878 jan 5 - O senador Osório passou a integrar o novo Gabinete de Ministros Liberal, como Ministro da Guerra, função que exerceu com muito zelo e dedicação até 3 Out 1879.

1878 mai 24 - Osório, no 12º aniversário da batalha de Tuiuti, passou o dia no 1º Regimento de Cavalaria (atual Dragões da Independência de Brasília) onde foi alvo de muitas homenagens de seus cavalarianos. Unidade que, em Passo do Rosário, ele assistiu ficar com seu flanco direito exposto por ter sido abandonado por um Regimento de Guaranis das Missões, disto resultando ter sido a unidade com maior número de baixas fatais, conforme estudamos em artigo Uma testemunha dos grandes momentos de nossa História. **Correio Braziliense, 21 de abril de 1972.**

1879 fev 21 - O senador e Ministro da Fazenda Dr. Gaspar Silveira Martins deixa o Gabinete de Ministros, gerando uma grande crise. E Osório, para esclarecer a sua real posição, escreveu carta ao Marechal Câmara. Instado pelo chefe do Gabinete Liberal a hostilizar Silveira Martins, Osório recusou com o seguinte argumento: “Eu levei a vida toda dizendo que Silveira Martins era um semi-deus, como poderia dizer agora que ele é um diabo?”

1879 set 26 - Gravemente enfermo por haver contraído pneumonia, guardou o leito por nove dias em sua

residência e Gabinete à rua Riachuelo 11. Local que hoje abriga a Academia de Filosofia.

1879 out 03 - Mandou redigir seu pedido de renúncia de Ministro por motivo de saúde e idade e apelou para que o governo prossiga na continuação da ferrovia Rio Grande – Pelotas - Bagé.

1879 out 04 - Despede-se da família e aconselha. “Quem escreve deve fazê-lo pela Pátria. Pede que agradeçam aos médicos e aos homens de letras o bom tratamento que lhe deram. E balbucia: Tranqüilo... Independente... Pátria... Sacrifício...Último infelizmente!” E expira, aos 71 anos.

1879 out 05 - Seu corpo foi embalsamado pelo Dr. Fernando Francisco da Costa Ferraz, que lavrou Ata de embalsamamento. Foi vestido com o 1º uniforme de Marechal de Exército e transportado da sua moradia e gabinete na rua Riachuelo para a Igreja Santa Cruz dos Militares e depois para seu velório no Arsenal de Guerra, hoje Museu Histórico Nacional. O Imperador D. Pedro II acompanhou o féretro da Igreja ao Arsenal.

1879 nov 16 - Foi transportado para o Asilo dos Inválidos da Pátria na Ilha Bom Jesus, onde permaneceu cerca de oito anos.

1887 out 1 - A família de Osório requereu e foi atendida para que o corpo de Osório embalsamado fosse levado para igreja Santa Cruz dos Militares depois de removido da ilha Bom Jesus, em razão da mesma ser imprópria para a conservação do corpo embalsamado do grande herói. E na igreja Santa Cruz seu corpo em ataúde ficou cerca de quatro anos e nove meses até ser colocado em seu monumento.

Na República, homenagens recebidas

1892 jul 21 - Osório teve seus restos mortais depositados em seu monumento na praça 15 de novembro, ao lado do antigo Largo do Paço no Rio de Janeiro.

1894 - Seu filho Dr. Fernando Luiz Osório (pai) lançou alentada e excelente obra da **História do General Osório** no Rio de Janeiro. 1º Volume.

1894 nov 12 - É inaugurado solenemente o Monumento túmulo do General Osório na Praça 15 do Rio de Janeiro com uma das mais expressivas cerimônias realizadas na Capital Federal. Foi financiado com contribuições populares e fundido com canhões de bronze, tomados na Guerra do Paraguai. Foi iniciativa da Sociedade Sul Rio-grandense, no Rio de Janeiro.

1896 nov 26 - Morre no Rio de Janeiro com cerca de 48 anos o Dr. Fernando Luis Osório, filho do general Osório e seu grande biógrafo. Há dois anos lançara a **História do General Osório** e em 21 de junho de 1895, dia da morte do Marechal Floriano na fazenda Paraíso em Barra Mansa, foi o primeiro a ali chegar para providenciar o transporte do ilustre morto para o Rio de Janeiro. Seu filho, Fernando Luiz Osório Filho, que completaria o seu trabalho biográfico do General Osório possuía cerca de 10 anos ao pai falecer.

1902 out 1 - Foi inaugurado no Clube Militar um óleo do General Osório, obra do pintor Aurélio de Figueiredo. Sessão presidida pelo Gen Arthur Oscar que teve como orador o Capitão Augusto Tasso Fragoso que historiou a vida do herói.

1908 mai 10 - Comemoração do seu centenário com a criação da Fundação Osório para abrigar órfãs de militares.

1911 jun 1 - A família de Osório confiou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o arquivo do herói junto com o de seu filho Fernando Luiz Osório que fora sócio deste Instituto.

1914 mai 24 - Em Pelotas o Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes, hoje consagrado como o maior escritor regionalista gaúcho, lançou a idéia de naquela cidade construir-se um monumento ao General Osório na atual praça Pedro Osório, defronte a casa onde Osório

residiu. Era o retorno a uma idéia apresentada na Câmara de Pelotas quatro dias depois do falecimento de Osório, pelos seus vereadores Junus Brutus Cássio de Almeida e Bernardo José de Souza. Esta idéia permaneceu no papel.

1915 - Os netos de Osório, Joaquim Luiz e Fernando Luiz (filhos do Dr. Fernando Luiz Osório (pai) lançam o 2º volume da **História do General Osório**. Obra que, em conjunto com o seu primeiro volume, considero a mais completa biografia de um militar no Brasil, seguida da biografia do Visconde de Pelotas elaborada em três volumes por seu descendente o General Rinaldo Pereira da Câmara a qual, com o seu falecimento foi concluída pelo General Riograndino da Costa e Silva.

1933 mai 04 - O 3º Regimento de Cavalaria foi denominado Regimento Osório.

1933 ago 6 - Inaugurado o Monumento eqüestre ao General Manoel Luiz Osório em Porto Alegre, na praça da Alfândega, por Comissão Pró - Monumento presidida por João Maia, que na ocasião pronunciou oração, seguida da palavra do Dr. Fernando Luiz Osório Filho, neto do General Osório e representando a família, a do representante do Exército, em nome da 3ª Região Militar, o 1º Ten Bayard Galvão e, por fim, a oração do padre Ponciano dos Santos Stenzel. Todas peças oratórias antológicas que muito bem definiram a significação histórica do heróico e legendário General Osório. Orações preservadas pela **Revista do Instituto Histórico do Rio Grande do Sul**, 1933. Presente o interventor do RGS, General Honorário Flores da Cunha, que forneceu recursos do Estado para o término da obra idealizada pelo escultor Hildegardo Leão Velloso. Monumento com a dedicatória "A Osório o Rio Grande".

1951 jan 19 - O 13º Regimento de Cavalaria em Jaguarão passou a denominar-se Regimento Osório. Atualmente está em Porto Alegre, como 3º Regimento de Cavalaria de Guardas.

1970 mai 10 - Dia da Cavalaria. Foi inaugurada pelo

Presidente General Emílio Garrastazu Médici a restauração da casa onde Osório nasceu e viveu a infância, a meninice e parte da juventude e ali foi por ele criado o Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, o patrono da Cavalaria do Exército. Idéia surgida em 1970 quando ele comandava o III Exército (atual CMS) cuja execução esteve a cargo do Cel Cav Edson Boscacci Guedes, falecido em 12 de outubro de 2006 como General de Exército. Na época era o chefe do Estado-Maior da 3ª Região Militar, grande comando que tivemos o privilégio de escrever a sua bela e rica História, em 3 volumes. A cerimônia de inauguração foi por nós preservada na obra **A Grande festa dos Lanceiros**, editada pela Universidade Federal de Pernambuco e lançada na inauguração, em 19 de abril de 1971, do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, do qual fomos designados coordenador de fato de seu projeto, construção e inauguração, feita pelo comandante do IV Exército (atual CMNE) Gen Ex Arthur Duarte Candal Fonseca, falecido aos 98 anos em 31 de março de 2007.

1977 set 07 - Durante o Desfile Militar em Porto Alegre o Comandante do III Exército entregou a Lança de Honra de Osório à Guarda do 3º Regimento de Cavalaria, Regimento Osório, comandado pelo Cel Ary Rodolfo Carracho Horne, meu apreciado colega na Escola de Estado-Maior do Exército 1967/69, que assim falou: “Do comandante ao último soldado do Regimento Osório rogamos a Deus que testemunhe nosso juramento de guardá-lo e honrá-lo, como símbolo de bravura, nobreza, honestidade e integridade de nosso patrono. E enquanto vivermos não permitiremos que ele seja mal-afamado.”

1977 nov 12 - Na Fundação Osório, presente o Ministro do Exército General de Exército Silvio Frota foi confiada à Guarda do Exército a lança de Honra de Osório.

1979 jan 31 - Tem início a tradição, com o Cel Carracho, na passagem do Comando de Regimento Osório,

de o comandante substituído transferir solenemente com pompa e circunstância, a Espada de Honra de Osório para o comandante que assume.

1979 set 28 a out 6 - Foi comemorado na Academia Militar das Agulhas Negras solenemente o centenário de falecimento do General Osório, patrono da Cavalaria. Evento expressivo que foi documentado pela **Revista Cavalaria** nº Especial, coordenado pelo Grêmio Antônio João do qual era seu Diretor Cultural o cadete Décio Schons. A comissão encarregada do projeto e condução das comemorações foi presidida pelo Cel Cav Clóvis Jacy Burmann, comandante do Corpo de Cadetes. Esta revista traz interessantes matérias sobre o general Osório e descrição de relíquias do mesmo expostas na Biblioteca da AMAN pelo Museu Histórico Nacional.

1992 nov 20 - Foi inaugurado um monumento ao General Osório em Santa Maria, na praça General Osório.

1993 nov 11 - Conclusão do traslado do General Osório do Rio de Janeiro com a deposição definitiva de seus restos mortais em seu túmulo no Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório em Tramandaí - RS, local onde ele nasceu em 10 de maio de 1808. Cumpria-se seu desejo manifesto de ser sepultado no Rio Grande do Sul.

2007 mai 10 - Será comemorado o bicentenário de nascimento do General Osório e a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), em seu 12º aniversário, concorrerá com o lançamento deste livro **General Osório - o maior herói e líder popular brasileiro**, em parceria com o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) em seu 22º aniversário. E a AHIMTB, ainda mais, com palestra ilustrada Osório, o Legendário, de autoria do Gen Div Arnaldo Serafim, estudioso de longa data do patrono da Cavalaria, acadêmico emérito e Delegado da AHIMTB no Distrito Federal, Delegacia Marechal José Pessoa, sediada no Colégio Militar de Brasília, há oito anos.

ICONOGRAFIA RELACIONADA COM O GENERAL OSÓRIO

Na atualidade a imagem está com toda a sua evidência na Televisão, na Internet e na facilidade de fotografar e filmar com as modernas máquinas fotográficas. No tempo do General Osório não era fácil fotografar e preservar as fotos tiradas que se auto destruíam com o tempo. E foram usadas pinturas a óleo e alegorias das mais diversas, para no caso representar o Osório ou assuntos com ele relacionados. No caso em tela obtivemos fotos de seus pais de alguns filhos e netos, das casas onde nasceu, viveu e faleceu, inclusive a de seus pais em Caçapava do Sul, entre outras.

Neste trabalho recorreremos a 179 ilustrações focalizando o General Osório e assuntos com ele relacionados acompanhadas depois de apresentadas da descrição das mesmas numeradas de 1 a 179 correspondentes a numeração das ilustrações que denominamos de FIGURAS.

Procuramos repetir o que fizemos relativamente ao Duque de Caxias em nosso livro **Caxias e a Unida-de Nacional**, publicado em 2003 no seu bicentenário de nascimento.

Acreditamos que elas possibilitarão os mais diversos trabalhos sobre o General Osório, impressos ou em Power Point e mesmo em filmetes etc.

Ao as apresentarmos depois das Efemérides foi para tornar possível ao pesquisador e leitor interessa-

dos ir absorvendo, aos poucos, a figura excepcional de cidadão e soldado que foi o General Osório, o qual defini conforme o título do presente livro como **General Osório o maior herói e líder popular brasileiro**, convicção que começou a crescer na minha mente ao escrevermos em 1971 o artigo “Um grande ídolo popular do passado” em meu livro **A Grande festa dos lanceiros**, focalizando a cerimônia de inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osório e numa segunda parte as providências em curso para tornar realidade o Parque Histórico Nacional dos Guararapes inaugurado pelo Presidente Médici em 19 de abril de 1971, cerca de 11 meses depois do Parque Osório, e do qual fomos o coordenador de fato de seu projeto, construção e inauguração.

Nas figuras a seguir veremos entre outras, pinturas de José Américo, do acadêmico Cel Estigarribia de Miranda Junior patrono de cadeira especial na AHIMTB, do Ten Argentino Candido Lopes que acompanhou o General Bartolomeu Mitre, quando este comandou as Forças Aliadas na Guerra do Paraguai.

A seguir apresentaremos 179 ilustrações denominadas FIGURAS e logo após, as 179 legendas correspondentes as ilustrações citadas. Sendo que as de números 143 a 175 foram retiradas da Palestra **Osório o Legendário** de autoria do acadêmico emérito Gen Div Arnaldo Serafim, estudioso do tema de longa data e atual Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa da AHIMTB no Distrito Federal e sediada no Colégio Militar de Brasília há 8 anos, e autor do precioso Posfácio.

**ICONOGRAFIA RELACIONADA COM O GENERAL OSÓRIO
Marques do Herval e Marechal de Exército Manoel Luis Osório**



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9

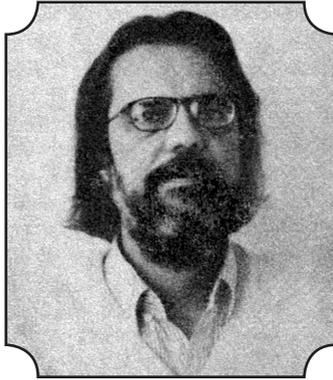


Figura 10



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14

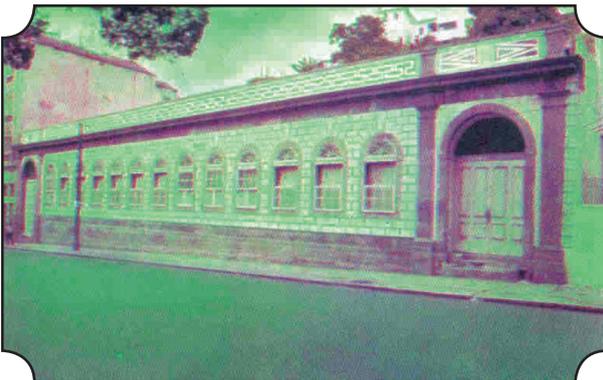


Figura 15



Figura 16



Figura 17



Figura 18



Figura 19



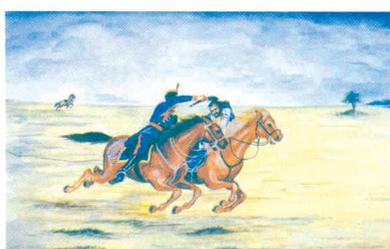
Escapa de ser laçado e boleado



Abate com um tiro de pistola um perseguidor



Se defende da espada com sua pistola



Neutraliza o outro perseguidor com uma cornabada

Figura 20



Figura 21



Figura 22



Figura 23



Figura 24



Figura 25

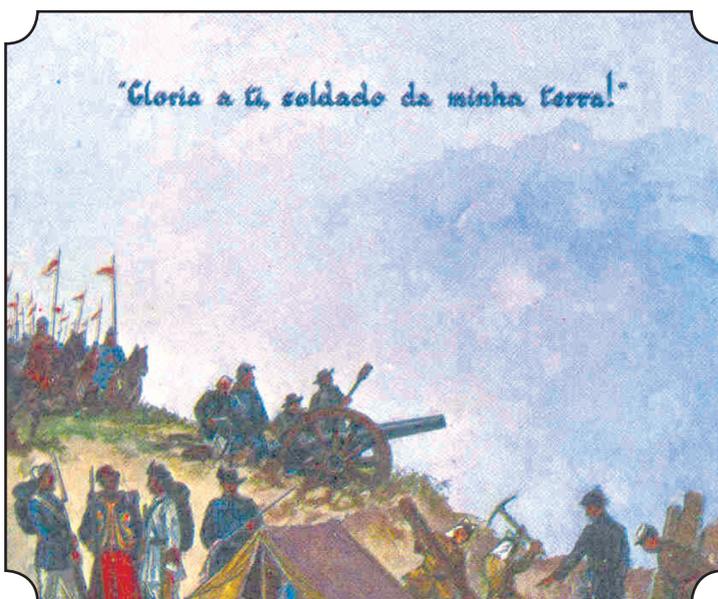


Figura 26



Figura 27



Figura 28



Figura 29



Figura 30



Figura 31



Figura 32



Figura 33

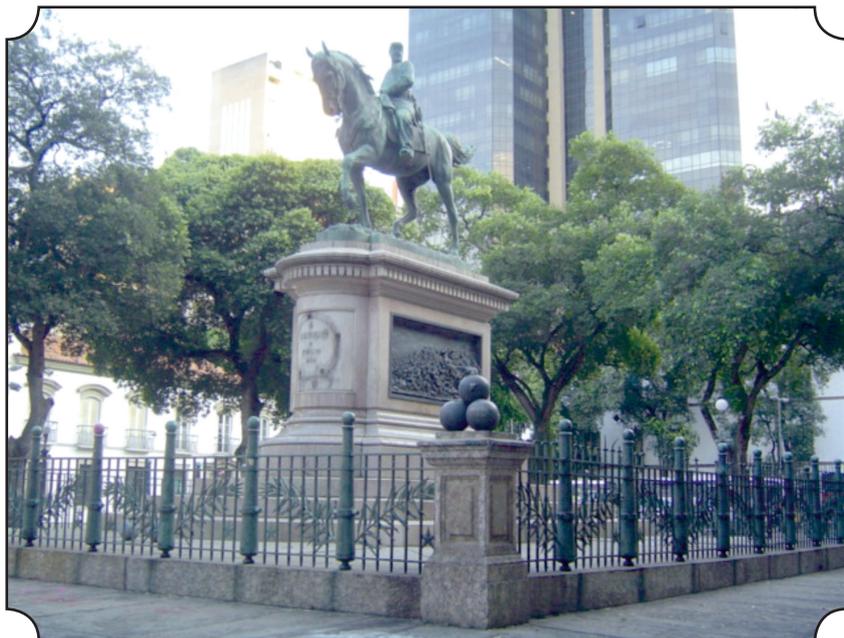


Figura 34



Figura 35



Figura 36



Figura 37

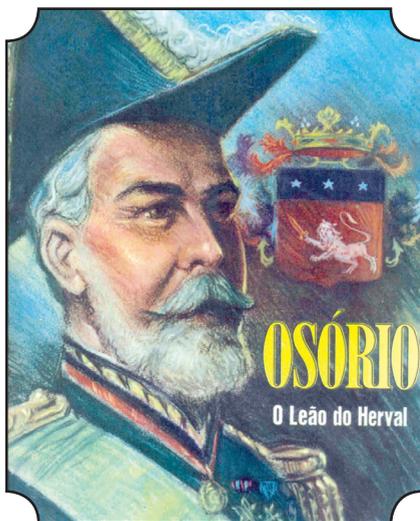


Figura 38

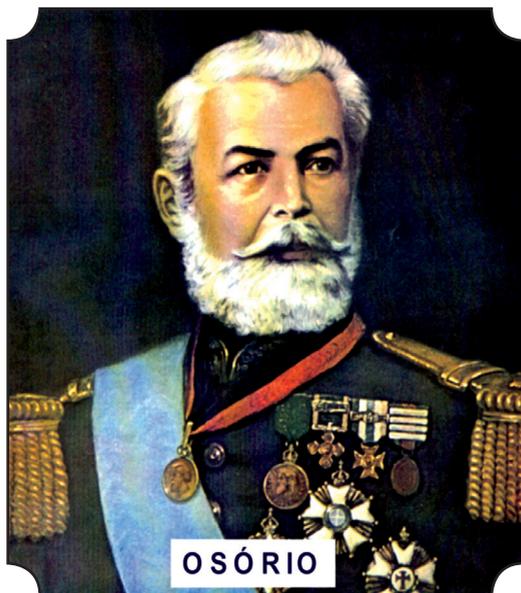


Figura 39



Figura 40



Figura 42



Figura 41



Figura 43



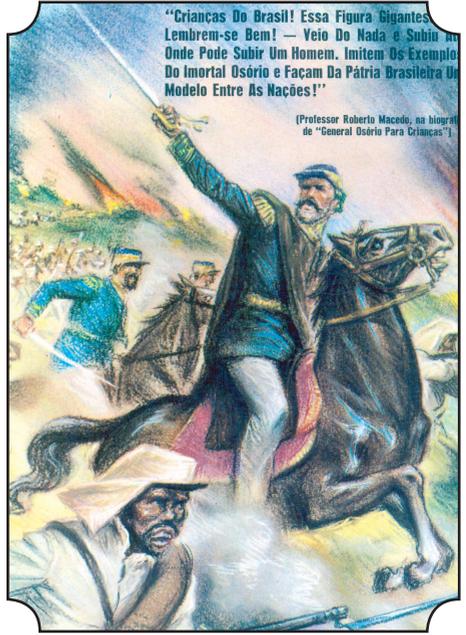
Figura 44



Figura 45



Figura 46



"Crianças Do Brasil! Essa Figura Gigantes Lembrem-se Bem! — Veio Do Nada e Subiu Ao Onde Pode Subir Um Homem. Imitem Os Exemplo Do Imortal Osório e Façam Da Pátria Brasileira Um Modelo Entre As Nações!"

(Professor Roberto Macedo, no biográfico de "General Osório Para Crianças")

Figura 47

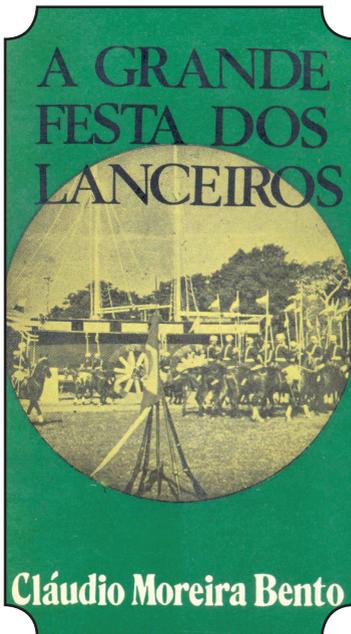


Figura 48



Figura 49



Figura 50

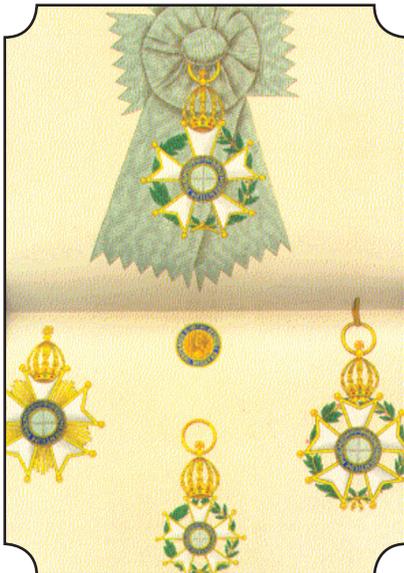


Figura 51



Figura 52

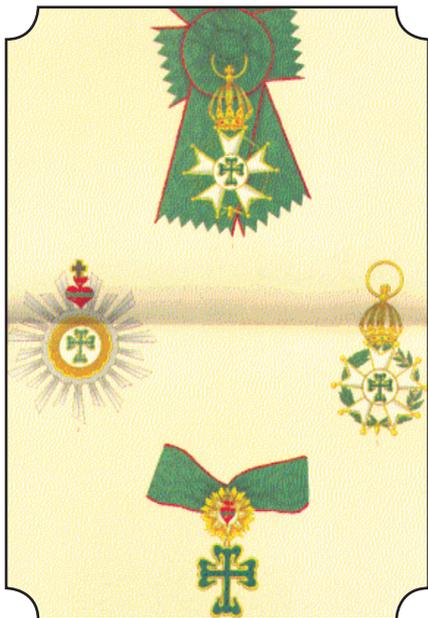


Figura 53



Figura 54



Figura 55

**O General Osório foi
agraciado mais com
as seguintes medalhas
Mérito Militar em 1869.
E a do Exército
em operações
no Uruguai**

Figura 56



Figura 57

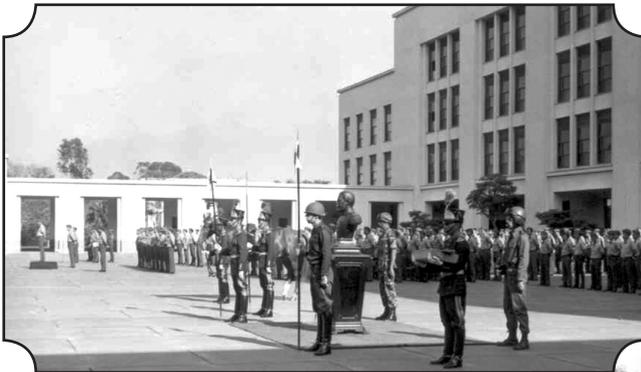


Figura 58



Figura 59



Figura 60

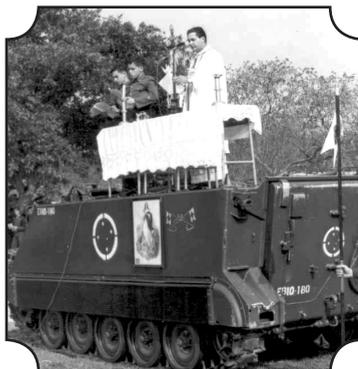


Figura 61



Figura 62



Figura 63



Figura 64

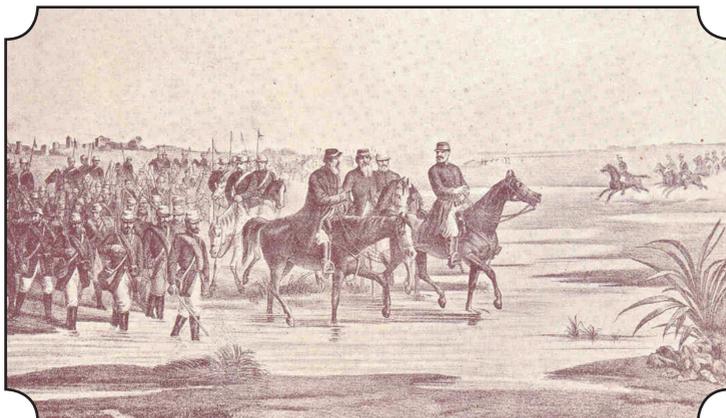


Figura 65

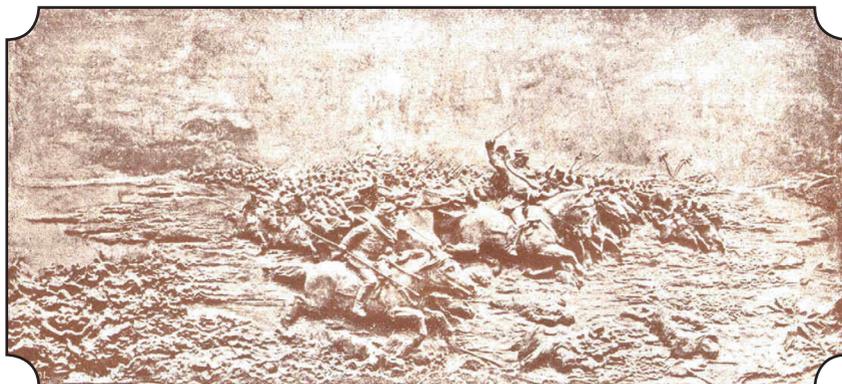


Figura 66

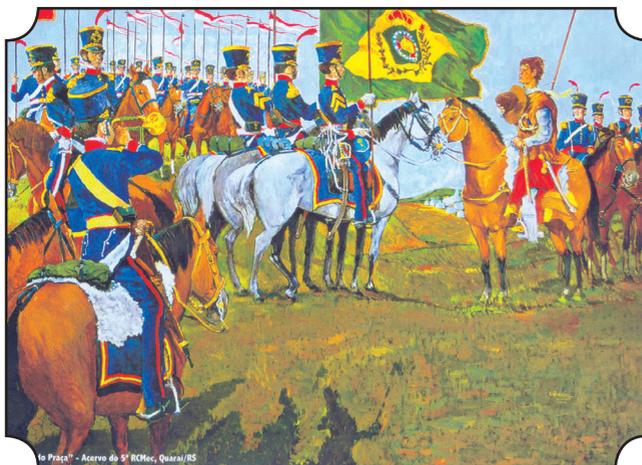


Figura 67



Figura 68

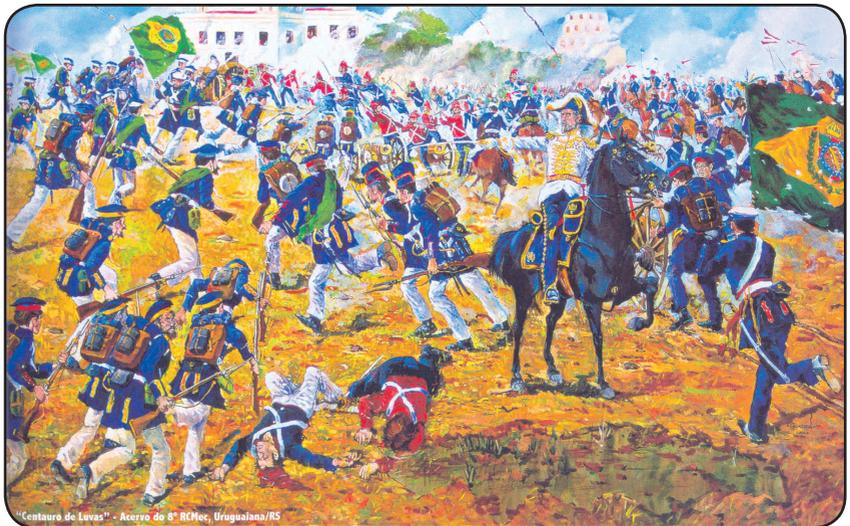


Figura 69



Figura 70



Figura 71



Figura 72



Figura 73



Figura 74

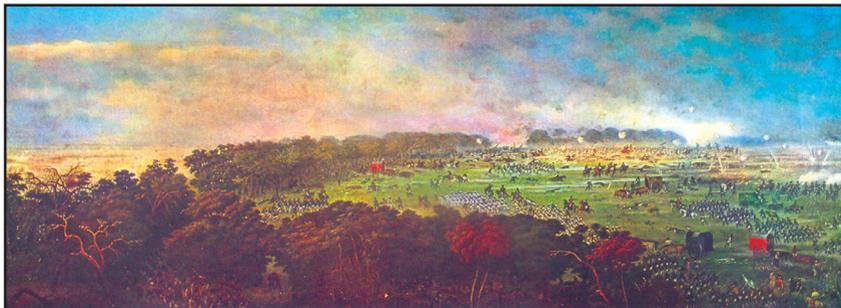


Figura 75



Figura 76

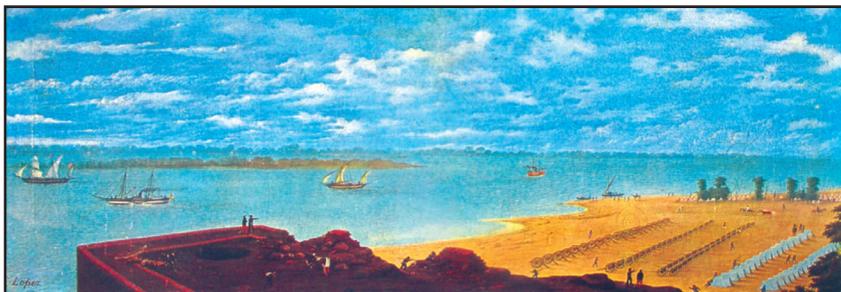


Figura 77



Figura 78

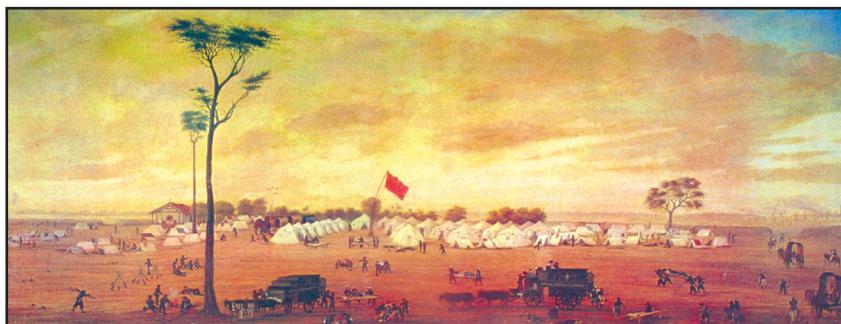


Figura 79



Figura 80



Figura 84

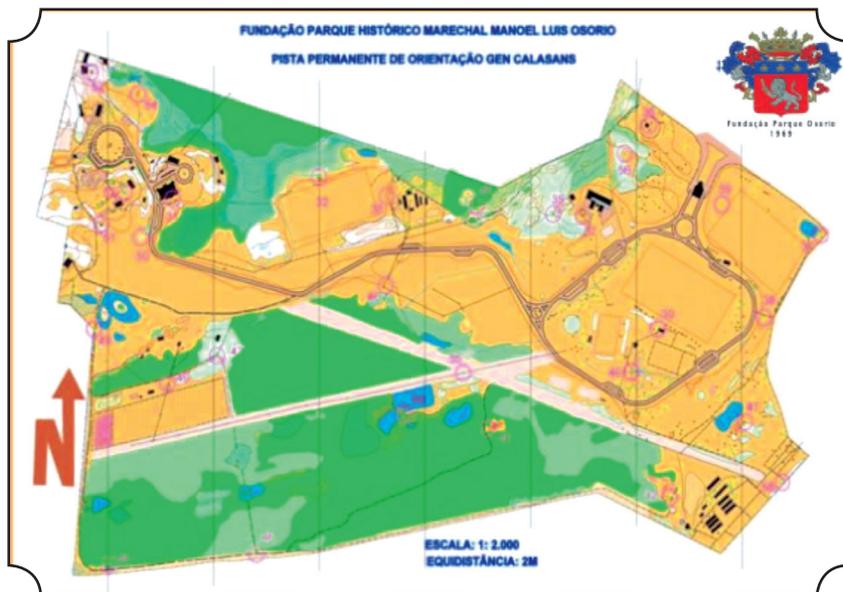


Figura 85



Figura 86



Figura 87



Figura 88



Figura 89



Figura 90



Figura 93



Figura 91

Figura 92



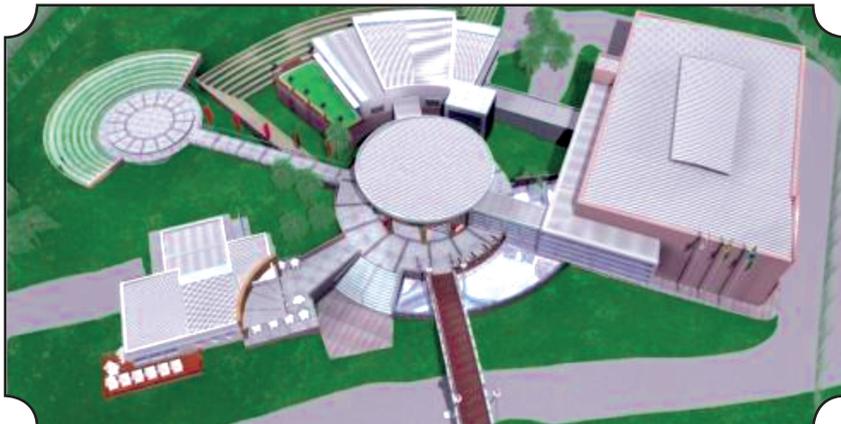


Figura 94



Figura 95



Figura 96



Figura 97



Figura 98



Figura 99



Figura 100



Figura 101



Figura 102



Figura 103



Figura 104



Figura 105



Figura 106



Figura 107



Figura 108

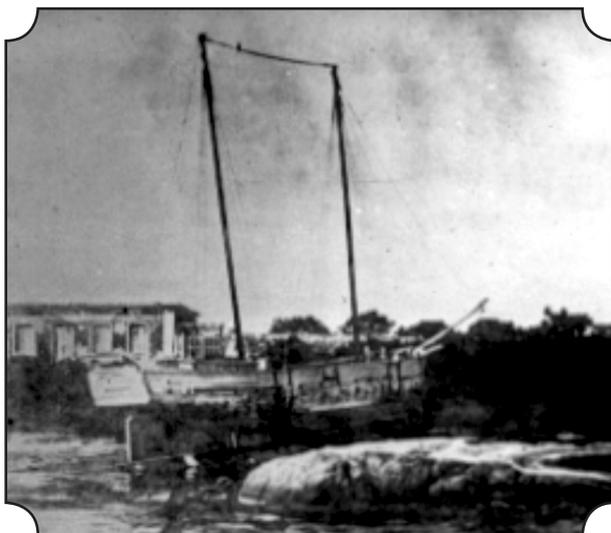


Figura 109



Figura 110



Figura 111



Figura 112



Figura 113



Figura 114



Figura 115



Figura 116



Figura 117



Figura 118



Figura 119



Figura 120



Figura 121

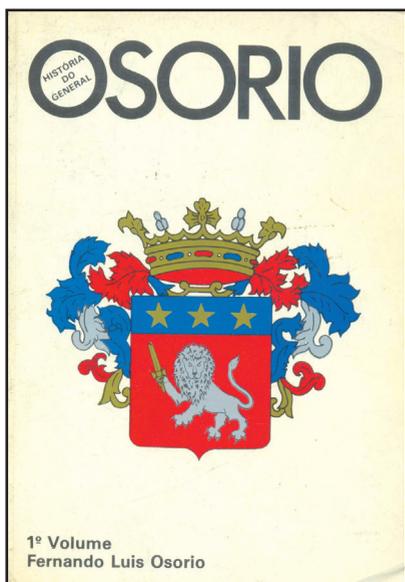


Figura 122

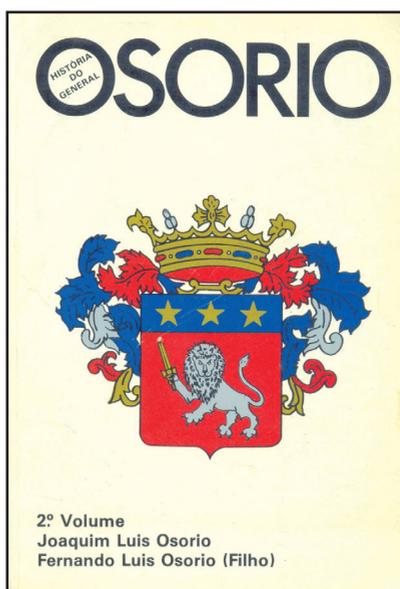


Figura 123



Figura 124

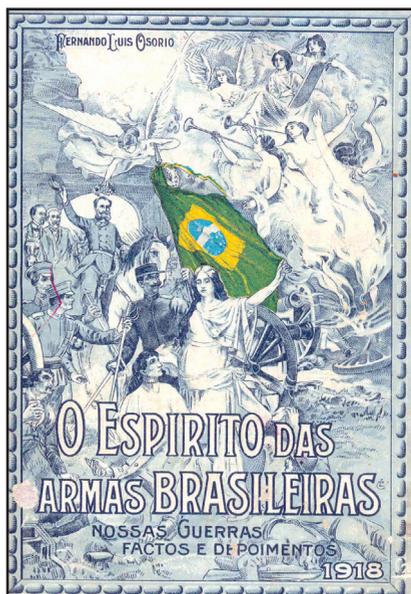


Figura 125

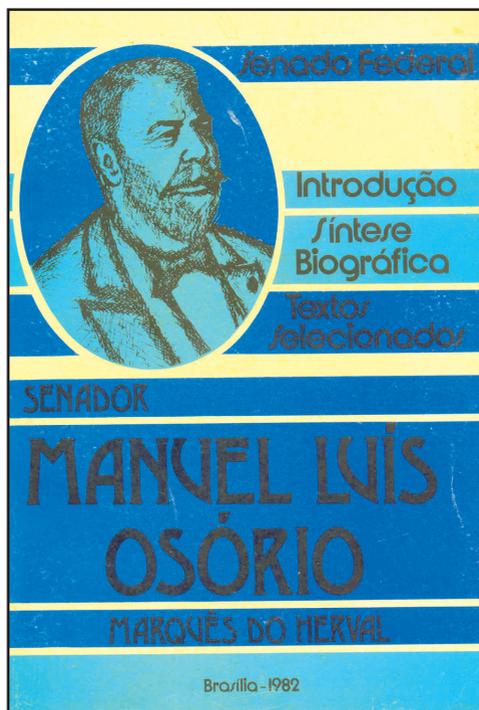


Figura 126



Figura 127

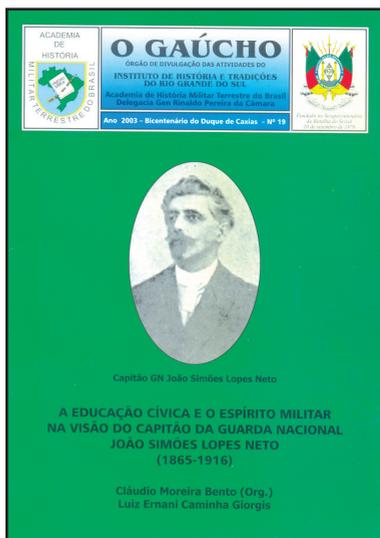


Figura 128

HINO AO GENERAL OSÓRIO

A 1º de Agosto de 1859. Por seus amigos
Dr. Azevedo e Medeiros - Figura 127

*Riograndense faz timbre
Pela pátria em dar a vida
Nobre herói; ama o progress
Não quer a pátria oprimida.*

*Do rei, o trono defende
Fiel à Constituição
Sua espada triunfante
Da liberdade o braço*

*Do regresso no cinismo
No embuste dos traidores,
Pisa avante, recebendo
Patrióticos louvores*

Estrilho

*De Caseros vitória
Foi Osório grão guerreiro:
Suas glórias, sua fama
São do povo brasileiro.*

Figura 129

HINO AO GENERAL OSÓRIO

The musical score is written for piano and consists of several systems of music. The first system is marked *Allergro* and *PIANO* with a dynamic marking of *ff*. The second system includes markings for *lento* and *stacato*. The third system is marked *Cantabile*. The fourth system is marked *com s...*. The fifth system is marked *Allergro* and *Tutti*. The score features various musical notations, including triplets, slurs, and dynamic markings.

Figura 130



Figura 131



Figura 132



Figura 133



Figura 134

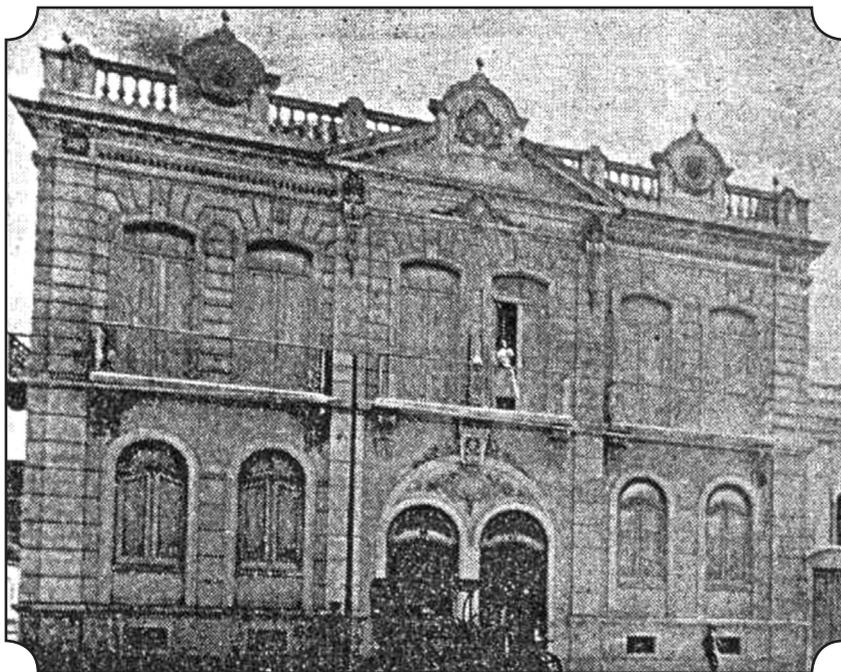


Figura 135



Figura 136



Figura 137



Figura 138



Figura 139

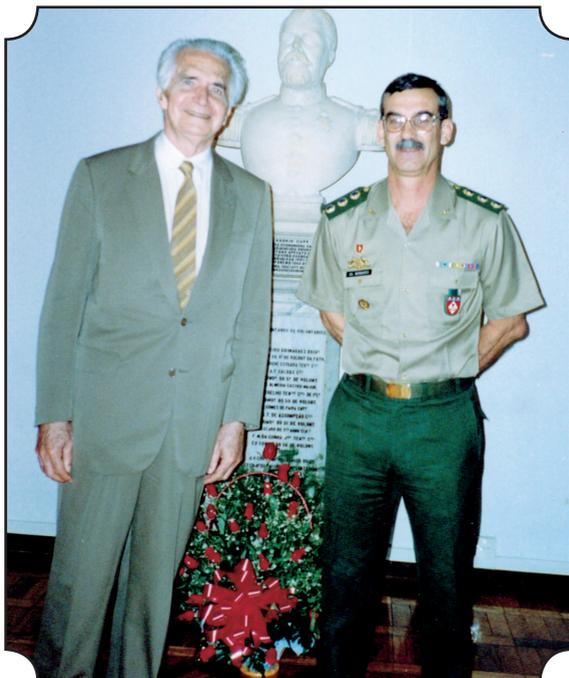


Figura 140

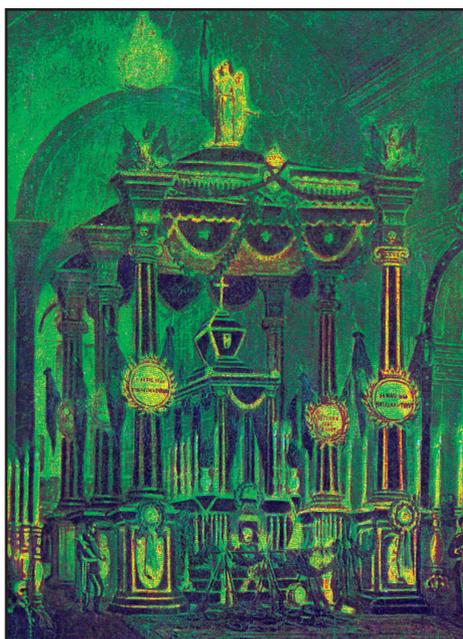


Figura 141

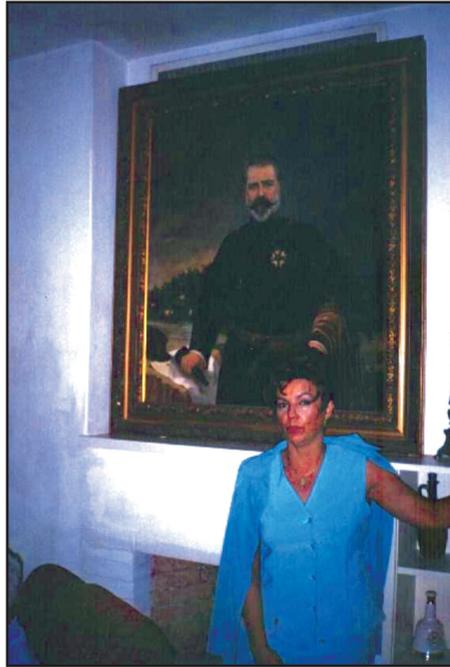


Figura 142

As ilustrações a seguir foram retiradas da Palestra Osório o Legendário de autoria do Gen Div Arnaldo Serafim, estudioso de longa data do Patrono da Cavalaria e Delegado da AHIMTB em Brasília da Delegacia Marechal José Pessoa com sede no Colégio Militar de Brasília.

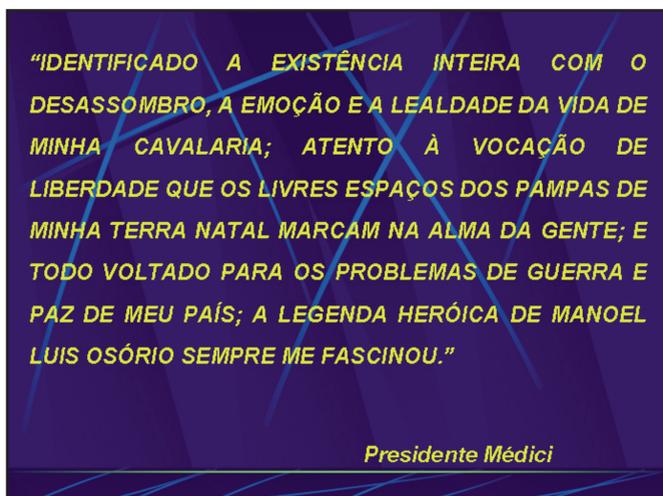


Figura 143

**“O IMPÉRIO DO BRASIL NÃO POSSUIU, JAMAIS,
UM GENERAL QUE TENHA SABIDO INSPIRAR ÀS
SUAS TROPAS UM ESPÍRITO MAIS HERÓICO. COM
ELE À FRENTE, OS SOLDADOS ERAM
INVENCÍVEIS.”**

Marechal Mitre

Figura 144

**“OSÓRIO ERA A CORAGEM! OSÓRIO ERA A
BRAVURAI OSÓRIO ERA A IMPETUOSIDADE!
OSÓRIO ERA A VITÓRIA ANTES DA BATALHA
TRAVADA.”**

Lima Figueiredo

Figura 145

**“CHAMANDO DE HOMÉRICO AQUELE VULTO
HISTÓRICO, EU NÃO ERRO DECERTO: HOMÉRICO
PELA SUA GRANDEZA , QUASE LEGENDÁRIA; E
HOMÉRICO PELA GENEROSIDADE DO SEU
PURÍSSIMO CARÁTER.”**

Pedro Américo

Figura 146

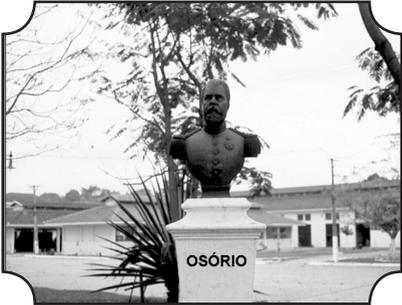


Figura 147



Figura 148

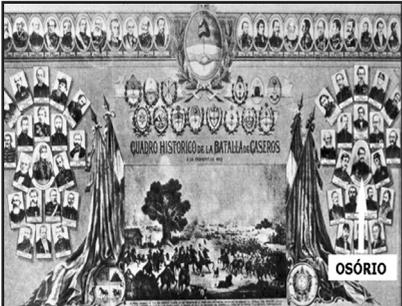


Figura 149



Figura 150

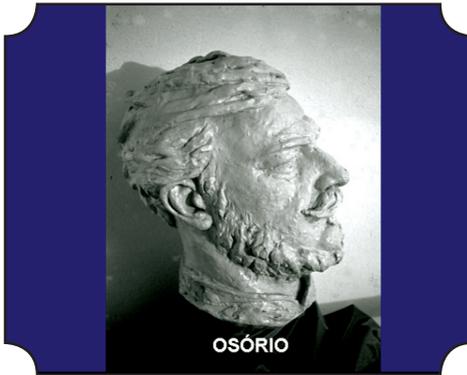


Figura 151

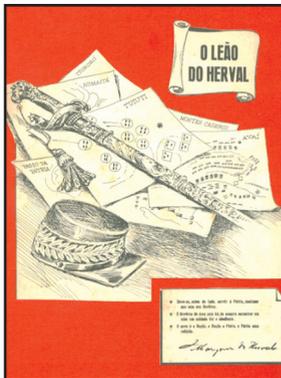


Figura 153

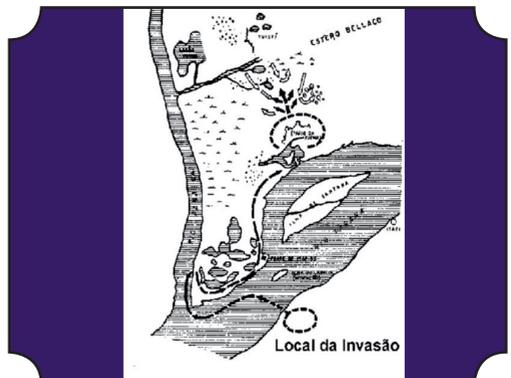


Figura 154

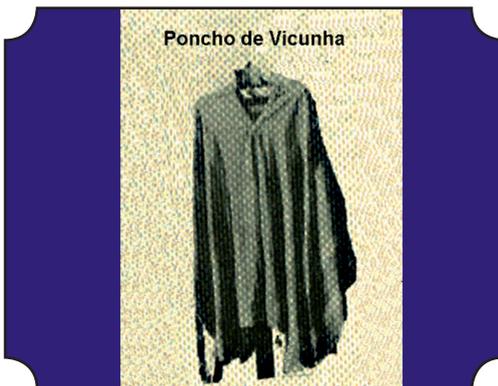


Figura 155



Figura 156



Figura 157



Figura 158

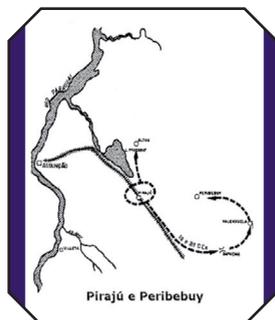


Figura 159



Figura 160

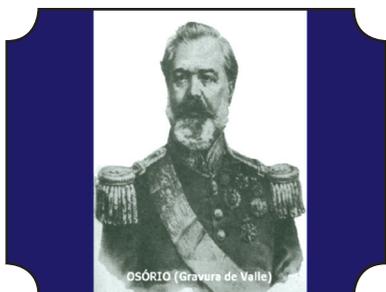


Figura 161



Figura 162



Figura 163



Figura 164



Figura 165

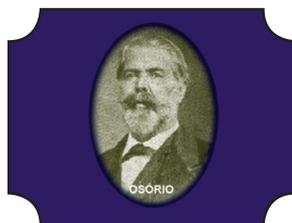


Figura 166



Figura 167



Figura 169

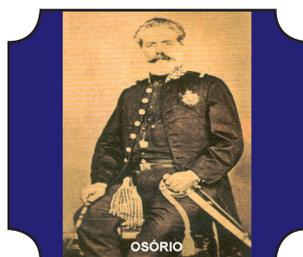


Figura 168



Figura 170

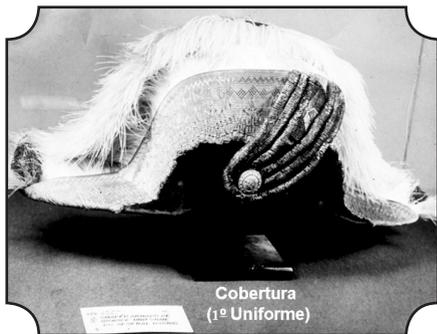


Figura 171



Figura 172



Figura 173



Figura 174

"POR ISSO O NOME DELE CHEGOU A SER, NESTE PAÍS, UM SÍMBOLO, E AINDA EM VIDA PRINCIPIOU-LHE A GLORIFICAÇÃO DA LENDA."

Rui Barbosa

Figura 175

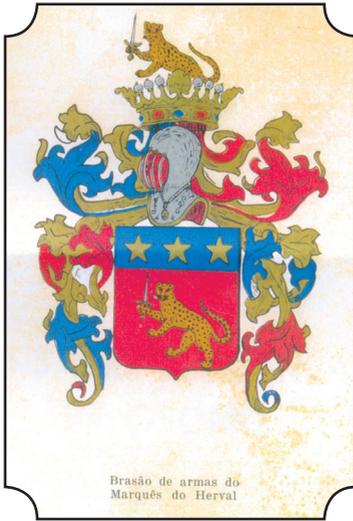


Figura 176

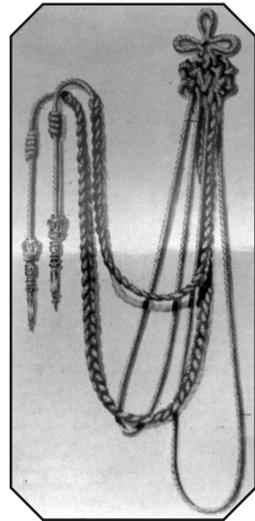


Figura 177



Figura 178



Figura 179

Legenda das Ilustrações

FIGURA 1. Óleo de Joaquim da Rocha Fragoso em 1870. Transferido do Museu Imperial em 1979, centenário do falecimento do General Osório, para Pinacoteca da Academia Militar das Agulhas Negras. Existe cópia do mesmo no Curso de Cavalaria da AMAN. É a pintura mais expressiva do Patrono da Cavalaria. (Fonte: Flavio Azambuja Kremer).

FIGURA 2. Mãe do General Osório D. Anna Joaquina Luisa Osório (1793-1863) de onde se origina o sobrenome Osório. Era esposa do Cel Manoel Luis da Silva Borges (1777-1838), de cujo matrimônio nasceram 5 filhos: Manoel (7 abr 1807), Manoel Luis (8 maio 1808), José Luis (2 mar 1810), Rosa Jacinta (15 fev 1819), Clarinda Luisa (4 jul 1823) e Thomaz Luis (2º) (16 dez 1830), e todos nascidos na área do atual Parque Histórico General Osório, em Tramandaí- RS. (Fonte: AVELINO, Felíssimo. **Uma família povoadora do Sul do Brasil**, enviada por Flávio Azambuja Kremer).

FIGURA 3. O General Osório e sua esposa D. Francisca Fagundes, com a qual se casou em 1835 e enviuvou em 1864. O primeiro filho morreu criança. Depois nasceram mais quatro, 1 filha, Manoela e 3 filhos, Fernando Luiz, Adolfo e Francisco que se formaram em Direito em Recife. Entre estes se destacou Fernando Luis Osório. (Fonte: Abril Cultural. **Grandes Personalidades de nossa História**).

FIGURA 4. Filha do General Osório, D. Manoela Luis Osório Mascarenhas a quem em testamento de Osório foi a maior contemplada com 1/3, para compensar despesas que Osório teve ao educar seus três filhos formados em Direito em Recife. (Fonte:

Abril Cultural. **Grandes Personalidades de nossa História**).

FIGURA 5. Dr. Fernando Luis Osório. O filho que mais se destacou no cenário nacional. Foi o autor da valiosa obra **História do General Osório**, v. 1, continuada por seus filhos e netos do General Osório, Fernando Luis Osório Filho e Dr. Joaquim Luis Osório. O 1º volume de **História do General Osório** foi editado em fac-símile pela Fundação do Parque Osório em 1976. O 2º volume idem e por seus netos o que publicou a biografia do seu filho Fernando Luiz Osório, que faleceu em 1896, com 48 anos. (Fonte: Foto Abril Cultural. **Grandes Personagens da nossa História**).

FIGURA 6. Dr. Fernando Luis Osório Filho, neto de Osório que foi em realidade o grande historiador da família. Escreveu o 2º volume da **História do General Osório** em parceria com o seu irmão Dr. Joaquim Luis Osório. Foi historiador militar brasileiro notável, onde destacamos suas obras: **O Espírito das Armas Brasileiras e Sangue e Alma do Rio Grande** em que defende a Memória do tio bisavô do General Osório o injustiçado Cel de Dragões Thomaz Luiz Osório etc. É o mais destacado historiador da cidade de Pelotas em **A Cidade de Pelotas**. É nome da Delegacia da AHIMTB em Pelotas. (Fonte foto cedida por Flavio Azambuja Kremer)

FIGURA 7. Neto de Osório Dr. Joaquim Luis Osório um dos autores do v. 2 da **História do General Osório**. Foi deputado estadual e várias vezes deputado federal pelo Rio Grande do Sul. Autor do Projeto do Código Rural e sempre amparou e estimulou o cooperativismo. Foi elogiado no **Tratado de Direito Comercial** de Carvalho de Mendonça por seus 3 projetos: Crédito Mobiliário, Bancos Rurais Hipotecários e Banco Central Agrícola da União. Foi autor do Projeto Pensões e Aposentadorias aos Operários da Campanha (peões de fazendas e estâncias). Presidiu a Sociedade Agrícola de Pelotas e a Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul. Foi catedrático de Direito Público e Constitucional da Faculdade e Direito de Pelotas. (Fonte: **Almanaque de Pelotas**, 1916).

FIGURA 8. Dr. Pedro Luis Osório, neto do General Osório. Entre

seus diversos colégios, estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro. Formou-se em Farmácia em 1903 e em Medicina em 1909. Foi médico, professor, desportista e escritor, homem público e fazendeiro. Foi intendente de Pelotas na época em que o General revolucionário Zeca Netto tomou Pelotas por um dia em 1923, conforme abordamos em **A tomada de Pelotas pelo General Zeca Netto**, CIPEL, 2003. (Fonte: **Almanaque de Pelotas**, 1916).

FIGURA 9. Dr. Manoel Luis Osório, neto de Osório que se formou em Engenharia Civil e que por 14 anos dirigiu a Escola de Agronomia e Veterinária Eliseu Maciel. Em Pelotas, presidiu a Sociedade Agrícola, foi Conselheiro Municipal, deputado estadual e catedrático de Mecânica na Escola Eliseu Maciel. (Fonte: **Almanaque de Pelotas**, 1916).

FIGURA 10. Dr. Mario Osório Magalhães, trineto do General Osório e neto do historiador Dr. Fernando Luis Osório Filho, de cuja Delegacia da AHIMTB em Pelotas que homenageia seu avô Fernando Luis é o Delegado. É formado em História e professor da UFPel. (Fonte Foto cedida por Fravio Azambuja Kremer de seu Armazém Literário e iconográfico que batizou com o nome do autor).

FIGURA 11. Composição fotográfica da providencial dupla de chefes militares brasileiros, o Duque de Caxias, hoje patrono do Exército Brasileiro e do Marechal do Herval, General Osório patrono da Cavalaria, que estudamos neste trabalho sob o título **A amizade de Caxias – Osório e sua projeção política**. (Fonte Arquivo da **Revista A Defesa Nacional**).

FIGURA 12. Osório e seus Ajudantes de Ordens na Guerra do Paraguai. (Fonte: Abril Cultural. **Grandes Personagens da nossa História**).

FIGURA 13. Casa onde o General Osório nasceu em Conceição do Arroio, depois município de Osório e hoje integrando o município de Tramandaí e onde foi construído o 1º Parque Histórico

do Brasil, o Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osório, inaugurado em 10 de maio de 1970 pelo Presidente Emilio Médici, que o idealizou como Comandante do III Exército.

FIGURA 14. Casa onde residiu o General Osório em Pelotas, ao lado do antigo Grande Hotel. Residência da qual foi conservada a sua parede da frente e atrás dela construída uma agência bancária. (Fonte: Flávio Azambuja Kremer, de seu Armazém Literário e Iconográfico em Pelotas-RS, que ele batizou de Cel Cláudio Moreira Bento).

FIGURA 15. Casa na rua Riachuelo no Rio de Janeiro, onde Osório residiu como Ministro da Guerra e ali manteve seu Gabinete de Trabalho como Ministro e Senador e onde findou seus dias em 4 de outubro de 1879. Era seu Oficial de Gabinete o Major João Nepomuceno de Medeiros Mallet, que seria o Ministro da Guerra 1898/1902, que criou o Estado-Maior do Exército e deu início a Reforma Militar que se estendeu até 1945. Esta casa hoje abriga a Academia Brasileira de Filosofia.(Fonte Arquivo do autor).

FIGURA 16. O General Osório em 3 tempos durante a sua brilhante carreira militar, onde se consagrou como o maior herói e líder popular brasileiro. (Fonte Arquivo da AHIMTB).

FIGURA 17. Foto do General Osório no auge de sua carreira militar que revela as suas verdadeiras feições, transformadas em diversas alegorias em que figura.

FIGURA 18. Foto do General Osório em trajes civis como Senador pelo Partido Liberal. Ilustra o v.1 da **História do General Osório** por seu filho Fernando Luiz.

FIGURA 19. Osório, em alegoria empunhando sua espada e que figura no **Almanaque de Pelotas**, 1916, Ela é cópia da gravura que Fernando Luis Osório publicou em seu livro **O Espírito das Armas Brasileiras**, 1918, ao final da 1ª Guerra Mundial.

FIGURA 20. Alegoria sobre o rompimento pelo Alferes Manoel Luis Osório do cerco das tropas brasileiras no combate de Sarandi. Ensaio feito por Cilka Silva com apoio em pesquisa e orientação e que tem sido publicada por outros autores sem referências a fonte. A publicamos na **História da 3ª RM 1808-1889 e Antecedentes1994**.

FIGURA 21. Carga de Osório e seu glorioso 2º Regimento de Cavalaria na Batalha de Monte Caseros, em 2 fev 1852 na Guerra contra Rosas da Argentina – Alegoria de Miranda Junior que figura na obra BENTO, **História da 3ª RM 1808-1954 e Antecedentes** e na 4ª capa da presente obra. Miranda Junior é patrono de cadeira especial na AHIMTB que é ocupada pelo acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia, o maior pintor do Exército de todos os tempos cuja notável obra se encontra espalhada por todo o Exército.

FIGURA 22. Alegoria do pintor Miranda Junior, de Osório haver sido o primeiro a pisar em solo paraguaio, depois de travessia do rio Paraguai, em Passo da Pátria com seu piquete de 14 soldados. (Fonte: MAGALHÃES J. B., **Osório síntese de seu perfil histórico**. Rio de Janeiro: BIBLIX, 1978, no centenário de falecimento de Osório).

FIGURA 23. Alegoria de Osório no ataque a **Sirena** de autoria de Miranda Junior, focalizando um episódio da Guerra do Paraguai.

FIGURA 24. Óleo de Pedro Américo, no Museu Histórico Nacional, focalizando o General Osório na travessia do Chaco, através da estratégica Estrada do Chaco então construída. (Fonte: **Grandes Personagens de nossa História**. Abril Cultural).

FIGURA 25. O General Osório, a direita, o comandante do Exército Brasileiro em Operações no Paraguai, tendo em destaque o General Bartolomeu Mitre, presidente argentino e Comandante das tropas da Tríplice Aliança Brasil, Argentina e Uruguai e atrás

o General Flores do Uruguai. Óleo existente na Biblioteca Nacional em Paris. (Fonte: **Grandes Personagens de nossa História**. Abril Cultural).

FIGURA 26. Alegoria de Miranda Júnior – “Glória a ti soldado de minha terra” dando uma idéia dos uniformes das Forças Brasileiras, usados na Guerra do Paraguai e comandadas por Osório. (Fonte: BENTO. Síntese histórica as FT na área da 3ªRM. **Revista Militar Brasileira**. v. 103, jul/dez 1973. p.48/80).

FIGURA 27. Osório em Avaí, sendo focalizado em destaque, em óleo do pintor Victor Meireles existente no Museu de Belas Artes no Rio de Janeiro. Osório foi ferido no rosto nesta batalha. (Fonte: **Grandes Personagens de nossa História**. Abril Cultural).

FIGURA 28. Óleo sobre o General Osório existente na Presidência da Câmara de Vereadores de Pelotas, o qual deparei em 1986 no Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, ao lá fazer palestra sobre este tema, em 20 de setembro e a convite da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada comandada pelo General Egeu de Oliveira Freitas, e ex-comandante do Regimento Osório ao qual nesta época forneci subsídios sobre Osório a seu pedido como adjunto da Presidência da Comissão de História do EME. (Foto obtida pelo Dr. Sebastião Ribeiro Neto, junto a Câmara de Pelotas).

FIGURA 29. Brasão de Armas do Marquês de Herval e Marechal de Exército Graduado Manoel Luis Osório ou simplesmente General Osório. (Fonte: MAGALHÃES J. B. Osório síntese de seu perfil histórico – capa).

FIGURA 30. Aspecto atual do que restou da casa onde o General Osório residiu em Pelotas. (Foto do autor em 15 de março de 2007).

FIGURA 31. Casa onde os pais do General Osório residiram em Caçapava do Sul. (Doação de Abrão e Cassol, historiadores de Caçapava do Sul).

FIGURA 32. Punho da Espada de Honra do General Osório, que por muito anos esteve exposta no Museu Imperial de Petrópolis, depois na Casa de Osório e hoje se encontra no Regimento Osório. Foi doada pelos seus comandados na Guerra do Paraguai em Porto Alegre em 6 de agosto de 1870 e a ele entregue no atual Parque Farrroupilha defronte o atual CMPA pelo Cel Manoel Deodoro da Fonseca em cerimônia que resgatamos neste trabalho. (Fonte: Site da Fundação do Parque Osório, www.osorio.org.br).

FIGURA 33. Visão da Espada de Honra do General Osório que recebeu em Porto Alegre de seus comandados na Guerra do Paraguai. Ele começou a usá-la depois de retornar do Recife em 1877 em visita aos filhos depois de obter permissão para tal. (Fonte: Site da Fundação do Parque Osório).

FIGURA 34. Monumento ao General Osório, na Praça 15 no Rio onde seus restos mortais permaneceram de 1892 até seu traslado para o Parque Osório em Tramandaí. (Foto gentileza de Rubens Blajberg, filho do acadêmico da AHIMTB, Ten R/2 Art. Israel Blajberg).

FIGURA 35. Monumento ao General Osório na Praça da Alfândega em Porto Alegre e inaugurado em 7 de agosto de 1933. (Foto enviada pelo acadêmico Cel Luis Ernani Caminha Gorges, 3º vice da AHIMTB e vice presidente do IHTRGS).

FIGURA 36. Dedicatórias a “ Osório, o Povo” em 1892 no seu monumento no Rio de Janeiro e, abaixo no Monumento do Rio de Janeiro. (Colaboração de Rubens Blajberg).

FIGURA 37. Óleo do General Osório existente na Fundação Osório no Rio de Janeiro. (Fonte: **Grandes Personagens de nossa História**. Abril Cultural).

FIGURA 38. Capa da **Revista Grandes Figuras**, em quadrinhos, nº 6, edição produzida pela Editora Brasil-América S.A.

FIGURA 39. Foto oficial do General Osório como Patrono da Arma de Cavalaria. Óleo de Autran no Regimento Andrade Neves.

FIGURA 40. Óleo de Osório do pintor uruguaio Juan Manoel Blanes, na Pinacoteca da Academia Militar das Agulhas Negras desde 1975, seu centenário de morte, por transferência do Museu Imperial de Petrópolis. (Fonte: Foto do Serviço de Audiovisuais - AMAN).

FIGURA 41. Cartão Postal de 1902, do Quartel atual do 4º Grupo de Artilharia de Campanha Marquês de Tamandaré, construído em 1877-78 pelo Ministro da Guerra Marechal Manoel Luis Osório e Marquês de Herval. (Gentileza do colecionador Flavio Azambuja Kremer, acadêmico da Academia Canguçuense de História).

FIGURA 42. General Osório comandante da 3ª Região Militar em 1865, como foi retratado na Galeria de Comandantes da 3ª Região Militar. Comando por nós estudado em três volumes.

FIGURA 43. Palácio da Presidência da Província do Rio Grande do Sul, que cedeu lugar ao Palácio Piratini, de onde o General Osório exerceu, em 1866, o Comando das Armas da Província. (Fonte: BENTO, **História da 3ª RM 1889-1953**, v. 2).

FIGURA 44. Aspecto da rua principal de Canguçu - RS, denominada General Osório e em 1912. (Fonte: Arquivo Conrado Ernani Bento).

FIGURA 45. Vista da rua General Osório em Canguçu para a Praça Marechal Floriano Peixoto. No centro da praça, junto a rua General Osório existe monumento aos dois canguçuenses mortos na campanha da Itália. Soldados Izidro Matoso do 6º RI de Caçapava - SP e do Regimento Sampaio e que representaram cerca de 10% dos gaúchos mortos da FEB. (Foto do autor).

FIGURA 46. Extremidade de ébano da lança de Honra do Ge-

neral Osório, recebida do povo carioca em 1877 e atualmente patrimônio do Regimento Osório em Porto Alegre. (Fonte: Site da Fundação do Parque Osório, www.osorio.org.br).

FIGURA 47. 4ª capa da **Revista Grandes Figuras**, em quadri-nhos, nº 6, da Editora Brasil-América S.A. com esta mensagem às crianças: “Crianças do Brasil! Esta figura gigantesca. Lembrem-se bem! Veio do nada e pode subir até onde pode subir um homem. Imitem os exemplos do imortal Osório e façam da Pátria Brasileira um modelo entre as nações”. Prof. Roberto Macedo.

FIGURA 48. Capa do livro **A Grande Festa dos Lanceiros** de autoria do então Major Cláudio Moreira Bento, publicado pela UFPE e lançado na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes em 19 de abril de 1971 e focalizando a festa de inauguração do Parque Histórico Marechal Osório. Livro abordado no texto deste trabalho etc.

FIGURA 49. Óleo alegórico focalizando o General Osório sentado, tendo sobre uma mesa mapas do terreno da Guerra do Paraguai. Autor J. B. Courtoes. (Fonte: Pinacoteca do Museu Histórico Nacional).

FIGURA 50. Retrato do Marques de Herval com suas condecorações, ladeado dos brasões da AHIMTB e IHTRGS para o leitor identificar as suas condecorações a seguir.

FIGURA 51. Condecoração da Imperial Ordem do Cruzeiro. Osório foi condecorado Cavaleiro em 13 de julho de 1841 na Revolução Farroupilha (e mais embaixo e como seu Dignitário em 7 de março de 1852, por sua notável atuação na Batalha de Monte Caseros em 2 fev 1852. (Fonte: BENTO, **Moedas de Honra**, em Livros, no site www.resenet.com.br/user/ahimtb).

FIGURA 52. Condecoração da Imperial Ordem de Cristo. O General Osório foi condecorado com a Grã Cruz desta Ordem em 28 de julho de 1866, depois da invasão do Paraguai a seu co-

mando. A Grão Cruz é a que está mais acima. (Fonte: BENTO, **Moedas de Honra** citada na figura 51).

FIGURA 53. Ordem Imperial São Bento de Aviz. O General Osório foi condecorado Grã Cruz desta Ordem em 20 de junho de 1868. (Fonte: BENTO, **Moedas de Honra**, idem gravura 51).

FIGURA 54. Ordem Imperial da Rosa. O General Osório foi condecorado Oficial desta Ordem ao término da Revolução Farroupilha em 7 de março de 1845. É a situada à esquerda da gravura (Fonte: BENTO, **Moedas de Honra**, idem gravura 51).

FIGURA 55. Medalha da Campanha contra Oribe e Rosas 1851/52 que Osório a recebeu em ouro. (Fonte BENTO, **Moedas de Honra**, idem figura 51)

FIGURA 56. Relação de outras condecorações recebidas pelo General Osório cujas figuras são omitidas.

FIGURA 57. Capa da **Revista Cavalaria**, nº especial editada pelo Curso de Cavalaria da AMAN com registro das comemorações do Centenário de falecimento do General Osório na AMAN a qual e abordada no texto o seu conteúdo. (Fonte: Arquivo do autor).

FIGURA 58. Formatura do Corpo de Cadetes em homenagem ao General Osório, no centenário de sua morte em 1979, no então pátio Marechal Mascarenhas de Moraes. (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 59. Entrada no pátio Marechal Mascarenhas de Moraes e trazido a cabresto por cadete de Cavalaria, um cavalo com um par de botas com os pés para trás representando o General Osório falecido e, mais a sua Espada de Honra e a sua lança de combate. (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 60. Missa Campal na Esplanada de acesso a AMAN em memória da alma do General Osório e rezada sobre um carro

blindado. (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 61. Detalhe do altar montado na missa pela alma do General Osório rezada pelo capelão padre Duílio, vendo-se a imagem da Nossa Senhora da Conceição, a padroeira do Exército Imperial que decorava o quarto do Duque de Caxias ao falecer na Fazenda de sua filha em 1880 em Vassouas - RJ e que integra o patrimônio histórico da AMAN, doada que foi por pelo Dr Eugênio Vilhena de Moraes, biógrafo do Duque de Caxias e patrono de cadeira na AHIMTB. (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 62. Mesa Diretora das palestras no Fórum de Resende em homenagem a Osório em 1979. Mesa presidida por Noel de Carvalho (filho), presidente interino da Delegacia Barão Homem de Mello da Academia Brasileira de História. A sua direita o Cel Clovis Jacy Burman, comandante do CC e Presidente da Comissão da AMAN das comemorações. A esquerda, na ponta, o Ten Cel Ney Salles, chefe da cadeira de História e Geografia. Atrás o Ten Cel Cláudio Moreira Bento, instrutor de História Militar e membro da Academia Brasileira de História e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Tenente José Pereira Filho e o Ten Cel Cláudio Chagas Telles, instrutor de História Militar e filho do General Telino Chagas Telles, antigo professor da Escola Preparatória de Porto Alegre. EPPA (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 63. O público assistente da série de palestras em homenagem ao centenário da morte do General Osório, assistindo a palestra do Ten Cel Cláudio Moreira Bento, Osório – o seu pensamento militar e o fundador da Delegacia da ABH Barão Homem de Mello que realizou várias palestras em homenagem ao General Osório. Vale lembrar que Homem de Mello era o biógrafo de Andrade Neves e que teve destacado papel como Presidente do RGS na mobilização por Osório do 3º Corpo de Exército. Esta Delegacia daria origem a Academia Resendense de História fundada pelo Cel Bento. (Foto do arquivo do autor).

FIGURA 64. Alegoria do General Osório no desembarque em Passo da Pátria, do livro **O Espírito das Armas Brasileiras**, de Fernando Luis Osório Filho seu neto.

FIGURA 65. Alegoria do Reconhecimento a viva força de Humaitá. (Fonte: Idem obra gravura 64).

FIGURA 66. Foto de baixo relevo, em bronze, de Bernadelli no Monumento a Osório no Rio de Janeiro, representando a Batalha de Tuiuti, a maior batalha campal da América do Sul e constante do livro **O Espírito das Armas Brasileiras** de Fernando Luis Osório Filho.

FIGURA 67. Alegoria de Osório entrando como soldado para o Exército na Legião de São Paulo, em 1º maio 1823, na Guerra da Independência na Província Cisplatina, atual Uruguai. Pintura do Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia em **Episódios Militares**, editado pelo EME em 2007. O Cel Estigarribia é acadêmico da AHIMTB onde ocupa a cadeira pintor Miranda Junior. E comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre da AHIMTB.

FIGURA 68. Alegoria sobre o bivaque de Osório com o seu 2º Regimento de Cavalaria, em Moron, antes da Batalha de Monte Caseros em 2 de fevereiro de 1852. (Pintura do Cel Estigarribia constante de **Episódios Militares** editado pelo EME em 2007).

FIGURA 69. Alegoria sobre a Batalha de Monte Caseros onde Osório atuou de modo brilhante com o 2º Regimento de Cavalaria e de autoria do pintor Cel Estigarribia e que figura em **Episódios Militares** editado pelo EME em 2007.

FIGURA 70. Alegoria de Osório na Batalha de Avaí, onde foi ferido a bala no rosto. Figura de autoria do Cel Estigarribia e que figura como capa em **Episódios Militares**, EME, 2007 e na 1ª capa do presente livro.

FIGURA 71. Pintura do Tenente Argentino Cândido Lopes que

acompanhou o Presidente Bartolomeu Mitre na Guerra do Paraguai na qual ele focalizou o que ele testemunhou e ao tempo em que o General Osório esteve em ação. Visão da Batalha de Tuiuti em 24 de maio de 1866 a maior batalha campal da América do Sul e vencida pelo General Osório.

FIGURA 72. Visão da Batalha do Tuiuti de Cândido Lopes, em 24 de maio de 1866. focalizando um ataque da Cavalaria inimiga, a Divisão Argentina Buenos Aires em 24 maio 1866, pela Cavalaria inimiga.

FIGURA 73. Visão do Tenente Cândido Lopes de detalhes da Batalha de Tuiuti no interior de uma mata em 24 maio 1866.

FIGURA 74. Visão do Tenente Cândido Lopes da surpresa inimiga ao Exército da Tríplice Aliança em Estero Belaco em 2 maio 1866, 20 dias antes da Batalha de Tuiuti.

FIGURA 75. Visão do Tenente Cândido Lopes do ataque do Boqueron, visto do Potrero Pires 18 julho 1866.

FIGURA 76. Visão do Tenente Cândido Lopes do desembarque do Exército Aliado em Itapiru em 18 de abril 1866, cerca de 32 dias antes da Batalha de Tuiuti.

FIGURA 77. Visão do Tenente Cândido Lopes do Forte Itapiru conquistado pelos brasileiros ao comando do General Osório.

FIGURA 78. Visão do Forte Itapiru do Tenente Cândido Lopes ocupado por forças do Brasil e em 19 de abril 1866, vendo-se a sua frente a ilha da Redenção e, no fundo, a margem Argentina do rio Paraná. Neste dia transcorria o 218º aniversário da 1ª batalha dos Guararapes. Dia que desde 1994 foi consagrado como o Dia do Exército. (Vide decreto na 4ª capa do livro **BENTO. As batalhas dos Guararapes análise e descrição militar.** 2ed, 2004).

FIGURA 79. Visão de Cândido Lopes do Hospital de Sangue do

Exército Imperial ao comando de Osório em Passo da Pátria, em 18 julho 1866. Em primeiro plano duas ambulâncias do Exército, tiradas por duas juntas de muares.

FIGURA 80. Visão do Tenente Cândido Lopes da Esquadra que apoiou a grande transposição do Exercito Aliado em Passo da Pátria. Visão da Esquadra navegando no que Cândido Lopes denominou de canal privado de Passo da Pátria.

FIGURA 81. Óleo de Osório original que desde 1975 integra a Pinacoteca da AMAN.

FIGURA 82. Cópia de óleo original de Osório existente no Curso de Cavalaria da AMAN depois de removido em 1979 da Biblioteca da AMAN para dar lugar ao original.

FIGURA 83. Quadro com a titulação do General Osório e Marquês de Herval e hoje patrimônio do Parque Osório onde se encontra. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 84. Uma visão do Parque Osório onde aparece em primeiro plano um obelisco. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 85. Mapa de orientação do visitante do Parque Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 86. Pavilhão Osório existente no Parque onde existem apartamentos para oficiais gerais em visita e para reuniões. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 87. Local do Memorial ao General Osório onde estão depositados os seus restos mortais. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 88. Local onde repousam os restos mortais do General Osório depois de permanecerem no Rio de Janeiro por mais de um século. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 89. Óleo existente no Memorial do General Osório onde repousam seus restos mortais e no qual ele figura com destaque.

FIGURA 90. Óleo alegórico do General Osório do Cel Estigarríbia liderando o ataque de Avaí, quando foi ferido no rosto. Óleo capa da publicação **Episódios Militares**, EME, 2007 e do presente livro. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 91. Espada usada pelo General Osório na Guerra do Paraguai em seu Memorial no Parque Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 92. Detalhe do óleo sobre o General Osório mencionado na figura 89. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 93. Lanças de combate e de Honra do General Osório cruzadas, pertencentes ao patrimônio do Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 94. Projeto do Museu do Parque Osório, visto de cima. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 95. Projeto do Museu do Parque Osório, visto de frente. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 96. Aspecto do Museu de Armas da Fundação do Parque Osório, originário do Museu de Armas Marechal Manoel Luis Osório que esteve longo tempo exposto no Museu Júlio de Castilhos onde o conheci desfalcado em pesquisa em 1972, provocando grande desgosto em seu proprietário. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 97. Detalhe ampliado do óleo constante da figura 98. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 98. Óleo do acervo do Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 99. Outra visão do óleo da figura 97. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 100. Óleo alegórico do General Osório, que reproduz com muita semelhança seus reais traços fisionômicos. Integra o patrimônio do Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 101. Presidente Emílio Médici em 10 de março de 1970, na Casa de Osório, restaurada, assinando o ato de criação do Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osório que ele idealizara como comandante do III Exército e, a transformação do Regimento Osório em 3º Regimento de Cavalaria de Guardas. Ao seu lado, o Ministro da Guerra Gen Ex Orlando Geisel e um pouco atrás o Governador do Rio Grande do Sul, Cel PMRS Perachi Barcelos. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 102. Presidente Emilio Garrastazu Médici, o idealizador dos parques históricos Marechal Manoel Luis Osório e do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e que inaugurou em 10 de março de 1970 e em 19 de abril de 1971. O biografamos no livro **História da 3ª Região Militar 1953-1995**, onde ele introduziu e praticou o lema: “Servir e servir cada vez melhor” e na **História do CMS 1953-1995**, as p. 169/171. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 103. Gen Ex Edson Boscacci Guedes foi o grande executivo da concretização do Parque Histórico Marechal Manoel Luis Osório a cuja frente diretamente envolvido atuou de 1970 até 1993 quando os restos mortais do General Osório, seguindo desejo expresso do herói vieram para o Rio Grande do Sul. Tivemos oportunidade de sintetizar sua biografia na **História do CMS 1953-1995**, p. 221/224; na **História da 6ª DE**, p. 155/158 e na **História da 3ª Bda Cav Mec**, p. 179/183. O General Edison faleceu em 2006 com 83 anos e era filho de Santana do Livramento. (Fonte: site www.osorio.org.br). Foi da 1ª turma da EPPA.

FIGURA 104. Detalhe do óleo constante da foto 89 existente jun-

to ao Mausoléu do General Osório no Parque. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 105. Casa restaurada do General Osório no Parque que leva o seu nome, tendo ao lado o seu busto. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 106. Óleo alegórico existente no Parque Osório simbolizando a travessia dos lanchões farrapos Seival e Farroupilha II transportados em carretões do Lagoa dos Patos até o rio Tramandaí, para dali atingirem o oceano e partirem para a conquista de Laguna - SC e lá instalaram a República Juliana. Em **A Grande Festa dos Lanceiros** descrevo esta odisséia. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 107. Réplica do barco farroupilha Seival com carreta introduzida no Parque Osório na sua inauguração. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 108. Foto do barco Seival posterior a Revolução Farroupilha e ainda prestando serviços no porto de Laguna - SC. (Foto: site www.osorio.org.br).

FIGURA 109. Fim do barco Seival, com o nome de Garrafão encostado na terra para não naufragar. O nome Seival resultou da vitória farrapa, em 10 de junho de 1836 vencida pela Divisão Liberal do Capitão GN Antônio de Souza Neto que resultou na transformação o Corpo de Guarda Nacional de Piratini integrado por tropas de seus distritos de Bagé, Canguçu e Cerrito. O Seival foi construído no rio Camaquã, próximo da Estância do Cristal de Bento Gonçalves da Silva. E era seu comandante o norte-americano John Griggs que estudamos na obra **A Grande Festa dos Lanceiros**. (Fonte: Foto na obra **História da 3ª RM**, v. 1, cedida ao autor pelo historiador catarinense Walter Fernandco Piazza).

FIGURA 110. Área de Camping no Parque Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 111. Pousada do Parque Histórico Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 112. Presença da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) no Parque Osório na Festa da Cavalaria em 10 de maio de 2005 para condecorar personalidades com a Medalha do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil da AHIMTB. Na foto o Cel Cláudio Moreira Bento, Presidente da AHIMTB; Sra. Carmen Lucia Ferreira da Silva, jornalista e sócia correspondente da AHIMTB e trineta do Conde de Porto Alegre e o Cel Luis Ernani Caminha Georgis, 3º vice presidente da AHIMTB e seu Delegado da Delegacia General Rinaldo Pereira Câmara, para o Rio Grande do Sul. (Fonte: fotos enviadas pelo Cel Caminha).

FIGURA 113. Cel Bento, presidente da AHIMTB, condecorando Comendador do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, o Gen Ex Tibau, Comandante do CMS, com a ajuda de D. Carmen, trineta do Conde de Porto Alegre. (Fonte: fotos enviadas pelo Cel Caminha).

FIGURA 114. Cel Bento, presidente da AHIMTB, condecorando como Oficial da Ordem do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, o Engenheiro Agrônomo e acadêmico da AHIMTB Dr. Flávio Camargo, não remunerado editor de várias obras da AHIMTB do Projeto História do Exército na Região Sul. Ao seu lado, já condecorado, o grande pintor militar e acadêmico da AHIMTB Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia, tendo ao fundo belo óleo do General Osório. (Fonte fotos enviadas pelo Cel Caminha).

FIGURA 115. Cel Bento condecorando, com a ajuda de D. Carmen, trineta do Conde de Porto Alegre e como Oficial da Ordem do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, o seu acadêmico Cel Pedro Paulo Cantalice Estigarribia, o maior pintor do Exército de todos os tempos. (Fonte fotos enviadas pelo Cel Caminha).

FIGURA 116. D. Carmen, trineta do Conde de Porto Alegre, posa ao lado do óleo de seu heróico trisavô, junto com o seu pintor o

acadêmico Cel Estigarribia. (Fonte fotos enviadas pelo Cel Caminha).

FIGURA 117. Foto intitulada Coisas de Cavalaria focalizando oficiais e praças do Regimento Osório formados e uniformizados com seus uniformes históricos. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 118. Uniforme histórico dos oficiais do Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 119. Uniforme histórico das praças do Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 120. Distintivo do 3º RCD – Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 121. Brasão do 3º RCD – Regimento Osório. (Fonte: site www.osorio.org.br).

FIGURA 122. História do General Osório, v. 1, de seu filho Dr. Luis Fernando Osório publicado em 1894 e reeditada facsimilarmente em 1979 no Centenário de falecimento do General Osório, por iniciativa da Fundação Parque Histórico Marechal de Exército Manoel Luis Osório com a colaboração do Colégio Integrado Objetivo.

FIGURA 123. História do General Osório, v. 2, publicada em 1915 pelo Dr. Luis Fernando Osório Filho e seu irmão Joaquim Luis Osório “cumprindo o honroso legado de nosso pai, Dr. Fernando Luis Osório, cujo prematuro falecimento impediu que completasse com proveito e brilho para a história nacional, a tarefa que iniciara”. Seus filhos o biografaram no 2º volume.

FIGURA 124. História do General Osório – Excertos, dos irmãos autores do volume 2.

FIGURA 125. Capa da obra de Fernando Luis Osório (filho) **O**

Espírito das Armas Brasileira e divulgado 3 anos depois de sua **História do General Osório**, v. 2 e no ano do término da 1ª Guerra Mundial. É um apanhado da História Militar do Brasil e o meu primeiro contato com ela ao compulsar a obra com cerca de 8 anos no escritório de meu pai Conrado Ernani Bento contendo dedicatória do autor a ele. Creio que as ilustrações despertaram em mim o historiador militar em potencial.

FIGURA 126. Livro **Senador Manoel Luis Osório** editado pelo Senador Federal com apresentação do Senador Jarbas Passarinho, presidente do Senado. prefácio de Vamireth Chacon. É obra importante que focaliza a atuação do General Osório como senador pelo Rio Grande do Sul e como Ministro da Guerra.

FIGURA 127. Major de Engenheiros Alfredo Taunay que em suas **Memórias** relata a sua visão real do General Osório no período da Campanha da Cordilheira onde foi encarregado do **Diário do Exército**. As reproduzimos neste trabalho.

FIGURA 128. No Gaúcho 19, órgão de divulgação do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) no Bicentenário do Duque de Caxias abordamos a vida e obra de Simões Lopes Neto. Ele propôs a ereção em Pelotas de um monumento ao General Osório na praça defronte ao local onde residiu o herói. Mas esta sua idéia, não conseguiu apoio do povo de Pelotas para a tornar realidade esta homenagem a seu filho adotivo.

FIGURA 129. Letra do Hino General Osório feito em 1º de agosto de 1859 por amigos. O resgatamos e foi publicado junto com a música em nosso álbum **Amor Febril – a memória da canção militar no Brasil**, lançado pela GBOEx, presidido por Antonio Lisboa Mello e Freitas em 1990, contendo um disco com todas as letras e músicas e na oportunidade de 77º aniversário do referido Grêmio criado num aniversário da batalha de Tuiuti. Trabalho prefaciado pelo General de Exército Aurélio de Lyra Tavares da Academia Brasileira de Letras. O trabalho de resgate do Hino a Osório foi feito pelo maestro Geraldo Flack.

FIGURA 130. Partitura do Hino ao General Osório resgatada em disco pelo Maestro Geraldo Flack O músico Luis Carlos Lessa Vinholes procura uma música em homenagem ao General Osório de autoria do Maestro Pinto Bandeira e executada em presença do General Osório em 1878, no Teatro Sete de Abril em Pelotas. E não o encontrei no Arquivo do General Osório no IHGB. (Fonte: BENTO, **Álbum Amor Febril – a memória da canção militar no Brasil**, lançado pela GBOEx, em 1990).

FIGURA 131. Foto aérea do quartel do regimento Osório em Porto Alegre. Enquadrado pela Av Bento Gonçalves da Silva e no fundo pela Av Ipiranga e a esquerda pela Aparício Borges (Foto enviada pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis).

FIGURA 132. A esquerda seis gavetas contendo fichas do valioso Arquivo do General Osório entregue ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por seu filho e membro desta instituição Fernando Luis Osório. Arquivo ao abrigo em 41 latas. Latas com 80 documentos em média por lata e consistente de cerca 3280 documentos, a maioria usados na obra **História do General Osório**, por seu filho e netos seus biógrafos. (Grande parte do arquivo esta em revisão e já disponível para consulta na rede de computadores do IHGB).

FIGURA 133. Protótipo do carro de combate Osório da ENGESA considerado o mais avançado produto concebido no Brasil nos anos 80. Carro que com pequenas alterações ocuparia local de destaque entre os carros existentes. (Foto: **Revista Da Cultura**, nº9, dez 2005.p.41).

FIGURA 134. Parede da casa onde residiu o General Osório em Pelotas com placa de bronze na parede com a sua efígie em alto relevo de Osório e a inscrição. "Assinalando o local onde residiu o General Osório, filho adotivo de Pelotas. Homenagem do Exército Brasileiro, ao patrono da Arma de Cavalaria na data em que transcorre o centenário de sua morte, 4 outubro 1979." (Foto tirada pelo autor em 2007).

FIGURA 135. Sobrado onde residiram os descendentes do General Osório. No da direita residiu Fernando Luiz Osório Filho neto e um dos biógrafos de Osório. O da esquerda pertenceu algum tempo como herança a falecida historiadora D. Heloisa Assumpção Nascimento que era correspondente da AHIMTB em Pelotas. (Fonte: Cartão Postal da coleção do historiador Flavio Azambuja Kremer).

FIGURA 136. Foto do General Osório feita quando Ministro da Guerra e que figura na **História do General Osório - Excertos**, de seu filho Fernando Luiz Osório editado pela Fundação Osório em 1979).

FIGURA 137. Óleo copiado da ilustração anterior e pertencente ao acervo da Fundação Osório.

FIGURA 138. Igreja Santa Cruz dos Militares – Rio de Janeiro onde o General Osório foi velado e ali permaneceu longo tempo vindo da Ilha do Bom Jesus, até ser sepultado no seu monumento na Praça 15 em 1882. Em 1981 com as mortes dos senadores Osório em 1879 e do Duque de Caxias em 1880, os militares do Exército e Marinha sentindo-se desamparados no Parlamento criaram na citada Igreja o Diretório Militar liderado pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca com a finalidade de eleger para o Parlamento militares dos partidos Conservador, Liberal e Republicano. Mas não conseguiu eleger ninguém. E a luta sob a liderança de Deodoro prosseguiu na Questão Militar no Sul, na fundação do Clube Militar em 1887, no protesto do Clube Militar em 1888 contra o uso de militares do Exército na captura de escravos fugidos, evento este que contribuiu para acelerar e forçar a Abolição e, por fim, a Proclamação da República. É conclusão que não tem sido percebida. O Exército depois da Abolição era chamada de Redentor e a Princesa Isabel de Redentora. (Foto do Arquivo do autor).

FIGURA 139. Alunas destaques da Fundação Osório posando junto ao busto de seu patrono General Osório lá existente. (Foto cedida ao autor pela Fundação Osório). Durante a Presidência do

Cel Arivaldo Silveira Fonte 1º vice presidente da AHIMTB, esta foi acolhida pela Fundação OSÓRIO cerca de 6 vezes para ali realizar suas sessões de posses.

FIGURA 140. Foto de busto em mármore do General Osório com inscrições em Guarani e por ele inaugurado como senador em 1877, na Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro e cedido em comodato a Fundação Osório em seu aniversário em 1º de junho de 2000 na presidência da Fundação do Cel Professor Arivaldo Silveira Fontes que aparece a esquerda da foto ao lado de um oficial representante do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército. (Foto cedida pelo Cel Arivaldo de seu arquivo pessoal).

FIGURA 141. Câmara Mortuária do General Osório no Arsenal de Guerra, atual Museu Histórico Nacional e antiga Casa do Trem, onde o Conde de Resende fundou em 1792 a Real Academia de Artilharia Fortificação e Desenho, berço do ensino militar acadêmico nas Américas e do superior civil no Brasil e destinada a formar para a Colônia oficiais de Infantaria, Cavalaria, Artilharia e Engenheiros militares e civis e aí substituída com a chegada da Família Real ao Brasil pela Academia Real Militar destinada a formar os citados oficiais para o Reino de Portugal agora sediado no Brasil, conforme abordamos em **Escolas de Formação de Oficiais das FFAA do Brasil**. Rio: POUPEX, 1987. (Fonte Abril Cultural. **Grandes personagens de nossa História**. Óleo de M. Golgan no Museu Paulista).

FIGURA 142. Professora Estella Francisca Osório, trineta do general Osório. Socióloga e jornalista foi professora por 27 anos da UFRGS. Ela representou a família Osório na Comissão de Traslado de seus restos mortais, em 1993, do Rio de Janeiro para o Parque Osório em Tramandai tendo discursado em nome da família Osório na cerimônia de sepultamento de seu trisavô no Parque Osório onde ele nascera há 200 anos. (Fonte: Foto enviada pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis do Arquivo da professora Stella).

Figura 143. Slide com palavras do Presidente Médiçi de exalta-

ção a Osório, o Patrono da Cavalaria.

Figura 144. Palavras do General Bartolomeu Mitre, ex-presidente da Argentina e comandante dos Aliados em período da Guerra do Paraguai exaltando o General Osório.

Figura 145. Slide com palavras do General Lima Figueiredo exaltando o General Osório.

Figura 146. Slide com palavras do pintor Pedro Américo exaltando o General Osório.

Figura 147. Busto de Osório no Curso de Cavalaria da AMAN.

Figura 148. Alegoria de Cilka Silva de Osório na Batalha de Monte Caseros em 2 de fevereiro de 1852.

Figura 149. Quadro em que figuram fotos de todos os chefes aliados que participaram da vitória de Monte Caseros.

Figura 150. Esboço mostrando o local do Herval descoberto por Osório quando comandante nas Missões e origem de seu título de Barão do Herval.

Figura 151. Um busto de Osório em mármore e de perfil.

Figura 152. Alegoria do General Osório e Caxias de autoria do pintor Miranda Junior existente no PC do comandante do CML.

Figura 153. Alegoria do quepe e espada do General Osório sobre mapas de operações e com o título de Leão de Herval.

Figura 154. Esboço do local da invasão do Paraguai liderada pelo General Osório na confluência dos rios Paraguai e Paraná.

Figura 155. Ponche de vicunha do General Osório para muitos de seus comandados uma bandeira a ser seguida em combate.

Figura 156. Foto do General Osório como Ministro da Guerra disfarçando o seu ferimento no rosto do lado esquerdo em Avai onde aparece uma discreta reentrância.

Figura 157. Visão do óleo de Pedro Américo sobre a Batalha de Avai onde Osório aparece à direita, na parte inferior em destaque.

Figura 158. Osório óleo não identificada à autoria.

Figura 159. Esboço onde aparece o Forte de Peribebui, a última grande operação liderada por Osório na Guerra do Paraguai e descrita por Alfredo de Taunay que a testemunhou.

Figura 160. Óleo sobre madeira de autor anônimo.

Figura 161. General Osório Ministro da Guerra e viúvo.

Figura 162. Marquesa de Herval D. Francisca Osório com a qual Osório se correspondia relatando suas atuações em campanha e constante na obra **História do General Osório**.

Figura 163. Alegoria do General Osório em campanha onde revelava possuir endurance ou rusticidade, importante virtude do combatente. Na gravura ele dormindo ao lado de um fogo de chão, usando sua sela como travesseiro e seu ponche como manta.

Figura 164. Alegoria do General Osório em torno de um fogo de chão tomando o seu chimarrão e democraticamente junto a seus comandados esperando o churrasco e com o seu inseparável ponche de vicunha.

Figura 165. Busto do General Osório no Regimento de Dragões de Brasília e ladeado por dois Dragões da Independência.

Figura 166. Foto de Osório como senador e Ministro da Guerra, aparecendo do lado direito da foto em seu rosto uma reentrância do tiro que recebeu em Avai.

Figura 167. Cinto e guias e a Espada de Honra do General Osório recebida em Porto Alegre em 1870 de seus comandados na Guerra do Paraguai em cerimônia no parque defronte o atual Colégio Militar de Porto Alegre.

Figura 168. Foto do General como comandante dos brasileiros na Guerra do Paraguai até a sua vitória em Tuiuti em 14 de maio de 1866.

Figura 169. Lápide do túmulo do General Osório na Igreja da Ilha do Bom Jesus.

Figura 170. Busto de bronze do General Osório em seu túmulo no Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório.

Figura 171. Chapéu do General Osório usado com o 1º uniforme.

Figura 172. Distintivo da Arma de Cavalaria do Exército Brasileiro da qual o General Osório foi notável integrante e desde 1962 é seu patrono oficial.

Figura 173. Detalhe de Óleo de Estigarríbia no salão junto ao túmulo de Osório, mostrando seus detalhes principais.

Figura 174. Alegoria da morte do General Osório publicada pela **Revista Ilustrada** do Rio de Janeiro em 1879.

Figura 175. Slide na palestra Osório o Legendário do General Arnaldo Serafim Complementos fora da palestra do General Serafim.

Figura 176. Brasão aprovado pelo Império para o General Osório e assim definido: “OSÓRIO, Manuel Luis Marquês do Erval (não com H). Armas, um leopardo saltante, de prata, empunhando uma espada de ouro (e não um leão como figura em brasão, tradicionalmente usado). Armas requeridas em 21 set 1870 e concedidas com aviso ao Rei das Armas, passadas por carta de brasão de 15 out 1870, registrada as folhas 111 do livro VI. Fonte: ARQUIVO

NACIONAL. **Catálogo da Exposição de modelos de brasões e de cartas de nobreza e fidalguia.** Rio de Janeiro: Ministério da Justiça, 1965. Este brasão difere do em uso que além do leopardo substituído pelo leão foi suprimido o elmo e alterado outros detalhes (Colaboração do acadêmico da AHIMTB Marcelo Peixoto da Silva). Mas o atual e o oficial segundo o General Egeo Oliveira Freitas ex-comandante do Regimento Osório.

Figura 177. Cordão de Tuiuti. Criado pelo Governo da Argentina por Lei de 5 outubro 1872, para premiar os que haviam se distinguido na Batalha de Tuiuti em 24 de maio de 1866 (generais, chefes, oficiais e praças do Exército Argentino dos Aliados Brasil e Uruguai. O diploma impresso em cartolina continha o texto do decreto que o criou declarando o mérito do agraciado e assinado pelo Ministro da Guerra Dr Adolfo Alsina datado de Buenos Aires em 24 maio 1875. Tendo ao centro o brasão argentino e abaixo a inscrição: CAMPANÁ DEL PARAGUAY - PRÊMIO POR LA BATALLA DE TUYTY - 24 DE MAYO 1866 - LEY DE 5 DE OCTUBRE DE 1872. (Fonte: COIMBRA, Álvaro Veiga. A batalha de Tuiuti. **Revista Numismática.** N^{os} 3-4, São Paulo, 1938). Colaboração do acadêmico Marcelo Peixoto da Silva.

Figura 178. Escrínio visto de cima, contendo os dentes e fragmentos do maxilar do General Osório resultado de seu ferimento no rosto na batalha de Avai. Esteve até o centenário da morte do General Osório em 1979 comemorado na Academia Militar das Agulhas Negras e para ele trazido pelo autor depois de cedido pelo Arquivo Nacional. Decorridos alguns anos em que permaneceu exposto na Biblioteca Acadêmica foram levados para o Regimento Osório onde se encontram junto com outras relíquias do herói. (Foto obtida pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis junto ao Regimento Osório).

Figura 179. Escrínio constante da figura anterior, visto de lado. Nele aparecem 4 dentes retirados em razão do ferimento e 7 pedaços do maxilar inferior e superior. (Foto obtida pelo Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis junto ao Regimento Osório).

Significação Histórica do General Osório

Escolhemos para título de nosso trabalho **General - Osório o maior herói e líder popular brasileiro** e, com apoio nesta pesquisa de opiniões, queremos demonstrar, e mesmo provar ao leitor e pesquisador interessado, e também como ato de justiça na voz da História, a validade do título de nosso livro comemorativo de seu bicentenário, na esperança de que ele produza reações esperadas no seio da mocidade brasileira de hoje e de sempre.

E, a seguir, as opiniões, além das já citadas, de importantes personalidades que com ele conviveram ou que continuaram a interpretar a sua vida e obra como cidadão e soldado imortal.

A Manifestação oficial do Exército

– O Quartel General expediu a seguinte Ordem do Dia:

O mais extraordinário e funesto dos acontecimentos para um Exército que sabe prezar a sua glória teve ontem lugar às seis $\frac{1}{4}$ horas da tarde, em que dentre os vivos desapareceu o Exmo. Sr. Marechal de Exército graduado Marquês do Herval, Manoel Luís Osório, que exercia o cargo de Ministro e Secretário de Estado. Chefe que tantas vezes o conduziu ao combate e escreveu com a ponta de sua espada brilhantes e imorredouras páginas na História da Pátria. O ilustre General, que dedicou toda a sua longa vida militar, pouco mais de meio século, em defender com o mais acri-

solado amor as nossas instituições. Bravo General Osório, cujo nome tornou-se tão popular, vai baixar ao túmulo cercado da maior veneração de todo o Exército, que o considerava por muitos títulos uma glória nacional. E eu, como seu velho camarada, que tão perto conheci a nobreza de seus sentimentos e a magnanimidade de seu coração, sinto profunda e particularmente ter de transmitir esta triste nova aos corpos da Guarnição, a quem, como intérprete dos nobres sentimentos do Exército, convido para, em sinal de sincera dor, tomar luto por oito dias.

Diário Oficial do Império de 5 de outubro de 1879

“Já não mais existe o Marquês do Herval! Às 6 horas da tarde de ontem, 4 do corrente, ele deu a alma ao Criador. Nós assistimos, junto ao seu leito de dor, à sua derradeira partida deste mundo, que ele encheu com a imensa glória de seus feitos peregrinos e inimitáveis. Esse herói, a quem os perigos excitavam a afrontá-los, e que desafiou a morte em tantas batalhas e lances arriscados, sucumbiu vítima de uma rebelde pneumonia dupla, e que não houve meios de a debelar e nem esforços científicos, e nem desvelos incessantes da família e dos amigos. E sucumbiu, ainda prestando, como Ministro da Guerra, serviços relevantes a este país, que estremecia, e pelo qual derramou o seu sangue generoso, e barateou por muitas vezes a sua vida na renhida e dificultosa campanha do Paraguai.

O nome Marquês do Herval sintetiza, e traz à memória de todos o valor impetérto e destemido, o patriotismo extremo e puro, todas as virtudes cívicas e domésticas de um Bayard sans peur et sans reproche, aureoladas pelos esplendores dos triunfos e de uma glória imorredoura e radiante. Com o espírito surpreso e conturbado pela dor que nos punge, como a todo Brasileiro, não nos é permitido outro preito de admiração e de saudades senão prantear a calamidade, que hora magoa e enluta a nossa Pátria”.

Senador Silveira da Mota no Senado em 7 de Outubro de 1879

“Vejo que a mesa do Senado cumpriu religiosamente o seu dever. Pois, logo que recebeu a participação da fatal notícia do passamento de nosso ilustre colega, o meu General, o Sr. Marquês do Herval (apoiados). Mas senhores, quando se trata de dar uma demonstração solene em nome de uma Corporação tão elevada, como o Senado, e onde tão profundamente foi sentida a dor desta perda (apoiados), reconhecendo que a Mesa fez o seu dever, devemos nós senhores senadores fazer o nosso ...Mas é hoje que o Senado, reunido, recebe a participação da morte de nosso grande colega Marquês do Herval ...Eu pois, Sr. Presidente, cumpro um dever muito doloroso, pedindo ao Senado dê a demonstração única que pode dar hoje, suspendendo seus trabalhos. Não podemos decerto dar demonstração, que alcance toda a profundidade de nossa dor. Esta é a única, dê-mo-la!”

Deputado Alves Araújo na Câmara em 7 Out 1879

“General e Ministro, ele não tinha adversários, nem o orgulho jamais se apoderou de seu viver – quando os aplausos, as aclamações da mais justa popularidade o proclamavam defensor da Integridade Nacional, cimentador da independência e da paz, Honra e dignidade da bandeira, que cobre a tantos milhões de brasileiros. Senhores, foi sua vontade que os seus restos mortais descansassem na sua terra natal. Reunindo-nos hoje no meio da consternação de todo país, e ante a imensa dor da heróica Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, estou convencido de que neste momento interpreto os sentimentos gerais desta Augusta Câmara, propondo que o nobre presidente, em homenagem de inexcédível respeito e profunda gratidão à benemérita memória do ínclito Osório, e Ministro da Guerra...”

Deputado Cesário Alvim

Marechal Manoel Luís Osório, Marquês do Herval, a coroa mandada por esta Augusta Câmara, onde saudades perpétuas deixou o eminente cidadão (apoiados gerais, muito bem, muito bem!) que com tanta lealdade, esforço e abnegação conosco colaborou na grande obra do engrandecimento pátrio. Ele que já tinha adquirido direito pleno a um repouso honrado e venerando, direito que comprara a preço do mais precioso de seu sangue, como de um sem número de heroicidades de seu braço indomável e do seu coração impretérito. (Apoiados gerais, muito bem!). Senhores, um dos mais respeitáveis órgãos de publicidade de nossa imprensa registrou algumas palavras, talvez as derradeiras do preclaro varão. Constando – a possível autenticidade.

O resto vós sabeis tão dolorosamente como eu! Um corpo inanimado restituído à terra, um espírito justo que voou aos céus, e uma memória, como não temos nem teremos mais ilustre, gravada que há de ficar, indelevelmente no coração desta Pátria que não morrerá (Apoiados gerais, muito bem!)”.

Deputado José Diana, representante do RGS

“O General Osório teve a glória de ser o mais popular dos filhos desta terra (Apoiados). Todos que com ele serviram na memorável campanha do Paraguai, essas legiões de voluntários, que acudiram aos reclamos da Pátria, desde o soldado obscuro até o oficial mais graduado, filhos de todas as Províncias, regressando aos seus lares, levavam a toda parte o nome e os feitos imortais do guerreiro, que tinha para eles a grandeza das epopéias e o prestígio das lendas das idades heróicas. Enorme é a perda que o país sofreu com a morte do grande cidadão. Quando ainda a Pátria e a Liberdade exigiam os seus serviços, o lutador incansável tombou para sempre esmorecido à sua glória de vida. Viveu para a Pátria, e morreu lembrando – se dela.”

Poesia do poeta Otaviano Hudson, em uma coroa sobre o caixão de Osório, no traslado de seus restos mortais para a igreja Santa Cruz dos Militares

AO HERÓI DA PÁTRIA

À memória do General Osório
Armas em funeral, povo, curvai-vos
Ante o busto do herói.
Foi o maior guerreiro americano
O coração leal mais soberano
Que o tempo não corrói.

Exemplo de bravura nunca vista,
Guerreiro sem igual
Nos campos de batalha a mais horrenda
Foi a alma da luta, alma potente
Que não tinha rival.

Passava laureado pelas balas
De inimigas fileiras
Mas, ao passar bradava radiante
Nunca minha alma viu-se vacilante
Com armas brasileiras.

E tombou no sepulcro. A sua frente,
Frente de tanta luz,
Onde havia constante o pensamento
De ser até ao fúnebre momento
Fiel à sua cruz!

Ninguém, como ele, estremeceu ardente
A brasileira Nação:
E tantos louros conquistou à espada,
Que servirão de exemplo e nomeada
À nova geração!

Opinião de seus comandantes na Guerra do Paraguai

Gen Bartolomeu Mitre no Editorial de La Nación de Buenos Aires

I – “Confiei-lhe a mais importante e decisiva operação da campanha do Paraguai, certo que a desempenharia com a audácia e a prudência que caracterizam o seu gênio militar”.

II – “V. Ex^a. soube corresponder à merecida honra de comandar essa expedição pondo à luz aquelas qualidades que o fazem um experimentado e valente general, merecendo, portando, os aplausos dos Exércitos Aliados, que em seu nome tenho a satisfação de lhe oferecer”.

III – Reafirma, no seu Boletim nº 2: - “la profunda fé que tengo en su inteligencia militar, en su valor y su pericia”.

IV – “El general Osório há demonstrado que es un patriota y un soldado, y nosotros nos sentimos orgullosos de haber combatido ao lado de un heróe como él”.

(Editorial de La Nación, de Buenos Aires, de Bartolomeu Mitre)

Bartolomeu Mitre lembrou haver sido Osório o batalhador em Caseros, o primeiro General em Chefe do Exército imperial da Guerra do Paraguai, e um homem popular na República da Argentina, havendo seus serviços empenhado à gratidão nacional. E que, à frente de um Regimento de Lanceiros Rio-Grandense (Atual Regimento Osório) mereceu em Buenos Aires as honras do triunfo depois da queda da tirania de Rosas, para qual contribuiu como soldado. E que, mais tarde, foi saudado no desembarque do porto de Buenos Aires, quando se promulgou o tratado da Tríplice Aliança, e se soube que era ele que devia levar aos combates a Bandeira Brasileira, em união com estandartes das Repúblicas do Prata. Que os boletins da campanha do Paraguai conseguiram registrar, centenas de vezes, com honra e glória, o nome de Osório. Na famosa passagem do Paraná, nas batalhas de 18 e 24 de maio (Tuiuti) e no Taí, em que,

como General e como herói, combateu ao lado dos soldados Orientais e Argentinos, merecendo por isso a coroa de louros e um título de nobreza. Que não pode fazer o povo esquecer o nome histórico e popular de General Osório, com que passará à posteridade. E que quando, depois da batalha de 24 de maio, conhecida sob nome de Tuiuti, o General em Chefe do Exército Aliado lhe deu a notícia de que havia sido agraciado com o título de Barão do Herval, disse por saber o Imperador o quanto era apreciador da erva-mate. Que era um guerreiro tão modesto como heróico, um verdadeiro amigo do povo argentino e um admirador entusiasta do valor de seus soldados. Que a última vez que esteve na República Argentina o povo fez-lhe uma ovação esplêndida, quando o viu com o rosto despedaçado pelas balas, a celebrar a vitória alcançada em união com os Argentinos, dando graças à Deus no templo adornado com bandeiras que atestavam na Argentina glórias antigas. Que levado ao governo pelo Partido Liberal do Brasil, morreu ocupando o Ministério da Guerra do império, e que por sua morte devem vestir luto três Nações. Que Osório era herói de têmpera antiga em toda a extensão da palavra, e no combate era o nune do soldado de sua Pátria. Pois, onde Osório se apresentava no meio do fogo, todos o seguiam à vitória ou à morte, e nos momentos supremos tinha inspirações heróicas, iluminações ardentes como as chamas dos canhões que decidiam a jornada. Que Osório era a glória militar, a maior e mais pura do Império do Brasil, e era para nós outros um irmão de armas, cujo nome ficara vinculado em nossa Historia. Que o Império fará honrarias oficiais ao Marquês do Herval, dourando uma coroa heráldica sobre seu féretro, e as Repúblicas do Prata honrarão sua memória, recordando suas façanhas em Caseros e na campanha do Paraguai, inscrevendo no círculo luminoso de imortal laurel o nome modesto e popular de Manoel Luís Osório, em nome das Repúblicas do Prata. E conclui Mitre: – glória eterna ao bom amigo e ao irmão caído sobre seu escudo na batalha da vida.

O julgamento de Osório pelo Duque de Caxias, seu amigo e comandante em três ocasiões

I – “É o maior guasca da província, que mais naipes ganhou e louros colheu em Morón”.

II – “Conheço-o como um homem de bem que sabe ser amigo de quem o estima... nos negócios da guerra atual tem carta branca minha ...e ande ligeiro que o negócio urge, e não lhe posso dizer mais nada”.

III – “Não tenho expressões de que me possa servir para suficientemente manifestar a gratidão que devo ao bravo e arrojado Tenente-General, o Exmo. Sr. Barão do Herval. Os sacrifícios que constantemente tem feito e continua a fazer permanecendo no Teatro da Guerra, à testa do Corpo de Vanguarda do Exército, apesar do seu estado de saúde, exerceu as árduas e laboriosas atribuições de seu cargo. Circunstância que constitui, só por si, o maior elogio de tão benemérito general. Sua coadjuvação no plano que realizei no dia 19 foi a mais plena e satisfatória”.

Conde D’Eu, Marechal Gastão de Orleans, seu comandante na Campanha da Cordilheira

“Conde d’Eu – “Por seu inextinguível valor fez-se uma glória da Pátria e um dos seus mais extremos defensores. E depois de lhe haver conquistado tantas vitórias no campo de batalha, com perigo de sua vida, continuava a prestar-lhe, com vasta inteligência, importantes serviços nos conselhos do Governo”.

“Conde D’Eu: Também perdi o General Osório, um amigo e companheiro de armas por muitos títulos prezado, de cuja dedicada cooperação recordava-me sempre com gratidão, lembrando-me que coberto de glórias e de ferimentos não duvidou vir prestar-me, em ocasião bem crítica, e com sacrifício de sua saúde já abalada pelas fadigas da guerra, o inapreciável concurso de seus conselhos e de seu braço.”

Carlos de Laet no Jornal do Comércio, Rio, 12 de Outubro de 1875

“A justiça da história não começa senão muito além do túmulo. Em vida, os homens como Osório não são, de ordinário, bem apreciados. E, logo depois mortos, contemplados nessa primeira fase da saudade dos contemporâneos, que bem se pode dizer o crepúsculo da posteridade, nós os vemos aureolados, esplendentes, mas não podemos calcular-lhes as proporções, assim como as não pode medir o astrônomo ao disco do astro-rei, quando o deformam as nuvens purpúreas do Ocidente. Entretanto, há alguma coisa que precede os juízos à história. Esta segunda visão do futuro, si é que assim posso me exprimir, raramente é concedida, mas se concede. Madame de Sevigné narrou a morte de Turenne. Não acredites, escreveu ela, que tão depressa se extingua neste país a memória do valente, não há de levá-la já aquele rio que tudo arrasta. Pois, está consagrada à imortalidade... Faço minhas palavras da elegante estilista francesa, para o General Osório, como para Turenne, a imortalidade começou no mesmo dia de sua morte. Duas entidades distintas desdobra a análise histórica no eminente vulto que aos nossos olhos ainda há pouco se esvaneceu. O militar e o Ministro. Militar, foi Osório a mais alta personificação de todo o heroísmo que prodigalizamos em terras do Paraguai. A guerra, que era na infância da humanidade um mero assomo de furor, tanto se tem modificado com o volver dos séculos que é já hoje uma Ciência. Longe vai, bem sei, de Achilles, o impetuoso, a Moltke, o estratégico. A guerra do Paraguai, porém, diga-se a verdade, travada em territórios desconhecidos, acidentados, imprevistos quase, não foi uma campanha científica, e fez antes lembrar as tremendas lutas dos Teucros com Argivos do que as calculadas carnificinas dos engenheiros prussianos. Em tais condições, o verdadeiro triunfador deverá ser aclamado o chefe pelejador por excelência – e Osório o foi, incontestavelmente. Nele concorriam todos os dotes físicos e morais que entusiasmam os Exércitos no frenesi

dos combates: o porte altaneiro, a fisionomia marcial, a intrepidez tocando às raias da temeridade, e uma jovialidade que de chofre abatia os constrangimentos oficiais, sem contudo aluir as bases da severa disciplina. A coragem é a virtude comum dos militares, e, pois, elogia – lá é banalíssimo. Mas, é que há diversas sortes de coragem, tantas pelo menos quantos os estilos. Nessa mesma campanha paraguaia tivemos a impretérita efígie de Caxias, e o denodo fidalgo de Porto Alegre, para não falar em tantos outros. Mas, Porto Alegre era um gentil homem, e o grosso do nosso Exército, no qual um quê da rudeza indígena, admirava aquele esplêndido oficial, sem poder compreendê-lo ...Mas Caxias é Wellington, calmo, prudente, correto demais para ser poetizado ...E Osório era Kleber, era Massena, era Murat. Sabia bater-se, sofrer e gracejar como um soldado raso. A soldadesca o adorava. E grata emoção é para o caminhoneiro (sic) a contemplação da própria apoteose. No mundo moral o mesmo acontece. Os homens que o mérito coloca acima das multidões com quem se identificam, são as imagens agigantadas em que elas se miram. Quereis popularizar-vos? Fazei-vos povo. E no Marquês viam os soldados brasileiros uma apoteose de si mesmos”.

Osório na visão de Emílio Mallet, atual Patrono da Artilharia

I - Osório era um gênio militar, não somente comandava como também peleava (combatia). Osório era um líder em todo o rigor da palavra.

II - Incansavelmente visitava os acampamentos. Atendia a todos os que lhe saíam ao seu encontro para lhe falar. Sua bolsa estava sempre aberta para seus soldados, aos quais entregava quase por inteiro seu soldo. Nunca deu ouvidos à lisonja, nem foi açodado ao julgar. A idéia da injustiça o afligia”.

III – “Não conheci outro general que dispusesse de um

golpe de vista mais admirável. De um relance, apodera-se da sua situação e da do inimigo”.

IV – “Poderia ser derrotado, o que nunca vi, surpreendido é que não, porque não se descuidava do inimigo, um instante; julgava este capaz de todos os arrojios, e após a vitória, o revés possível”.

Marechal Emílio Luís Mallet.

Osório na visão de outro herói popular no Paraguai, o General Tibúrcio

I – “A V. Exa. que teve a glória de primeiro nos conduzir e guiar através dos mais sérios perigos, ensinando-nos com exemplo de seu inimitável valor e rara abnegação, o caminho da honra, cabe naturalmente a partilha de dar a última demão na grande obra, não obstante já se haver com toda a leviandade proclamado ao mundo inteiro que a guerra estava terminada”.

II – “O Exército exultou de júbilo vendo à testa do Ministério da Guerra o valente soldado de todos os tempos. O general democrata, a garantia de nossa supremacia no sul do Brasil”.

III – “...Foi o campeão que mais ilustrou nossas armas”.

Cel Manoel Deodoro da Fonseca (depois, Marechal Proclamador da República)

Em nome dos oficiais do Exército Imperial: “...Os vossos feitos em tempo algum excedidos levaram à posteridade o nome – Osório – que, por si só muito quer dizer na vida militar; “o que é o seu verdadeiro emblema de sublime e heróico militar”.

Marechal Floriano Peixoto Presidente da República

“Tudo que se fizesse em sua honra seria pouco”.

Visconde de Ouro Preto

Presidente do último Conselho de Ministros

–“De relance, examinava as mais remotas conseqüências de qualquer resolução, ponderando logo todas as circunstâncias que pudessem torná-las nocivas ou benéficas, com uma lucidez de espírito, uma perspicácia, que as possuíam poucos homens públicos, traquejados no manejo dos negócios”.

Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores e historiador

“Nenhum outro general brasileiro foi mais justamente popular e querido do que Osório, grande e ilustre pela bravura, pela lealdade e pelo patriotismo”.

Gaspar Silveira Martins o maior tribuno de seu tempo

“O Rio Grande não tolera outro general que não seja Manuel Luís Osório, ou o Exmo. Sr. Marquês de Caxias”.

Major Alfredo D’Escragnole Taunay Escritor responsável pelo Diário do Exército na Campanha da Cordilheira

Osório “era tão precioso no conselho, como no campo de batalha, se é que aí não se tornava superior a todos. Era general eminentemente tático, de posse de admirável sangue frio no meio dos maiores perigos”.

Homem de Melo – Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro e historiador que o ajudou na Mobilização do 3º Corpo de Exército

I - “Só se ouve um nome em todos os lábios: é o do General Osório”.

II - “Sabe mandar com energia temperada de brandura, sem transpor a linha de uma razoável indulgência”.

Seus comandados do 2º Regimento de Cavalaria

(Em carta de despedida) – “Constante companheiro e amigo, aquele que na paz procura o bem estar de seus camaradas e, na guerra, com o seu exemplo, mostra qual o dever de seus soldados...”, etc.

Gen Bibiano Costallat em 20 de julho de 1892, em nome do Presidente, Marechal Floriano Peixoto

“...Abre-se o peito do Brasil, e do seu coração emerge o vulto grandioso do legendário guerreiro! Osório!... Teu nome só, compõe uma sublime epopéia do pátrio Brasil! Nós vimos, jovens então, tua lança fulgurar na frente de nuvens de fumo e de pó. Vimos tua lança fulgurar na frente de hostes aguerridas que te seguiam arastadas por teu valor! Ouvimos tua voz poderosa dominando o troar dos canhões, chamar a vitória! A tua voz de comando era uma faísca que eletrizava os peitos de teus companheiros de armas! Nós te vimos, condor brasileiro, respirar a largos sorvos o ar dos combates, como se fora teu elemento vital. Vimos tua alma de herói iluminar-se e mostrar-se farol a guiar tuas hostes entusiasmadas! Tu eras digno do Exército que guiavas e o tornastes digno de ti! “

Coronel Martinez

(paraguaio, comandante da praça de Humaitá)

“Esse homem parece sobrenatural, vi-o praticar tanto heroísmo e a sua coragem me assombrou tanto que cheguei a proibir os soldados de atirarem contra ele”.

Rui Barbosa ao recepcioná-lo em Salvador em 1877

“No grande soldado General Osório não aplaudimos senão o grande cidadão. Sua farda é cívica. Sua farda não o discrimina do povo: confunde-o com ele, e de

onde se tem constelado de glórias e onde os seus triunfos representam a espontaneidade íntima da Nação, que estremece por ele”.

Barão de Mauá

“...a bravura legendária do soldado, a perícia e a iniciativa vigorosa do general, têm conseguido firmar nestas regiões platinas, o conceito mais elevado do poder militar do Brasil”.

Pandiá Calógeras, historiador

“Osório compendiava em si a experiência prática, vivida de toda a evolução militar do Brasil, desde a era colonial”.

Cel Emílio Carlos Jourdan, veterano e historiador da Guerra do Paraguai, a pedido do Marechal Floriano Peixoto

“A mais pura glória do Exército e o melhor amigo dos seus subordinados”.

Dr. Cândido Gaffree, presidente da Sociedade Sul-Rio Grandense

“...Nem o granito, nem o bronze deste monumento poderão resistir à memória do vencedor de 24 de maio, guardada pela tradição e consagrada pela historia...Por seu valor, lealdade e patriotismo, sobre todas as grandezas, que lhe eram devidas, alcançou a de incorporar à história nacional os seus feitos gloriosos. Os séculos, longe de desbotar o seu nome, lhe darão mais brilho e vigor...”

Pintor Pedro Américo

–“Homem excepcionalmente forte pelo caráter, e perfeito pelo aspecto físico”.

Oufras Apreciações Sobre Osório

Marechal Jacinto Pinto

“Ninguém vi mais bravo do que ele”.

General Liberato Bittencourt

“Osório se apresentava aos olhos da crítica como organização inteiramente excepcional”.

General Resin

“O ruído do canhão esclarecia-lhe as idéias”.

Palleja (Cel Uruguaio)

“Esta es la tarea (a organização do 1º Corpo de Exército) que el Gobierno há impuesto al Mariscal Osório; otro hubiera retrocedido ante semejante cúmulo de obstáculos e inconvenientes; felizmente el Mariscal Osório tiene la preciosa virtud de no conocer dificultad que pueda vencerse por la firme voluntad de acción”.

Xavier de Oliveiro

“Aqui se aguarda a V. Exa. e é tal o entusiasmo que paisanos e militares porfiam em procurar demonstrar mais a V. Exa. que o General Osório é uma garantia para o Império e o amado do Exército”.

Cap Ataíde Seixas

“O nome da V. Exa. é no Exército tão lembrado que parece já fanatismo ou um delírio”.

Joaquim Manoel de Machado

“Não se sabia o que era mais admirável, se a bravura do ânimo e a força do guerreiro, se o abismo de virtudes do coração do homem público e particular”.

Alfredo de Toledo Costa (Padre Hitchauer)

“Os merecimentos de Osório eram tão transcendentales que deveriam as conseqüências estrondosas acabado a guerra”.

Max von Versen (Major prussiano, muito tempo prisioneiro de López)

“o mais hábil e o mais valente de todos os generais brasileiros”.

Gomes Castro

“Osório, tipo de guerreiro aliado ao tipo de cavalheiro, tipo de bravura irmanado ao tipo do amigo da paz”.

Tobias Monteiro

“Fomos criados ouvindo falar de Osório como uma espécie de semi-Deus”.

Almirante Cordovil Maurity

“ A figura luminosa que deixaste gravada a ouro e fogo nas páginas da nossa história militar é a mais bela e justa personificação da nossa nacionalidade”.

Olavo Bilac

“A auréola de legenda que o cercava não lhe tirava a simplicidade humana”.

Barbosa Lima

“O imortal Osório, coração de leão, gênio dos pampas benfazejo e sábio; águia das coxilhas que tão alto subiste a desvendar no mais longínquo porvir a realidade que te arrobou, transfigurando-te por sobre os campos de batalha; na paz e na guerra, na utopia sublime que o coração te ensinou e que se possa invocar-se em ti, como significativa homenagem, as melhores tradições a as supremas aspirações da Pátria Brasileira!”

Eugênio Vilhena de Moraes, historiador promotor do culto atual de Caxias na República

“Só um insensato, um rematado ignorante ou um cego poderia ter a pretensão de negar a contribuição estupenda do talento militar ou da bravura pessoal de Osório e da sua dedicação sem limites, no início, no meio e no final da encarniçada luta (a guerra do Paraguai), em que tantas vezes expôs a sua vida e nela derramou o seu sangue...”

João Maia, na inauguração do Monumento a Osório em Porto Alegre em 1933

“Quando – narrou um cronista da época – o vulto varonil do notável guerreiro assomou nas dobras do acampamento, de volta ao Teatro de Guerra, um entusiasmo, quase loucura, apoderou-se do Exército. Apenas apertou-lhe a mão, o Conde d’Eu galopou a toda brida, deixando-o atrás para que ele recebesse sozinho as continências da tropa.

Os soldados, infringindo as severas regras da disciplina, os rigorosos preceitos da guerra, saíram de forma, as carreiras, em tropel, e cercaram o valente cabo de guerra. Vivas, hurras, tirar de bonés, agitar de braços casando-se aos sons das bandas marciais, tal foi a recepção nos campos de Piraju, na Campanha da Cordilheira.

Os mais sôfregos, os mais entusiastas apoderaram-se das rédeas do cavalo, e Osório, exausto de comoção, pedia, suplicava que o deixassem passar, e o herói passou entre alas de soldados, que bendiziam a chegada do magistério da vitória.

Que arquétipo outro se assinala nos fatos da nacionalidade com uma tão dilatada veneração...!”

Fernando Luis Osório (filho) na inauguração do Monumento de Osório em Porto Alegre em 1933, representando a família Osório

“Não, é portanto, esta a apoteose senão do profundo brasileiro orgânico de Osório que tinha no coração o futuro da humanidade, como um amigo dos proletários fardados, um predileto dos humildes, na sublime utopia que refulge, num risco de beleza, do páramo sagrado em que circula a nossa história...”

Ten Bayard, em nome da 3ª Região Militar na inauguração do Monumento de Osório em Porto Alegre em 1933

“...O Exército Brasileiro, do qual fizeste parte integrante, que ainda experimenta a tua influência subjetiva, e que hoje representa os teus comandados nas batalhas, sente-se pleno de júbilo, todo entusiasmo, em prestar uma homenagem sincera a seu servidor sem par, que concorreu com todas as suas energias morais, intelectuais e físicas, na guerra como na paz, para o seu bom nome, para a sua glória”!

Oração do Padre Ponciano Stenzel na inauguração do Monumento a Osório em Porto Alegre, 1933

“...Quantas vezes, cavalgando pelos campos de Conceição do Arroio, onde nasci e Osório nasceu, que surgia-me imediatamente à imaginação aquela figura que não era amada, mas adorada, como ídolo do Exército Brasileiro. Era Osório que, com os olhos incendiados pelo fogo do amor da pátria, sustentando na destra a sua lança de ébano e com a sinistra sofrendo o feroso ginete, que apontava à frente em Passo da Pátria, exclamando: “Soldados, fácil é a missão de comandar

homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever, e o nosso caminho está aí em frente...”

Cel Francisco Ruas Santos em 1967 em seu livro Osório

“O General Osório é um herói popular atual, porque na sua pessoa se resumem as melhores qualidades do homem brasileiro. Estudar a sua personalidade é conhecer também as grandes virtudes que a natureza distribui, uma, outra ali, mas só entrega todas a um e outro eleito, muito rara e espaçadamente. O General Osório é o gaúcho perfeito cujos feitos e origens se reflete meio século da formação histórica do Rio Grande do Sul, da Argentina, do Uruguai e do Paraguai.”

Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos (Discurso no Parque Osório, 1970)

“Do ponto de vista militar, o estudo de Osório revela-nos uma dessas naturezas nascidas para comandar, um desses chefes que fascinam, como talvez nenhum outro chefe jamais conseguiu em tão alto grau.”

General Ex Breno Borges Fortes, Cmt. do III Exército (no Parque Osório em 1970)

“O Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório perpetuará no tempo a imagem gloriosa do patrono da Cavalaria Brasileira e ajudará a transmitir, às gerações veteranas, a lição de civismo e brasilidade que Osório nos legou e que são a própria base da nossa existência com nação independente.”

Major Cláudio Moreira Bento em palestra sobre o Centenário do Término da Guerra do Paraguai em 1970, para o Curso da Arma de Engenharia do CPOR/Recife

“General Osório o líder sem igual em combate. Foi a estrela guia em negros horizontes no caminho da luta e da vitória”

ria . Formou-se na Academia Militar das Coxilhas na fronteira do Vai Vem, entre paratátas de centauros , tilin tilins de armas brancas, pontãos de lanças, cargas de Cavalaria, quadrados de Infantaria e troar de canhões, na belicosa coreografia da Arte Militar dos Pampas...”

Do historiador Pedro Calmon no monumento de Osório no Rio em 4 de março de 1979

“O poncho ao vento é a Bandeira do General Osório, que drapeja no fragor da batalha. Comandante Supremo, empunha a lança que hasteiam os soldados. Leva na serenidade da face altiva o fulminante poder de decisão. Cavalga com a ágil segurança dos alferes da Cavalaria gaúcha. Já lhe branqueou a barba, mas parece na frente da tropa o ousado jovem que abandonou tão cedo o barracão da estância para sair de capa e espada em defesa da Pátria... Vem das prodigiosas reservas da raça, confunde-se com as energias vitais da nacionalidade. Ao galope pelas coxilhas é para sempre a visagem do Exército Brasileiro! Nele se conjugam a simplicidade campestre, o dom da poesia, e arrebatada coragem, o senso escrupuloso da Honra, a religião do dever – superior na Guerra dos Farrapos, às obrigações bairristas – e o amor do País – a que se sacrificou na Guerra da Tríplice Aliança, todas as suas resistências físicas. E tem na complexidade das virtudes, a vocação do heroísmo”.

Senador Cel Jarbas Passarinho

“Militar por vocação incoercível, temperado nas lutas armadas desde os 15 anos incompletos, marechal ao estilo dos marechais da França Napoleônica, vindos das fileiras como soldado, galgando posto a posto pela bravura, a escala hierárquica, Manuel Luiz Osório Marquês de Herval. Tinha um lema famoso para explicar seus sucessos militares: “É fácil comandar homens livres; basta apontar-lhes o caminho do dever.”...

Havendo colhido todos os louros nos campos de batalha,

onde à bravura pessoal aliava a brilhante atuação tática, alçado à nobreza pelo, Império, viria já setuagenário e militante do Partido Liberal, em cujas fileiras foi líder, a integrar o Senado do Império, entre 1877 e 1879...

(Senador Jarbas Passarinho Presidente do Senado, na apresentação do livro Senador Osório publicado pelo Senado em 1982).

Cel Arnaldo Serafim em conferência na AMAN, em 28 set 1979, no centenário da morte do herói

“General Osório o chefe mais popular da História do Brasil! Armas em funeral! O bravo dos bravos hoje descansa de sua luminosa caminhada.”

Professora Stella Francisca de Assumpção Osório, trineta do General Osório, representando a família do herói, ao serem depositados os seus restos mortais no seu túmulo definitivo no Parque Osório em Tramandaí-RS

“Osório, filho predileto deste rincão (Rio Grande do Sul). Soldado, cavalheiro, parlamentar, diplomata, estadista, músico, poeta, brioso, modesto, glorioso amante da paz.”

Presidente Emílio Médici, o idealizador do Parque Histórico Marechal Manoel Luís Osório

“Identificado a existência inteira com o desassombro, a emoção e a lealdade da vida de minha Cavalaria; atento à vocação de liberdade que os livres espaços dos pampas de minha terra natal marcam na alma da gente; e todo voltado para os problemas de guerra e paz de meu país; a legenda heróica de Manoel Luiz Osório sempre me fascinou.”

Osório - Pensamento Militar

O dia 10 de maio de 2008 assinala o bicentenário de nascimento de um dos maiores generais da História do Brasil - o Marquês do Herval e Marechal de Exército Graduado Manoel Luiz Osório, atual Patrono da Arma da Cavalaria e o único concorrente, com o Duque de Caxias, ao título de Patrono do Exército Brasileiro. Osório foi o comandante vitorioso de forças brasileiras, argentinas e uruguaias na maior batalha campal da América do Sul, a de Tuiuti, em 24 de maio de 1866.

Apesar de não possuir cursos militares regulares, segundo Calógeras, “Osório compendiou em si a experiência prática, vivida, de toda a evolução militar do Brasil desde a era colonial”.

Analisar parte da experiência prática de Osório em Arte de Guerra, manifestada em seus escritos ou no de testemunhas é o objetivo de nosso ensaio evocativo, no transcurso do bicentenário de seu nascimento, ocorrido em 10 de maio de 1808, em Tramandaí, atual local onde se encontra o Parque Histórico Manoel Luiz Osório, erigido em sua memória em 10 de maio de 1970, por iniciativa do Gen Ex Emílio Garrastazú Médici como comandante do então III Exército (atual CMS) e por ele criado e inaugurado nesta data, como Presidente da República.

Osório e os Princípios da Guerra

À luz dos Princípios de Guerra adotados pelo Exército em seu **Manual de Campanha C 20-230**, ensaiaremos os pensamentos emitidos por Osório, direta ou indiretamente relacionados com os referidos princípios que são por nós

abordados nas obras **História da Doutrina Militar** e **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**.

(Nota) Em alguns casos suas citações aparecerão em mais de um fundamento da Arte da Guerra a explorar.

Princípio do Objetivo: “O que e onde atacar, defender, revistar, manter, destruir, conquistar, emboscar, etc. Onde conduzir a ação principal de uma operação...Fidelidade à missão recebida...”

–“Soldado, enquanto a saúde me permitiu fui servo do dever militar.” (Fonte: **História do General Osório**. v. 2, p. 274)

–“V. Excia. diz que a missão especial do atual Ministério é a defesa do país e a vingança das afrontas aos direitos e a dignidade do Império. E eu respondo à V. Excia. Minha missão e a deste Exército é cumprir ordens do Governador e, possuído dos mesmos sentimentos, prestar ao mesmo Governador franca e leal cooperação, como V. Excia., com justa razão, espera.” (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra de 27 Mai 1865)

–“O soldado prático sabe aproveitar o tempo. A guerra não se faz com ofícios, dúvidas e consultas”. (Fonte: Ofício de 11 Jun 1865 - ao comandante de uma fração em trânsito em Montevideú).

Princípio da Surpresa: “Atacar, defender, retardar, emboscar, etc., onde, quando, ou com um equipamento militar não esperado. Surpresa tática, estratégica ou técnica”.

–“O que mais temo na guerra é a surpresa”. (Fonte: diversas fontes citam esta declaração).

–“Esta marcha estratégica nos separa bastante de nossa base de operações, mas deve prejudicar muito o inimigo o aparecimento de nossas forças no centro de seus recursos e em sua linha de retirada e, com isso poderemos, num só combate, conseguir o fim da guerra”. (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu de 3 Jul 1869).

Princípio da Massa: “Ser mais forte moral e materialmente que o adversário no ponto decisivo...”

–“É preciso atacar por algum ponto com todas as forças disponíveis.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu de 3 Jul 1869)

–“Creio que o Exército deve marchar reunido para agir conforme as circunstâncias.” (Fonte: Carta a David Canabarro, 1865)

-“Entendo que qualquer das forças inimigas que seja batida levá-lo-á a retirar a outra, mas nós não devemos dividir as nossas”. (Fonte: Carta ao General Urquiza).

-“Não sou inclinado à divisão de forças e mormente forças novas, porque ainda me recordo da guerra Cisplatina 1825-28, e estão bem recentes os resultados das operações de julho e setembro no Paraguai, e o fim que tiveram as de Estigarribia”. (Fonte: Carta a Caxias, 15 Abr 1867).

-“Enquanto a vitória não está consumada não se distraem forças.” (Fonte: Carta de 17 Set 1870 a seu filho Fernando).

-“Se uma força não é bastante forte para proteger uma linha de comunicações, conservando-se à distância do inimigo em posição escolhida e organizada defensivamente, muito menos o será estacionando fracionada em diversos pontos, exposta ao fogo do inimigo, em más posições, suscetível de ser atacada a cada momento por forças superiores.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu, citado).

-“O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro. Vamos nos reunir na campanha ou cá dentro (em Porto Alegre), e ver se conseguimos batê-lo por partes.” (Fonte: Carta de 4 Set 1837 a um chefe legalista na Revolução Farroupilha).

-“Se as forças e recursos do país não permitem a execução de tudo que prescreve a Arte da Guerra, atenda-se ao mais urgente, para ser mantido em respeito o território nacional”. (Fonte: Carta ao Dr. Cristiano Otoni em 31Ago1873).

Princípio da Segurança: “Pelas Informações (o máximo conhecimento da Missão, Terreno, Inimigo e Meios). Pelo dispositivo (reserva, compatível, etc) e pela Contra-Informação...”

-“Qualquer que seja o ataque, devemos ter um ponto que nos sirva de apoio em qualquer que seja a emergência.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu em 3 Jul 1869. O referido ponto forte na Batalha de Tuiuti foi constituído pela 3ª Divisão de Infantaria ao comando do General Sampaio).

-“As notícias podem ser falsas, mas é bom prevenir-se”. (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865).

-“Ao preparar uma ação ofensiva é preciso considerar que o inimigo muitas vezes também pensa atacar e, por isso, devem-se

tomar as devidas cautelas.” (Fonte: referido pelo General Bartolomeu Mitre - Presidente da República Argentina).

- “Não sou inclinado à divisão de forças, e mormente forças novas, porque ainda me recordo da Guerra Cisplatina 1825-28.” (Fonte: Carta a Caxias, 15 abr 1867)

- “Um combate desigual, por condições de terreno e porque o inimigo ameaça nossas comunicações, é sempre perigoso, tanto mais, que uma retirada nem sempre é possível por maus caminhos que por ele podem ser cortados”. (Fonte: Carta ao General D. José Suarez em 18 Fev 1866).

- “Uma informação pode não ser exata, convém pois acautelar-se”. (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra em 28 Mai 1865).

- “A maior de todas as dificuldades na guerra é a desmoralização que lavra, resultado de notícias exageradas e das apreciações mal feitas pela Imprensa, dos recursos e poder do inimigo.” (Fonte: Carta a seu filho Fernando).

- “A correspondência por telegrama é perigosa porque é fácil de falsificação e não chega ao destino com a assinatura de quem a expede.” (Fonte: Carta a Bordini, 28 Mai 1879).

- “A vanguarda deve ser tão forte que dê tempo, sem perigo, à reunião dos recursos longínquos de que se possam dispor.” (Fonte: Parecer ao Dr. Câmara de 18 Ago 1873).

Princípio da Manobra: “Através de movimentos rápidos e seguros colocar nossos meios em melhor posição face ao inimigo”.

- “O projeto de manobra que não assenta no cálculo exato das forças que a deve efetuar é caduco por si mesmo”. (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu em 3 Jul 1869).

- “O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro. Vamos nos reunir na campanha ou cá dentro, e ver se o conseguimos bater por partes”. (Fonte: Parecer na Guerra Farroupilha).

- “É preciso manobrar como as circunstâncias aconselham, até ter forças para derrotar o inimigo.” (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865, quando da invasão do Rio Grande pelo Paraguai).

- “É perigoso amoldar o plano de campanha à vontade do inimigo”. (Fonte: Carta a David Canabarro em 1865, quando da

invasão do Rio Grande pelo Paraguai).

-“A primeira condição para uma boa cavalaria é a velocidade e esta depende da excelência dos cavalos.” (Fonte: Carta a Caxias de 15 Abr 1867).

-“Nunca se deve descuidar de manter a capacidade de movimento de um exército, e muito menos enfraquecê-lo na sua Cavalaria. O inimigo de quem isto não se pode esconder, mesmo batido, tudo usará para manter elevado o próprio moral.” (Fonte: Carta ao Barão de Muritiba de 15 Abr 1869).

-“A estrada de ferro é o único meio para manobrar-se com rapidez, ou seja, para defesa ou para a invasão.” (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank Câmara em 18 Ago 1873).

Princípio da Ofensiva: “Só a atitude ofensiva conduz à vitória. Atitudes ofensivas na ofensiva, etc. Combater é atacar e contra-atacar para conquistar, manter a iniciativa e impor a vontade ao adversário...”

-“É preciso combater para vencer e por algum ponto deve-se atacar com todas as forças disponíveis.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu em 3 Jul 1869).

-“O adversário é que irá nos ensinar o caminho de Assunção, cabendo a nós remover os óbices da estrada”. (Fonte: Ofício ao Almirante Tamandaré de 6 Fev 1866).

-“Asseguro-lhe que sobra desejo e não faltará empenho de minha parte, para logo que as circunstâncias o permitam, tentar algum golpe sobre o inimigo, só recuando diante do impossível.” (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, 1865).

-“O Governo Imperial bem terá entendido que a defesa de nossa fronteira será eficaz se tivermos meios prontos de invadir o território inimigo”. (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank da Câmara em 18 Ago 1813).

-“É preciso energia. A guerra não se faz com abraços”. (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, Dez 1866).

- “As dificuldades não me quebrantam o ânimo.” (Fonte: Carta ao Ministro da Guerra, Dez 1866).

-“Adiante leões!... Carreguem camaradas! Acabem com este resto! Mais uma carga camaradas!” (Fonte: Estímulos aos soldados brasileiros em Tuiuti e Avaí).

Princípio da Unidade de Comando: “Qualidades de Chefia e condições legais e estruturais (comunicações) para o exercício do comando em toda a sua plenitude. Disciplina intelectual dos executantes de uma operação...”

-“Uma nação dividida e desconfiada de seu governo é fraca para uma grande guerra externa.” (Fonte: Carta a Silveira Martins de 28 Out 1872).

-“Nenhum general pode prestar serviços verdadeiros e reais e desagrar a nação se não contar com o apoio do país, o qual é a verdadeira força.” (Fonte: Discurso em Porto Alegre, 1871).

-“O soldado deve ter sempre em mente as leis militares, para não incorrer em faltas, para reconhecer seus deveres e saber até onde vai o seu direito. Deve fielmente cumprir as ordens que lhe dão e, sendo possível, em menos tempo que o que lhe foi marcado.” (Fonte: **História do General Osório**)

-“Quando não há capacidade, se todos ajudarem um pouco, faz-se muito.” (Fonte: Carta ao compadre Mascarenhas, 22 Ago 1876).

Princípio da Economia de Meios: “Distribuição judiciosa e compatível de meios disponíveis por todas as ações”.

-“A proporção das forças das diversas armas deve corresponder à natureza da guerra e dos meios de que dispõe o inimigo.” (Fonte: Ofício ao Ministro da Guerra, 27 Jun 1865).

Princípio da Simplicidade: “Manobra, planos e ordens simples transmitidas aos executantes, com clareza, precisão e concisão e facilmente entendidos por todos os executantes...”

-“É fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever. Camaradas, vosso caminho está aí à frente.” (Fonte: Ordem do Dia em Passo da Pátria em 15 Abr 1866).

-“Eia Camaradas! Aqui só há Deus e as nossas armas!” (Fonte: Contado pelo Cel Joaquim Azevedo sobre expressão usada por Osório ao repelir ataque em Passo da Pátria).

-“Qualquer que seja o ataque devemos ter um ponto forte que nos sirva de apoio em qualquer circunstância.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu em 3 Jul 1869).

Osório, a Estratégia e a Logística

A seguir, alguns pensamentos de Osório relacionados com a Estratégia Militar e a Logística.

Estratégia Militar: Consiste nas atividades de planejamento, preparação e aplicação dos meios militares do Poder Nacional, para promover o emprego da Força, esta, tradução dinâmica da vontade de vencer uma guerra na hipótese considerada e em acordo com a Doutrina Militar decorrente. (Um conceito).

-“A junção de diferentes colunas, nas proximidades do inimigo é sempre perigosa, quando, este pode rechaçá-las uma após outra, quando não se sabe a força que ele dispõe e não se pode calcular ao certo o tempo que é necessário para o movimento das mesmas.” (Fonte: Parecer ao Conde D’Eu, 3 Jul 1869).

-“Esta marcha estratégica nos separa bastante de nossa base de operações, mas deve prejudicar muito o inimigo o aparecimento de nossas forças no centro de seus recursos e em sua linha de retirada e, com isso, poderemos em um só combate conseguir o fim da guerra.” (Fonte: idem anterior).

-“O Humaitá ainda resiste, porém em estreito sítio e creio que ele caído pouco durará a guerra.” (Fonte: Carta a filha - **História do Gen Osório**, vol. 2, p. 432).

-“A estrada de ferro é o único meio conhecido para manobrar-se com rapidez; ou seja, para a defesa ou para a invasão”. (Fonte: Parecer ao Dr. Ewbank da Câmara em 18 Ago 1873).

-“A construção de estradas de ferro será sempre o principal meio de defendermos a fronteira, ou seja, para desconcertarmos os planos do inimigo.” (Fonte: idem anterior).

-“As estradas de ferro devem formar um sistema estratégico.” (Fonte: Parecer ao Dr. Cristiano Otoni em 31 Ago 1873).

-“O inimigo está dividido, aproveitemos o seu erro.

Vamos nos reunir na campanha ou cá dentro (de Porto Alegre) e ver se o conseguimos bater em detalhe”.

-“Falou-se muito em atacar Humaitá, porém hoje esta idéia está arrefecida. Não me parecia razoável atacar-se essa fortificação permanente; porque contém ela elementos tais de defesa que não seria acessível ao ímpeto de nossas baionetas, e então ficaria o Exército Aliado desmoralizado completamente. Para exemplo não nos basta a hecatombe de Curupaití?” (Fonte: Carta ao filho Fernando, 29 Mai 1868).

Logística: É a parte da Ciência e da Arte Militar encarregada de prever para prover. Prever, ou seja, planejar, organizar, dirigir, controlar e coordenar a produção ou aquisição de suprimentos e serviços necessários às operações militares. Prover é fornecer suprimentos ou prestar serviços no local, hora e quantidades previstas, essenciais á vida de uma força em campanha.

- Ao testemunhar sobre uma amarga experiência, como Alferes do 5º RC, durante a guerra da Cisplatina, 1825-28, no Acampamento Real da Carolina em Santana, concentração do Exército até o Marquês de Barbacena assumir o comando:

“Na concentração em Santana, enterrou-se mais de 700 soldados mortos quase à fome, no estado mais deplorável, sem medicamentos, sem hospitais. Tudo era miséria. Eu vi muitas vezes, quando se retiravam os batalhões do exercício, deixarem nas linhas das diferentes manobras soldados como se estivessem mortos no campo de batalha, tendo caído em seus postos, semi-vivos, extenuados de fome. Eles não tinham um pouco de farinha nem sal; o seu sustento diário eram duas libras de carne assada. E estávamos senhores, em nosso território! As carretas não tinham condutores, porque estes estavam em armas, eram os primeiros soldados que para ali se chamaram. De maneira que o general (Massena Rosado) estava sitiado no seu próprio país e vendo seus soldados morrerem de fome! Ainda há de haver alguns desse tempo, tão velhos

hoje como eu, então bem moços." (Fonte: SANTOS, **Osório**, p. 20).

- "As munições e mais artigos de guerra de que necessita o Exército devem ser abundantes para o que devem haver depósitos fixos e móveis." (Fonte: Ofício ao Ministro da Guerra em 27 Jun 1865).

- "Combater é o de menos enquanto a fortuna ajuda. O difícil é depois acomodar os feridos, enterrar os mortos, reorganizar tudo, não tendo fartura de meios." (Fonte: MAGALHÃES, **Osório**, p. 318).

- "Convém que o depósito de pessoal esteja próximo do Exército, para que as baixas possam ser facilmente preenchidas." (Fonte: Ofício ao Min da Guerra em 18Nov1865).

- "O oficial baixado no hospital perde a gratificação adicional, perde o meio soldo, perde a etapa, porém não diminui o ventre dele nem o dos filhos." (Fonte: Discurso no Senado em 13 Set 1877).

- "Nesta terra, o cavalo ou boi que não é tratado a milho e a alfafa morre sem remédio." (Fonte: Carta à esposa em 17 Ago 1867)

- "Neste lugar onde estou acampado (arroyo Santa Luzia) vi o Exército do Brasil em 1823, combatendo quase todos os dias nus. O próprio General sofria o que todos tinham - muquiranas. Duas libras de carne magra eram a ração do soldado; e calçado era de pelego; o soldo pagava-se de 15 em 15 dias." (Fonte: MAGALHÃES, **Osório**).

Da análise do pensamento militar do General Osório conclui-se da grande ênfase que emprestava aos princípios de guerra da Massa, da Segurança e da Manobra.

Nota: História da Doutrina Militar. Obra editada pela AMAN e elaborada pela sua cadeira de História Militar em 1978 e patrocinada pelo EME, esta até hoje em uso na AMAN e **Como estudar e pesquisar a História do Exército**, de nossa autoria, mandada editar pelo EME através do EGG-CF em 1978 e reeditada pelo EME em 1999, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB).

A Projeção Política da Amizade entre Duque de Caxias e o Marquês do Herval

A grande amizade Caxias x Osório teve início na cidade de Pelotas em 1839, quando Caxias era Tenente-Coronel e Osório, Capitão desde 20 ago 1838, depois de 11 anos como tenente.

O Dr. Sebastião do Rêgo Barros foi obrigado a viajar ao Rio Grande do Sul, tendo levado como seu assessor o Ten Cel Luiz Alves de Lima e Silva, comandante há 8 anos dos Guardas Municipais Permanentes da Corte, raiz histórica da atual Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMRJ).

A viagem ministerial coincidia com o retorno de Bento Gonçalves ao Rio Grande depois de fuga espetacular do Forte do Mar, na Bahia, com auxílio da Maçonaria.

Na tropa, havia queixas contra o General Elzeário Miranda Brito, português nascido em Lisboa, engenheiro militar que assumira o comando das Armas da Província prometendo acabar com a revolução no que denominou – “Um passeio de 17 dias”. Foi muito mal sucedido operacionalmente e politicamente, por apoiar-se em legalistas radicais. A par disso fora acusado de discriminar oficiais nascidos no Brasil. Chefe que focalizamos em **História da 3ª Região Militar, 1808-1953 e Antecedentes**. v. 1, p. 31.

O ambiente de descontentamento criado por Elzeário obrigou o futuro Almirante Grenfell a pedir demissão do comando naval da Província depois de haver realizado completo domínio naval nas lagoas e rios navegáveis do Rio Grande e ter feito em Pelotas séria tentativa de paz. Esta, não concre-

tizada por interferência de Silva Tavares, que desrespeitou convênio firmado, conforme abordamos ao focalizar Greenfell em **Estrangeiros e descendentes na História Militar do RGS**. Porto Alegre, IEL, 1975.

O Capitão Osório, por sua liderança, foi encarregado de representar seus companheiros em audiência ministerial a qual o futuro Duque de Caxias assistiu.

O que o Ministro da Guerra e Caxias viram e ouviram no Rio Grande desmentiram este conceito firmado pelo Gen Elzeário Miranda Brito sobre Osório, ao este pedir reforma em razão de situação financeira crítica de sua mãe em Caçapava do Sul, ao ficar viúva, e a pensão militar concedida a seu pai jamais haver sido concretizada.

“Este oficial (Cap Osório) é de gênio muito intrigante, tanto que todas as desinteligências que há na força estacionada em São Gonçalo (região de Pelotas) se atribuem ao seu inquieto humor, como V. Excia presenciou”.

O despacho do seu requerimento indicou que devia ser atendido **“mas que a Osório devia o governo estabelecer sua residência fora da Província”**, até o término da Revolução Farroupilha.

Pouco mais tarde Osório recebeu este elogio do substituto de Elzeário, o Ten Gen Manoel Jorge Rodrigues: **“Serve na luta atual com bastante distinção. E merece o respeito geral”**.

Em 7 Abr 1841 Osório recebeu a seguinte indicação do comandante das Armas Mal Thomaz Pereira Valente, a quem Caxias substituiria: **“Merece ser major de 1ª Linha e a condecoração do Cruzeiro”**.

Segundo o Cel J. B. Magalhães, em **Osório**. Rio, BIBLIEX, 1978, ao Caxias assumir o comando do combate à revolução, **“tudo começou a caminhar como por encanto. Não mais prevaleceram as intrigas e as disputas por influências e prestígios”**.

Osório reencontrou-se com Caxias e continuou a amizade iniciada. Osório comandava o 2º Regimento de Cavalaria Ligeira (2º RCL) em Bagé e muito auxiliaria Caxias na pacifi-

cação. Esteve presente em Ponche Verde quando incorporou em seu Regimento, como livres, Lanceiros Negros libertados pela cláusula 4 do Convênio de Ponche Verde: - **“São livres e como tal reconhecidos os escravos que lutaram pela Revolução Farrroupilha”**.

Caxias encarregou Osório, à frente de seu citado 2º RCL, da proteção entre Rio Grande e Pelotas, no Rincão da Torotama ou dos Touros, das cavalcadas que ali concentrou para montar o Exército, que recebera a pé, no Passo do São Lourenço no Jacuí, a montante de Cachoeira do Sul.

Osório repeliu uma tentativa farrapa de conquista desta cavalcada, perseguindo os atacantes até Piratini. Foi então que Caxias o chamou e disse-lhe:

“Major Osório, o corpo ao seu comando é modelar. O Governo deve-lhe uma promoção. Previno-o que vou pedi-la ao Ministro da Guerra!”

Em Jul 1844, Caxias teve atendida a sua recomendação de promoção de Osório a Ten Cel, continuando à frente de seu modelar 2º RCL, cujo grande conceito se firmara no Exército e no Povo Gaúcho. Unidade para a qual não faltavam voluntários trazidos e apresentados pelos pais, dada a confiança que Osório desfrutava na fronteira.

Caxias confiou ao Ten Cel Osório a delicada missão diplomática de manter o líder uruguaio Rivera afastado das negociações de paz com os farrapos. E segundo seus biógrafos, Osório desincumbiu-se muito bem.

Segundo o historiador Pandiá Calógeras, ex-ministro da Guerra, na obra **Res Nostra**, a partir daí Osório impôs-se **“como homem indicado para missões que exigissem tato, coragem, finura e jeito”**.

Ganhou a confiança do amigo e chefe agora Barão de Caxias ao ponto deste confiar ao seu 2º RCL a escolta do jovem Imperador D. Pedro II, de Rio Pardo a São Gabriel, com a seguinte recomendação: **“Cuidado, Ten Cel Osório! O Imperador é jovem, só tem 20 anos e há de querer correr”**.

E Osório preparou uma escolta montada só com cavalos brancos o que impressionou vivamente o Imperador e co-

mitiva. Mas a amizade Caxias x Osório se firmava cada vez mais.

Pacificada a Farroupilha, Caxias decidiu concorrer a um mandato parlamentar, condição para que pudesse ser Ministro da Guerra, privativa de parlamentares.

E presidindo a Província em Porto Alegre, dirigiu carta ao Ten Cel Osório da qual reproduzimos este trecho:

“... Vá para Bagé e cabale forte e deixe o mais por minha conta. Os soldados não votam, para que não se diga que quero impor uma eleição a baioneta. Porém cabos, sargentos e oficiais não deixam de fazer número. Seu camarada e amigo - Conde de Caxias”.

Em 22 Set 1846, Caxias escreveu a Osório sobre a sua eleição e escolha:

“Já saberá que sua Majestade o Imperador, no mesmo dia que chegou à Corte a ata das eleições, escolheu-me senador por esta Província. Isto é, completou a obra que Vossa Senhoria e mais amigos principiaram”. (A. de Carvalho. **Caxias**. cit, p. 155).

Caxias foi eleito senador pelo Partido Conservador e Osório deputado provincial pelo Partido Liberal da Província sulina.

A amizade entre Caxias e Osório, a esta altura, era íntima. E isto, pelos próximos 30 anos, teria um significado expressivo para o progresso do Exército. Segundo o Cel J. B. Magalhães em **Osório**, cit:

“Para o Exército subsistiam razões para que ao lado de líderes civis da época estivesse no Senado uma figura da representatividade de Caxias, como intransigente advogado da classe e da instituição militar e seu legítimo intérprete junto à Coroa”.

A grande projeção para o Exército da amizade de Caxias, Conservador e Osório, Liberal e que perduraria por mais de 30 anos, residiu no fato de, em matéria de Exército, **“não fazerem política no Exército, mas sim a política do Exército,”** acima de interesses partidários.

E assim se mantiveram, mesmo depois de um inciden-

te, contornável entre velhos amigos íntimos, que foi super potencializado por sua intensa exploração política no Parlamento e pela Imprensa, ao ponto de provocar em 1877 um leve abalo nas relações entre ambos, senadores gaúchos pelos partidos Conservador e Liberal, sendo então Caxias Chefe do Governo e Ministro da Guerra. Estavam ambos, Osório e Caxias, muito desgastados por saúdes precárias e desgostos por perdas de entes muito queridos.

Tanto que depois do incidente referido, em sessão do Senado de 5 Out 1877, presente o senador Duque de Caxias, Chefe do Governo e Ministro da Guerra, o senador Osório e Marquês do Herval apresentou proposição consistente em vender-se campos no Rio Grande do Sul, que o governo possuía longe dos quartéis em Bojurú, São Vicente e São Gabriel, para adquirir-se campos junto aos quartéis onde pudessem ser mantidos os cavalos para usos em emergências na fronteira.

O senador Duque de Caxias presidente do Conselho de Ministros (chefe do Governo) e Ministro da Guerra solicitou um aparte ao senador Osório:

“O que propõe o nobre senador Osório me parece conveniente! Com os recursos que existem na Província do Rio Grande do Sul e no local que estão colocados estes campos, deixam eles de prestar bons serviços para as necessidades da fronteira. A idéia do nobre senador (Osório) de colocá-los próximos dos acampamentos é de suma vantagem e por isso não me oponho a que se conceda autorização”.

Caxias foi substituído no Ministério da Guerra por Osório, em 5 Jan 1878, retirando-se muito doente para Santa Mônica, após cumprir a sua mais ingrata e penosa missão, a Chefia do Gabinete São João (1875-77) onde, ao iniciar, pacificara a Questão Religiosa.

Logo depois, em outra sessão do Senado, um senador insinuou que Osório estava fazendo uma crítica ao seu antecessor no Ministério da Guerra - o Duque de Caxias. Tomado de viva indignação o senador e Ministro da Guerra Osório falou categórico:

“Declaro ao Senado que repilo a insinuação, porque se esse general, por cuja vida (saúde) faço votos na sua doença, esqueceu por um momento os abraços do amigo dedicado no perigo, não atribuo isso à sua vontade, nem à ingratidão. Qualquer um de nós pode sofrer uma grave enfermidade. Eu nunca soube senão respeitá-lo!”

Estas duas colocações demonstram que o incidente que abordaremos ao final foi superado. Osório atribuiu o desencontro a doença de Caxias, mas não a má vontade ou ingratidão deste.

Mas voltemos ao período pós-farroupilha, para continuar balizando a amizade entre Caxias e Osório, e os benefícios para o Exército, particularmente na boa condução das operações nas guerras externas do II Reinado.

Na Guerra contra Oribe e Rosas, 1851-52 Caxias, como Comandante-em-Chefe do Exército Brasileiro em operações, encontrou em Osório um auxiliar valioso. Caxias o usou como oficial de Ligação com o general argentino aliado Urquiza, com vistas à realização de operações conjuntas. Osório, em trajes civis, e com duas ordenanças, partiu a procura de Urquiza, atravessando perigosa campanha uruguaia. Quando Caxias julgava Osório em viagem de ida este já tinha voltado. E permaneceu longo tempo em campanha junto a Caxias, participando dos entendimentos entre os generais aliados, o uruguaio Eugênio Garzon e o argentino Urquiza.

Caxias designou Osório, com o seu 2º RCL, para integrar a Divisão Brasileira que colocada à disposição de Urquiza combateu em Monte Caseros. Ali, Osório teve destacado papel operacional para a vitória. Isto lhe valeu a indicação por Caxias a promoção a coronel, o que teve lugar em 3 Mar 1852.

Ao partir para o Rio, Caxias deixou esta mensagem ao Cel Osório, através de um oficial:

“Transmita este abraço ao nosso Osório. Ele é o maior guasca (bravo, destemido, valente) da Província e que mais naipes (louros) colheu em Morón (Monte Caseros). Dê-lhe este recado e que disponha deste amigo na Corte”.

Mais tarde, Osório sentiu-se perseguido por Ângelo Muniz Ferraz, presidente do Rio Grande e agora presidente do Conselho de Ministros. Isto o levou ao Rio para pedir reforma, no que foi desestimulado, inclusive por Caxias, que o tranqüilizou:

“Não tenho a menor apreensão sobre coisas do Exército e dessa Província (Rio Grande). Conheço muito bem o atual Ministro da Guerra (Sebastião do Rêgo Barros), o qual me merece muita confiança bem como o Sr. Manoel Felizardo (demissionário)”.

Caxias, ao assumir o Ministério da Guerra e o Conselho de Ministros em 1862, manteve Osório no comando da Fronteira do Jaguarão.

Certa feita, ao Osório viajar a Uruguaiana, espalhou-se este boato político:

“Osório foi tramar uma guerra para promover o surgimento de uma nova nação pela união do Rio Grande com o Uruguai”.

Politicamente, o Conde de Porto Alegre “deu crédito à calúnia” e escreveu ao Rio no sentido de que Osório fosse chamado à ordem. A carta foi parar nas mãos de Caxias que a mostrou ao Imperador e seus companheiros de Gabinete de Ministros, **“como um exemplo das teias caluniosas da época”**.

Caxias amorteceu e depois anulou a calúnia contra o amigo. Mas Osório ficou indignado e escreveu a Caxias seu amigo e defensor na Corte:

“Enquanto dura o perigo não sofro acusação de separatista. Acaba-se a guerra logo começam os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista, insubordinado, etc. O Barão de Porto Alegre foi ultimamente alistar-se nesta roda. Não poderia ele me fazer uma ferida tão dolorosa, tão infundada quanto ofensiva. Se de fato a notícia não chegasse a mim pela letra de V. Excia, dela duvidaria, porque a perversidade é demais”.

Vê-se quão difícil foi a vida política de Osório. Não fora Caxias defendê-lo com o seu imenso prestígio junto ao Impe-

rador, talvez outro tivesse sido o seu destino.

Passada esta onda, outras calúnias contra Osório prosperaram e terminaram por afastá-lo do Rio Grande para servir no Rio de Janeiro sem comissão. Sua despedida do Rio Grande foi entusiástica. Liderava a oposição contra ele o Conde de Porto Alegre e o Cel José Luiz Mena Barreto.

Caxias mais uma vez defendeu o valoroso amigo junto ao Imperador. Conseguiu que a intriga fosse anulada por força do Poder Moderador do Imperador. E o Brigadeiro Osório reassumiu a Fronteira do Jaguarão. E mais uma vez o salvou o dedo providencial do amigo Caxias junto ao Imperador.

E eclodiu a Guerra do Paraguai. Caxias, convidado pelos liberais para o Comando-em-Chefe, com apoio em suas imunidades como senador, recusou, por não terem lhe assegurado as condições de assumir a presidência do Rio Grande, à qual se subordinava a Guarda Nacional, e ser o Ministro da Guerra, o Visconde de Camamú, o seu único inimigo no Exército. Assim ele seria crucificado!

Mesmo assim empenhou-se nos bastidores para que seu amigo general Osório assumisse o Comando-em-Chefe, o que de fato ocorreria para sua satisfação.

Sobre a escolha de um Comandante-em-Chefe, escreveu artigo Gaspar Silveira Martins, cuja ascensão política muito estava a dever a indicação e empenhos de Osório:

“O que é fora de dúvida é que o Rio Grande do Sul concorre com a maior força de todo o Império e não tolera outro general que não seja Manoel Luiz Osório ou o Exmo. Sr. Marquês de Caxias.”

Conceito partido de um liberal. E, com o Partido Liberal no poder, Osório comandou até a batalha de Tuiuti, em 24 Mai 1866, retirando-se por doença.

Antes, ao defrontar-se com a invasão do Paraguai, Osório escreveu ao seu amigo Marquês de Caxias, como parte da correspondência que mantiveram:

“Temos apalrado o imenso e respeitável rio Paraná e parece que ao final teremos de passar o mesmo sobre o campo de Lopes (dirigente do Paraguai). Ou entre este

campo de Lopes e Humaitá, indo contra as regras da arte (militar). Que fazer? Ou não ir lá ou correr o risco”. (J. B. Magalhães, **Osório**. p. 130). Campo de Lopes refere-se ao território paraguaio.

Quando Osório, muito doente, foi obrigado a retirar-se do Comando-em-Chefe, foi confortado por carta pelo amigo Marquês de Caxias.

Caxias foi nomeado Comandante-em-Chefe, depois do desastre militar aliado de Curupaiti, classificado por Osório de hecatombe. Em Curupaiti, os desentendimentos entre o presidente Mitre da Argentina, Gen Polidoro Quintanilha Jordão, Comandante-em-Chefe brasileiro, o Conde de Porto Alegre e o Almirante Inácio e Visconde de Inhaúma, de nossa Marinha, feriram de morte o Princípio de Guerra da Unidade de Comando.

Um dos primeiros atos de Caxias como Comandante-em-Chefe foi convidar Osório para retornar ao Teatro de Guerra à frente do 3º Corpo de Exército, a ser organizado no Rio Grande do Sul. E Osório, mesmo doente, aceitou o convite do amigo. E Caxias, convencido da sua capacidade de bem se comunicar com os gaúchos, escreveu a Osório:

“Fale com estes guascas (bravos, destemidos, valentes) naquela linguagem que nós dois sabemos lhes falar!”

Caxias empenhou-se em fazer Osório comandante das Armas da província sulina. Incumbiu-lhe de formar uma força de Caçadores a Cavalos, em condições de combater como Infantaria na falta de cavalos. Caxias então escreveu a Osório:

“V. Excia deu-me a resposta que eu esperava... conheço-o como um homem de bem que sabe ser amigo de quem o estima...As coisas estão num tal estado que precisamos andar muito unidos e ligeiros para que não vejamos perdido tanto sangue já derramado por nossos patrícios brasileiros e voltarmos para casa no fim, cheios de vergonha...Cure a sua perna e vá reunindo gente, pois para montar a cavalo quase que uma perna só é suficiente ...Nos negócios da guerra atual tem carta branca minha...E ande ligeiro que o

negócio urge, e não lhe posso dizer mais nada...”

A missão de Osório foi dificultada pelo presidente da Província, que protegia os relapsos, por interesses políticos, pelo comandante superior da Guarda Nacional gaúcha e pelo Barão do Serro Alegre, João da Silva Tavares, que havia sido derrotado em 10 Set 1836 no combate do Seival por Antônio Neto. Este depois foi o comandante da Vanguarda de Osório até Tuiuti, como brigadeiro do Exército e não mais um farrapo.

O Barão Homem de Mello, grande historiador que foi vice-presidente do IHGB e Ministro da Guerra, e que pronunciaria a oração oficial por ocasião da fundação do Colégio Militar do Rio de Janeiro, como seu professor, foi presidir o Rio Grande do Sul. E assim lamentou em carta Osório, a quem ele muito ajudou em sua missão:

“Lastimo o mal até então feito e o fato de não ter vindo a mais tempo presidir a Província...”

A partir daí, segundo o Gen Tasso Fragoso em **A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai**. Rio, BIBLIEx, 1954. 5v, “teve início uma colaboração estreita e ininterrupta entre o Barão Homem de Mello, presidente e o Gen Osório, comandante das Armas da Província”.

Ao despedir-se Osório de Homem de Mello, rumo ao Teatro de Guerra, falou-lhe:

“Tenha pena de mim como eu tenho de V. Excia, Presidente!”

Homem de Mello foi o 1º biógrafo de Andrade Neves, o Barão do Triunfo. Ele faleceu em Itatiaia em 1918, vítima da Gripe Espanhola. É nosso patrono na Academia Itatiaense de História. É autor do primeiro roteiro de acesso ao Maciço do Itatiaia. Foi ele que indicou o local do atual Centro de Recuperação de Itatiaia (CRI).

Caxias escreveu a Osório em 4 Abr 1866, expondo-lhe o seu Plano de desbordamento e isolamento por terra e água de Humaitá:

“Tenho projetado fazer um movimento com o Grosso do Exército pelo nosso flanco direito, deixando ocupada a

nossa atual posição, com forças capazes de oferecer resistência a qualquer ataque que os paraguaios possam empreender. Julgo conveniente que V. Excia, depois de operar junção com a 4a Divisão do General Portinho, desça o rio Paraná e passe ao Cerrito, caso julgar que a força que V. Excia dispõe para isso seja suficiente. Ou então venha até o Itati, onde a salvo pode atravessar o rio..."

Caxias não ordena, deixa como sempre a conduta ao livre arbítrio do amigo.

Sobre o plano de desbordar e isolar Humaitá, Caxias escreveu ao amigo Osório:

"Se V. Excia tiver alguma opinião diferente e lembrar mais alguma coisa a ser feita, rogo-lhe que como bom camarada, me auxilie escrevendo-me o quanto antes, porque o que desejo é acertar..."

Veja-se a grandeza e humildade de Caxias neste gesto de consulta ao amigo! Osório respondeu concordando com o plano relativo a Humaitá, transmitiu a experiência que adquiriu naquele Teatro de Guerra e se revelou muito preocupado com o segredo que o amigo e chefe lhe confiou. E a certa altura escreveu em resposta:

"Na minha marcha irei mandando próprios a V. Excia. O portador, que é o major Faustino, dará a V. Excia alguns pormenores. Mas não me diga o que não quiser que ele saiba".

E, sempre confiando um no outro, conduziram o Exército Brasileiro à vitória, escrevendo então juntos as mais belas páginas da História do Exército Brasileiro, na Marcha de Flanco de Humaitá, na marcha de Flanco de Piquiciri, pelo Chaco e na Dezembroada. Eventos amplamente abordados na farta bibliografia sobre o conflito.

Caxias, doente, retirou-se vitorioso do Teatro de Guerra, onde permaneceu Osório. E ambos trocaram intensa correspondência e confidências da qual vai uma amostragem:

Ao chegar ao Rio onde só foi recebido pela esposa, Caxias recolheu-se ao seu sítio na Tijuca, local da atual loja da Mesbla, e de lá escreveu ao amigo:

"Vim para o sítio da Tijuca para ficar mais longe dos

foguetes e músicas da cidade, acompanhados de longos discursos, que é coisa com que se pagam os militares que tem a fortuna de não morrerem”.

E noutra carta a Osório, desiludido, confia ao amigo em certo trecho:

“Ainda não fui à cidade desde que aqui cheguei e ando cada vez mais aborrecido dos homens e das coisas deste mundo de enganos...”

Em 6 Ago 1869, em outra carta a Osório, revela seu interesse pelo amparo das famílias dos seus comandados que pereceram em ação:

“Tenho feito daqui o que posso pelas famílias dos nossos camaradas mortos na guerra e já, para quase todas, tenho obtido pensões, mas ainda faltam esclarecimentos a respeito de alguns...”

E revela a sua decepção com a ingratidão de pessoas as quais mais bem ele tinha feito, compreendo a amargura da velhice de muitos, pelas ingratidões e decepções recebidas ao longo da vida. Osório, em resposta, confia-lhe:

“...que um certo ministrinho Alencar, seu votante (eleitor de Caxias) disse que este seu criado nem merecia a confiança da nação e que eu era um defunto estúpido”. E concluiu escrevendo:

“Responderei como V. Excia quando em certa época me escreveu e disse-me – Ah, meu Osório, que canalha é esta com a qual temos que viver...?”

Em carta de 28 Jun 1870, Caxias mais uma vez confidenciou a Osório e o alerta:

“Aqui estou sofrendo as intrigas provenientes dos serviços que caí na asneira de prestar ao nosso país. Mas como tenho consciência de que cumpri o meu dever, estou satisfeito e disposto a reagir como puder aos intrigantes, os quais aqui me têm atormentado com suas visitas...Fez bem em espaçar a sua visita a esta Corte, onde lhe haveriam de receber com foguetes e vivas, que não enchem barriga, e ao fim das festas, se V. Excia não tivesse a casa de algum amigo para se recolher, o haviam de o deixar na rua, pois assim são

as coisas deste mundo, pois diz o rifão - que festa acabada, músicos a pé”.

Nesta altura, as intrigas políticas contra Caxias, senador conservador, que havia vencido a guerra para o Gabinete Liberal, que o nomeara, atingiram alta temperatura e o intrigavam com o amigo Osório e com o Visconde de Itaparica.

Isto levou Caxias a pronunciar célebre discurso no Senado em 15 Jul 1870 em que tudo esclareceu, e não deixou dúvidas nos senadores sobre a correta atuação de seu amigo Osório no ataque a Humaitá e no desbordamento da ponte de Itororó, e do Visconde de Itaparica sobre o não reconhecimento prévio da ponte de Itororó. Discurso publicado na íntegra por Wanderley Pinho em artigo “Caxias senador” na **Revista Militar Brasileira**. agosto 1936 pp.123-163, bem como o debate de Caxias, senador Ministro da Guerra e presidente do Conselho de Ministros em 1877, com o senador Zacarias de Góes sobre incidente que afetou a amizade entre Caxias e Osório, mas restabelecida, ao menos quanto ao respeito mútuo conforme abordado ao início deste trabalho.

Caxias, em verdade, foi o líder estratégico de batalha e Osório o líder tático, sem igual de combate. E ambos formaram uma dupla que se completava. Osório tinha mais contato com a tropa e tornou-se um ídolo da mesma. Caxias, mais afastado, não fez jus a esta popularidade. E foi aí que intrigantes, ainda no Paraguai, intentaram afetar aquela exemplar amizade, com elogios exagerados a Osório que procuravam diminuir a glória de Caxias. Fato que se repetiria mais tarde em relação ao Ten Cel Benjamin Constant e o Marechal Deodoro da Fonseca, no tocante à proclamação da República, quando políticos destacavam exageradamente Benjamin Constant, em detrimento de Deodoro.

Caxias ficou magoado com a leitura de carta enviada por Osório ao senador por Goiás Silveira de Mello, seu adversário político, dando a impressão, pela interpretação do senador, que Caxias era desmentido.

Em 1877, Osório chegou ao Rio para tomar posse em sua cadeira como senador pelo Rio Grande do Sul e assentar-se ao lado de Caxias na bancada gaúcha. Como militar, não fora se apresentar a Caxias que, antes de ser um velho amigo, era o comandante em Chefe de Osório como Ministro da Guerra e Chefe do Governo do Brasil. Osório desculpou-se por não haver trazido farda e não ter tido tempo para tal. Biógrafos de Osório são unânimes reconhecer esta sua falta.

Ao chegar ao Senado, Caxias não o abraçou e só o cumprimentou à pequena distância com um gesto de cabeça, talvez esperando que Osório fizesse como ele fizera com o seu pai no Senado ao tomar posse - ir ao encontro do pai, senador, e abraçá-lo. Eram separados por três cadeiras, na bancada gaúcha do Rio Grande do Sul.

Seu gesto teve grande repercussão, e sobretudo exploração política implacável de parte do senador Zacarias de Góes, o que é abordado pelo artigo citado de Wanderley Pinho, que demonstra que Caxias não fez concessão à quebra das vigas mestras do seu Exército - **Hierarquia e a Disciplina**, nem pelo seu melhor amigo. E Caxias encerrou com firmeza o implacável inquérito, por qual a razão não havia abraçado o seu amigo, que não fora visitá-lo no Ministério (Gabinete de Ministros) como militar que era, antes de empossar-se no Senado:

“Não fui abraçá-lo, pois Osório é que deveria ter ido cumprimentar-me antes, no Gabinete de Ministros e Ministério da Guerra, por ser eu mais velho, mais graduado e ter sido sempre o seu chefe”.

Caxias convenceu todos com sua argumentação monossilábica. Satisfeito, Zacarias de Góes disse não perder a esperança que os dois velhos amigos se reconciliassem pois que a pátria poderia ainda exigir os serviços de ambos. Caxias senador chefe do Governo e Ministro da Guerra respondeu: - **“Para mim já é tarde!”**

E ficou provado, segundo o próprio inquisidor, Zacarias de Góes, que artigos no **Diário do Rio de Janeiro**, com

críticas ao senador Osório não tinham direta, indireta, oficial ou oficiosa nenhuma influência do Governo chefiado por Caxias.

Aqui indicamos os elementos para julgar-se o incidente Caxias – Osório, em torno de atuações de Osório em Iitororó e Humaitá, desencontro mais à conta de intrigas políticas e de possíveis erros do **Diário do Exército**. Eis uma preciosa lição da História, a mestra das mestras, a mestra da vida. E segundo Santaiana **“quem não conhece a História corre o risco de repetí-la”**.

Em 5 Jan 1878, Caxias deixou o Governo e retirou-se doente e com muito sofrida viuvez para Santa Mônica. Foi substituído no Ministério da Guerra por Osório que continuou a defender, por curto período, com resultados, interesses do Exército, que Caxias defendera por cerca de 30 anos, na paz e na guerra, sempre com apoio de Osório.

O exercício do Governo fora tarefa penosa ou um calvário para Caxias, conforme escreveu ao amigo Osório depois do término da Guerra do Paraguai:

“Hoje toda a minha estratégia será empregada em me livrar da Chefia do Gabinete de Ministros, de que sempre tive mais medo do que das baterias de Lopes”.

E Caxias, a rigor, fora compulsado pelo Imperador a chefiar o Governo (1875-77), conforme desabafou a uma filha em trecho de carta:

“Que fazer minha querida Anicota, senão resignar-me e morrer no meu posto de Chefe de Governo. Acresce que eu já tenho arriscado tantas vezes a minha vida pelo Imperador que mais uma na idade em que estou, pouco sacrifício será...”

Conforme abordamos, houve um reencontro de Caxias e Osório, ao menos na defesa dos interesses do Exército e na repulsa de Osório de, como Ministro da Guerra, estar fazendo críticas ao seu antecessor Caxias, ao dizer que em toda a sua vida só o teria respeitado.

Osório faleceu em 1879 e Caxias em 1880, cerca de meio ano após, deixando os interesses do Exército na or-

fandade e sem defensores carismáticos no Senado. Assim, em 1881, para compensar suas ausências no Parlamento, foi organizado o Diretório Militar na Igreja Santa Cruz dos Militares, visando a eleição de militares pelos partidos Liberal, Conservador e Republicano para o Parlamento, onde os interesses da classe militar Exército e Marinha estavam órfãos. E daí à República foi um passo, em razão dos militares e da família militar não terem sido atendidos. E deste Diretório Militar emergiu a liderança do Marechal de Campo Manoel Deodoro da Fonseca. Este, na Questão Militar e fundação do Clube Militar, contou com o apoio do senador Liberal e 2º Visconde de Pelotas, o Marechal Câmara.

Aqui, procuramos pela primeira vez fazer uma análise da amizade íntima entre os dois maiores generais brasileiros do Império, a qual se projetou muito beneficentemente na guerra, no bom desempenho operacional e político do Exército, na pacificação da Família Brasileira, na Revolução Farroupilha, no excelente desempenho operacional do Exército na Guerra contra Oribe e Rosas (1851-52), na Guerra do Paraguai (1866-70) e na paz, com o exercício do Ministério da Guerra por Caxias por mais de seis anos e meio, onde as opiniões do general Osório eram sempre consideradas por Caxias.

O incidente que abalou uma velha, sólida e íntima amizade, os colheu quando desgastados pela avançada idade, doenças adquiridas no campo de batalha e ressentidos por dores da viuvez. No caso de Caxias, pela perda do filho de mesmo nome, que era sua esperança de continuar sua tradição militar, e que em família era chamado cadete Luizinho. Os dois velhos e heróicos chefes habituados à luta nos campos de batalha, foram envolvidos numa guerra de alfinetes a que não estavam habituados, fato que chegou a abalar um pouco a velha amizade, mas nunca o respeito e admiração profissional recíprocas. Osório, no Paraguai, fora para Caxias uma espécie de seu Subcomandante em Chefe do Exército. Fato que se projetou na República, ao ponto de, certa feita, Osório ser pensado para sub-patrono do Exército e Andrade

Neves para Patrono da Cavalaria.

Eis, nesta abordagem, uma série de temas à meditação dos soldados do Exército de hoje e do futuro, e de como uma guerra de alfinetes de inspiração política, pode confundir as cabeças e provocar cisões ou abalos entre chefes, do que a História Universal nos dá vários exemplos.

Os dois heróicos chefes deixaram, entre muitas, estas preciosas lições de exemplos do Chefe. Osório, em uma inspeção no rio Taquarí, no Chaco, foi levado em um barco pelo Capitão do Batalhão de Pontoneiros Jacob Franzen, comandante de um Pelotão que trabalhava na Estrada do Chaco, até a foz do Taquari, para verificar se de sua foz haviam sido removidos os água-pés, para facilitar o embarque de tropas para a invasão. E o citado capitão, respeitosamente, lhe perguntou se não era excesso de zelo ele conferir pessoalmente, ao invés de mandar outro verificar, e obteve como resposta.

“Capitão Jacob, eu mesmo vou ver, e não mando outros verem!”

O Estado-Maior de Osório, achou desnecessários seus riscos de vida nos ataques, em que partia na frente de todos. Osório assim justificou este seu comportamento:

“Atuo assim para provar aos meus soldados que o seu general é capaz de ir aonde ele os manda!”

Joaquim Nabuco, certa feita, assim testemunhou sobre esta providencial aliança militar e amizade do Conservador Duque de Caxias com o Liberal General Osório, Marquês do Herval:

“Não houve mais leal chefe do que Duque de Caxias para um bravo Osório”.

Abordamos síntese deste assunto a convite da Confraria dos Camaradas de Cavalaria de Brasília em 22 de agosto de 2003, no Regimento de Cavalaria de Guardas de Brasília, faltando três dias para o bicentenário do Duque de Caxias. Confraria presidida pelo Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt, descendente dos Muckers, como nos declarou.

O General Osório e a Revolução Farroupilha

O General, ao ser perguntado por seu filho e biógrafo, sobre a sua visão sobre a Revolução Farroupilha, a qual defendeu, no início, e depois contra a mesma, e completando sua pergunta: - Como se explica que uma República acusada de eclodir fora de época tenha durado tanto? Resposta:

“- Primeiro pela constância de seus chefes. A tenacidade deles valia mais que um Exército.

- Segundo, pela inépcia do Governo Imperial que sempre cuidou mais de política do que da administração pública.

-Terceiro, pela falta de habilitação dos generais aos quais entregou a direção da guerra contra os republicanos farrapos. E um certo enfraquecimento, por diversos motivos (causado pelo grande endividamento interno e externo). Foi então nomeado o Barão de Caxias. Ele teve o bom senso de não se deixar dirigir pela Corte e cercou-se de pessoal capaz de comandar forças que conheciam aquele gênero de guerra (guerra a gaúcha), toda peculiar do Sul. E criou um Exército numeroso, convenientemente provido de todos os recursos e logicamente teve de vencer”.

Em nosso livro **O Exército Farrapo e o seus chefes**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1991. 2v, estudo os chefes que antecederam Caxias e destaque em detalhes suas ações, que concorreram para a pacificação da Revolução em Ponche Verde.

E continuou o General Osório, depondo para seu filho:

“Na Revolução Farroupilha eu servia sem gosto, por estar dominado pelo pesar de combater irmãos e patrícios numa luta fratricida. Eu tinha amizade aos revolucionários. Meus sentimen-

tos tornaram-me quase um membro do seu partido”.

Osório esteve ao lado de Caxias, junto como o Coronel Manoel Marques de Sousa (3º), e ambos receberam valorosos lanceiros farrapos, os quais incorporaram como livres em seus regimentos, segundo o Tenente-Coronel Oscar Wiedersphan em sua obra **O Convênio de Ponche Verde**.

Nosso mais recente trabalho sobre a Revolução foi o artigo - Revolução Farroupilha, uma releitura - em que demonstro que entre as causas da revolução existia uma questão militar, ao lado das questões do imposto sobre o charque e légua de campo. Demonstro que toda a Guarnição do Exército da Província se revoltou por medidas erradicadoras do Exército, adotadas pelos que sucederam D.Pedro I, o obrigando a renunciar, cujo caso mais gritante foi o desligamento do tenente Emílio Mallet do Exército. Artigo que publicamos no **Diário Popular** de Pelotas, na **A Defesa Nacional**, na **Revista da Sociedade dos Amigos da 2ª Divisão de Exército (SASDE)** e no **Gaúcho - informativo do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul**.

Entre as medidas de erradicação registre-se a remoção dos comandos dos regimentos de Cavalaria em Jaguarão, de Bento Gonçalves da Silva e do Alegrete, do Cel Bento Manuel Ribeiro. Medidas acompanhadas de redução expressiva dos efetivos destas unidades e remoção de Porto Alegre para o Rio Pardo da unidade de Artilharia, ao comando do Major José Mariano de Mattos. Ainda, a unidade de Infantaria para São Borja, ao comando do Major João Manoel Lima e Silva, tio do Duque de Caxias. O Regimento de Cavalaria de Bagé revoltou-se sob a liderança do Tenente Manoel Osório, que acompanhou seu comandante Major Mazzaredo até a fronteira, por se recusar a aderir a Revolução. E Osório permaneceu na Revolução até a vinda de outro Presidente. E foram estes oficiais (citados) que comandaram as operações, conforme demonstro no citado **O Exército Farrapo e os seus chefes**. Reflexão que deixo à consideração do leitor e pesquisador interessados, bem como a razão da revolta generalizada da Guarnição do Exército no Rio de Janeiro, obrigando o governo a criar o Batalhão Sagrado, integrado só de oficiais.

A Batalha de Tuiuí

O Terreno e Dispositivo

- Quando se percorre a estrada de Passo da Pátria a Humaitá encontra-se, depois de transpor o Bellaco, um trecho especial de terreno, delimitado ao sul por aquele esteiro, a oeste pela Laguna Pires, ao norte pelo Esteiro Rojas e a leste por uma dilatada região pantanosa.

- A parte noroeste que se limita na laguna e a do norte que precede Rojas, são cobertas de espesso mato.

- Logo ao norte do Bellaco ergue-se uma pequena elevação, na qual os aliados acamparam no dia 20 de maio; Nessa região fica uma pequena lagoa chamada Tuiuti.

- Os aliados não podiam ter encontrado terreno mais desfavorável para as suas operações.

- Os paraguaios ocupavam, à frente do Esteiro Rojas, desde o Passo Gomez, sobre a estrada, para a artilharia, intercalados pela frente.

- À sua direita apareciam bosques impenetráveis e prolongamentos dos carriçais (vegetação densa de banhado) do Sauce.

- Os aliados estacionaram em Tuiuti no sentido da profundidade e a cavaleiro da estrada que conduzia à Humaitá.

- Na frente, acampou a vanguarda de Flores, composta de brasileiros e orientais e o 1º Regimento de Artilharia a Cavalos, sob o comando de Mallet.

- Mallet mandou construir, em toda a frente da sua posição, um largo e profundo fosso, com o auxílio do Batalhão de Engenheiros.

- As terras foram espalhadas de modo a não formarem parapeto, que desse a perceber ao inimigo que havia fortificação.

- A posição em que foram assestados os canhões de Mallet, em número de 28, todos raiados, ficava a 1.600 metros da linha

paraguaia de Rojas.

- À esquerda do 1º Regimento ficava O Batalhão de Engenheiros, que integrava a Artilharia, e ao lado a artilharia oriental, apoiada pelas suas tropas, e na retaguarda dessa, a 6ª Divisão Brasileira, do Gen Vitorino Monteiro.

- Atrás dos orientais, e em escalão para a esquerda, colocou Osório, nas vésperas da batalha, a 3ª Divisão Brasileira do Gen Antonio de Sampaio.

- Este conjunto de tropas pode ser considerado como o primeiro escalão dos brasileiros e orientais.

- Em suas vizinhanças, e um pouco mais ao sul, postaram-se a 1ª Divisão, do Gen Argolo; a 4ª Divisão do Gen Guilherme e a 19ª Brigada Auxiliar.

- Este outro conjunto formou um segundo escalão.

- Ainda mais à retaguarda encontravam-se:

- 2 Divisões da Cavalaria brasileira, a 2ª, comandada pelo Gen Luiz Mena Barreto, e a 5ª, comandada pelo Cel Tristão Cunha;

- 2 Batalhões (7º e 24º de Voluntários) da 19ª Brigada, pertencentes ao comando Geral da Artilharia.

- Pode-se considerar estes últimos elementos como um terceiro escalão.

- Finalmente na extrema retaguarda, ao sul do Estero Bellaco, estacionara o Gen Anônio Netto, último escalão de tropas brasileiras.

- O transporte ficava para trás e no interior deste dispositivo.

- À direita dos brasileiros localizaram-se as tropas argentinas.

- A frente da batalha formava um ângulo quase reto com a dos brasileiros e orientais, face ao Estero Rojas, voltada ligeiramente para nordeste.

- O 1º Corpo, sob o comando de Paunero, estava à esquerda, em duas linhas, e à direita dele o 2º Corpo, sob o comando de Emílio Mitre (sobrinho do Comandante aliado), também em duas linhas.

- A artilharia ocupava o centro dos dois corpos.

- À direita do 2º Corpo, um escalão para a retaguarda e quase tocando o Estero Bellaco, encontrava-se a cavalaria, juntamente com a 2ª Divisão Buenos Aires e as forças pertencentes ao Quartel-General.

- A cavalaria, como quase toda a do Exército aliado, estava na maior parte desmontada por falta de cavalos.

- O exército do General Osório, anteriormente, compunha-se de 36.000 homens, mas é preciso deduzir o número de doentes e feridos, a força destacada com a Esquadra, a guarnição do Passo da Pátria, a de Corrientes e os empregados nos transportes, hospitais e outros serviços. Daí o efetivo de 26.000 homens, prontos no dia da batalha.

- Em resumo, na Batalha de Tuiuti os aliados apresentaram uma força com cerca de 33.000 homens.

- Quanto aos comandos: o comando aliado estava sob o General Bartolomeu Mitre, presidente da Argentina, o das tropas brasileiras com Osório; o das uruguaias com Flores; o das argentinas também com Mitre.

- Entretanto, a ação se desenrolou sob a direção geral de Osório devido à ausência de Mitre, no momento.

- Os paraguaios estavam ocupando forte entrenchamento por toda a extensão do Estero Rojas e circunvizinhanças.

- Sua linha de defesa, de onde deveria partir o ataque, era encoberta pelas matas que iam até Potrero Pires.

- Por detrás das matas, Solano Lopez tomou seu dispositivo, dividindo-se em três grupamentos: direita, centro e esquerda.

- O efetivo de López em Tuiuti foi calculado em 24.200 homens, aproximadamente, sendo 6.300 à direita, 9.000 no centro e 8.700 à esquerda.

- Nas trincheiras paraguaias havia ainda uma reserva, de 10.000 homens, que Solano López não empregou na batalha.

- O grupamento da direita estava sob o comando de Barrios; o do centro apresentaria 2 colunas, respectivamente sob o comando de Diaz e Marcó; o da esquerda, sob o comando de Resquin.

A Batalha

- O Plano de López consistiu em efetuar um ataque frontal e, simultaneamente, dois outros de flanco, um pela direita e outro pela esquerda.

- Pela frente, deveriam avançar Diaz e Marcó, pela esquerda, Resquin e pela direita, Barrios, daí o dispositivo, acima mencionado.

- Barrios daria o aviso para o início da ação com um sinal

quando estivesse pronto, pois teria de percorrer grande distância por dentro do mato antes de realizar seu dispositivo.

- Às 11h55min. de 24 de maio de 1866 sobe ao ar um fogueiro como sinal.

- Das matas e das macegas, que ficavam à direita da posição paraguaia e à esquerda do primeiro escalão dos aliados, começam a sair os primeiros elementos da coluna de Diaz.

- A Cavalaria vem na frente, de espada em punho e lança-se contra os aliados.

- Os batalhões uruguaios “Independência” e “Libertad” não tiveram tempo sequer para entrar em forma.

- Ao mesmo tempo, é impelido para trás o 14º de Voluntários brasileiros pertencente à Divisão Vitorino, juntando-se-lhe a bateria oriental.

- A artilharia brasileira estava porém vigilante; Mallet abre fogo contra os inimigos, tomando-os de flanco.

- A direção que seguem, a princípio, parecia indicar que o ataque era somente contra os orientais de Flores, mas eis que a Cavalaria, depois de livrar-se de um estero à direita de Flores, roda para esse lado, ganha terreno em nova direção e, ao chegar à altura do 1º Regimento de Artilharia, acomete-o com toda a fúria.

- As primeiras cargas vêm morrer no fosso intransponível de Mallet, e o mesmo acontece a todas as seguintes.

- “Por aqui eles não entram” - exclama Mallet, no auge do júbilo.

- Os esquadrões inimigos retrocedem e escoam-se para as primitivas posições.

- Diaz, em face da surpresa, prossegue no ataque buscando o flanco esquerdo do primeiro escalão dos aliados, naturalmente para o contornar e penetrar como uma cunha no dispositivo em que os referidos aliados se encontravam.

- Da mata à esquerda, não cessa o afluxo de reforços inimigos.

- Sampaio acode prontamente com a sua 3ª Divisão, a “Encouraçada”, amparando Flores; contra-ataca, fazendo uma inflexão para a esquerda.

- A luta sustentada por Sampaio transforma-se num morticínio terrível, em face dos constantes ataques paraguaios.

- Sampaio cavalga, trajando o seu belo uniforme de general, bordado a ouro, à frente de suas tropas; mandou estender linhas e avançar.

- O inimigo recuou até a mata; voltou carregando sobre essa divisão com uma coragem cega, fazendo-a retroceder.

- Após 5 horas de combate, Sampaio foi substituído no comando por Machado Bittencourt, em face dos graves ferimentos recebidos na sua heróica luta. Osório, que desde os primeiros instantes tomara a liderança da peleja, que a tudo coordenava e impulsionava, vê-se na contingência de reforçar o flanco esquerdo da 3ª Divisão.

- Para isso determinou que uma Brigada da 1ª Divisão, a Divisão Argolo, sob o comando desse General, corresse para sustar a brecha que ameaçava dilatar-se.

- Atrás de Argolo, Osório engaja outra Brigada da 4ª Divisão, Guilherme, que comanda pessoalmente, dirigindo-se para o flanco esquerdo do primeiro escalão do Exército aliado.

- O conjunto de tropas que aí atua, toda a 3ª Divisão (Sampaio-Bittencourt), uma Brigada de Argolo e outra Brigada de Guilherme, além dos orientais, detém o inimigo e faz o mesmo retroceder pela brecha entre a esquerda da artilharia oriental e a mata.

- Ao mesmo tempo que a Divisão Sampaio enfrenta a luta à esquerda, a 6ª Divisão, Vitorino, fecha a brecha entre as tropas de Flores e a Artilharia de Mallet.

- Assim, a frente do primeiro escalão assume consistência excepcional, frustrando o plano dos paraguaios penetrarem vitoriosos no interior da posição defensiva.

- A esse tempo o que se vinha passando no flanco esquerdo?

- Barrios penetrara em massa no Potrero Pires, defendido pela Brigada do General Neto, vinda do sul, e rechaça esses fracos elementos que recuam lutando até atingir a antiga trincheira paraguaia junto à passagem no Estero Bellaco, ao sul.

- Osório, sempre previdente, faz convergir para o flanco esquerdo várias unidades e entrega afinal a direção da defesa nesse flanco ao Gen Mena Barreto, que com sua 2ª Divisão de Cavalaria junta-se a outros elementos em luta.

- Com elementos de Infantaria, Cavalaria e Artilharia, atu-

ando na direção geral leste-oeste e norte-sul, através do mato e do Potrero Pires, esmaga Osório a coluna de Barrios.

- Quase ao mesmo tempo em que os paraguaios iniciavam o ataque contra os brasileiros, vários Regimentos de Cavalaria das forças de Resquin, na extrema direita aliada, fazendo um rodeio com o intento de envolver esse flanco sob cuidados dos argentinos, arrojam-se por surpresa contra a reduzida cavalaria correntina, que se encontrava a pé, e a dispersam completamente.

- O ataque generaliza-se em todo o flanco direito; forças de cavalaria e infantaria atiram-se contra o 1º Corpo de Paunero.

- Um dos Regimentos de Cavalaria paraguaio logra penetrar pelo flanco direito de Paunero até a sua artilharia, porém é aniquilado pelos argentinos.

- O inimigo, já quebrantado, pôs-se em retirada, perseguido pelos infantess argentinos.

- O Gen Osório, à frente de alguns Batalhões, corre para a direita em auxílio dos argentinos, mas verificou ao chegar que o inimigo já fugia em debandada.

- Às 1630 horas a batalha estava terminada e constituía uma brilhante vitória dos aliados comandados pelo General Osório.

Conclusões

- O plano ofensivo de Solano López, cujo objetivo era a destruição das forças aliadas no interior das suas posições, findara em malogro.

- A defesa coordenada de maneira dinâmica por Osório, não permitiu ao inimigo nenhum êxito nas direções combinadas de ataque, quer na ruptura quer no duplo desbordamento.

- A brecha conseguida por Diaz na esquerda foi imediatamente tamponada graças à intervenção do comando brasileiro e ao emprego judicioso da massa no momento oportuno.

- O ataque de Barrios pelo Potreiro Pires era magnífica artimanha, porque golpeava de flanco, por inteira surpresa, encontrando apoio na vegetação.

- Barrios foi, entretanto, rechaçado, graças à valentia dos soldados brasileiros que, mais uma vez, sentiam os frutos benéficos de uma perfeita unidade de comando, na pessoa de Osório.

- Os argentinos, por seu lado, fizeram frente com galhardia

às investidas de Resquin.

- A bravura das tropas aliadas, o seu dispositivo racional em profundidade no estacionamento e a rapidez com que os escalões sucessivos foram utilizados para manter a posição mediante contra-ataques oportunos, salvaram a “Aliança” de um transe verdadeiramente perigoso.

- López soube tirar partido inestimável do terreno para a execução do seu plano, que nada mais seria do que uma combinação de manobra de ala por duplo desbordamento, com uma tentativa de ruptura, em ações simultâneas; entretanto, não soube tirar partido de sua artilharia, inativa durante toda a peleja.

- Segundo informações, López ordenara a seus generais que efetuassem os ataques de flanco com todo o vigor; pretendia assim obter uma destruição completa dos aliados, em caso de sucesso.

- Durante a batalha, Osório demonstrou mais uma vez o seu valor como tático. Exibiu coragem a todos pela sua atitude pessoal; exibiu sua bravura para estimular as energias; teve a sensação nítida dos pontos capitais da linha de batalha; neles concentrou esforços decisivos, ou seja, quebrar a arremetida dos inimigos, e jogou oportunamente suas reservas.

- Foi um chefe em toda a extensão do vocábulo. Chefe que se cobriu de glória e enalteceu a terra de origem.

- Os brasileiros pagaram o maior tributo entre os aliados, com 719 mortos e 2.292 feridos; perderam diversos oficiais superiores e um General, o bravo Sampaio, comandante da 3ª Divisão, Divisão Encouraçada.

Situação após Tuiuti

- Depois da batalha de 24 de maio a situação dos aliados desenhava-se assim: o Exército em Tuiuti, bem ligado à sua base de operações no Passo da Pátria; a frota de Tamandaré no flanco esquerdo, fundeada 5 milhas à jusante da fortificação paraguaia de Curuzu, no lugar denominado Volta do Palmar, já dentro do Rio Paraguai. (jusante = abaixo)

- Que linhas de ação tinha o Exército na direção de Humaitá, pelo caminho direto, atravessando o Estero Rojas?

- Desbordar pelo flanco direito, já que no esquerdo a Lagoa

Pires se opunha a qualquer progressão?

- E relativamente à Esquadra?

- Atuando isolada, subir o Rio, forçar as baterias disseminadas pelas suas margens e ultrapassar as fortificações?

- Articular bem os seus movimentos com os do Exército e o conjunto atingir o objetivo principal?

- A Batalha de Tuiuti demonstrara o poder dos aliados, mas também pusera em relevo os perigos a que se expunham penetrando às cegas em terreno que lhes era desconhecido e sem dispor dos meios adequados para uma ação decisiva.

- López, após a batalha, tratou de reconstituir o seu Exército; por maior que fosse o seu orgulho, a realidade havia patenteado de modo exuberante não lhe ser possível afrontar em campo aberto o Exército inimigo.

- Tornava-se, pois, inevitável guardar a defensiva e renunciar as operações de grande importância, pois perdera a sua capacidade defensiva estratégica.

- Ocupou-se então López em aumentar o seu Exército, apressar as obras de fortificações e guarnecê-las com canhões de todos os tipos.

- Em meados de julho começou López o bombardeio do acampamento aliado, sem grandes resultados, pois só a vanguarda de Flores ficava ao alcance dos seus tiros; afora isso realizou algumas investidas sobre as posições aliadas, entre elas, a mais importante, nos combates de Itaiti-Corá em julho de 1866 que, ainda que não ocasionasse danos vultosos, acarretou perdas preciosas de vidas.

- Quanto aos aliados a situação obrigava suas forças a permanecerem em Tuiuti, aguardando o recebimento de novos meios que tornasse mais fácil o avanço para o norte, principalmente cavalos, pois a cavalaria estava praticamente desmontada.

Em vista do precário estado de saúde, Osório foi afastado do comando do 1º Corpo, sendo substituído por Polidoro, no dia 15 de julho de 1866.

Parte do Combate, da Batalha de Tuiuti do General Osório

Comando em Chefe do 1º Corpo do Exército Brasileiro em Operações . Quartel General em Tuyuty, na República do Paraguai, 27 de maio de 1866.

Ilmo e Exmo. Sr. Presidente D. Bartholomeu Mitre, General-em- Chefe do Exército Aliado.

Sabe V. Exa. como se apresentou o inimigo no rápido ataque que nos trouxe em 24 do corrente, das 11 às 12 horas da manhã, ameaçando em 3 colunas sua frente e seus flancos e continuando o combate até às 4 ½ da tarde.

Rechaçado esse ataque em toda a extensão da linha, será grato a V. Exa saber que tanto no centro, coberto pelas tropas brasileiras e orientais sob o comando imediato de S. Exa. o Sr. General Flores, como na esquerda às minhas imediatas ordens, o inimigo foi completamente repellido e desalojado de suas posições, tendo lugar o último combate que pessoalmente dirigi nos poteiros e bosques de nossa esquerda onde o inimigo se tinha desembocado, desde a sua linha de fortificações, por três picadas abertas no mato, pelas quais puderam retirar seus últimos restos despedaçados, salvando-se de uma destruição total.

Nestes pontos, a vitória foi completa!

O inimigo deixou no campo mais de 3.000 mortos, incluindo uma grande parte do centro, dos quais já se deu sepultura a 2200 cadáveres; mais 4 canhões obuses de 12, 3 bandeiras, 1 estandarte, 9 caixas de guerra, 12 cornetas, 180 prisioneiros, na maior parte feridos, e 3523 espingardas, que são as que até agora se tem podido recolher com , igualmente, uma perseguição mais decisiva.

O Exército Brasileiro teve fora de combate 413 mortos, dos quais 29 oficiais e mais 2094 feridos, entre eles 1 general, 10 chefes e 183 oficiais.

Si a proporção entre mortos e feridos do inimigo, fosse análoga à nossa, imensa seria a força que deixamos fora de combate.

Felicito a V. Exa. por este triunfo tão glorioso para as armas aliadas em que tive a satisfação de ver combater as tropas sob o meu imediato comando, com todo o vigor e galhardia.

Deus guarde a V.Exa

Ilmo e Exmo Sr. Presidente D. Bartholomeu Mitre
General em Chefe do Exército Aliado.

Manoel Luiz Osório – Marechal de Campo.

O General Osório na visão de seu Biógrafo e Filho

Seu filho, Fernando Luis Osório, conviveu intimamente com seu pai. Dois de seus filhos, que não conheceram o heróico avô transmitem, pelo que lhes informara o pai, falecido aos 42 anos, a obra biográfica, que eles completaram e complementaram com outros dados recolhidos, que a seguir reproduzimos, para que o leitor tenha uma idéia mais precisa e realista do herói. E nela introduzimos subtítulos para facilitar o resgate, pelo leitor, de aspectos abordados.

Características físicas de Osório

“Era o General Osório de estatura um pouco acima da mediana, encorpado, de organização vigorosa. Tinha os ombros largos, garboso o porte, tímido o peito. Dir-se-ia conservá-lo em perene desafio aos embates dos inimigos da Pátria.

Caminhava de frente erguida, pisava com firmeza. Seus movimentos eram rápidos. O olhar perscrutador. O ouvido atilado. Em 1879, nas proximidades da sua morte, com a idade de 71 anos, apesar de tão avançada idade, seus cabelos não estavam ainda, completamente brancos. Finíssimos e corredios, se fizeram notar, no tempo da sua mocidade, pela cor perfeitamente negra e brilhante que tinham.

Seu rosto era sem rugas. A cútis, alva e delicada. As faces, rosadas. Os olhos, castanhos escuros, vivos, expressivos de placidez e bondade. A fronte, alta e vasta. A fisionomia aberta, desanuviada, serena, reveladora de respeitosa afabilidade.

Inspirava confiança. Usava a barba, que era espessa, escanhoada nas faces, desbastada aos lados e, nos últimos tempos, mais prolongada ao queixo, mal encobrindo, sobre este ponto, duas cicatrizes que lhe ficaram, resultantes de ferimento causado por uma bala em Avaí a qual, atravessando o rosto, partiu-lhe e enfraqueceu o maxilar inferior. Em consequência de tal ferimento notava-se-lhe, no lábio, ligeira depressão que, visivelmente, o seu último retrato como ministro reproduz.

Pela debilitação do maxilar, ficou impossibilitado de mastigar, não podendo mais servir-se senão de iguarias brandas. Contudo, alimentava-se fartamente. Salgava e apimentava descomunalmente a comida. Admirado da grande quantidade de pimentas, de que o viu utilizar-se, ponderou-lhe, em um jantar, um seu compatriota baiano: General, V. Ex^a. parece filho da minha terra!

- Não sou da Bahia, respondeu ele – e sim, do Rio Grande do Sul. Da Bahia, sou amigo. Amo-a pelos seus bravos soldados de Infantaria; pelas suas glórias civis e militares; enfim, pela gratidão que lhe devo, e pelas suas pimentas. E isto dizendo, derramou algumas mais no prato. O vinho, lhe não fazia falta. Rara vez tomava à sobremesa um cálice de vinho do Porto. O mate-chimarrão era a sua bebida predileta. Só fumava charutos, mas com excesso. Adquiriu o hábito de fumar depois de Major.”

Na intimidade familiar

“Aprazível era vê-lo na intimidade do lar, para si convertido, pela esposa cuidadosa e meiga, em ninho de carícias e dedicações. Ali, todos o adoravam; e ele, que sabia se fazer amado e obedecido, que tinha para a esposa a afabilidade constante, para os filhos o continuado carinho, para os empregados o bom tratamento.

Ao volver de suas campanhas militares encontrava nesse abençoado ninho o sossego e a felicidade. Sumamente afeiçoado às crianças e às flores. Nas primeiras acatava a esperança da família e da pátria. Queria vê-las bem dirigidas. Nas flo-

res procurava distrações. Quando lhe permitia descanso a sua vida andeja de soldado, tratava logo de formar o seu pequeno jardim, que pessoalmente cuidava. Não podia estar desocupado nem tolerava o vadio. Era de uma atividade rara e de uma incansabilidade assombrosa. Tinha por hábito levantar-se cedo. Seu sono era levíssimo. Erguendo-se do leito procurava o banho frio e depois barbeava-se a si próprio”.

Vestuário e moradia sem ostentação, luxo e adornos

Ordinariamente vestia à paisana, rigorosamente de preto. Na estação calmosa o seu traje caseiro era um completo de brim pardo. Primava pela modéstia.

Inimigo do luxo e da ostentação, do aparato, da etiqueta e de todas as formalidades incômodas. Penalizava-se de ver alguém perdendo o tempo com essas banalidades, e refletindo sobre o indivíduo vaidoso, impostor, jactanciosamente preocupado com a pompa do vestuário e mil outras exterioridades supérfluas, costumava aplicar-lhe, murmurando, esta frase asaz significativa e esmagadora: Tolice, deixa disso gente!

Não trazia em si custosos adornos. Ao seu próprio relógio de algibeira prendia, por um trancelim preto de seda. Nem preciosos ornamentos enfeitavam sua moradia. Dentro dela tudo era simplicidade. Ali penetrava o pobre com a sua humildade e sentia-se bem, sem constrangimento algum. Se penetrava o rico soberbo, não achava assunto para divertir a soberba, porque não divisava objetos suntuosos para comparar com os que possuísse.

Uma cama estreita, ao fundo do quarto, tendo à cabeceira o criado mudo sobrecarregado de jornais, sempre modernos. A um lado, um simples lavatório e dois cabides de parede, sendo um para roupa e outro para dependurar suas armas de caça e de guerra, exceto a lança que era encostada a um canto. Mais adiante, um cavalete de madeira sustentando os arreios de sua montaria, e depois, uma estante singela guardando o seu arquivo. Do outro lado, duas canastras de campanha, al-

gumas cadeiras e uma mesa qualquer sobre a qual estavam livros de Arte Militar, de Política e de História, e os necessários utensílios para escrita. Assim era o seu aposento reservado que, ao mesmo tempo que lhe servia de dormitório, depois que enviuvou, era o seu gabinete; tal o modo porque invariavelmente o tinha arranjado no lar da família, não consentindo que se lhe fizesse a mínima alteração, ou nele se deslocasse o mais insignificante objeto. Especialmente, muito zelava e recomendava muito cuidado com o seu arquivo". Precioso, diga-se de passagem!

Acessibilidade, consideração e comunicabilidade em suas relações

Acessível a todos que o buscavam. A nenhum tratava com desconsideração.

Possuindo caráter jovial, comunicativo, expansivo, facilmente fazia relações pessoais. Era afável, sem afetação. Sem dificuldade conquistava admiradores e amigos. Não era desses espíritos doentios, misantropos ou egoístas que fogem à sociedade, que tiram dela todos os proventos e a aborrecem. Não, ele a queria com todos os seus defeitos e virtudes, tristezas e alegrias.

Seu coração era um foco de amor a projetar irradiações constantes no seio da família, na intimidade dos amigos ou ao serviço da Pátria".

Respostas a uma dama em um baile, a um ator e a um senador

Por outra ocasião, de um baile que lhe fora oferecido, conservava-se sentado, tendo a sua perna enferma estendida sobre um móvel próximo, quando, ao sinal de uma quadri-lha, uma espirituosa dama de sua familiaridade dirige-se a ele e pergunta-lhe com certa ironia: General, V. Ex^a não dança lanceiros?

- Como não, minha senhora! Se fui comandante de um Regimento deles! Contestou Osório, levantando-se e ofere-

cendo-lhe o braço. A dama, que não esperava essa resposta, teve de abandonar o cavalheiro, seu par e namorado, para corresponder a tal gentileza.

O general tinha compreendido o desapontamento da dama e baixinho, a sorrir, ponderou-lhe:

- É assim, na guerra, minha senhora, quando mal pensamos, nos sai o tiro pela culatra.

- O artista dramático Nunes, a quem Osório apreciava, tendo anunciado benefício com um drama militar em que representava o papel de General, foi perguntar-lhe se lhe poderia emprestar alguma farda estragada que já não usasse.

- Não empresto não senhor, dou-a, respondeu Osório, e dirigindo-se ao cabide, retirou uma nova que ali estava. Embrulhou-a, e entregou-a ao artista dizendo: - Leve-a você mesmo, quem é pobre não tem luxo.

Nunes agradecendo, despediu-se, mas, ao chegar a porta, ouviu estas palavras de Osório:

- Cuidado General Nunes, não me vá desonrar a farda!

No Rio de Janeiro, convidado para jantar em casa de um amigo, encontrou entre os convivas o Barão de Cotegipe, estadista brasileiro, cuja sagacidade, finura e pertinácia na consecução de seus fins eram bem conhecidas. O Barão entretinha a roda com os seus costumados gracejos, que eram retribuídos pelos circunstantes. Adversário político de Osório, fez-lhe um brinde encomiástico e jeitoso, que foi muito aplaudido. Osório, depois que os aplausos cessaram, disse:

- Senhores! Por minha vez, brindo ao Sr. Barão de Camaquã.

Entenderam os ouvintes que se dera um equívoco no título e o corrigiram, Porém Osório, como se não tivesse ouvido a correção, repetiu:

- Barão de Camaquã, viva! e tocou o copo do Sr. Barão de Cotegipe. Barão de Camaquã! Marquês, não o compreendo! Eu me explico: Camaquã é um rio da minha província que dá muitas voltas". E ele me lembra muito V.Excia.

Recusa ao convite do Imperador para tratar seus ferimentos na Europa

Assim é que, quando por duas vezes, depois que veio ferido da campanha do Paraguai, recebeu do Imperador Pedro II convite para ir ao Rio de Janeiro ou à Europa tratar-se. Recusou, alegando perante os emissários do referido Imperador, os distintos médicos Drs. Continentino e Pertence, não poder ausentar-se da província por ter compromissos a pagar e não querer prejudicar os seus credores.

Às reiteradas insistências do Dr. Pertence que, em nome do Chefe do Gabinete, também dizia-lhe que – “pedisse ao governo o que quisesse”, ele contestou:

- Tenho até agora cuidado da Pátria, Estou velho e doente, e enquanto ela não precisa de mim, o que eu quero é trabalhar para saldar o que devo e atender à família, que há de viver do pouco que eu lhe deixar. Tratarei os meus ferimentos com os recursos da ciência que houver na província.

Exemplos de honestidade e de solidariedade com os fracos pobres e desvalidos

“Sempre disposto a servir aos amigos, entretanto, não os atendia quando se apresentavam com exigências desprovidas de razão e fundamento. Repelia-os positivamente.

Considerado por todos, na sociedade em que viveu, como homem de ação, enérgico e forte, Osório gozava do respeito geral e, em particular, da estima de certas classes - das dos pobres, dos fracos, dos desvalidos; não porque estes o temessem, mas porque achavam nele um protetor decidido. E que, para com o alheio infortúnio, foi ele sempre compreensivo e generoso. Para socorrer os necessitados, à viúva, ao órfão, até para satisfazer gastos de funerais de alguns amigos desgraçados, pediu várias vezes dinheiro emprestado.

Ocupando o cargo de Ministro da Guerra e não tendo

verba suficiente para atender aos gastos com passagens de soldados que, findando no Rio de Janeiro seu tempo de serviço, desejavam voltar para o seio de suas famílias nas diversas províncias do Brasil, vi-o socorrer a muitos com quantias de seu bolso particular.

Por estes e outros atos de sua generosidade contraiu, no curto tempo em que foi Ministro de 1878 a 1879 - dívidas na importância de mais de cinqüenta contos de réis, que seus filhos satisfizeram com os rendimentos da Estância do Cruzeiro.

E mais: ele que facilmente condescendia com o pobre e o fraco, jamais pode curvar-se a arrogância dos poderosos. O sentimento da própria autonomia, a independência de caráter que possuía em alto grau, faziam-no considerar-se feliz de poder resistir ou afrouxar as insolências e perversidades dos grandes!"

Osório e sua estância Cruzeiro, no Uruguai

E de fato, para esse fim, logo que sentiu-se melhor de saúde, retirou-se para sua Estância no Uruguai, próximo à Santana, onde se demorou. Essa estância, que denominava do Cruzeiro, a adquirira ele em antigos tempos, já a comprando em pequenas porções, a crédito, ou a dinheiro emprestado por amigos, em épocas em que os campos e gados valiam pouco, fazendo os pagamentos com os produtos dela, e revertendo as sobras quase inteiras em seu aumento; já por herança de seus pais. Eis aí como, de soldado pobre, conseguiu deixar fortuna aos filhos. Mas, com que trabalhos! Se é verdade que a esposa, em parte o auxiliou, fazendo economias, vivendo com modéstia, e mesmo fabricando algumas vezes, nos primeiros anos de seu consórcio (quando ele estava ausente, nas guerras), artefatos para vender, e reunir, por esse modo, pecúlio para ajudá-lo a saldar seus compromissos. Também é verdade que ele, de volta de suas campanhas não se desprezava de trabalhar ao lado dos peões em todo o serviço, exposto às

intempéries.

Lembro-me (seu filho Fernando) de ouvi-lo dizer: - “A primeira casa que possuí, foi quatro estacas fincadas no chão, presas ao alto por quatro varas com um couro fresco estendido por cima. Cansado do serviço feito ao rigor do sol, que belas sestras não dormi eu à sombra dela!”

Um notável autodidata que compensou o sonho de cursar uma faculdade

“Não teve Osório a fortuna, que tanto almejava na sua mocidade, de cursar um estabelecimento científico. Pode apenas freqüentar duas aulas particulares de primeiras letras onde o ensinaram somente a ler, escrever o pátrio idioma e as quatro operações aritméticas, e tudo isso muito mal.

Em suas primeiras campanhas aprendeu a falar o espanhol e alguma coisa do guarani. Porém, a falta dos mestres ele supriu à sua própria custa, fazendo estudos consigo mesmo, imperfeitos é verdade, mas suficientes para desenvolver-se no meio em que viveu. Osório lia muito, especialmente à noite, jornais, tratados militares, políticos e históricos. Enganam-se os que pensam ter sido ele um homem exclusivamente prático, sem conhecimento algum da teoria. A verdade é que o General Osório não fazia alarde das suas leituras. Entretanto ninguém o excedia no conhecimento da política do seu país e dos seus homens ilustres, da história da sua pátria e das repúblicas do Prata e dos seus vultos proeminentes.

Dotado de bom senso e de um espírito profundamente observador, meditava sobre o que lia ou ouvia de pessoas ilustradas. Provocava, discutia as opiniões destas, e formava a sua, criteriosamente! Era lacônico, falando ou escrevendo. Não deixava carta sem resposta. Na palavra falada não se lhe encontravam incorreções. Na ortografia notavam-se falhas.

Osório como soldado

Neste particular, apresentava Osório um tipo perfeitamente original. Assentou praça contrariado e unicamente para ser agradável a seu pai. A primeira vez que este lhe falou em tal derramou lágrimas. Era todo o seu desejo estudar. Entretanto, depois que jurou bandeira e entrou para a fileira, transformou-se completamente. Compenetrou-se da responsabilidade que assumiu. Restringiu-se ao cumprimento exato de suas obrigações, mediu o alcance do compromisso tomado e manifestou-se conforme com a profissão que a sábia providência de seu pai lhe dera!

Entre o início e o termo da sua carreira militar percorreu, gradativamente, todos os postos até o mais elevado - o de Marechal do Exército - à custa de muitos sofrimentos, suportando mil privações, fazendo árduas campanhas, entrando em combates, dirigindo batalhas e derramando seu sangue.

Debaixo de três aspectos pode ser observado: como militar arregimentado, como comandante de corpo e como general, chefe de Exército.

Sob o primeiro, ele é o oficial subordinado que tem o elogio constante dos seus superiores e a afeição sincera de seus camaradas. Porque não é só o cumpridor de ordens, é, também a personificação da lealdade à sua bandeira e da dedicação que vota aos companheiros de armas. Sob o segundo, é tudo isso e mais alguma coisa. É considerado pelos seus comandados o exemplo do patriotismo e da coragem à frente do inimigo. Sob o terceiro, é isso tudo e ainda mais. É o general que goza da confiança não só do Exército como da

Nação a que pertence.

Contemplado desde os seus primeiros passos na escabrosa vida militar, ele se mostra nunca reclamando para si qualquer comissão por ser fácil, nem solicitando dispensa de alguma por ser difícil. Não o atemorizam as dificuldades, não o acobardam. Pelo contrário incitam-lhe a coragem.

Naturalmente, o elogio do chefe alegra-o, a promoção que recebe contenta-o; mas não é pelo elogio nem pela promoção que se bate. É pela satisfação do cumprimento do dever. Nunca foi visto pedindo recompensas nem queixando-se de preterições nos acessos. Convenceu-se de que a vida militar era uma série de martírios e muito natural o seu sacrifício.

Faltava-lhe a barraca, desencilhava o cavalo. Do lombinho fazia o travesseiro, das caronas o leito, do poncho o cobertor. E assim, deitado sobre a relva do campo, - à gaúcha - nem se lembrava de que pudesse existir no mundo mais confortável cama.

Faltava-lhe a mesa? A roda do fogão aceso, a beira do mato ou a encosta da coxilha, acocorava-se ao lado dos camaradas para compartilhar do churrasco ao espeto, sem sal, sem farinha, sem pão, satisfeito e esquecido de que pudesse haver na terra alimentação mais agradável.

Era preciso passar a noite vigilante, à espera da hora da partida? Passava. E, às vezes, para iludir o sono, entretinha-se a contar histórias do passado, a calcular sobre o futuro, e a provocar com o seu gênio prazenteiro a resignação para o ânimo do entristecido companheiro, já referindo anedotas, já improvisando canções na viola que dedilhava.

Viajar horas seguidas exposto ao sol ardente ou debaixo de chuva torrencial sem tempo de mudar a roupa, isso não lhe causava abalo, antes da sua última campanha.

Nas viagens longas, vagarosas, aborrecidas, sem o inimigo na frente, tinha a facilidade de dormir à cavalo, conservando o equilíbrio na marcha.

Impacientava-o a inação. Afligia-o o destacamento longo. Desejava o movimento, o combate, o encontro com o

inimigo, não para satisfazer instintos sanguinários (que não os tinha), mas para abreviar a campanha e ver restabelecida a paz. Na convivência com os companheiros. E se houvessem eles de ajuntar algum qualificativo ao seu nome na História, o designariam por este modo: Osório - o modesto.

Para comprová-lo, não necessitariam de enumerar fatos sobre fatos que abundam; bastaria lembrar que depois de Osório organizar e comandar o primeiro grande Exército Brasileiro no Paraguai, e um terceiro corpo de que também foi o comandante, sujeitou-se a servir debaixo das ordens de outros Chefes.

Ele era incapaz de negar o merecimento de quem quer que fosse, ou de escarnecer da fraqueza e da infelicidade de ninguém. Ao companheiro esmorecido procurava animar, elevar pelo conselho e pelo exemplo. De sorte que, de poltrões, teve ocasião de fazer heróis.

Um dos mais conceituados oficiais do Exército Brasileiro deveu, talvez, ser elevado do lugar modesto que ocupava nesse Exército, a uma informação sua. Precisando o Duque de Caxias, no Paraguai, de um homem a quem confiasse um posto distinto, foi pedi-lo a Osório, dizendo: - O senhor que conhece o pessoal do Exército, indique. Osório fez a indicação e completou: Não se admire, F. é muito inteligente e... Vá lá, respondeu Osório!

Mais tarde, distinguindo-se o dito oficial, Osório foi ao Duque e perguntou-lhe gracejando: Que me diz do F.? Ainda precisa que eu seja o seu fiador? Não, o seu guasca (patrício) serve muito bem - contestou o Duque“.

Osório e sua notável memória

Possuindo memória admirável, era no Exército onde ela operava prodígios surpreendentes, já indicando uma infinidade de oficiais e soldados por seus nomes, já enumerando os seus serviços.

Na confusão de interesses, ordens, pedidos, queixas, reclamações, providências etc., que agitam os grandes cor-

pos coletivos como os exércitos, Osório conservava sempre a idéia clara das coisas e dos homens. De nada se esquecia. Era um cérebro forte. E lá mesmo, no meio de contrariedades, aborrecimentos e impertinências incômodas, sempre tinha uma frase humorística para dizer.

Durante a organização do 1º Corpo do Exército que combateu no Paraguai, chegou a sua presença um Voluntário da Pátria com muitas cartas de recomendação de pessoas do Rio de Janeiro. Nesse dia Osório estava atarefadíssimo. Recebeu as cartas, leu-as, e depois, vendo que o portador recomendado era bastante jovem, perfeitamente imberbe e de corpo franzino, disse-lhe: - Muito bem, meu menino, já as cartas aqui estão. E a mamadeira? Trouxe-a? Os meus amigos da Corte pensam que estou aqui para desmamar crianças...

O jovem corou, porém, sem vacilar, respondeu: - Não trouxe mamadeira, mas trouxe esta espada, Sr. General, para ter a honra de combater às ordens de V. Ex^a Bravo! - exclamou Osório - aperte-me à mão.

Pouco tempo depois o promovia por atos de bravura.

Quando se retirou da sua última campanha e veio para o Brasil, muitos paraguaios quiseram acompanhá-lo com suas famílias, protestando-lhe gratidão e amizade. Não podendo satisfazer a todos, trouxe alguns e deu-lhes lugar entre os trabalhadores da sua Estância. Vários ali fizeram lavouras.

Osório na hora do combate – a sua transformação –

Na hora da peleja não se excedia no ataque, é certo, mas era terrífico e sem contemplações nas cargas necessárias que dava. Então, não visava senão o cumprimento do dever, a honra da bandeira, a glória da Pátria. Se fosse preciso ele próprio matar, matava. Então, não patenteava mais aquela fisionomia serena de faces rosada, de olhar manso, de sorriso cordial. Era a figura viva, expressiva de todas as energias do guerreiro, com, o sobrolho carregado, o rosto pálido, o olhar chispante, os bigodes como eriçados, o gesto brusco, a voz

regente com poder de arrancar o tímido de sua vacilação e de mandar o valente despedaçar-se na boca do canhão adverso.

Quando, por doente, ausentou-se do teatro da Guerra do Paraguai, ficaram comandantes de corpos que em sua ausência levavam os soldados à pugna, bradando: - Viva o general Osório! E outros, que para animar as tropas, anunciavam a sua próxima volta. Realmente, ao voltar, fizeram-lhe uma manifestação de agrado, até então nunca vista.”

Osório era a encarnação das virtudes de Firmeza e Doçura que os farrapos representaram em sua bandeira por dois amores perfeitos nos ângulos agudos do losango de seu brasão, adotado em 1891 pelos constituintes gaúchos como o brasão do Rio Grande do Sul e que inadvertidamente foram substituídos por estrelas.

Firmeza, traduzida em combate por toda a garra, firmeza e determinação para a conquista da vitória. Doçura traduzida pelo respeito como religião a vida, a honra, a família e a propriedade do vencido inerme.

Isto não ocorreu na rendição dos alemães na primeira guerra mundial, em que foram humilhados, e a resposta da humilhação foi o surgimento de Hitler com tudo o que de negativo que ele representou, como uma resposta a humilhação alemã nos termos da rendição.

E esta lição Caxias e Osório já sabiam, e nunca humilha-ram o inimigo vencido.

Acessível a qualquer hora na guerra e na paz

“Em campanha (como na paz) era acessível a qualquer hora, do dia ou da noite. A todos atendia, desde o soldado até ao general. Estivesse comendo ou ocupado com algum serviço, ou dormindo, se era procurado, queria que o chamassem. Quantas vezes, da cama em que recentemente se havia recostado para descansar, ouvindo a ordenança des- pedir alguém que lhe vinha faltar, não se surpreendeu com este grito: - Mande entrar. Quem é? - Quantas outras, da sua

mesa de refeição, não disse ao recém-chegado: - Antes de tudo, sente-se e vá comendo e vá falando, que não temos tempo a perder?

Não usava botas nos últimos tempos, porém sapatos de entrada baixa, pela impossibilidade em que ficou de calçá-las, pois, transpondo o rio Paraná (Passo da Pátria) conservou por três dias o calçado molhado pelas chuvas abundantes que caíram, sobrevindo-lhe disto inchação nas pernas, mais tarde um eczema em uma delas, e pequenas úlceras. Costumava trazer vestido um leve poncho pala franjada. Este poncho, que veio do Paraguai furado pelas balas, foi lá em certas ocasiões a bandeira-guiadora dos soldados contra os esquadrões, os quadrados e as trincheiras do inimigo.

Alguns generais têm mostrado predileção por uma determinada cor de seus cavalos de batalha. Osório nunca se preocupou com isso, sendo bons todos serviam.

Osório, chefe organizador e disciplinador exemplar

No exercício do comando, foi um chefe organizador e disciplinador. A prova desta qualidade não está no regimento que outrora comandou. Está em mais alta escala no primeiro grande Corpo do Exército Brasileiro que combateu no Paraguai, e no Terceiro, os quais foram por ele formados.

Sabia ser enérgico, mas extremamente, quando era necessário que o fosse. Na organização do referido primeiro corpo houve ocasiões em que foi atormentado por petições de muitos dos seus comandados, que alegando doença para não suportar os rigores da organização obtinham, da comi-seração de alguns médicos, atestados com os quais instruam seus pedidos de dispensa do serviço. Em geral, tais atestados prescreviam, para o restabelecimento dos enfermos - ares do Brasil. Ao princípio, Osório deferia essas petições, mas um dia achou que eram demais, e prevenia-se contra elas.

Em marcha teve necessidade de uma pequena ponte sobre um arroio para passar as tropas, e mandou construí-la

com a recomendação de urgência. Depois, julgando estar ela pronta, voltou ao lugar, nada encontrando feito senão apenas algumas tábuas e pranchões cerrados, e extraordinário aparato para uma grande obra. Irritou-se, e dirigindo-se ao encarregado, disse:

- Bem se vê que a experiência é uma ciência que não se aprende nos livros! Pensa o senhor que vim ao território, gritou para um velho oficial rio-grandense, encarregado das carretas de transporte e homem prático – E quero passar a gente, bagagem, tudo, sem demora. Olá, senhor científico, ponha-se às ordens deste homem, faça o que ele mandar.

E retirou-se. O Capitão Machado amarrou as tábuas à barris e fez balsas. Para guiá-las, estendeu laços compridos, ou os emendou, através do arroio, presos a estacas colocadas em ambas as margens, tendo mandado homens nadadores prendê-los ao lados oposto. Nessas balsas, conduzidas à força de pulsos humanos, agarrando e puxando os laços, operou-se o transporte, em muitas viagens fáceis, sendo que os cavalos e outros animais passaram a nado, e também a nado as carretas, depois de descarregadas, levando barris amarrados em torno, para que não afundassem.

Nem por ser enérgico ou ríspido, deixava de revelar também uma outra qualidade de seu espírito - a benevolência.

Era destemido, e desta sua qualidade deu testemunho o Sr. General Conrado Jacob de Niemeyer com o seguinte escrito, datado de 19 de janeiro de 1893, no Rio de Janeiro:

“Quando o 3º Corpo do Exército, ao mando do General Osório, que fazia a vanguarda das forças em operações, teve de acampar em Tuyu cué, fui, como engenheiro, encarregado de fazer as necessárias fortificações para abrigar o mesmo Corpo de qualquer ataque eventual e, especialmente, do bombardeio de uma importante fortificação inimiga, o que realizei. Como a posição ocupada pelo General Osório estava um pouco a cavaleiro do acampamento de nossas forças e conservava ele nas proximidades de sua barraca o carrinho em que costumava andar quando agravavam-se os sofrimentos de sua perna, tornando assim aquela barraca alvo de fre-

qüentes tiros de artilharia inimiga, entendi dever abrigá-la e o fiz.

Aconteceu que ao dar começo ao entrincheiramento do campo em que se achava esta vanguarda, S. Ex^a adoeceu e guardou o leito por alguns dias. E quando levantou-se, vendo a sua barraca defendida, mostrou-se bastante contrariado e determinou-me destruísse o abrigo ali construído. E me opus, declarando que assim como ele desvelava-se pela defesa das forças sob seu comando, era não menos dever destas zelar pela pessoa de seu chefe e que, portanto tinha, como engenheiro encarregado de entrincheirar todo o acampamento, de abrigar a todos, não podendo, conseqüentemente, descurar-me ou fazer exceção do chefe, porquanto me poderia isso acarretar bem grave responsabilidade. Na ocasião em que lhe fazia eu, em termos respeitosos, esta ponderação e S. Ex^a reiterava suas determinações, no sentido de desabrigar sua barraca, achava-se presente o General em Chefe Caxias que tinha ido visitá-lo. E este, em contrário a essas disposições, ordenou conservar o abrigo feito, aprovando o meu procedimento“.

Osório e seu admirável golpe de vista, segundo Conrado Niemeyer

“O General Osório possuía a grande habilidade de saber ligar as operações ao Terreno, de modo a tirar deste todas as vantagens. Não conheci outro General que dispusesse de um golpe de vista mais admirável. De um relance, apoderava-se logo da sua situação e da do inimigo. Poderia ser derrotado, (o que nunca vi,) surpreendido é que não, porque não se descuidava do inimigo um instante. Julgava este capaz de todos os arrojios, e após a vitória, o revés possível. Conservava no Paraguai o cavalo de sua montaria encilhado à maneira do gaúcho rio-grandense e pronto às ordens. Fazia-o, no Paraguai, ser puxado à cabresto, junto a um pequeno carro em que viajava, por ter as pernas enfermas. Quando precisava, montava a cavalo; então acudia a diversos pontos para veri-

ficar se suas determinações estavam executadas. Gostava de ver e examinar tudo. Ouvia-se um tiro, mandava indagar o que havia. Mas se o emissário demorava, lá ia em pessoa informar-se. Incansavelmente visitava os acampamentos, os hospitais, tudo. Aqui, aceitava o mate que lhe oferecia o soldado e ouvia com atenção aos que lhe saiam ao caminho para falar-lhe. Entregava-lhes de seu soldo tudo quanto podia, porque a sua bolsa estava sempre aberta para os soldados.

Coisa curiosa - afirmou outro digníssimo militar - era ver o General Osório despachar em comissão um próprio ou uma expedição qualquer. Com tal atilamento dava suas ordens e instruções. Tão bem prevenia sobre as diferentes ocorrências que se poderiam realizar. E com tanto acerto indicava as providências para cada um dos casos prováveis, que, parecia que adivinhava. Os executores não tinham como se embaraçar no cumprimento de sua missão”.

No reconhecimento de Humaitá, seu cavalo foi ferido. Osório ficou a pé, a poucos passos da fortaleza. Por entre um chuva de balas um soldado aproxima-se e diz-lhe: - General, retire-se; pode ser ferido. Respondeu: ...Não te aflijas camarada, as balas não fazem caso de mim.

Uma ocasião lhe perguntaram: Que impressão sente V. Ex^a, ao entrar em batalha? Respondeu:

- Ao avistar o inimigo – entusiasmo; ao primeiro choque – medo; ao derrotá-lo – pena!

O General Osório, para penetrar no território desconhecido do Paraguai, para fazer a guerra e vencer todas as batalhas que sustentou, recebeu apenas um pequeno punhado de bravos do Exército permanente e teve de formar e disciplinar na frente do inimigo as fileiras voluntárias que a ele se agregaram! A diferença é apreciável. E, se a evoco, valendo-me desse apanhado histórico que recolhi de um livro de La Barre Duparcq, não é para colocar meu Pai acima dos Grandes Capitães dos tempos idos, mas porque dessa evocação resulta maior brilho e fama para os seus bravos companheiros de armas, que o seguiram aos combates.”

Osório, o poeta repentista

“Desde os primeiros anos de sua mocidade, Osório começou a revelar vocação poética. Ouvindo canções populares, presenciando os improvisos dos trovadores, começou a trovar e a improvisar também. E depois, obediente à sua natural tendência, teve inúmeras ocasiões de exercitar essa misteriosa faculdade, essa parte melodiosa do pensamento, a poesia, como a chamava Lamartine. E exercitando-a, criou fama de poeta repentista, gozando com a máxima prontidão os motes que lhe davam”.

Nota. Naquela época não havia vitrola, rádios, TV. E a poesia ou trova terminava como distração, envolvendo a todos com condições para tal e acabou envolvendo Osório. Existem ensaios estudando esta vocação de Osório, que seu filho Fernando Luiz Osório deixou de explorar, a conselho de poetas famosos. No Arquivo do General Osório no IHGB existem três hinos feitos em sua homenagem.

Fernando Luiz Osório, amigo, filho e biógrafo do General Osório

Dr. Fernando Luiz Osório o grande amigo, filho e biógrafo do General Osório, nasceu em Bagé em 30 de maio de 1848, no 2º ano de Bagé como município desligado de Piratini.

Foi estudar Direito em São Paulo em 1864, onde foi um dos muitos estudantes que se apresentaram voluntários para a Guerra do Paraguai. Praticou exercícios militares mas não teve permissão do pai para ir para a Guerra. Passou a estudar Direito. Em São Paulo se revelou estudante inteligente sob vários ângulos, poeta, escritor, músico, orador e advogado que sobressaía em júris na defesa dos desprotegidos da sorte, o fazendo por iniciativa própria ou como enviado do Núcleo Judiciário.

Foi exaltado propagandista da Abolição, avançado liberal e líder estudantil.

Muito jovem ingressou na Loja Maçônica América em São Paulo, a primeira que teria promovido a emancipação de escravos e foi signatário do compromisso de nunca possuir escravos. Problemas de protestos estudantis levaram-no a estudar Direito em Recife, onde defendeu muitos militares.

Formado, abriu escritório em Pelotas onde fundou a primeira aula noturna para adultos. Foi redator político do **Diário de Pelotas**.

Criou em Santana uma Sociedade Literária para preleções populares sob o tema Amor a Pátria.

Foi deputado provincial de 1874/75, onde se revelou grande defensor da causa pública.

Foi apóstolo da eleição direta, solicitando o envio a Câmara dos Deputados de representação solicitando esta reforma.

Foi eleito deputado geral aos 28 anos, de 1876 a 1880, como deputado da oposição. E de 1878/79 como deputado da situação representada pelo Gabinete de Ministros de 5 de janeiro de 1878 de que seu pai foi Ministro da Guerra.

Discutindo o relatório do Ministério da Guerra declarou-se pelo Serviço Militar Obrigatório que o Duque de Caxias começara a implementar em 1874.

Lutou na Câmara de Deputados pelas ferrovias estratégicas de sua Província.

Com a morte do pai assumiu o seu lugar no debate político contra o grande tribuno Dr. Gaspar Silveira Martins.

Em 11 de junho de 1880 publicou folheto de 108 páginas divulgadas em quase todos os jornais com o título "**O General Osório defendido por seu filho**". Com a cisão do Partido Liberal fundou e redigiu em Pelotas o jornal **Discussão**, como órgão do Partido Liberal, onde se revelou polemista, impondo-se pela pena como já havia se imposto pela palavra. Foi o chefe da dissidência do Partido Liberal e abriu luta heróica contra o partido dirigido pelo Dr. Gaspar Silveira Martins.

Sua luta firmou o seu prestígio popular. De 1886/1889 reabriu sua banca de Advocacia em Pelotas tornando-se ao

início de 1889 um desiludido com a Monarquia.

Proclamada a República hipotecou solidariedade ao Marechal Deodoro, grande amigo que fora de seu pai. E partiu para o apostolado republicano fundando e presidindo o Clube União Republicana de Pelotas.

Foi o deputado com o maior número de votos, em 5 de maio de 1891 para a Constituinte do Rio Grande do Sul, onde propôs e teve aprovada a idéia de ser erigido um monumento consagrado à memória dos Heróis Farroupilhas, que foi incluída na Constituição Estadual..

Foi o autor da música e letra do **Hino Republicano Rio Grandense**.

Em seguida dedicou-se exclusivamente a pesquisa histórica visando a escrever a **História do General Osório** que lançaria em 1894, três anos mais tarde.

Só conseguiu publicar o 1º volume, pois foi colhido pela morte aos 48 anos, tendo seus filhos continuado o seu trabalho com a **História do General Osorio**, v. 2.

Sua obra como historiador foi notável no curto espaço de tempo que dispôs.

Reuniu documentos históricos valiosíssimos e ainda pouco estudados. Obra caracterizada por difíceis pesquisas, reconstituições e dedicação extraordinária que só o amor de um filho inteligente, culto e patriota distinto poderia ter levado avante.

Este trabalho lhe valeu sua eleição em 25 de agosto de 1889, como sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Antes de 5 de abril de 1894 foi nomeado Ministro Plenipotenciário da República do Brasil na Argentina, quando no Brasil se desenvolvia a Guerra Civil na Região Sul em aliança com a Revolta na Armada.

Exerceu sua difícil missão durante cerca de 5 meses. Retornando foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal Federal em 15 de outubro de 1894, sendo aprovado pelo Senado em 16 de novembro de 1894.

Foi nomeado Grão Mestre Adjunto do Grande Orien-

te Maçônico do Brasil, sendo colhido pela morte em 26 de novembro de 1896, cabendo homenageá-lo no IHGB o Dr. Alfredo do Nascimento.

Era casado com D. Ernestina Assumpção Osório, filha dos Barões de Jarau, com a qual teve os seguintes filhos: Manoel Luiz Osório, Joaquim Luiz Osório, Pedro Luiz Osório, Francisco Luiz Osório e Fernando Luiz Osório (filho) que abordamos nas legendas da iconografia.

A família Assumpção era abastada e proeminente na cidade de Pelotas. Quem visitar a Catedral de Pelotas esta ilustre família figura como doadora da maioria dos seus vitrais.

Conheci e privei com a notável historiadora e escritora pelotense D. Heloisa Assumpção Nascimento. E em sua companhia fui agraciado pela Câmara de Pelotas com a Comenda J. Simões Lopes Neto e de sua lavra possuiu seus livros e cópias de seus artigos publicados no **Correio da Manhã** de Pelotas que me foram passados pelo historiador pelotense Major Ângelo Pires Moreira. E D. Heloísa com ele foram empossados sócios correspondentes da Academia de História Militar Terrestre do Brasil no QG da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em 2001, ao lançarmos livro com a História desse grande comando.

A visão de Osório sobre o Imperador do Brasil

O Imperador D. Pedro II não encontrou nele nem o cortesão nem o idólatra de sua individualidade, nem o monarquista sistemático; mas um simples respeitador da autoridade que sua pessoa representava, um compatriota afeiçoado e leal, um amigo de dizer-lhe a verdade, um soldado franco que lhe fazia alguma advertência, um homem que colocava a soberania nacional acima de todas as soberanias, e que às vezes dizia ao mesmo Imperador: - Senhor, se lembro isto, se digo isto, não é por amor da minha conveniência particular. Estou velho, doente, pouco mais poderei viver. Não tenho outra ambição que não seja a de morrer vendo minha Pátria respeitada e feliz.

Não tinha outra ambição! Oh, sim! No entanto não faltou quem procurasse despertar-lhe uma: - A de captar a admiração do mundo, derrubando o trono, proclamando a República, valendo-se para isso de sua enorme popularidade.

Tudo prova que Osório foi sempre contrário à implantação da República no Brasil. E o motivo era porque no seu tempo considerava-a um fruto ainda não amadurecido. Todavia, vaticinava que o futuro lhe pertenceria. E não se enganou:

- A coisa há de vir, não se aflija - respondia ele uma vez a um demagogo impaciente. Há de vir, porque, há muito neste país não se trabalha para outra coisa - talvez inconscientemente. Trabalha o Imperador com os seus hábitos excessivamente democráticos, que não se assentam num rei, e que são a perfeita antítese de certas prerrogativas e exigências inerentes à régia pessoa. O Imperador se compraz em ouvir dizer que o governo do Brasil é uma Democracia coroada. Considera-se o primeiro republicano na sua Pátria e procura, sobre a dos monarquistas, a estima e a admiração dos republicanos ilustres de todos os países. Sim, dos republicanos que combatem a Monarquia em toda a parte. Que o elogiam quando o vêem nas suas expansões democráticas, mas que o escarnecem quando o contemplam sentado no trono, vestido com o manto real e o papo de tucanos! Trabalham, com raríssimas exceções, os estadistas e os chefes dos partidos políticos promovendo antipatias contra o Imperador, quando descem do governo, atribuindo-lhe, na oposição, sentimentos absolutistas, denunciando seu poder pessoal e minando o crédito das instituições. Trabalham os maus executores das leis levando a desconfiança e a descrença ao ânimo do povo. Trabalha a falta de energia da autoridade para coibir os abusos, ou trabalha o seu arbítrio para intervir no que não deve. E todo esse trabalho, se faz nesta terra que é uma porção da América do Sul sempre excitada pelas revoluções políticas, sempre inspirada pelo espírito republicano contra

o sistema monárquico! A moda há de pegar. As idéias são como as epidemias - alastram. A falta de energia da autoridade provoca a licença e a rebeldia; as suas arbitrariedades provocam a indignação e a revolta. Governo reto, governo amado; governo frouxo, povo rebelde.

Osório fazia a política como fazia a guerra – por patriotismo. Em quem menos pensava, era em si. Achou-se elevado a posição de Chefe do Partido Liberal, não porque a houvesse implorado para satisfação de vaidade, mas porque as circunstâncias foram mais poderosas que a sua vontade.

A rotina do Gen Osório como Ministro da Guerra e Senador, e sua obra nestas funções

Debaixo do alpendre de uma vasta varanda aberta que dava para o pátio, na casa em que habitava no Rio, sendo Ministro da Guerra, mandou colocar uma grande mesa em torno da qual, sem cerimônias trabalhava, juntamente com seus secretários, na maior intimidade. O trabalho da secretaria começava desde manhã cedo e estendia-se constante até às 4 ou 5 horas da tarde. Não raramente ia além. Ali não se adiava o serviço. O expediente estava em dia. As pessoas que procuravam seus despachos eram logo atendidas.

A uma certa hora do dia, Luiz, seu velho criado, servia-lhe o mate-chimarrão.

Não longe desse lugar divisava-se o seu aposento que, pela simplicidade do arranjo, lembrava o interior de uma barraca de campanha. Dentro estava o leito em que por fim já não podia achar descanso o seu corpo enfermo, o seu espírito atribulado por ingratidões. Foi ali que ele morreu, deixando de si a memória de uma vida que, poucos dias depois, o orador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro resumiu nestas palavras:

“Não se sabia o que era mais admirável, se a bravura do ânimo e a força do braço do guerreiro, se o abismo de virtudes do coração do homem público e particular”.

OSÓRIO

Senador e Ministro da Guerra

Analisaremos, à luz da Doutrina Militar, a atuação de Osório no Senado Federal e como Ministro da Guerra. Doutrina Militar que defino singelamente como as maneiras em que um Exército considerado se organiza, se equipa, se instrui, se motiva e é empregado em ações de guerra.

Assim, analisamos a obra do General Osório como Senador e Ministro do Exército e seus positivos reflexos na Operacionalidade do Exército, em circunstâncias financeiras difíceis, na qual ele realizou cortes em atividades desnecessárias ou supérfluas da Atividade-Meio do Exército em benefício de sua Atividade Fim.

E as suas providências, as apresentarei por campos da Doutrina Militar: Organização, Equipamento, Instrução, Motivação no domínio da Ciência Militar, para deixá-lo nas melhores condições de Emprego nos domínios da Arte Militar, conforme abordo em manual de nossa autoria: **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, mandado editar pelo Estado-Maior do Exército através do Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF) em 1978, reeditado e ampliado em 1999. Esta reedição com a participação da AHIMTB.

Organização

- Desenvolveu planejamento para a reorganização da Intendência e dos Arsenais de Guerra.

- Extinguiu oficinas nas Províncias, que acarretavam mais despesas do que lucros à Fazenda Nacional.
- Favoreceu a Indústria Nacional, extinguindo as citadas oficinas que fabricavam itens mais caros do que a nossa Indústria.
- Converteu as oficinas de alfaiates dos Arsenais em oficinas emprestadas, fazendo grande economia.
- Extinguiu a Repartição das Obras Militares e conseguiu apreciável economia.
- Passou a direção das Obras Militares, agora sujeitas à fiscalização do Arquivo Militar, sob a direção de um oficial de Engenheiros, auxiliado por engenheiros hábeis.
- Transformou o Arquivo Militar num estabelecimento útil e rentável, para realizar trabalhos de litografia, impressão e gravuras. E solicitou aos outros ministérios que mandassem fazer no Arquivo Militar, mediante indenização, os trabalhos daquela especialidade de que necessitassem. As economias que foram geradas resultaram em expressiva economia.
- Regulamentou o Laboratório Pirotécnico de Campinho, com vistas ao seu desenvolvimento, disto resultando apreciável economia.
- Criou o Comando de Fronteira de Uruguiana.
- Estabeleceu quartel para o Destacamento do Chuí.
- Organizou um sistema para reaver animais extraviados, extremamente fácil e eficiente.
- Simplificou e harmonizou o regulamento de toques de clarins e cornetas, pondo fim à confusão de toques, e suprimiu os tambores nas Companhias e Corpos do Exército.
- Criou a Colônia Militar do Alto Uruguai.
- Reformou o modo de Escrituração das unidades, que era excessiva e em parte desnecessária pela duplicata de papéis inúteis. Foi um golpe de morte na burocracia ou “burrocracia”, economizando tempo e dinheiro e facilitando a instrução da tropa e a boa fiscalização.

- Em relação aos campos de propriedade do Estado e cavalhadas do Exército, promoveu e realizou a rescisão de contratos de particulares com o Estado, pelos quais usavam os campos quase gratuitamente.

- Conseguida a rescisão, poupou à Fazenda Nacional mais de cem contos de réis e colocou estes campos a serviço das cavalhadas do Exército, fiscalizadas pelos comandantes de fronteiras, além de cortar o abuso do Estado que vigorava.

- Reorganizou o Sistema de Saúde do Exército e fez uma distribuição dos médicos convenientes aos interesses do Exército.

- Atendeu o Serviço Eclesiástico do Exército, dispensando os contratados por desnecessários.

- Extinguiu Companhias de Inválidos da Pátria nas Províncias, em razão de haver o Asilo Central na Corte, na ilha do Bom Jesus.

- Extinguiu o Depósito de Instrução em Santa Catarina, que nada instruíra e fez economia.

- Regularizou nas Províncias o modo de pagamento às praças credoras do Estado e vencimentos de soldos e fardamentos não pagos em tempo, evitando dificuldades e demoras lamentáveis para os pobres soldados.

- Favoreceu os trabalhadores brasileiros, recomendando os arsenais que lhes dessem prioridade nas admissões aos mesmos, admitindo estrangeiros só na falta de nacionais.

- Determinou que os fardamentos para as unidades do Comando das Armas no Rio Grande do Sul (atual 3ª Região Militar) fossem manufaturados no Arsenal de Guerra de Porto Alegre, acabando com o mais dispendioso sistema de as manufaturar na Corte, agravado pelo preço do frete. Os uniformes passaram a serem feitos mais baratos e mais rápido com uma economia de cerca de 11% em relação aos fornecidos pela Corte.

- Regularizou o sistema de ponto dos arsenais, facilitando o trabalho e fazendo economia nos livros, que

foram limitados a dois.

Equipamento

- Mandou fazer ambulâncias para transportar doentes, acabando com as padiolas nos ombros dos soldados.

- Mandou construir quartéis e entre eles o Quartel do atual 16º GAC (6º Grupo de Artilharia de Campanha – Grupo Marquês de Tamandaré), em Rio Grande, o qual há 129 anos vem prestando valiosos serviços ao Exército.

- Auxiliou a Comissão Militar na construção do Telégrafo de São Gabriel a Santana e ordenou a construção do Telégrafo de Canguçu a Bagé, passando por Piratini, etc.

- Melhorou o correame fornecido ao Exército, que era preparado com simples aparelho, imperfeito e inconveniente para a sua conservação. Passou a distribuir correame envernizado com verniz Black Japan.

- Determinou que fossem fornecidos aos arsenais das Províncias correames com instruções para seu envernizamento.

- Nas províncias onde existiam arsenais, mostrou a seus presidentes a conveniência de instruir-se praças das companhias de operários militares no ofício de armeiros, com conhecimento especial dos maquinários e do concerto de armas modernas em uso no Exército.

- Mandou construir carros para o transporte de materiais do Exército, passando o serviço de transportes a ser realizado pelas Unidades de Cavalaria, eliminando o serviço antigo, moroso e dispendioso, feito por carretas particulares, muito pesadas em que era comum seus donos fazerem conluíus pedindo fretes caríssimos.

- Preocupado com o armazenamento do Exército, uniformizou a munição para armas Comblain, pois em Porto Alegre se preparavam cartuchos com percussão

periférica e na Corte com percussão central, prevenindo assim acidentes que poderiam produzir desastres pelo uso de cartuchos diferentes. Mandou vir de Porto Alegre e de seu Arsenal, o mestre das oficinas de máquinas para adquirir prática na fabricação de cartuchos com percussão central e um artífice de fogo para aprender a manipulação de fulminantes necessários à oficina pirotécnica do Arsenal de Guerra de Porto Alegre. O cartuchame de Porto Alegre não pode ser aproveitado por não se adaptar as armas e nem explodir. Fez com estas medidas grande economia.

- Aprovou e adotou o modelo de cartucheiras para as armas Spencer, uma invenção brasileira e remeteu uma para cada Arsenal para que as produzissem.

- Criou e mandou executar cartucheiras para as clavinhas Winchester que não as possuíam.

- Suprimiu do equipamento das praças certas peças que os soldados carregavam, inúteis na paz, tais como cantis, marmitas, marmitões, sacos, correias, peneiras, Etc. e sobre casacas do 1º uniforme, por serem iguais a do 2º uniforme. Assim fez proceder o 1º Regimento de Cavalaria e o 2º de Artilharia da Guarnição da Corte.

Intendência

- Estabeleceu a prática de tiro por civis, o que regulamentou, face à sua grande utilidade para a Defesa Nacional, em um Exército que não formava reserva.

- Regulamentou o Concurso para repetidores da Escola Militar da Corte.

- Regulamentou a preferência de candidatos a matrícula ao Curso Preparatório à Escola Militar da Corte, evitando a preferência, filhos do patronato.

- Regulamentou o pesado e difícil serviço de Defesa do Império na fronteira Sul, face às agitações nas vizinhas repúblicas e a imperiosa necessidade de nela defender

os interesses nacionais, por mais de uma vez ofendidos, seja por desleixo dos governos, quer por invasões estrangeiras que a tempo não puderam ser impedidas.

- Melhorou a mobilidade das unidades de Cavalaria, que estavam quase a pé e determinou os pontos onde com prontidão podiam ser feitas as remontas das cavalhadas.

- Quanto à instrução, exigiu que freqüentassem a Escola de Tiro, praças e subalternos que fossem aptos, com a finalidade de dotarem as unidades de pessoas com capacidade de, em casos de urgência, executarem consertos nas armas.

- Cercou o campo de Saican para evitar o extravio de animais.

- Inventou uma pistola, muito necessária para os lanceiros, calcado no sistema Winchester.

- Regulamentou o serviço de Laboratório de Campinho, restringindo o pessoal e eliminando despesas supérfluas.

- Extinguiu laboratórios de províncias que mais prejudicavam o Exército do que a ele serviam.

- Reduziu despesas excessivas feitas com os serviços das fortalezas Santa Cruz, São João, Asilo Inválidos da Pátria, Escola Militar, etc.

Suas ações no Senado constam de seus Anais e foram transcritos por seu filho e deputado federal Fernando Luiz Osório em sua obra. E mais em **Senador Manoel Luis Osório – Marquês de Herval**. Brasília: Senado Federal, 1982. Obra esta organizada por Leonardo Leite Neto, apresentado pelo Senador Jarbas Passarinho, como presidente do Senado e com Introdução de Vamireth Chacon. Obra que melhor explicita a atuação parlamentar do Senador Osório em defesa dos interesses do Exército, onde destaco os seguintes pensamentos, assinalados em sua leitura atenta.

“Osório, o militar e estrategista das companhias platinas era um artesão partidário, além de líder nacional...”

(Vamireth Chacon).

“Eu não sou dos que pensam que o Exército não deve cuidar da ordem pública, porque a Nação é quem paga o soldo. E não é seguramente para estar só no quartel aprendendo o manejo.” (General Osório)

Esta afirmação foi feita ao tempo em que os integrantes o Exército eram profissionais e não prestadores do Serviço Militar Obrigatório, a partir de 1916, em que ele foi adotado. Nobilitado pelo Imperador como Marquês e pelo povo como líder”. (Vamireth Chacon)

“Em matéria de serviço público, não indago a posição dos brasileiros na política, e sim quais os que cumprem bem o seu dever em bem da Pátria”. (General Osório)

“Bravo Osório, mestre da disciplina militar e da liberdade civil”. (Odylo Costa Filho)

“É uma das mais puras glórias do Exército Brasileiro. Nenhum general foi mais popular e querido do que Osório, grande e ilustre pela bravura, pela lealdade e pelo patriotismo”. (Barão do Rio Branco).

Esta obra transcreve os discursos, apartes, proposições e outros expedientes de autoria do Senador General Osório inscritos nos Anais do Parlamento.

Além destas, o trabalho contém seleção de textos diversos cabendo destacar:

- Considerações sobre Projeto de soldos de oficiais.

- Discussão sobre a jurisdição policial e militar na fronteira do Rio Grande do Sul com denúncia da insegurança de sua população exposta a vandalismos.

- Defesa da construção de ferrovias ligando Porto Alegre ao interior da Província, da conclusão de linhas telegráficas na fronteira no Rio Grande Sul e estratégicas para a defesa, para apoiar manobras do Exército e segurança de sua população.

- Explicações sobre a sua atuação no comando de Operações Militares na Guerra do Paraguai.

-Sobre o recrutamento precoce e a Guarda Nacional.
-Defesa do Ministério da Guerra face à proposta do Executivo que fixava as forças de terra para o Exército de 1879-1880.

-Defesa de pensões às famílias de oficiais mortos em campanha.

Sua preocupação com ferrovias, manifestou-a um pouco antes de morrer, pedindo que o Governo construísse a ferrovia Rio Grande – Bagé, e idealizava a ferrovia Rio Grande – Pelotas – Canguçu, para apoiar, em caso de invasão do Rio Grande pelo mar uma retirada, e buscar organizar a resistência na Serra dos Tapes.

Em nosso livro **Canguçu – reencontro com a História – um exemplo de reconstituição de memória comunitária**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983, apresento idéias que justificaram àquele tempo esta proposta do General Osório.

Foi muito feliz a iniciativa do Presidente do Senado Jarbas Gonçalves Passarinho, hoje patrono da cadeira 50 da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, em editar este perfil do Senador General Osório, sobre o qual escreveu, na Apresentação, este trecho que destaco.

“A entrada do General Osório para o Senado, a casa mais alta do Império, foi saudada efusivamente, como o comprovam os registros da apoteótica recepção que lhe fizeram os povos das províncias do Rio de Janeiro e da Bahia. Nesta, coube ao campeão do civismo Rui Barbosa saudá-lo calorosamente, justificando, o porquê das aclamações espontâneas... Por isso estas pistas que só a popularidade explica, estas evocações, que não se encomendam nas secretarias, com recursos oficiais, estas explosões da alma do povo, que as majestades coroadas, mas desalmadas não têm, mas que Osório encontrou no Norte, uma a uma em todas as províncias onde pise; porque este é o prêmio para os que servem seriamente a Nação...”

Osório nas Memórias de Alfredo de Taunay na Campanha da Cordilheira

“Esperava-se dizia eu, o Visconde do Herval, o tão popular Osório e, com efeito, chegou a Pirajiu no domingo, 6 de junho. Recebeu-o o Príncipe, com grande demonstrações de apreço, ao seu encontro e abraçando-o com efusão, na estação.

Em todos causou grande alegria a presença do velho e simpático general, que ainda sofria do grave ferimento recebido no dia 11 de dezembro de 1868, de uma das últimas balas da batalha de Avaí. Tinha o maxilar inferior partido. Da ferida saíam-lhe continuamente esquirolas, e não podia nutrir-se senão de líquidos e substâncias moles, impossibilitado da mastigação. E trazia o queixo envolto cinto por um pano preto, amarrado no alto da cabeça.

Gostei muito, mas muito, de Osório, apenas lhe fui apresentado pelo seu sobrinho, ajudante de campo do Príncipe, capitão de Cavalaria Manuel Luís da Rocha Osório, com quem desde logo me havia ligado bastante.

Recordo-me perfeitamente que não pude compreender o que me disse, por gracejo, o general, tal a mescla de português e espanhol agauchado.

- “O doutor...observou com fala grossa, pausada, e um tanto cantada que o distinguia...deve ir já a Assunção. Chegou ao porto um buque (navio) carregado de patilhas, para quem não as tem. E veja que o Manuel Luís não o piale, e todos riram. Quanto a mim fiquei a quanto, sem saber o que

responder. Daí por diante, dei-me bastante com o velho e engraçado general, que tinha com efeito, muito chiste natural. Convidava-me freqüentemente para o seu rancho e chamava-me “Sr. Bacharel”. Uma vez fez-me almoçar uma feijoada monstro, e dela tanto comemos ele, eu e o Dr. Manuel José de Oliveira, comilão de força, que ficamos caídos na relva, empanturrados e a cochilar. Contavam depois, com graça, que o despenseiro do Osório fizera-lhe ver com toda a serenidade que mais dois almoços assim, e os viveres se esgotavam de vez.

Chão, atraente e simpático no trato o Herval, mas fino e matreiro como tudo, na tal simplicidade, já espontânea, já estudada. Jeito enorme para inspirar ao redor de si reais afeições, até dedicação, que tocava as raias do fanatismo, fazendo-se, em extremo, querido dos oficiais e soldados.

Dera-se sempre muito, e com toda a lealdade, com Caxias, e, apesar de várias circunstâncias exploradas pelos mexeriqueiros e enredadores de toda as épocas, conservaram-se as boas relações perfeitamente cordiais, ainda que a intriga, com particular afã, em miná-las e destruí-las. Mais tarde, no Senado, os choques de ordem política, as contínuas insuflações, e o espírito de competência acabaram pôr desmanchá-las e cortá-las, creio, porém, que com sentimento de ambos os ilustres homens de guerra.

Alias, a grande correção de Caxias, em tudo quanto se prendia à subordinação militar, não se dava bem com os modos com que se prendia a liasses [do verbo liar (jogar)], e o pouco caso do Osório em muitos pontos desta espécie. Levava os homens por arrebatamento e pelas qualidades pessoais, mais do que pelo prestígio da posição e respeito à lei e aos preceitos regimentais.

Daí a radical diferença com o Duque de Caxias, este muito mais general estratégico, organizador e, sobretudo, administrador, do que aquele, de maior mérito e realce tático, pela indomável bravura, valentia toda natural, calma, serena, como se, no meio dos maiores perigos que um homem pode correr, estivesse sempre numa sala de baile a

cortejar damas.

E já que me veio o símile à pena, lembrarei de passagem quanto Osório, ainda velho era, para com as mulheres, largo e generoso.

Aí se deram vários episódios que me são de todo os pontos pessoais e, portanto, acham cabido lugar num livro de **Memórias** da minha vida.

Na qualidade de encarregado do **Diário do Exército**, posição cômoda, que não me sujeitava imediatamente a nenhum chefe, andava eu mais ou menos isolado, quase sempre no Estado-Maior do Príncipe, mas muito a vontade a ir de um lado para outro.

Foi quando, por sol resplendente, vi se prepararem as colunas de ataque, no alto dos outeiros vizinhos. O espetáculo era positivamente deslumbrante, a ansiedade geral.

Terminara o bombardeio, de maneira que a fumaça, que se havia acumulado na baixada, como impenetrável e denso véu, de todos os lados subia, adelgaçada cada vez mais, tangida por brisa esperta quase frígida.

Aí se destacou, à frente de todos, da outra banda daquela em que me achava, um homem só, montado num grande cavalo branco, cujo pelo brilhava à luz do dia, como se fora um animal todo de prata, começou a descer o declive com maior calma e majestade, embora logo se tornasse alvo de nutrida fuzilaria e até tiros de peça.

Perguntei a um soldado de cavalaria que por junto de mim passou:

- Quem é aquele cavaleiro? "É o general Osório!" respondeu-me.

A estas simples palavras, de mim se apoderou tal frêmito de entusiasmo que quisera estar ao seu lado, ante os olhos de todo o Exército Brasileiro.

São fatos destes, que arrebatam os homens, até os mais frios e cépticos e os levam à morte, afrontando extraordinários, quase inacreditáveis perigos.

Em outras circunstâncias e, decerto aí em cenário mais grandioso, repetia Osório a admirável façanha de passagem

do Paraná, no Passo da Pátria, ele à frente de todos, sempre ele, jogando a vida com a maior serenidade, ou antes com a maior simplicidade, como se fora o mais obscuro e insignificante soldado, cuja perda pouco importará ao Exército e à Pátria!

Acredito bem que todos, todos sem exceção, experimentaram aquele imenso choque elétrico, que nos faz fuzilar pela espinha dorsal o frio das grandes emoções.

Correu logo, com efeito, a emparelhar com o herói, o General João Manuel Mena Barreto; mas, minutos depois vi tombar aquele belo e bravo guerreiro, atravessada como lhe foi a bexiga por duas balas de fuzil.

Aí em Caacupê foi que se retirou o General Osório. Os sofrimentos da ferida do maxilar inferior se haviam exasperado e lhe aconselhavam obrigatório repouso, em lugar de tantas caminhadas sob ardente sol.

Para mim, foi muito sentida esta partida, pois adquirira excelentes relações com esta notável personalidade, cheia de brilhantes qualidades militares.

Ninguém tinha mais jeito para granjear a estima dos oficiais e soldados e, deles saber obter tudo quanto quisesse nos momentos mais difíceis e arriscados; ninguém mais simpático e atraente, sempre e sempre.

Nunca de mau humor e de cara fechada, a menos que não entrasse em cóleras medonhas; e então tudo tremia diante dele e dos seus ímpetos que levavam à morte o Exército inteiro.

E quanto espírito natural! Que engraçadas reflexões, que piadas (no termo familiar) impagáveis, a par de conceitos valentes, sintéticos, assinalados por muito bom senso e propriedade.

Tão precioso no conselho, como no campo de batalha, se é que aí não se tornava superior a todos. Era general eminentemente tático, de posse de admirável sangue frio no meio dos maiores perigos. “Se uma bomba arrebentar na ponta do nariz de Osório, dizia-me o Reinaldo, seu entusiasta fanático, ele nem sequer espirra”.

Ganhou a grande batalha de vinte e quatro de maio a poder de bravura pessoal, levada ao último extremo, infundido em todas as forças que, nesse dia decisivo comandava, a centelha que no indomável peito ardia.

Não se distinguia, entretanto, pelas concepções estratégicas e como que fazia pouco em planos estudados no silêncio e na meditação de gabinete. Deixava tudo, ou quase tudo, à indicação do momento. Diante da picada de Sapucaí, tomada com tamanha facilidade e perda de tão poucos homens, como contei, vi Osório instar com o Conde D'Eu para levar ataque direto à trincheira que nos tomava a passagem. É um instante, afirmava, Vossa Alteza verá. “Mas, reflexionava o Príncipe, é o que se chama atacar o touro pelas aspas!”

“Que touro, replicou Osório, isto não passa de vaca velha”.

Bem andou o Conde D'Eu resistindo às facilidades do impetuoso cabo de guerra que, decerto, a ser o primeiro a se arriscar, lá isto não padecia contestação, mas houvera talvez sacrificado de cem a duzentos homens.

Tinha Osório muita finura, o espírito arguto, malicioso e inclinado em extremo à política, diremos até à diplomacia.

Era um finório de marca; e nas discussões, por fim naquelas, sobremaneira azedas, que se suscitaram em torno dele e de Caxias, acerca de certas operações de guerra, como por exemplo o reconhecimento de Humaitá e a ponte de Itororó, procurou sempre não sair das meias palavras, das afirmações dubitativas e de sentido bastante sibilino.

Creio, entretanto, bem firmemente, que fazia violência a si próprio, não correndo com espontaneidade em socorro e defesa do velho chefe, que no fundo estimava sinceramente, e a quem votava admiração. Acima dele, porém, ficavam as conveniências do partido político, a que sempre pertencera e servira com a maior naturalidade, iluminando por vezes juízos concretos e de grande profundidade.

Ao acaso das reminiscências, lá vão alguns de menor importância, mas engraçados.

A uma rapariga que se lhe apresentou grávida, a pedir não sei que favor para o soldado com quem vivia. Certa vez estávamos, eu, ele e o seu médico de particular confiança, Dr. Manuel José Oliveira tomando café, sentados à porta da sua barraca, observou: “Mas, filha, para que traz você ainda a patrona para diante? Há muito que acabou o fogo, em que andou metida.

Noutra ocasião, encontrei-o deitado na rede, com um livro na mão, e me pediu, traduza em português este english de uma figa.

Comecei, com efeito, traduzindo, confesso, com dificuldade, o trecho apontado. Osório pegou logo no sono e retirei-me sem fazer barulho.

E na primeira oportunidade ele brincou. “E assim é que você fez o que lhe pedi, seu vadio? “Mas V.Excia. pôs-se logo a roncar”, repliquei-lhe.

“É verdade! Só por isto quero bem aquele livro. Sonhei toda a noite que sabia muitíssimo mais inglês do que você!”

Uma feita, me convidou para almoçar.

Teremos o Oliveira, avisou. E verdadeiro duelo entre vocês dois. Feijoada enorme que poderei, cá do meu lado, chupar sem ter que mastigar”.

Com efeito, o “pratarracho” estava excelente e comemos a valer.

Muito mais do que nós dois o médico, o qual, acabado o almoço, deitou-se a fio comprido em cima do gramado, de mãos postas sobre o ventre e deixou-se ir a profundo sono.

Ficou o general de olhinhos pequenos e todo sonolento e fui-me embora, um tanto pesado, sou levado a concordar.

Dias depois, chamou-me Osório e, abaixando a voz, disse-me com ar sério e engraçadamente misterioso:

“Você sabe, amigo, o meu despenseiro reclamou-me que naquele almoço da feijoada lá se foram os víveres de quinze dias? Estou agora apertado deveras e obrigado, por causa de vocês dois a jejuar. É bem duro isto na minha idade!”

Noutra ocasião estávamos na sua barraca de general, os dois sobrinhos, Manuel Luís e João Carlos, aquele Dr. Oliveira e eu, conversando animadamente.

Entrou um empregado da Pagadoria das tropas e derramou em cima da mesa de campanha bom e alto monte de ouro, vencimentos de dois meses atrasados

Ali chegou uma bonita rapariga, amásia do tenente Andrade Neves e talvez, também, protegida do velho Osório, muito dado, toda a vida, ao belo sexo.

“Quanto ouro! Exclamou ela, arregalando os olhos.

“Pois filha, disse-lhe o general, leva-o todo se quiseres”.

“Oh! Isto não. “Vencendo, porém, o escrúpulo, acrescentou: Está bem, tomarei só um punhadinho”.

E abarcando, com a mão direita, o maior número de libras esterlinas que pode, embolsou a soma.

“Sua mão esquerda vai ficar com inveja da direita, observou Osório. Anda, faça o mesmo com ela!” Obedeceu a chinoca, sem hesitação.

“Diabo do ouro! Reflexionou o generoso velho, compassivamente. É o visgo desses pobres e estonteados passarinhos”.

A respeito desta petulante e bem vistosa rapariga é que um general, conhecido pelas contínuas batatadas na conversação, embora não fosse, de todo, simples toleirão, dizia: “Aquela china sustenta um luxo asinático”. Asiático, queria o bom homem dizer.

Outras talvez não passem de simples anedotas, forjadas de propósito para lhe serem atribuídas, como que um “Cônego Filipe” militar.

Por exemplo, contava-se que, certa vez, fizera com ar pesaroso a seguinte observação, ao contemplar enormes rolos de fio telegráfico deixados numa estação pelos paraguaios.

“Que pena, não? Não nos poderemos servir de tudo isto!”

“Mas por que, general?” Ora que palerma! Não passariam senão palavras em guarani”.

Osório e sua amizade com o Imperador D. Pedro II

Em 1846 Osório foi encarregado por Caxias Presidente da Província de escoltar o Imperador D. Pedro II, com 20 anos, e a Imperatriz em sua passagem pela Província depois da pacificação da Revolução Farroupilha .

E Caxias recomendou a Osório que tivesse cuidado porque o Imperador era jovem e gostava de correr.

E Osório a frente de seu famoso 2º Regimento de Cavalaria com parada em Bagé e constituído de jovens que lhe foram entregues por seus pais como testemunha da confiança que nele depositaram, partiu para missão e todos os seus homens montados em cavalos tordilhos.

E nesta viagem nasceu uma grande amizade entre o Imperador e Osório que se arrastou por anos à fora.

Em 1868, o filho de Osório Fernando Luiz acadêmico de Direito em São Paulo, nas férias escolares viajou ao Rio de Janeiro desejoso de conhecer o Imperador.

Este o recebeu pôr saber tratar-se do filho do bravo General Osório que voltava pela última vez ao Teatro da Guerra para ajudar seu genro o Conde D`Eu e Marechal Gastão de Orleans na Campanha da Cordilheira.

E durante a visita do jovem acadêmico Fernando Luiz Osório com cerca de 20 anos, o Imperador lhe falou:

“Sou muito amigo do seu pai. Ele é um bravo! Só possui um defeito, o de ser também político”!

No ano seguinte em 1869, Fernando Osório revelou este diálogo a seu pai e que assim lhe respondeu depois de uma boa risada.

“ É respondeu”. – Poderia ter respondido que graças a este defeito seu pai foi útil a nossa Constituição, ao Trono e ao seu Imperador.

Pois ele defendeu a Monarquia de 1836-1845 com armas na

mãos no Rio Grande do Sul, quando os farrapos tentaram eliminá-la do Brasil por ele haver entendido que ela havia esgotado o seu tempo no Brasil.

E prosseguiu Osório comentando a seu filho o quanto seu feito de ser político, havia sido útil a permanência da Monarquia.

Ao longo de minha vida militar tinha ouvido estes diálogos que o General Osório mantivera com o Imperador D. Pedro II ao com ele despachar como Ministro da Guerra.

Certa vez o Imperador se recusou a assinar uma proposta que Osório fez Imperador para promoção de um oficial.

E mais uma vez Imperador a devolveu a Osório sem a assinar.

E Osório insistiu na proposta ao que ao Imperador lhe falou:

“ – O Senhor conhece bem este oficial?

- Nada sei que o desabone, respondeu Osório.

- O Imperador hesitante menciona!

- Ouvi dizer que este oficial gosta muito de mulheres!

- Se for isso – Osório riu e falou – Eu não devia passar de simples soldado!

Noutra feita num despacho com o general Osório o Imperador começou a cochilar.

E Osório soltando sua espada do cinto , a deixou cair no chão de propósito!.

E o imperador acordou sobressaltado e falou a seu Min. de Guerra: Ainda bem que a espada não caiu no campo de batalha.

E Osório prontamente respondeu ao Imperador:

E que lá ninguém descansa, majestade!

E Osório manteve bom humor até seu final.

Atacado por pneumonia dupla a qual o levaria a morte e que se agravou rápido, ao ser chamado o médico que o atenderia este assim o cumprimentou:

- “ Como vai Marquês?

- Águas abaixo para a eternidade respondeu o Gen Osório.

O Imperador esteve presente durante no traslado dos restos mortais do General Osório da igreja da Santa Cruz dos Militares para o Arsenal de Guerra.

Osório em suas disputas políticas no Sul seus adversários conseguiram por duas vezes retirá-lo da Província. Na primeira para retornar teve a interferência de seu amigo Caxias e na segunda de seus amigos Caxias e D.Pedro II que então a pedido de Caxias , D. Pedro II teve de usar seu poder Moderador.

Recepção em Porto Alegre, com a entrega de sua Espada de Honra

Em 6 de agosto de 1871 o General Osório recebeu das mãos do Coronel Manoel Deodoro da Fonseca a sua espada de ouro, resultado de subscrição entre seus antigos comandados, “em reconhecimento e viva admiração que lhe tributava o Exército Brasileiro pelos constantes serviços e inexcusável abnegação à Pátria”.

Em 14 de julho de 1871 o General Osório responde sua disposição de ir a Porto Alegre na época que lhe foi solicitado e desculpa-se da demora na resposta por estar ausente de Pelotas em sua estância Cruzeiro, no Arapeí, no Uruguai, próxima de Sant’ana do Livramento atual.

A comissão central dos festejos em Porto Alegre era composta do Marechal Câmara, Gaspar Silveira Martins, Dr. Luís da Silva Flores, Dr. Thimóteo Pereira da Rosa e Manoel Soares Lisboa.

De Porto Alegre foi despachada um flotilha composta de seis vapores para ir ao encontro do vapor Guahyba, em que Osório viajava. A partir do encontro com a flotilha e homenagens que seus integrantes lhe prestavam, Osório respondia a estas homenagens com vivas a Nação e ao Povo de Porto Alegre.

O trapiche de Porto Alegre estava ocupado por cerca de 6.000 pessoas que, freneticamente, saudavam o herói de 24 de maio de 1866. Foi saudado pelo Marechal Câmara, que terminou sua oração com esta sentença:

“Viva o herói cuja dedicação e valor tão de perto pude apreciar”.

Os dois haviam brilhado na batalha do Avaí.

Osório agradeceu. E em cortejo seguiram até a Catedral para um Te Deum. E esta estava adornada com as bandeiras dos diferentes Corpos de Guardas Nacionais e Voluntários da Pátria que fizeram a Campanha do Paraguai.

Iam, à frente do cortejo, duas bandas de músicas e um piquete de Cavalaria comandado pelo Tenente José Joaquim de Andrade Neves, filho do heróico Barão do Triunfo, antigo Ajudante de Ordens de Osório na campanha da Cordilheira.

No trajeto, em que meninos e moças recitavam poesias, em caminho pelas ruas 7 de Setembro, General Câmara, Praça D. Pedro II, as janelas das casas estavam guarnecidas com vistosas sedas, e das sacadas eram atiradas flores sobre o General Osório.

Findo o Te Deum, acompanhado por grande massa popular, Osório deslocou-se até à rua da Praia, na casa de seu cunhado, o Ten Cel Bordini, onde se hospedou.

À noite, Osório foi muito cumprimentado pela multidão em torno do palacete.

Todos os porto-alegrenses foram unânimes em afirmar que a recepção ao General Osório foi a festa mais graciosa ocorrida em Porto Alegre.

Na noite de 3 de agosto na redação **d'A Reforma**, Osório foi saudado pelo Dr. Florêncio de Abreu. Nome que foi dado à praça (Praça Senador Florêncio), mais tarde Praça da Alfândega onde, em 6 de agosto de 1933, seria inaugurado o Monumento de Osório.

Osório agradeceu, dizendo estar sempre pronto para defender a honra e os direitos da Pátria. E que não desconhecia o auxílio que lhe prestaram os amigos e seus compatriotas, sem os quais nenhum general poderia desagrar a honra da Nação. E a seguir falou “que na guerra era o primeiro a desafrontar a sua Pátria; acabada a luta ele era apenas um do Povo, em cujo seio vivia e de onde ele havia

saído.”

Domingo, dia 6 de agosto de 1871, no Campo do Bonfim, (depois Parque da Redenção e hoje Parque Farroupilha, defronte ao atual CMPA), fora construído elegante pavilhão, profusamente enfeitado que, em seu interior, abrigava a Espada de Honra ofertada ao General Osório.

Próximo do pavilhão, foram cavadas trincheiras e nelas colocadas peças de Artilharia para um combate simulado da guarnição do Exército em Porto Alegre.

Osório deixou sua hospedagem a cavalo, acompanhado de um Estado-Maior integrado pelo Marechal Câmara e Visconde de Pelotas, tendo como ajudantes o General Bento Martins, Barão de Ijuí, e muitos outros guerreiros do Paraguai.

No trajeto, Osório foi homenageado efusivamente. As ruas estavam movimentadas com carros e cavaleiros e pessoal a pé, que se deslocava para assistir à solenidade.

Osório foi recebido no local da homenagem, onde estavam concentradas cerca de 8.000 pessoas, que o receberam com entusiasmadas aclamações.

A seguir, passou em revista as tropas da Guarnição ali formadas. Delas mereceu Osório as honras militares, com salvas de duas baterias.

A seguir desmontou (boleou a perna) do seu cavalo e foi recebido no Pavilhão pela Comissão Militar, integrada pelo Coronel Manoel Deodoro da Fonseca (que 18 anos mais tarde fundaria o Clube Militar e proclamaria a República), e demais membros da Comissão, entre os quais o já Tenente Andrade Neves, filho do Barão de Triunfo.

Neste momento, o Coronel Manoel Deodoro da Fonseca apanhou a Espada de Honra e dirigindo-se a Osório, com o ar marcial e imponente que o distinguia falou:

“General: - Os oficiais que no Exército Imperial tiveram a fortuna de servir sob as vossas ordens, na campanha contra o Governo do Paraguai reuniram-se, por voto do mesmo Exército, para a que vós fosse dado um duradouro sinal que patenteasse a amizade e admiração condignas de vossas ações.

A história dessa grandiosa campanha, onde o vosso nome faz lembrar os fastos militares do Passo da Pátria, Tuiuti, Humaitá, Avaí e outros; onde a vossa espada abria o caminho da glória e guiava os soldados da Aliança, onde vossa intrepidez e o valor calmo e refletido davam aos combates vitoriosos resultados; onde os vossos feitos, em tempo algum excedido, levaram à posteridade o nome – Osório – que, por si só, muito quer dizer na vida militar. Essa história, General, está escrita em letras de ouro no mimo que aqui vedes e que bem exprime uma guerra e suas conseqüências vitoriosas a par do nome – Osório – verdadeiro emblema de sublime e heróico militar.

Tudo isso, General, deu lugar aos sentimentos de amizade e admiração consagrados por vossos comandados e a honra e o prazer de hoje entregar-vos esta oferta como prova do muito que vos querem.

Recebei- a General Osório, que é de coração”.

O General Osório, comovido, recebeu a espada, profereindo estas palavras:

“Sr. Coronel. – Entre as honras com que me têm distinguido o Governo do País, os Governos Aliados e os nossos compatriotas, pelos serviços que prestei à Pátria, à Aliança e à Liberdade, na América, nenhuma é mais sensível ao meu coração do que esta que me confere por vosso intermédio, o valente Exército que tive a sorte de comandar.

Ao seu patriotismo e inexcusável bravura devo as vitórias que alcancei, e a nossa Pátria querida o brilho de suas armas e a glória de sua bandeira.

O Exército é o verdadeiro apreciador dos trabalhos que juntos sofremos, dos obstáculos que encontramos, das dificuldades que vencemos. É ele, pois, o juiz imparcial dos serviços prestados à causa nacional, nessas ásperas campanhas das planícies das terras do Paraguai.

É por isso que me acho em extremo penhorado pelo quinhão com que generosamente me brinda o vitorioso Exército Brasileiro, na partilha das glórias que conquistou em tão dura guerra.

E peço-lhe, Sr. Coronel Manoel Deodoro da Fonseca, que como um dos heróis que fostes desta guerra, aceiteis, para transmitir a nossos camaradas, a manifestação da profunda gratidão que voto ao heróico Exército vingador das injúrias da Pátria, e os sentimentos que me inspiram o seu valor, o seu devotamento e sua incomparável abnegação”.

Osório, três dias depois, ao examinar a espada e constatar que ela não tinha fio comentou brincando: “-Vou mandar afiá-la, pois um homem não sabe quando precisa de armas”.

Sua filha, presente, falou: “-Pai esta é uma arma de festa!” E Osório respondeu: “-Deixemos disso, filha, com estas coisas não se brinca!”

Finda a cerimônia, o General Osório passou a tropa em revista. E teve início um combate simulado travado entre Cavalaria e a Infantaria e Artilharia entrincheiradas.

Comentou a imprensa que foi um espetáculo lindíssimo, pelo qual os porto-alegrenses puderam apreciar como era uma batalha.

Foi tocado o Hino Nacional, acompanhado de vivas ao General Osório.

Antes do anoitecer, terminada a festa, o General Osório retirou-se para a sua residência, tendo em caminho recebido ruidosas manifestações populares.

À noite recebeu visitas de oficiais e amigos e recebeu da Comissão um retrato seu, a óleo, de tamanho natural.

Os festejos oficiais prosseguiram por mais dois dias. Nas noites de 31 de julho, 2 e 4 de agosto, Osório assistiu espetáculos de gala em sua honra no Teatro de Porto Alegre, sendo sempre carregado em triunfo da sua residência até o teatro.

No dia 9 de agosto, o General Osório foi homenageado com um baile, e no dia 10 regressou a Pelotas.

Ao retornar de viagem ao Recife em 1877, onde fora visitar os filhos que lá estudavam Direito, pediu permissão, que lhe foi concedida, para usar a sua Espada de Honra.

O General Osório e seu testamento em Pelotas em 11 de janeiro de 1871

Em 5 de janeiro de 1877, Osório fez o seu Testamento em Pelotas nos seguintes termos:

“Eu, o Marques do Herval, Tenente-General do Exército Nacional, achando-me em meu perfeito juízo, claro e de são entendimento, resolvi fazer o meu testamento, que quero seja observado e cumprido pela maneira seguinte:

“Declaro que sou brasileiro, nascido e batizado na vila de Conceição do Arroio (atual Osório), nesta Província, filho legítimo do Tenente Coronel Manoel Luiz da Silva Borges e D. Anna Joaquina Luiza Osório. Declaro que fui casado com D. Francisca Osório, já falecida, e em cujo consórcio houve os filhos seguintes: Dr. Fernando Luís Osório, Adolpho Luiz Osório, D. Manoela Osório Mascarenhas, casada com o Dr. Cypriano da França Mascarenhas e Francisco Luiz Osório, os quais são os meu únicos herdeiros.

Declaro mais que, em consequência de despesas que fiz com a educação de meus filhos varões e não tendo dotado minha filha, julgo de justiça legar-lhe, como por esta verba lego à minha filha, Manoela Osório Mascarenhas, casada com o Dr. Cypriano da França Mascarenhas, a terça de meus bens. E se por acaso ela não sobreviver, passará este legado a meus netos e netas, seus filhos.

Declaro, finalmente, que declaro meus testamenteiros, na ordem em que vão escritos, meu filho Dr. Fernando Luiz Osório, meu genro Dr. Cypriano da França Mascarenhas e

meu filho Adolpho Luis Osório.

E sendo estas minhas últimas vontades, que as mandei escrever por Francisco Antunes Guimarães, que lendo e por as achar conformes ao que havia ditado, assinei de meu punho e quero que cumpram tão inteiramente como nelas se contém.

Pelotas, 5 de janeiro de 1877. Marquês do Herval”.

Seu testamento teve lugar seis dias após haver sido nomeado senador pela Província, em 11 de janeiro de 1877.

A cidade de Pelotas, bem com a Vila de Canguçu, passavam por grande progresso econômico e são testemunhas os luxuosos e majestosos casarões nelas erguidos com se pode constatar. Em Canguçu, dois casarões construídos pela família Piegas, onde hoje funcionam a Casa de Cultura local e o Clube Harmonia.

Relíquias e troféus deixados por Osório à sua única filha, D. Manoela

Ficaram em poder de D. Manoela as seguintes relíquias deixadas pelo pai: Sua Espada de Honra, mais tarde confiada ao Museu Imperial de Petrópolis, onde a visitei em 1964, depois na casa da rua Riachuelo onde Osório faleceu e, finalmente, se encontra em Porto Alegre, no Regimento Osório.

Lança de Honra. Doada pelo povo do Rio de Janeiro, em 1877, depois de seu testamento, e hoje também no Regimento Osório em Porto Alegre.

Lança de campanha de Osório. Com haste de madeira muito resistente, com bocais de prata junto à lâmina e coto. Encontra-se no Regimento Osório, que administra o Parque Osório.

Caneca de chifre bovino. Guarnecida com detalhes metálicos e com uma corrente para permitir a coleta de água sem necessidade de apejar do cavalo.

Macete de madeira. Para gravar estacas de barracas.

Relógio de campanha. Oferecido a Osório pelo Conde D'Eu, depois da vitória em Peribeubú.

Cuia de chimarrão. Usada pelo General Osório em campanha.

Salva de prata. Oferecida pelo Conde D´Eu e que pertencera ao Marechal Solano Lopes.

Bengala. Usada por Osório diversas vezes em razão de problemas com suas pernas.

Álbum de fotos. Oferecido a Osório pela Sociedade Sul-Riograndense, da qual foi Presidente Honorário, e que liderou a construção de seu monumento na Praça 15 no Rio.

Estribo de prata, sobrechinha de casemira encarnada, e badana.

Bonet, farda e fiador de prata de espada.

Ponche de vicunha. Esfrangalhado no reconhecimento à viva força da Fortaleza de Humaitá.

Cartão de Ouro. Oferecido pelos acadêmicos de Direito do Recife, onde estudaram seus três filhos.

Quadro com Carta Imperial. Referente à concessão de seu Brasão de Armas com Grandeza.

Medalhas. Comendas das ordens imperiais do Cruzeiro, da Rosa, de Cristo e de Aviz, e medalhas das campanhas do Uruguai e Buenos Aires (em Ouro) com um círculo ao centro com o número 1852. Tem acima o número 3 e abaixo o número 2, e Medalha de Honra, recompensa à bravura (de cobre e fivela de ouro) e medalha da Campanha do Uruguai de 1865.

Parte destas relíquias foram expostas na Academia Militar das Agulhas Negras em 1979, no centenário da morte de Osório e constam da **Revista Cavalaria**, de 1979, comemorativa deste evento, e relacionadas com fotos na parte desta citada obra. Na época, como membro da Comissão das Comemorações do centenário da morte do general Osório, trouxemos do Museu Imperial de Petrópolis dois óleos de Osório que hoje se encontram na Biblioteca da AMAN, conforme menciono na iconografia, e mais, do Museu Histórico Nacional, os dentes e esquirolas do maxilar de Osório que foram, mais tarde, levados para o Regimento Osório em Porto Alegre.

A chegada do General Osório ao Rio de Janeiro em 28 de abril de 1877, para assumir sua cadeira de Senador pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul

Osório chegou ao Rio à bordo do vapor nacional Rio de Janeiro. Não há memória até então de ovações como as de sua recepção por parte do povo carioca.

“Assisti (seu filho, Fernando) ao seu desembarque e à sua entrada triunfal na cidade. Foi um delírio popular. Foi a primeira vez que vi o povo desatrelar um carro, para conduzir um homem a pulso. Fiquei muito espantado, por ser ainda um provinciano que se espantava de tudo. Mas o próprio General Osório ficou mais espantado do que eu. Espantado e contrariado protestou, pediu, suplicou, e por fim vociferou. E de nada lhe valeu tudo isso. Ele teve que ser puxado por homens.

Os jornais do dia seguinte descreveram a grandiosa festa, que se prolongou por dias, constituindo uma apoteose não vista. Era a primeira vez, depois da Guerra do Paraguai, que entrava Osório no Rio de Janeiro.

Desde às 7 horas da manhã numerosos grupos

de cidadãos de todas as classes esperavam ansiosos o vapor Rio de Janeiro, que deveria aportar. O dia estava sombrio e carregado. E uma espessa cerração escurecia o horizonte, de modo que a todo o instante esperava-se que caísse sobre o Rio de Janeiro uma pancada imensa de chuva. Sem embargo desse receio, as ruas e praças, por onde teria de passar o herói, continuavam a encher-se de compacta multidão. Às 7h30min. foi anunciando que o Rio de Janeiro fundeara nas imediações da ilha de Villegaignon. Correram à encontrá-lo diversas barcas, todas ornamentadas de bandeiras, cada uma com sua banda de música, e todas apinhadas de admiradores e entusiastas de Osório. Quando essas barcas cercaram a figura serena e majestosa do venerando General Osório, o júbilo que transbordava de todos os corações, manifestou-se em estrondosos repetidos e prolongados vivas a ele dirigidos.

Osório adiantou-se para receber as centenas de pessoas que se precipitavam no intuito de o conhecer, e distribuindo a uns o seu aperto de mão, a outros o seu abraço, a todos as fórmulas de sua cortesia e urbanidade cavalheirescas.

Deixou encantados de seu trato sedutor quantos dele se aproximaram.

Além do Clube da Reforma em corporação, e a Sociedade Beneficente e Humanitária Rio Grandense, também se incorporaram à comissão, nomeada pela Armada, as comissões da praça do Comércio e Junta de Corretores, a Comissão do Exército Nacional, a Comissão eleita pela Câmara Municipal da Corte, as comissões de diversas municipalidades (entre elas a de Vassouras, no Rio de Janeiro).

As comissões de grande número de corporações e sociedades desta corte, se apresentaram à cumprimentar o general.

A Sociedade Beneficente Humanitária Riogran-

dense (atual Sociedade Sul Rio-Grandense), acompanhada das outras comissões, seguiu em direção ao Arsenal de Marinha, onde massas compactas de povo, e luzido concurso de pessoas gradas aguardavam a hora de saudar Osório.

Logo que as barcas atracaram no Arsenal, e Osório pôs o pé em terra, o entusiasmo público, subindo de ponto, prorrompeu em novas e estrondosas saudações.

Indo para o centro do Rio de Janeiro em carro tracionado por uma parelha de cavalos, um grupo de oficiais do Exército se adiantou para o mesmo. E retirou a parelha do carro, e o grupo tomou a si conduzi-lo à mão.

Não há palavras que possam descrever o efeito produzido nas massas populares por essa nobre inspiração do patriotismo de um punhado de jovens oficiais do Exército, que assim demonstravam ao General Osório o seu justo e desinteressado apreço.

No seu trajeto, desde o Arsenal de Marinha até o Largo de São Francisco de Paula, o préstito teve de estacar diversas vezes.

Em frente à praça do Comércio, pronunciaram-se em honra da festa diversos e eloqüentes discursos, aos quais Osório respondeu com entusiasmo

Ao terminar a sua fala, fez aos respectivos beneficiados entrega das cartas de liberdade passadas em consequência de uma subscrição ultimamente acontecida na rua do Ouvidor, a qual desde o princípio até o fim achava-se atapetada.

Ao desfilar a comitiva por diante das casas do Hotel da Europa, cujas sacadas estavam ocupadas pelas famílias dos sócios do Clube da Reforma, soltaram dessas sacadas dezenas de pombos brancos, enfeitados de fitas e flores, caindo sobre o valente guerreiro uma imensa quantidade de poesias impressas e folhas de rosa.

As senhoras presentes prorromperam em vivas à Osório e saudaram-no com efusão.

Do estabelecimento do Globo foi recitada uma bela poesia.

Na mesma rua do Ouvidor, entre as de Gonçalves Dias e Uruguaiana, uma comissão de acadêmicos da Escola Politécnica convidou Osório a entregar cartas de Liberdade.

Ao chegar ao Largo de São Francisco de Paula, seguiu o préstito pela rua do Teatro até a praça da Constituição.

No trajeto foi-lhe feito este discurso.

“Íncrito general Osório, já do povo desta capital recebestes as mais cordiais e sinceras demonstrações do alto apreço em que ele vos tem.

Confundido com esse mesmo povo de quem fazemos parte, já com ele lhe tributamos as justas homenagens que vos são devidas.

E quem, como vós, outro cidadão já recebeu entre nós maiores provas de simpatia, de veneração, de amor?

De amor, digo, porque outro não é o sentimento com que o povo sagra os objetos de sua idolatria (aclamações de muito bem, muito bem“!).

E vós na verdade sois general, o ídolo do nosso povo. (vivas e prolongados aplausos). Ah! quanto vos sentireis orgulhoso diante dessas manifestações, si o vosso coração, general Osório fosse acessível, há outros sentimentos além daqueles que constituíssem o caráter, do verdadeiro tipo de cidadão“.

Viagem ao Recife, em visita aos filhos, e saudação de Rui Barbosa

O General Osório, que fora nomeado senador pela Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, por Carta Imperial de 11 de Janeiro de 1877, tendo chegado ao Rio em 28 de abril de 1877, onde foi acolhido com apoteótica recepção já abordada.

Ele foi promovido a Marechal do Exército graduado em 27 de junho de 1877. Em 19 de outubro de 1877 empreendeu viagem para o Recife em companhia de seu filho Dr. Fernando Luis Osório que se formara em Direito em Recife e desempenhava as funções de Deputado Geral pela citada Província. Viagem com a finalidade de visitar seus outros filhos Adolpho e Francisco, que estudavam Direito no Recife, e de onde retornou para a Corte em 15 de Novembro de 1877, depois de lá permanecer por 18 dias, sendo alvo de calorosas manifestações dos recifenses.

Na ida, foi alvo de grandes homenagens em Salvador, em 23 de outubro e em Maceió em 26 de outubro.

Em Salvador foi recebido em apoteose e assim saudado por Ruy Barbosa, neste antológico discurso de que transcrevemos alguns trechos, a seguir:

“...A Bahia abre-vos hoje, com todas as alegrias de mãe, o seio afetuoso de sua hospitalidade, apaixonadamente feliz com a vossa presença entre nós.

É que ela revê em vós cada um desses filhos que a glória ceifou aos milhares no campo da honra.

Cada um desses bravos que partiram d’aqui envolvidos em

flores, em nossas saudades, em nossas preces, a entregar pela Pátria, ferida nas entranhas e na face, o sangue, o futuro, a vida.

E ficaram lá sem volver mais, vítimas do dever, com a planície incomensurável e o céu estrelado por urna, tendo as águas solenes do rio da Prata por sudário e as harmonias grandiosamente selvagens do pampeiro por eterno poema de suas vitórias. (Bravos, entusiásticos e prolongados aplausos).

Ela, a Bahia, que atrás da vanguarda nunca se deixou, na paz ou na guerra, contempla no herói, no precursor, no raio da vanguarda, contempla nele ressurgidos todos esses mortos imortais.

E não lhe parece que todas essas coragens, que todas essas dedicações, que todos esses sacrifícios, juntos, não caibam dignamente nesta personificação admirável. (...)

Longo tempo, Sr. General, os instintos menos humanos do homem simbolizaram no ferro ensangüentado o herói morto.

A civilização deste século, porém sente já que o gênio militar não é senão uma inteligente e perigosa expressão da força, toda a vez que não for o agente de uma idéia superior, de um sentimento grande, de um movimento providencial.

Toda a vez que não encarnem em si uma reação nacional liberal, civilizadora.

O direito é, agora, quem sagra os heróis; não a conquista.

A idolatria das espadas ambiciosas passou. Sucedeu-lhe o culto da admiração e do reconhecimento aos vingadores da dignidade humana contra todas as usurpações que a concluam no indivíduo ou no povo.

Só uma dessas nobres causas pode infundir ao gládio (espada) essa dignidade heróica, ante a qual uma frente livre se incline, sem inclinar-se a um jugo.

Porque só nesse campo o instrumento de morte e de guerra pode transfigurar-se, militando contra a guerra e a morte, contra a espoliação e o cativo, em arma de prosperidade e de paz, de redenção e progresso.

Essas glórias, sim, que não deixam maldições após si; que não ficam sendo para a Pátria um pesadelo, um remorso, o primeiro elo de uma alternativa de desforras e revezes, para

a liberdade uma humilhação, para a juventude um exemplo perverso, para a história, uma contemplação dolorosa, para o aperfeiçoamento comum dos homens uma fase de esterilidade e ruínas.

(...) No grande soldado não aplaudimos senão o grande cidadão. Sua farda é cívica. Sua farda não discrimina o povo, confunde-o com ele, de onde surgiu, onde se tem constelado de glórias, e onde os seus triunfos, como este, representam a espontaneidade íntima da Nação, que estremece por ele.

(...) Por isso, porque a sua heroicidade não é a heroicidade falsa, egoística das mediocridades vaidosas ou das ambições malfazejas, mas a intrepidez, a generosidade, a singeleza, o ardor, a abnegação do patriotismo. Por isso o nome dele chegou a ser neste país, um símbolo, e ainda em vida principiou-lhe a glorificação da lenda. (Bravos gerais).

Por isso, estas festas, que só a popularidade explica, estas ovações, que não se encomendam, nem se preparam nas secretarias, com recursos oficiais, estas explosões da alma do povo, que as majestades coroadas, mas desalmadas, não têm, mas que Osório encontrará infalivelmente, do Sul ao Norte, uma por uma, em todas as Províncias onde pise.

Porque este é o prêmio para os que servem seriamente a Nação. Não para os que a corrompem e a oprimem. Não para os que a esbulham da sua soberania e das instituições. Não para os que preferem a glória das aclamações.

E, si aquela multidão pudesse ressurgir neste lugar. Si cada um dos que, neste momento, estão rodeando este enorme resto do grande Exército, capaz de suscitar deste solo outro maior, fosse digno de representar cada um dos heróis obscuros que caíram junto dele. Si todos os que o amavam tanto, e os que viam nele o anjo tutelar entre as incertezas de refrega, e os que lidavam com os olhos fitos na ponta luminosa desta lança, e os que nele namoravam a Pátria ausente, lacerada, irrefletida no desagravo da honra. Si todos os que tinham por ele paixão, adoração, fanatismo patriótico. Si todos os que dormem no sul se reerguessem, sentissem, falassem de redor, agora da gloriosa testemunha de sua bravura..."

O falecimento do General Osório em 4 de outubro de 1879



General Osório faleceu aos 71 anos, em 4 de outubro de 1879, em sua residência e Gabinete de Ministro da Guerra na rua Riachuelo, local hoje da Academia Brasileira de Filosofia.

Um comunicado de seu filho, Dr. Fernando Luis Osório à Gazeta Mercantil do Rio Grande

Comunico a V.S. que no dia 04 do corrente faleceu nesta Corte meu Pai, o Sr. Marquês do Herval.

Dando a V.S. esta triste notícia, aproveito a oportunidade para enviar-lhe cópia de uma carta que ele dirigiu ao Exmo. Sr. Visconde de Pelotas, que a contestou em data de 19 de maio, manifestando a sua honrosa adesão as explicações nela contidas.

Essa carta, meu Pai mandou imprimir para distribuir em forma de circular aos seus amigos, quando deixasse o Ministério. Para ela chamo a atenção de V.S., que poderá formar opinião sobre o procedimento daqueles que pretenderam marear a reputação de meu Pai, acusando-o de traidor às idéias liberais, das quais V. S. sabe, foi firme, decidido sustentáculo e mártir.

Meu Pai, para prestar serviços a pátria, ao seu partido e a província do Rio Grande do Sul, da qual jamais se olvidou, até mesmo na sua hora extrema, tinha-se conservado no poder. Era um caráter notoriamente afeito à lealdade,

ao patriotismo, à abnegação, e tranqüilo acariciava a presença de que a verdade e o tempo aconselhariam melhor àqueles que levianamente o condenaram.

Vítima de explorações injustas e de ingratidão acerbas, ainda assim não experimentou outros sentimentos que não fossem os da resignação e da generosidade.

Cumprindo hoje com o seu desejo, remeto-lhe a inclusa circular e, ao mesmo tempo, apelo para o espírito desapaixonado e criterioso de V. S. nas virtudes grandiosas do povo Rio-Grandense, nas lições da afanosa e longa vida pública de meu Pai, e assim aprendi a amar, a venerar a liberdade, a dedicar-me aos amigos, inspirado nos santos princípios da honra e do dever.

Ambiciono honrar a sua memória e sustentar agora, como no futuro, a posição em que estou colocado pelo partido que tem me visto combatendo, embora fraco, na vanguarda e ao lado dos mais dedicados, em prol dos direitos dos meus compatriotas.

Assim, pois, si V. S. entender que posso continuar a merecer a sua valiosa confiança e dos correligionários sobre os quais exerça a sua reconhecida influência, rogo-lhe o obséquio de responder-me, dirigindo a sua carta para a cidade de Pelotas, onde demorar-me-ei durante o mês de dezembro do corrente ano. Sou, com a maior estima e consideração de V. S., patricio e amigo.

(Fernando Luís Osório, da **Gazeta Mercantil** do Rio Grande).

O traslado do corpo do General Osório de sua casa para a Igreja Santa Cruz dos Militares

Às 10h30min. da manhã do dia 06, realizou-se a translação do féretro à Capela do Arsenal de Guerra. Desde muito cedo começou a afluir às ruas por onde tinha de passar o préstito fúnebre, grande multidão, que dessa sorte prestava a derradeira homenagem de gratidão aquele que tantas vezes, com um desprendimento inigualável, arriscou a vida em prol do honra de sua Pátria.

S.M. o Imperador, querendo manifestar o seu profundo sentimento pela morte do velho servidor da Nação, e dar-lhe um distinguido testemunho do quanto o prezara em vida, mandou cerrar as janelas do Paço Imperial, e ordenou à mordomia que enviasse para o saimento o coche fúnebre em que foram conduzidos os Príncipes. Pouco depois das 10 horas da manhã, o caixão que encerrava os preciosos restos de Osório foi posto no coche Imperial, pegando nos cordões que dele pendiam os Srs. Conselheiros Sinimbú, Sodré, Lafayette, Moreira de Barros, José Bonifácio, Affonso Celso e Moura, gentil homem Miranda Rego, representante de S.M. o Imperador; veador Beaurepaire Rohan, representante de S.M. a Imperatriz; presidentes das duas Casas do Parlamento, Valverde de Miranda, presidente da Sociedade Beneficente Rio-Grandense, e Tenente-Coronel Medeiros Mallet, oficial de Gabinete do Ministério da Guerra, presidente da Câmara Municipal. Atrás do coche funerário seguiam a Família do morto, a deputação do Senado, a comissões, e depois imenso concurso de povo; fechando o préstito um carro da casa imperial com um membro do clero, um coche conduzindo a coroa de Marquês, um rico carro da empresa funerária, e por último o 1º Regimento de Cavalaria com a respectiva banda de música. O préstito seguiu pela rua de Rezende, Inválidos, Campo da Aclamação, onde a força fez as devidas continências e houve salva; daí tomou pela rua da Constituição, Largo do Rocio, Rua do Teatro, Largo de S. Francisco, rua do Ouvidor. Pela igrejas por onde passou dobraram estas a finados. Em frente à igreja de Santa Cruz dos Militares estava postada uma força, que deu as competentes descargas, ao chegar ali o saimento, às 11h30min. A Igreja da Santa Cruz dos Militares estava ricamente transformada em Câmara ardente. Posto o cadáver sobre a essa que estava preparada, teve começo o ato religioso. Terminado, meia hora depois do meio dia, foi levado o féretro, na mesma ordem do séqüito, para o Arsenal de Guerra,

seguindo pela rua 1º de março, Largo do Paço, rua de D. Manoel, Largo de Moura, onde houve descarga do parque de Artilharia ali formado. Foi recebido o féretro na porta do Arsenal da Guerra pelos menores artilheiros e aprendizes artífices e por eles conduzido à capela do mesmo Arsenal, de onde devia ser transportado para bordo do navio, que o havia de conduzir para o R. G. do Sul. Sua Majestade, o Imperador fez-se representar pelo seu mordomo Barão de Nogueira da Gama. Aí na capela do Arsenal foi celebrado ofício fúnebre. Houve discursos.

José do Patrocínio na folha A Cidade do Rio em 21 de outubro de 1879

“Todas as Pátrias tem o seu vulto legendário, o herói das suas campanhas, e Deus triunfal das suas guerras. Nós possuímos o General Osório – nome que ressoou no Paraguai, mais vibrante, mais intrépido do que as tropas metálicas de outrora, pondo em desfilados terríveis, Exércitos formidáveis. Quando o nosso extraordinário General se colocava à frente das tropas estas, mais do que à sugestão de um hino guerreiro, marchavam de cabelos eriçados para o inimigo, sentindo dentro da couraça do peito os corações rufarem aos tambores da vitória! Legendário Osório! Quem nos não conserva bem inteiramente a lembrança orgulhosa desse soldado, do que ergueu ao mais alto possível a bandeira da honra e da heroicidade da Pátria Brasileira? Quem de nós não sentiu o frisson das batalhas, a glória soluçante de ser Brasileiro, quando o nome de Osório salta em nossa memória? Povo! Mocidade! Recordar esse grande guerreiro, venerá-lo, é mostrar que em nós ainda há um grande entusiasmo pelo futuro e pela Pátria. O nome de Osório é para nós um toque de clarim – chamado vibrante para a Coragem, para o Patriotismo, para a Vitória. Grande foi a invasão de povo em visita ao esquife do venerando.

Traslado do corpo do General Osório em 21 de julho de 1892 para o seu monumento na Praça 15

A imprensa noticiou: Efetua-se amanhã, às 11 horas do dia, a translação do corpo do legendário General Osório da igreja de Santa Cruz dos Militares para a cripta construída na base do monumento, consagrado à sua gloriosa memória. Assistirá a solenidade o Sr. Marechal Floriano Peixoto, presidente da República, que nós bravos soldados, tantas vezes levou também a vitória a bandeira da Pátria. A data escolhida para a transladação de tão preciosos restos, é assinalada por feito de extraordinário valor, repetição de outro mais estrondoso de nossa valente Marinha de Guerra, forçando uma passagem que até então se julgava inexpugnável, e colhendo uma vitória, que à própria Esquadra Inglesa parecia impossível: a passagem do Humaitá. Assim se consagram na piedosa e patriótica solenidade as duas gloriosas de suas páginas. Assistiremos à transladação, gratos ao convite que nos foi dirigido pela patriótica comissão do monumento, composta dos Srs. C. Gaffreé, presidente, Ed. P. Guinle, 1º secretário, João E. Vianna, 2º secretário, Manoel V. Lisboa, tesoureiro, Capitão-de-Mar e Guerra Frederico G. Lorena, Coronel Bibiano S.M. da F. Costallat, Manoel F. Frederico, G. Antônio da Silva Lisboa. A comissão do monumento havia, é certo, espalhado convites; mas a grande massa popular acudiu pressurosa para assistir à cerimônia, sem esperar que a convidassem. Maior número de forças não assistiu a solenidade, porque o local não permitia. É sabido que o presidente da Republica disse: “não poder reunir todo Exército em torno do esquife do General Osório para lhe prestar honras devidas. “Tudo o que fizesse em sua honra, seria pouco”. Ainda no dia 20, o corpo embalsamado do General foi colocado sobre uma rica essa, no centro da igreja da Cruz dos Militares. Sendo aberto o caixão, verificou-se que estava em bom estado de conservação. Ali se apinhava o povo, para vê-lo pela ultima vez. Mais de um cidadão foi visto ajoelha-

do e orando, aos pés do ataúde do finado General.

Inauguração do Monumento de Osório no Rio de Janeiro em 12 de novembro de 1894

O Monumento do General Osório na Praça 15 foi inaugurado oficialmente em 12 de novembro de 1894.

Foi um trabalho de Rodolpho Bernadelli. O monumento assenta em uma base polida em granito dos Alpes, onde foram colocados os baixos relevos, representando: o brilhante feito do Passo da Pátria, o 24 de maio de 1866, a dedicatória A Osório – O povo – e a data e lugar do seu nascimento (Rio Grande do Sul – 10 de maio de 1808).

Mede o monumento 8 metros de altura e está com a frente para o mar. Representa Osório a cavalo, de bonet e sobrecasaca militar, um pouco inclinado para a direita e de espada desembainhada. Parece pelo gesto que vai dar alguma ordem, tendo em vista o inimigo.

Ao ato solene da inauguração, além da enorme massa popular e do Corpo de Exército formado pelo Colégio Militar e forças da Guarda Nacional, Tropa de Linha e Brigada Policial, sob o comando do General Roberto Ferreira, compareceram os membros do Governo, Comissão Militar da República Oriental do Uruguai, Ministro da República Argentina, o Almirante Barão da Passagem, os familiares de Osório Drs. Fernando Luis Osório, Francisco Luis Osório, Cypriano Mascarenhas e famílias, e representantes de muitas comissões, dirigindo-se todos depois, das manifestações populares para a base da estátua, onde foram pronunciados brilhantes discursos, recebidos com aplausos e vivas à memória do legendário guerreiro, terminando este ato com a seguinte mensagem, que foi lida pelo falecido General Dr. Bibiano Sérgio Macedo da Fontoura Costallat, Ministro da Viação e Obras Públicas e interinamente Ministro da Guerra.

Entre a grande quantidade de flores e grinaldas que

foram depositadas no pedestal da estátua, notava-se uma coroa de bronze de belo efeito, oferecida pelo Governo da República Oriental com a seguinte inscrição – Campeão da liberdade Sul-Americana – Montevidéu – novembro de 1894; e bem assim outra do mesmo metal com a inscrição – Campanha do Paraguay – 1865 a 1869 – República Argentina – à Memória do General Osório, e ali colocada pelo Sr. Garcia Merou, Ministro da República.

Representado o Presidente Marechal Floriano Peixoto e em seu nome assim falou o General Bibiano César, Ministro Interino da Guerra.

Oração do Gen Bibiano Sérgio Macedo Costallat em nome do Presidente Floriano Peixoto

(...) “Senhores! – Em nome do Sr. Marechal vice-presidente da República, que bem a seu pesar e por doente deixa de assistir a esta grande solenidade a que une-se de todo o coração; e em nome da classe a que pertença, constituída pela Armada e Exército nacionais, pois não há a distinguir entre o marinheiro e o soldado brasileiro, entre os representantes dos heróis de Riachuelo e de 24 de maio, entre Osório e Barroso, venho dirigir-vos algumas palavras.

“Senhores! Eis- nos diante desse monumento formado de bronze e de granito, a desafiar o perpassar do tempo, erguido pelo povo para perpetuar a lembrança de um herói brasileiro, cuja vida foi uma conquista constante de louros que engrinaldam a frente da Pátria! Abre-se o peito do Brasil, e do seu coração emerge o vulto grandioso do legendário guerreiro! Osório!... Teu nome só, compõe uma sublime epopéia do pátrio Brasil! Nós vamos, jovens então, tua lança fulgurar na frente de hostes nuvens de fumo e de pó. Vimos tua lança fulgurar na frente de hostes aguerridas que te seguiam arrastadas por teu valor! Ouvimos tua voz poderosa dominando o troar dos canhões, chamar a vitória! A

tua voz de comando era uma fásca que eletrizava os peitos de teus companheiros de armas! Nós te vimos, condor brasileiro, respirar a largos sorvos o ar dos combates, como se fora teu elemento vital; tua alma de herói iluminar-se e mostrar-se farol a guiar tuas hostes entusiasmadas! Tu eras digno do Exército que guiavas e o tornastes digno de ti! Triunfador em mil combates, teu nobre sangue derramado cobriu de púrpura preciosa o manto da Pátria; mas...quando nas ruas, nas praças, nas cidades, o povo, que te idolatrava, ainda proclamava os teus gloriosos feitos, a mão da morte rasgou o seio do Brasil para receber teu corpo inanimado. Não se ouviu mais o ruído do leão vitorioso. O cedro altíssimo cedeu ao golpe do raio passante contra o qual não valem forças. A Pátria cobriu-se de crepe; mas, corações generosos empreenderam a tarefa de consolá-la, e mostram-lhe hoje aos olhos ainda não enxutos do pranto esse monumento que ao menos lhe abrandará a dor! A essa comissão patriótica, que tão bem representa o sentimento do povo brasileiro, devemos o pagamento da dívida que contraímos para contigo, Osório! A esses ilustres cidadãos e às distintas corporações que vieram depositar coroas junto à estátua, que sobre salva-se aos restos mortais do imortal Brasileiro, nossos sinceros agradecimentos; e aos nossos fiéis Aliados que com tanta gentileza por sua vez vieram render um preito de homenagem ao grande herói que os amava como irmão: a profunda gratidão do governo da República, da classe que represento, do Brasil inteiro. Osório! Aqui estão teus filhos, aqui estão teus amigos, aqui estão teus irmãos d'armas, dentre os quais destacam-se os vultos gloriosos da Pátria, aqui está o povo brasileiro que vem saudar-te. O troar do canhão que entusiasmava tua alma de herói anuncia ao mundo, que morreste para o teu Brasil! O Exército, que de tanta glória cobriste, passa em continência diante do teu túmulo e sente ainda o fogo do teu olhar eletrizá-lo. A República do Brasil passa reverente diante de tua estátua e entoa tua apoteose: Salve, herói! Salve, Osório!

COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DO GENERAL OSÓRIO NO RIO DE JANEIRO EM 10, 11, 12 E 24 DE MAIO DE 1908

Comemoração do Centenário em 10 de Maio de 1908

Foi criada uma Comissão Patriótica, presidida pelo General Luiz Mendes de Moraes, com vice-presidência pelo General Antonio Geraldo de Souza Aguiar a qual aprovou a programação dos festejos. Atuaram subcomissões integradas pelo Ten Cel Jonathas de Mello Barreto, Capitão Lobo Vianna, Ten Cel Dias de Oliveira, Dr. Júlio Benedito Ottoni, Ernesto Sena, Cândido Gaffrée, Comendador Julio César de Oliveira, Major Cruz Sobrinho, Dr. Fernando Mendes de Almeida, Ten Cel Figueiredo Rocha, Capitão Luiz Furtado, 1º Ten Arnaldo Brandão, Alferes Bandeira de Mello, Capitão-de-Mar-e-Guerra Marques da Rocha, Coronéis Vicente Martins e Silva Porto, Dr. Emílio Emiliano Gomes, Dr. Júlio Furtado, Ten Vieira Ferreira, Antonio Pereira Bacellar, Figueiredo Pimentel, Joaquim Rodrigues e Arthur Rodrigues.

Em 10 de maio de 1908, na Praça 15 de Novembro, o Monumento ao General Osório apresentava aspecto jamais visto.

A praça estava profusamente ornamentada pela Casa Rosenvald, cujas despesas foram a cargo do Sr. Cândido Gaffrée.

Os gradis de bronze dos canhões que troaram no Paraguai estavam cobertos de rosas entremeadas de festões de avencas e camélias brancas e vermelhas.

E pela manhã, em toda a extensão da Praça 15 de No-

vembro, o povo ia chegando para tomar lugar para assistir a cerimônia.

As bandas de clarins e tambores do Exército e Marinha ocuparam suas posições. As da Marinha e do Batalhão Naval ocuparam um estrado armado em frente ao monumento.

A Comissão Comemorativa recebeu membros da família Osório. Sua filha D. Manoela Osório Mascarenhas, acompanhada dos filhos, doutores Gabriel e Carlos, a senhorinha Francisca Osório Mascarenhas, os filhos do falecido Dr. Fernando Luiz Osório, doutores Manoel Luís e Pedro Luís, acompanhados de suas esposas, o Dr. Francisco Osório Ribeiro e esposa, Dr. Mário Ribeiro e o Dr. Fernando Luiz Osório (filho). A família permaneceu junto ao monumento, onde depositaram flores.

Os veteranos do Paraguai formaram uma Guarda de Honra junto ao monumento, formada pelo 2º Ten Carneiro da Fontoura, da Polícia do Rio de Janeiro, José Alves da Silva, os capitães José Dias de Almeida, Antonio da Silva Coutinho e o asilado Franklin Ferreira de Moraes.

Às 6 horas teve início a Alvorada com clarins, cornetas e tambores das bandas do Exército e da Armada (Marinha), executando o toque de vitória e, a seguir, o Hino Nacional, ao mesmo tempo em que tocavam os sinos do carrilhão da Igreja São José.

Deram salvas os canhões das fortalezas, os navios de guerra e a bateria do 5º Regimento de Artilharia no Cais Pharoux.

Estas manifestações arrancaram aplausos da multidão e provocaram nos familiares de Osório e veteranos lágrimas de ardor patriótico, de saudades, de satisfação e de entusiasmo.

Às 8 horas começaram a chegar coroas de flores que cobriram o pedestal do monumento.

A imprensa destacou as coroas depositadas pelo Estado-Maior do Exército, pela Carta Geral da República, 5º Distrito Militar, 3º Distrito Militar, Marinha Nacional, Asilo Inválidos da Pátria, 4º Distrito Militar, 6º Batalhão de Artilharia, Vila Militar de Deodoro, Corpo de Marinheiros, Clube Naval e Militar, pessoal civil e militar da Carta Marítima (atual DHN), So-

cidade Rio-Grandense, Corpo de Infantaria da Marinha, 24º Batalhão de Infantaria, 9º Regimento de Cavalaria (Andrade Neves), 1º Regimento de Cavalaria (atual 1º RCG em Brasília), 1º Batalhão de Engenheiros, 7º Batalhão de Infantaria, Força Policial (atual PMRJ), Corpo de Bombeiros, Associação de Veteranos do Paraguai, Direções de Artilharia e Engenharia, 2º Regimento de Infantaria, Colégio Militar (atual CMRJ), 1º Batalhão de Artilharia, 5º Regimento de Artilharia, Escola Prática de Engenharia e Artilharia do Realengo, Escola de Guerra de Porto Alegre, Arsenal de Guerra de Porto Alegre, 8º Regimento de Cavalaria, Intendência Geral e filhos, netos, bisnetos e irmã do General Osório.

Esta comemoração foi registrada pelos periódicos *Fon Fon*, *Malho*, *Revista da Semana* e *a Rua*, que divulgaram fotos do notável evento. Foram filmadas cenas que seguramente podem ser encontradas no Museu da Imagem e do Som e na Biblioteca Nacional, tarefa que sugerimos à Fundação Parque Osório, para seu arquivo. Igualmente, filmes produzidos pela Pathé e Cinema Palace, que foram passados no Rio e nos Estados.

Às 10 horas e 30 minutos chegou um contingente de alunos da Escola Naval trazendo todos os moços nas mãos pequenos ramos de flores, os quais foram atirados sobre a estátua, em torno à qual postaram-se, dando Guarda de Honra. Pouco depois, formava em linha de coluna e marchava para o jardim a Guarda de Honra do Colégio Militar, com banda de música e bandeira.

Às 11 horas e 35 minutos, entrou pela direita da Praça 15 de Novembro, contornando-a e, em continência à estátua, a luzida Divisão Militar, comandada pelo General Caetano de Faria, com o seu Estado-Maior, delegados do Estado-Maior do Corpo de Saúde, da Armada e da Força Policial

Salvou nesse momento a bateria do 5º Regimento, no que foi acompanhada pelos navios e fortalezas.

Jamais teve a Praça 15 de Novembro igual concorrência. O movimento que ali se notava acusava a anormalidade de um grande acontecimento.

E o foi, de fato, a festa do centenário de Osório. Atraía a

atenção pública o edifício da Repartição Geral dos Telégrafos, caprichosamente ornamentado sob a direção Dr. Julio Furtado, Diretor das Matas e Jardins, com verdes festões de folhagens e variadas flores, transformada a entrada do edifício em um verdadeiro bosque, destacando-se para o interior, no amarelo das paredes, escudos com os nomes dos Estados da República.

Numa das sacadas, apinhadas de famílias e cavalheiros, havia um lindo escudo com as armas nacionais, dela assistindo S. Ex^a o Sr. Dr. Affonso Penna, Presidente da República, a desfilada das tropas, acompanhado de sua filha Dora, dos membros de sua Casa Civil e Militar, das mais altas autoridades e dos membros da família Osório. Notava-se entre os presentes: o Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores; Senador Ruy Barbosa, vice-presidente do Senado; Almirante Barão de Jaceguay, chefe da Carta Marítima; Almirante Alexandrino de Alencar, Ministro da Marinha; Marechal Hermes da Fonseca, Ministro da Guerra; Dr. Miguel Calmon, Ministro da Viação; Dr. Tavares de Lyra, Ministro da Justiça; Marechal Xavier da Câmara, Chefe do Estado-Maior do Exército; Almirante Cordovil Maurity, Chefe do Estado-Maior da Armada; General Francisco Marcelino de Souza Aguiar, Prefeito do Distrito Federal; Deputados Serzedello Corrêa, José Carlos de Carvalho, Barbosa Lima e Figueiredo Rocha, Senador Pinheiro Machado, Generais Modestino Martins, Salustiano dos Reis, Taumaturgo de Azevedo, Pires Ferreira e Carlos Eugenio, Capitão João Chrysóstomo, representando o Sr. Presidente do Estado do Rio de Janeiro, Capitão de Fragata Marques da Rocha, Coronel Luiz Cardoso, Dr. Justo de Moraes, Dr. Prudente de Moraes Filho, Dr. Leopoldo J. Weiss, Dr. Gustavo da Silveira, Coronéis Martins de Mello, Thompson, Olympio da Fonseca, Souza Aguiar e Alexandre Barreto, Dr. Araújo Jorge, Marechal Teixeira Júnior e as mais altas patentes do Exército e Armada.

Foi a família Osório cercada das mais significativas provas de apreço, cobrindo-a de flores os presentes.

S. Ex^a. o Sr. Presidente da República, antes de retirar-se, visitou a estátua de Osório, examinando com interesse as inúmeras coroas que a ornamentavam.

Usou da palavra o oficial veterano, ainda bastante forte e loquaz, Tenente honorário do Exército José Dias de Almeida, narrando vários incidentes da vida de campanha de Osório, pondo em relevo a sua heroicidade, o seu estoicismo e a afetuosidade com que tratava seus subordinados, pelos quais era adorado.

À 1 hora da tarde um carro descoberto rodeou a estátua. Essa carruagem conduzia D. Eufrásia Osório de Figueiredo, única irmã então sobrevivente de Osório e a senhora do Dr. Anízio de Castro Peixoto. O carro fez esse trajeto a passo, ladeadas as suas portinholas pelos membros da Comissão, Tenente-Coronel Jonathas de Mello Barreto e Capitão Lobo Vianna.

Seguiam-no muitos outros oficiais, e grande massa popular, que guardou sempre a mais afetuosa atitude.

À passagem do carro, os populares descobriam-se, prestando homenagem à venerada irmã do glorificado, comovida até as lágrimas.

Às 5 horas e 30 minutos da tarde, salvaram as fortalezas, os navios de guerra, embandeirados em arco, e a bateria destacada no cais Pharoux.

Às 6 horas e 30 minutos, realizou-se o grande concerto pelas bandas de música da Força Policial em conjunto, na Praça 15 de Novembro, havendo retreta na residência de D. Eufrásia Osório de Figueiredo.

À noite, imprimia lindo aspecto festivo à baía de Guanabara, a iluminação dos couraçados Riachuelo e Deodoro, a fortaleza Villegaignon e a ilha onde ela se assenta.

A Praça 15 de Novembro, banhada pelo clarão dos holofotes dos navios da Esquadra, oferecia, aos olhares do público, aspecto deslumbrante, adornada de milhares de balões venezianos.

O povo associou-se dignamente à glorificação, sendo enorme a massa popular que ali estacionou, só a meia-noite cessando as festas no antigo Largo do Paço.

O Barão do Rio Branco visitou, à noite, a família Osório, tendo nessa visita ocasião de ver os presentes ofertados em vida ao Marquês do Herval e que passaram a ser expostos na

rua do Ouvidor, na casa Luiz de Rezende.

Despachos telegráficos de Buenos Aires noticiavam que “La Nacion”, associando-se à celebração do centenário do General Osório, rendera à sua memória os maiores louvores, relembrando as homenagens que o General Mitre prestara ao grande militar.

Dos Estados vieram referidos despachos às entusiásticas comemorações do centenário Osório.

Em Porto Alegre, na Escola de Guerra (no Casarão da Várzea, atual CMPA) fez-se a inauguração festiva do retrato do General.

Na Bahia, o comandante interino do Distrito, publicou honrosa Ordem do Dia e mandou considerar feriado. As fortalezas de S. Marcelo e Barbalho deram salvas de 19 tiros. Os estabelecimentos militares tiveram as bandeiras hasteadas. As bandas tocaram alvorada nos quartéis, cujas fachadas foram, à noite, iluminadas.

A Ordem do Dia do Exército

“As homenagens que nesta data, 1º centenário do nascimento de um dos mais diletos filhos da Terra de Santa Cruz – o Marechal Manoel Luiz Osório, lhe vão ser tributadas, e são muitíssimo dignas de aplausos, pois, a um tempo, elas afirmam a gratidão dos brasileiros.

Foram grandes, é verdade, as provas de carinho com que o povo brasileiro acolheu sempre o extraordinário guerreiro nos dias subseqüentes aos feitos que o sagraram, “O herói entre os heróis” E não menos grandiosas têm sido as demonstrações de sempre eterna admiração depois que esse grande vulto desapareceu dentre os vivos para penetrar no Pantheon dos Imortais, iluminando as páginas de nossa História com as fulgurações dos seus feitos inexcelsíveis.

Não bastaram, porém, essas manifestações de nosso entusiasmo para resgatar a dívida de honra que o presente tem contraído para com o passado, e assim só poderemos dar mostras da compreensão de tão delicado dever, procurando

sempre e cada vez, com mais ardor, fazer com que no coração de cada filho deste abençoado torrão, o amor a tão digno servidor da Pátria para que ele tenha um culto tão sincero, como merece quem tão alto levantou o nome do Brasil no Passo da Pátria, Estero Bellaco ou Tuiuberré, Tuiuti e Peribebugí!

Acompanhando, pois, com abundância de coração, as homenagens que a patriótica comissão glorificadora lhe promove, nós os representantes deste Exército que ele tantas vezes conduziu às mais porfiadas pugnas cobrindo-o de glórias, cumprimos um dever que nos é imposto pela grande veneração que tributamos a esse valoroso soldado que, morto embora, continuará a guiar-nos sempre. Porque sua vida e seus feitos constituem um código sublime de ensinamentos que devemos religiosamente observar.

Como veterano da guerra do Paraguai, sinto-me verdadeiramente emocionado, lembrando hoje os feitos de tão glorioso soldado. – Marechal Câmara, Chefe do Estado-Maior do Exército. Rio de Janeiro, 10 de maio de 1908”.

A Ordem do Dia da Armada

General! O glorioso prestígio do teu nome foi sempre um signo de vitória nos campos de batalha; a lança faiscante que empunhavas excitava o ardor bélico e atraía como um talismã as garridas tropas do teu comando.

Marechal! À semelhança de Washington tiveste o sobre-humano poder de multiplicar as legiões que capitaneaste, multiplicando-te a ti mesmo, em toda a parte onde a fúria do combate recrescia empolgante. A tua simples presença, como aparição admirável, que inflamava o ânimo dos mais rudes soldados, na certeza do triunfo ou da morte gloriosa

Nem do inditoso Ney, nem do afortunado Wellington, nem dos mais brilhantes combatentes da Idade Média, o valor e os arneses poderão jamais, em confronto respectivo, esmaecer o terrível esplendor da arma predileta que sabias resolutamente com a destra brandir, ou que aflagavas com louçania com franjas do seu poncho escuro, redemoinhan-

do, guapo no montar, pela vanguarda das batalhas por entre turbilhões de pó e fumo, até que, com a sinistra, solene, já a vitória assinalavas.

Generalíssimo! Paisandú, Montevidéu, Cerro Oriental, São Francisco, Dayman, as passagens do Uruguai, do Juquery-Grande e do Riachuelo, Entre-Rios, Corrientes, a passagem do Paraná, Itapirú, Passo da Pátria, Estero-Bellaco, Tuiuti, Sauce, Tuiú-Cué, São Solano, Espinila, Ensinada, o famigerado Quadrilátero, Curupaiti, Passo Pocú, Ângulo, Pará-Cuiú, Passo Benites, Estabelecimento, Humaitá, Tebiqueri, Jacaré, Assumpção, Surubi-hi, Pequiciri, Itororó, Passo-Malo, Villeta, Piraiú, Paraguari, Caacupé, Ascurra, Peribebuí e quantos feitos mais da guerra das Cordilheiras, da longa e heróica campanha do Paraguai, são outras tantas auriverdes grinaldas da tua estupenda apoteose.

Por elas se há de aferir hoje e no infindo correr dos tempos o valor e a grandeza da tua Pátria, Osório!

O caráter lhano e imaculado e as inauditas façanhas que fizeram do teu nome aureolado uma legenda nacional, consagram melhor do que nenhum título a nobreza da tua raça, e a figura luminosa que deixaste gravada a ouro e fogo nas páginas da nossa História Militar e a mais bela e a mais justa personificação da nossa nacionalidade.

Chovam bênçãos da Pátria sobre esse nome inesquecível. Ave Osório!

A Marinha Brasileira rende hoje continências à tua imortalidade histórica.

Almirante Cordovil Maurity, Chefe do Estado-Maior da Armada.”

A psicologia de Osório, segundo o professor militar Liberato Bittencourt

Liberato Bittencourt, pelas colunas de A Imprensa, iniciava o seu acurado estudo sobre a “Psicologia de Osório” por esta forma:

“Contam-se hoje cem anos que nasceu Osório, oitenta

e cinco que ele se fez soldado, oitenta e três que foi sagrado herói em Sarandi, quarenta e quatro que se immortalizou nos campos do Paraguai.

E vinte e nove que passou à eternidade, nesta capital, em meio à comoção de um povo inteiro, agradecido.

Foi um incansável lidador, na aceção técnica do termo, como podia ter sido um grande estadista, um notável parlamentar ou ainda um brilhante homem de letras, se, como ele queria quando menino, lhe houvessem deixado trocar a vida das armas pela política, pela tribuna parlamentar ou então pela palavra escrita.

E quando se lhe fizer a psicologia militar, observando cuidadosa e cientificamente todas as exigências da Arte Militar, ele se apresentará então. Não como o bravo de mil recon-tros e pelejas. Se não como um dos mais esforçados obreiros na obra ingente da feitura da nacionalidade Pátria...

Se o físico lhe era forte e a inteligência lúcida, o caráter lhe era deveras admirável.

Como Willars bravo, como Caxias circunspeto.

Enérgico e ousado como Frederico, astuto e audaz como Aníbal, com o patriotismo de Napoleão, o golpe de vista de Massena, a prudência de César, a firmeza e vontade de Wellington ou de Blücher. Como Gustavo Adolfo afeito à luta. Fidalgo e nobre como Conde. Estimado pela tropa como Sherman, Turenne, o príncipe Eugênio ou Napoleão.

Osório se apresenta, aos olhos da crítica militar, uma organização inteiramente excepcional.

Há interesses coletivos, que influem sobre o indivíduo como uma atmosfera espiritual... Submetida a este critério, a figura de Osório ressalta com um relevo de vivíssima glória.

Dizem que, em combate, a sua face era como a de um Deus, irradiando valor e fé.

A sua presença galvanizada excitava, alucinava os soldados, impelindo-os a delírios de temeridades e arrojo.

A morte respeitava-o e ele a afrontava. E, terminado o combate, falando aos vencidos prisioneiros e, olhando-os, a sua voz se abrandava, amiegava-se o seu olhar.

E o herói era homem outra vez, homem compassivo e bom, que mirava com tristeza o campo de batalha revolvido pelo roldão dos infantes e dos cavaleiros...

E apraz-me lembrar, neste dia, que o grande herói do Brasil, tão bravo, tão terrível, tão disciplinador, tão temido nas batalhas era, nos dias de paz, um homem bom e alegre, de franqueza rude, um belo gaúcho sem papas na língua, e com o coração cheio de tolerância, e mais amigo, nas horas de conversação íntima, das anedotas engraçadas do que da narração de episódios bélicos. Assim era o “legendário”.

A auréola de legenda, que o cercava, não lhe tirava a simplicidade humana. É o que diziam, quantos o conheceram.

E é bom lembrar sempre, na comemoração dos heróis, como na dos grandes poetas, os “homens” que foram esses heróis e esses poetas, quando se pode afirmar que, despidos de seu prestígio de pró-homens, eles não ficam diminuídos aos olhos dos que os veneram...

Não! A festa de hoje não é uma glorificação da guerra. É a glorificação de um grande Brasileiro que guerreou por dever, e soube defender a sua terra na luta como soube amá-la e engrandecê-la na paz”.

AS MANIFESTAÇÕES DA IMPRENSA

Barbosa Lima, em Discurso no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro

... Dizia o intemerato Bayard gaúcho: “O imortal Osório, coração de leão, gênio dos Pampas benfazejo e sábio, águia das coxilhas, que tão alto subiste a desvendar no mais longínquo porvir a realidade que te arroubou, transfigurando-te por sobre os campos de batalha.

O carinhoso amigo dos proletários fardados, predileto dos humildes na paz e na guerra, dá o que a utopia sublime que o coração te ensinou possa invocar-se como significativa homenagem as melhores tradições e as supremas aspirações da Pátria Brasileira”!

Conceitos do jornalista Alcindo Guanabara sobre Osório

“O que nós honramos no dia de hoje, são as virtudes militares – as mais nobres que um povo possa ter. O que veneramos hoje é o amor da Pátria.

Venerando o herói sem par que, inspirado pelo mais puro patriotismo, tantas vezes levou ao sol ofuscante da vitória a bandeira da sua Pátria. Os brasileiros querem atestar que a geração atual não desmerece das virtudes guerreiras e cívicas que ilustraram a geração que a precedeu.

E que, se por desgraça de todos, sobrevier o dia sombrio em que seja necessário defender a terra ou a honra, eles saberão ter nos olhos e no coração a imagem de Osório e, com o mesmo heroísmo, a mesma abnegação, a mesma resistência, desfraldar ao sol da vitória o augusto pavilhão, mais amado do que a vida”.

Tobias Monteiro em “Reminiscências” no Jornal do Comércio de 10 de Maio de 1908

“Todos nós, que éramos meninos, nos anos que se seguiram após Aquidaban, fomos criados ouvindo falar de Osório como uma espécie de semi-Deus.

Raros não terão assistido nas tardes de família, parentes ou amigos, oficiais ou voluntários, horas e horas, a descrever peripécias de cinco e seis anos de marchas e combates.

Os meninos sabiam principalmente dois nomes, o de Lopez e o de Osório. Ouviram falar de bravos e de heróis; mas, nenhum ficará na imaginação de todos.

Nunca ninguém pôde ter, no Brasil, em plena vida, tão extensa popularidade nem glória tão fulgente.

Trinta e oito anos depois do Paraguai, cem anos depois do nascimento de Osório, essa glória esplende tão dura como nos dias da nossa exaltação guerreira.

Para o povo foi ele quem encarnou toda a coragem, toda a resignação, toda a pertinência, todo o patriotismo dos nossos soldados.

E para os soldados a vitória andava com ele e ao seu lado

só se podia vencer.

Dá prazer ainda hoje conversar com aqueles que o serviram na guerra. Todos falam a seu respeito como de um homem que nunca viram igual.

Descrevem-lhe a figura, os gestos, imitam-lhe a voz, referem-se as anedotas, e quando falam dos combates que dirigiu, das batalhas que venceu, inflamam-se e parecem reviver toda a tragédia em que ele fulgurou.

Não são eles os únicos que participam, até hoje, dessa fascinação que Osório exerceu sobre seu tempo. Outros amigos, que o conheceram na paz, na vida privada ou no governo e, mais que todos, a irmã e a filha, têm a memória povoada da funda impressão que ele deixava...

Osório. – Osório, simplesmente Osório, era como o chamava e ainda o chama a boca popular.

E quando um homem do valor e da estatura cívica do herói de Avaí, designado por esse grande anônimo que se chama o povo, perde, na relevância nominal feita à sua individualidade, os títulos de atenção cerimoniosa que antecedem geralmente os vulgares, é porque ele penetrou e domina a alma nacional que assim, intimamente, o ama e venera”.

Palestra de Arthur Azevedo, O País, 10 de maio de 1908

“Creio não ofender ninguém dizendo que Osório é o nosso cabo de guerra mais simpático e mais popular. Tão popular, que o seu título honorífico não pegou.”

Revista - O Rio

“Tudo que possamos dizer aqui de Osório é pouco e os leitores encontrarão noutro lugar de O Rio a nossa homenagem ao grande, ao legendário vencedor da guerra do Paraguai”.

Jornal do Brasil, 10 de maio de 1908

“O Brasil inteiro rende hoje a mais justa das homenagens da sua veneração ao Grande General, em cujo peito o brio da

Nação encontrou sempre o entusiasmo necessário para fazer do fraco um resoluto e do forte um destemido.

Não há mesmo memória de Brasileiro que não guarde a recordação dos feitos de Osório, cujo nome ligado à ingente obra de consolidação da Integridade Nacional, ficou gravado na história dos maiores feitos militares do Brasil como um símbolo da coragem indômita e a síntese de uma epopéia sublime, iluminando com a legenda que auréola esse audaz guerreiro e com o fulgor do grande exemplo do seu patriotismo, os caminhos que devemos trilhar no dia em que porventura tivermos ainda de responder com a vida e com a honra pela defesa e pela dignificação de nossa Pátria.

Criado na dura escola dos combates homéricos em que as espadas brasileiras durante muitos anos andaram desembainhadas Osório soube pelos seus altíssimos serviços e pela sua bravura sem par, impor-se à veneração dos Brasileiros.

E enquanto memória houver deste país, a sua figura imponente e o seu inexcedível valor militar serão contemplados com o respeito e a admiração com que neste dia a alma patriótica brasileira glorifica esse que foi um dos maiores guerreiros que a América Latina tem produzido”.

O País, 11 de Maio de 1908

“O Brasil pode prestar à memória sagrada de Osório, no dia do seu centenário, a justiça que lhe devia...”

Uma verdadeira apoteose, em suma, as festas do ontem; uma como consagração nacional, a sancionar, pelas comemorações ruidosas e álacres, a glorificação silenciosa, mas eloqüente e imarcescível, que do nome do legendário Osório já fez a história, em suas inextingíveis páginas.” (A Imprensa foi a interprete bem inspirada dos pensamentos gerais, quando trouxe a opinião pública, que representa genuinamente, em sua feição de órgão independente, sem ligações de nenhuma espécie, a juntar à sua voz as manifestações do Exército e da Armada. Não temos palavras com que agradecer o conforto que recebemos, vendo as nossas edições procuradas com excepcional interesse.

O povo brasileiro – dizemo-lo com orgulho – esteve conosco e ratificou com efusão, nas suas expansões, o que esperávamos e vaticinávamos, confiados no conhecimento que possuíamos das suas grandes virtudes”. (A Imprensa).

Comemorações em 11 de maio de 1908

No dia 11, às 6 horas da manhã recomeçaram os festejos, tocando alvorada em frente à estátua de Osório as bandas de clarins, cornetas e tambores da Força Policial e as bandas de música dos Corpos do Exército, com a presença dos Srs. Prefeito, Generais Mendes de Moraes e Geraldo Souza Aguiar, Comandante do Corpo de Bombeiros Coronel Souza Aguiar, Dr. Julio Furtado, família Osório e muitas pessoas gradas.

A grande massa popular que, apesar da hora matinal, enchia a praça larga e extensa, aplaudia freneticamente, levantando vivas calorosos à Pátria Brasileira, aos heróis do Paraguai e à memória de Osório.

Na bela e tocante iniciativa, a comissão do Centenário reuniu em um lanche, às 2 horas da tarde os Veteranos do Paraguai e Inválidos da Pátria, no pátio da Repartição dos Telégrafos.

À chegada dos heróicos velhinhos, na Praça 15 de Novembro, foram-lhes lançadas muitas flores.

Precedia-os a banda de música de Infantaria de Marinha, empunhando a bandeira nacional o Tenente José Vieira da Costa e o estandarte dos Inválidos o 2º Cadete Pompílio Bacellar. Acompanhados da família Osório, contornavam a estátua do General, realizando-se em seguida o lanche, servido em duas mesas, lendo-se nos cantos do cardápio: “1808 – Itororó – Avaí – Passo da Pátria – Tuiuti – 1908.”

Tomaram parte os seguintes voluntários: Coronel Silva Porto, Coronel Dr. Lino de Andrade, Capitão Demetrio José de Oliveira, Major Antônio Pedro Dionísio, Capitão Pedro José da Costa Paiva, Coronel Alfredo Vicente Martins, Tenente-Coronel João Batista Carrilho, Alferes Jovino de Souza

Campello, Tenente Dr. Ernesto Frederico da Cunha, Coronel Delcarpio Veloso da Silveira, Major Augusto Rodrigues da Silva Chaves, Tenente José Vieira da Costa, Capitães Luiz da Costa Firmo, João dos Santos Teixeira, Francisco Pereira da Silva Barbosa e Francisco Gomes da Silva; Alferes Manoel Carneiro da Fontoura, 2º Cadete Pompílio Bacelar e os inferiores Desidério Antunes Moreira, Manoel da Silva Palhares, Isidro Pereira de Aguiar, José João Antônio Ferreira, Pedro José da Costa, Floriano Martins do Espírito Santo, José Alves da Silva, Teodoro Gomes de Azevedo, Jesuíno de Souza Carvalho, Manoel Francisco Bernardino, Antônio Pedro Alves, José Damião, Lino Ribeiro de Novaes, Antônio Ferreira Lima, Cordolino Gonçalves de Melo, José Joaquim Gonçalves, Manoel Pedro dos Santos, José Francisco de Sousa, Silvestre Pereira, Geminiano Tavares de Sousa, João de Deus Conceição, Joaquim Felipe de Carvalho, Antônio Pinto Gomes Junior, Felizardo José Ferreira, Manoel Rodrigues de Sousa, Porfírio da Silva, Justino Campos, Manoel Joaquim da Costa, Feliciano José dos Santos, Henrique de Melo, Lídio Ribeiro Porto, Marcelino Soares, José Antônio Francisco e José Antônio Moreira.

Também compartilhou do lanche uma velhinha que dizia ter sido vivandeira na guerra do Paraguai.

Ao champagne, proferiu sentido discurso, em nome dos Voluntários da Pátria, o ilustrado veterano Coronel Dr. Lino de Andrade, que estudou a personalidade e Osório como homem e como militar.

Falou de Barroso, lembrando que os sentimentos do marinheiro e do soldado se confundem nos momentos de alegria ou de dor, de glória ou de lutas da Pátria Brasileira.

Referiu-se ao heroísmo da mulher brasileira e terminou assim o seu brilhante discurso:

“Saúdemos a esses beneméritos, que há quase quarenta anos, suportam dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, instante por instante, com paciência e resignação evangélicas, as dores e os tormentos causados pelas mutilações e cicatrizes, que lhes transfiguram e deformam os corpos.

E hoje aqui se apresentam para receber o preito de nossas homenagens, de nós que, neste momento representamos a Nação inteira, em seus nomes, em nome dos camaradas ausentes, e mesmo em nome daqueles, que, não tendo mais forças nem coragem para resistir aos sofrimentos e as dores, foram buscar o repouso em outro mundo, onde reinam somente doce paz, plácida harmonia, serena tranqüilidade...

Local onde imperam somente a Razão, a Justiça e a Verdade; - Razão, que nada mais é que a luz, que produz no homem os princípios incontestáveis de justiça e verdade. - Justiça, que é a forma suprema da dignidade e do aperfeiçoamento humano. - Verdade, que sendo a imensa trajetória que o espírito humano percorre do estado embrionário da ignorância até a compreensão dos conhecimentos completos e perfeitos, pode ser também considerada um caminho juncado de flores, que nos leva ao zênite, onde, no dizer do Evangelho, gozam de bem-aventurança eterna os que na terra padeceram fome e sede de justiça.

Senhores! O amor da Pátria dá forças à alma. Nenhuma distinção ou diferença fazemos entre os heróis, que tantas vezes, e a um só tempo se cobriram de tanta honra, que bem difícil se tornava distingui-los ou separá-los.

Confundamos em um só preito de homenagem os beneméritos, que também se confundiram, sem distinção ou diferença de classe, quando deram à Pátria tantos e tão grandes momentos de glórias.

E saudando a memória do legendário Osório, levantemos um brinde aos Inválidos da Pátria, seus companheiros no campo da Honra e da Glória."

Palavras de agradecimento do Dr. Francisco Luiz Osório

Manifestou a justa comoção que naquele momento sentia a sua alma de filho do General Osório, ao ver ali reunidos aqueles velhos servidores da Pátria que haviam pelejado ao lado de seu pai pela honra do Brasil.

Não fora o concurso valoroso e forte não só daqueles braços como dos que haviam perecido na luta, e seu pai não estaria naquele momento recebendo as homenagens de um povo inteiro.

Era por isso que terminava levantando um viva aos Veteranos do Paraguai, que seu pai tivera a honra de comandar.

Final da cerimônia

Os descendentes de Osório retiraram-se como foram recebidos, ao som do Hino Nacional pela banda da Infantaria da Marinha, e cobertos de flores pelos presentes.

Os Veteranos voltaram a contornar a estátua do General Osório.

Às 4 horas da tarde realizou-se o cortejo cívico das escolas.

Entre as homenagens prestadas à memória de Osório, avultou esta pelo brilho e imponência, dando à comemoração a nota popular por excelência. Dirigiram-na o Coronel Dr. Dias de Oliveira, Capitão Lobo Viana e Dr. Leôncio Corrêa, Diretor da Instrução.

Desfilou na seguinte ordem o enorme préstito, às 4 horas e 40 minutos, pela Praça 15 de Novembro:

Bandas de clarins e música do 1º Regimento de Cavalaria; Corpo de Bombeiros, conduzindo o seu estandarte, com a respectiva banda de música à frente, levando as praças ramalhetes de flores naturais e no peito medalhas com a esfinge de Osório; Instituto Profissional Feminino; Escolas Rodrigues Alves, Afonso Pena e a 1ª feminina do 4º distrito; Externato Hermes, masculino e feminino; Colégio Militar, formando disciplina da Brigada das três armas, sob o comando do diretor Coronel Alexandre Barreto; Colégios Alfredo Gomes e Paula Freitas; Externato do Ginásio Nacional com bandeiras e buquês; Liceu de Artes e Ofícios; Instituto Profissional Masculino, trazendo os pequenos soldados as carabinas enfeitadas com flores, além de outras muitas corporações.

Uma grande massa popular acompanhou o préstito, cujo aspecto era imponente, realçando, em meio às corporações

militarmente uniformizadas, as vestes brancas das meninas das escolas, trazendo fitas de cores patrióticas a tiracolo e ramos de flores nas mãos.

Ruas e janelas achavam-se repletas de pessoas, que aplaudiam, com as mais vivas demonstrações de entusiasmo.

Na Praça 15 de Novembro era enorme a multidão, regurgitando as janelas de senhoras e cavalheiros, principalmente as da Repartição dos Telégrafos onde se achava o Presidente da República, Casa Civil e Militar e Ministros.

O cortejo circulou a estátua de Osório, ao mesmo tempo em que os grupos militares faziam as continências. O Instituto Profissional Feminino, tomando lugar junto ao monumento de Osório, cantava, com acompanhamento da banda de música do Instituto Profissional Masculino, o seguinte hino, especialmente escrito para essa cerimônia pelo Dr. Leôncio Corrêa e posto em música pelo maestro Francisco Braga:

A Osório - poesia

Coro

“Bravo filho da intrépida terra
Que ao tirano não curva a cerviz,
Foste grande na paz e na guerra,
Glória eterna de um nobre país.

O infortúnio por teu nome
Descansa a pesada cruz,
Têm pão os que sentem fome,
Roupa os que eram quase nus.

Os teus feitos, recolhe-os a história.
Com carinho de amor maternal;
Filho augusto e querido da glória
Na saudade da Pátria, imortal!

Coro

Eras como um tufão, se passavas.

Com a espada terrível na mão;
E no peito de pomba abrigavas
Que bondade no teu coração.

As crianças no teu centenário
Dão-te os hinos de amor juvenil,
Tipo austero de herói legendário,
Honra, orgulho do amado Brasil!”

Reboando por toda a praça uma salva de palmas, seguiu-se a essa belíssima cerimônia outra não menos encantadora!

Todos os grupos de crianças das escolas civis e militares desfilarão em continência à estátua, junto ao pedestal as flores de que eram portadoras.

O aluno do Colégio Paula Freitas – Francisco de Oliveira Ribeiro - assim perorou o discurso que proferiu:

“Osório, foi um grande homem do povo, amado dos soldados, que o aceno da Pátria na hora suprema da defesa da bandeira convocou de toda a parte. Da choupana sertaneja, da enxada agrícola, da vastidão dos pampas, da ferramenta operária.

Foi esta matéria prima do patriotismo, heróico, que ele improvisou um Exército e com ele conquistou a vitória.

Acessível, chão, despreocupado de outra hierarquia, senão a do valor, - Marechal, Soldado, Marquês do Povo, - ele, a valentia lendária, cuja fulgurância ainda hoje nos deslumbra, foi a exaltação heróica dos pequenos.

Fá-lo-ia sorrir, seu riso de leão carinhoso, a voz da mocidade, vindo falar-lhe dos seus feitos, ainda com a verde voz da candura que não sabe mentir. Herói!

Esta voz quase de puerícia, vem dizer-te em nome dos seus colegas, do ninho da educação, intelectual e cívica, que o Colégio Paula Freitas é.

Quando começarem a despertar os dias da honra nacional em perigo, quando a bandeira acenar vibrante a chamada à fronteira da Pátria, nós iremos praticar nos campos da batalha, as lições de denodo que nos ensinaram de tua história. E até

lá, quando passarmos, junto da tua estátua de bronze, repetiremos como um juramento.

O valor legendário, inexcedivelmente épico, nasceu há um século com Osório. Mas, não pode morrer, Oh! Herói! Nas veias dos teus patrícios”!

Assim terminou a homenagem das escolas, às 6 horas da tarde, hora em que salvaram todos os navios da Esquadra e fortalezas.

Às 6h30min. as bandas de música do Corpo de Infantaria da Marinha e marinheiros nacionais que, reunidos formavam 150 músicos, deram início a bem escolhido concerto, executando com brilho e aplausos do público.

Quer no interior da Praça 15 de Novembro, quer ao redor, por toda parte, à noite, lâmpadas elétricas do feitio de estrelas e sóis davam ao local, com a profusão de balões venezianos, um aspecto original, de magnífico efeito que o público se não cansava de admirar, como já o fizera no dia anterior.

A projeção dos holofotes dos navios de guerra, para a estátua de Osório foi a mais intensa e linda possível.

A custo se podia atravessar de um lado para outro a Praça 15 de Novembro, que carruagens e automóveis conduzindo famílias, sem sucesso tentavam voltar.

Os bondes, desde cedo, haviam começado a transportar para os festejos na cidade, moradores de todos os arrabaldes e da zona suburbana.

O Corpo de Bombeiros, vitoriado pela multidão, fez jorrar uma fonte luminosa de efeito surpreendente, preparada em um batelão desse Corpo, que se achava atracado ao vapor Aquário, em frente à ilha das Cobras.

A marche aux flambeaux das Escolas Superiores, organizada pelos acadêmicos da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, não podia ser mais imponente.

Ruidosamente alegres, empunhando lanternas venezianas multicores, os dignos moços entraram, com bandas militares, na Praça 15, contornando a estátua, em cujo pedestal depositaram flores, aos vivos à República e a Osório.

O préstito deteve-se alguns minutos e então orou o es-

tudante de Direito Alfredo Maciel Moreira com entusiasmo e patriotismo, afirmando que Osório no campo de batalha representava a integridade de nossa Pátria.

Seguiram-se demais oradores, até que, movendo-se outra vez a préstito, entre vivas a Osório, correspondidos pelo povo, deteve-se em face das janelas da fachada da Repartição dos Telégrafos, onde se achavam os descendentes de Osório.

Sempre por entre expansões de entusiasmo prosseguiu o cortejo cívico das escolas superiores, atravessando a cidade, em direção ao largo de São Francisco, onde dispersou.

As empresas cinematográficas Pathé, Cinema Palace, apanharam filmes que na Capital da República e Estados exibiram com sucesso, das fases principais das festas do centenário.

O preclaro chanceler Barão do Rio Branco cumulou a família Osório de carinhosas homenagens no almoço que a mesma expressamente ofereceu em sua residência em Petrópolis, retribuído pela filha e netos do General no palacete Osório, a Rua Marquês de Abrantes, nº 23 (antigo), em meio às provas de sincera estima que unem as duas famílias Osório e Rio Branco e o altíssimo apreço ao grande brasileiro historiador das glórias do nosso Exército.

“Continuaram dia 11, com o mesmo brilhantismo, os grandes festejos organizados em honra a Osório.

Foi um grande consolo, essa demonstração exuberante de patriotismo, essa grande manifestação de culto cívico, prestada, nestes dois dias, ao soldado herói, que fizera da sua vida o símbolo da defesa da Pátria, que transformara o seu corpo robusto no aríete formidável que, à frente das divisões brasileiras, abria largo caminho através das compactas hostes inimigas.

Foram um grande revigoramento do valor nacional, todas essas grandes homenagens cívicas dedicadas ao legendário General Osório, cujo nome bastava ao inimigo para fazê-lo recuar aterrorizado, cuja figura lembrava aos nossos batalhões o toque de vitória.

Um país que não esquece os seus heróis é um país forte. Um povo que rende, entusiasmado e convicto do seu valor cívico, comemorações, como esta que vimos de assistir, em

que a alma nacional vibrou sempre no mais justo motivo de orgulho, na mais carinhosa veneração, é um povo que sabe vencer.

E o bravo Osório, que ontem era, no campo da guerra, no ardor da refrega, o símbolo sagrado da Pátria, arrastando atrás de si, conduzindo à vitória, os seus valentes soldados, é hoje, passados muitos anos, o protótipo da bravura, da abnegação patriótica.” (**O País**, 12 de maio de 1908)

“Osório – As festas comemorativas do centenário de Osório, anteontem iniciadas, terminaram ontem com igual intensidade e brilho.

Os brasileiros de hoje, educados em lares onde os velhos guerreiros do Paraguai, nos serões familiares, serenamente, recordando os grandes feitos da grande campanha, exaltavam a fama de seus chefes prediletos – receberam, como uma herança transmissível através das gerações, o afetuoso entusiasmo que Osório, o mais popular dos nossos heróis, inspirava aos seus contemporâneos.

A patriótica vibração que sacudiu a alma brasileira, quando do teatro das operações belicosas chegou a grata notícia da vitória formidável de Tuiuti, ainda hoje, mortos já quase todos os que a receberam, perdura repercutindo nos corações novos.

Não só os militares de terra e mar, mais diretos herdeiros da glória do herói gaúcho, mas todo o povo brasileiro, gente de todas as profissões e idades, foi a Praça 15 de Novembro contemplar o monumento do Legendário e celebrar a bravura ardente do General Osório que outrora, em inóspitos campos estrangeiros, venceu os inimigos da Pátria.” (**A Rua**)

“O entusiasmo popular rodeou do mesmo esplendor o dia de ontem, enaltecendo sempre o vulto que mais sobressai entre os que merecem a consagração da idolatria das multidões. Nem um momento arrefeceu o arroubo com que a memória adorada recebia aclamações. O nome de Osório, nome simples e luminoso, feito para as bênçãos da popularidade, florescia em todos os lábios, vindo dos corações entusiasmados.” (**Da Imprensa**).

Marquês do Herval **(A seu neto Fernando Luís Osorio)**

Caiu na arena o arcanjo da batalha
Mas não periclitou sua memória
Envolvida nas dobras da mortalha
Que amortalhou seu corpo, ungido em glória!

Tantas vezes zombara da metralha,
Os lauréis conquistando da vitória,
Que esta Pátria tem lenda que valha
Uma página só da sua história!

E é por isso que o povo brasileiro
No próprio coração, tem majestoso
Altar de culto pelo seu guerreiro

O marechal gaúcho, temerário.
O grande vulto do herói glorioso
Apelidado – Osório, o legendário!

F. Jacinto

A comemoração de 24 de maio de 1908

A data de 24 de maio foi comemorada do seguinte modo:

“Às 5 horas da manhã, houve alvorada junto à estátua do General Osório, pela Banda de Clarins do 7º regimento e pela banda de música de um dos corpos da 7ª brigada.

Desfilaram depois em continência à estátua contingentes do 7º, 20º, 22º, 23º e 24º Batalhões de Infantaria.

Bandas de música tocaram alvorada na residência da irmã, filha e netos de Osório.

A Associação de Veteranos do Paraguai, incorporada, foi depositar na estátua flores naturais. Os membros do Grêmio Veteranos do Paraguai foram até a estátua e aí depositaram uma pedra comemorativa.

Essa pedra foi conduzida numa padiola, oferecida pelo

voluntário Acelino de Matos, a qual foi depois entregue à família do General Osório.

O Grêmio realizou depois, em sua sede, uma sessão solene, falando o acadêmico Mario Álvares, que dissertou sobre o tema: “A vida de Osório e os seus brilhantes feitos na campanha do Paraguai”.

A sessão esteve muito concorrida, tendo a ela assistido a família do General Osório.

O Dr. Francisco Luis Osório, filho do General Osório, falou junto à estátua, agradecendo aos Voluntários do Paraguai a homenagem que faziam à família Osório, convidando-a para assistir aquela prova de apreço que eles testemunhavam à memória do General Osório, assim como agradecia as provas de consideração que esses Voluntários lhe tributavam pessoalmente.

À tarde houve retreta pela banda de música do 1º Batalhão de Engenharia, no lindo coreto em frente à Estação Deodoro.

Foi empolgante a modesta comemoração que fez o Coronel Müller de Campos, comandante do 1º Batalhão de Engenharia, pela passagem da data gloriosa da Batalha de Tuiuti.

Às 10 horas da manhã, formado o batalhão na praça frente ao quartel, em Sapopemba, foi feita uma parada geral, sob o comando do Capitão Campos Curado, ajudante do Batalhão, e depois de ligeiras evoluções, tomou a formatura de coluna cerrada e pelotões, dando o flanco direito ao quartel, onde tremulava o pavilhão nacional.

O coronel Müller de Campos, assomando a frente da coluna, mandou fazer o toque de oficiais e, no seu círculo, pronunciou ligeiras palavras repassadas de mágoa em referência ao acidente desastroso que roubou ao Exército e a Pátria o jovem e esperançoso 1º Tenente Juventino da Fonseca, mas acrescentou que era dever patriótico a comemoração das grandes datas nacionais e que a de 24 de maio nunca deverá passar despercebida no seio da família militar, embora, pelo motivo justo a que aludiu, não a pudesse mais alegremente festejar, como era seu pensamento. Ditas estas palavras, foi

feita pelo 2º Tenente Moreira Júnior, secretário do Batalhão, a leitura da seguinte ordem do dia regimental:

“Comando do 1º Batalhão de Engenharia, em Sapopemba, 24 de maio de 1908. Para conhecimento do Batalhão e devida execução, publico o seguinte: Batalha de Tuiuti. – Comemorando a gloriosa data da sanguinolenta batalha de 24 de Maio, a maior que se tem ferido na América do Sul, e onde o heroísmo dos nossos chefes e soldados disputou a ferro e fogo os louros da vitória; lembrando essa epopéia gigantesca, escrita em caracteres indelévels nos verdes campos de Tuiuti, onde baquearam exangues tantos de nossos irmãos, cumprimos um dever patriótico em prestar neste dia as homenagens, nos legando essa gloriosa tradição tão cheia de ensinamentos e exemplos a imitar.

O batalhão que tenho a honra de comandar, também compartilhou dessa jornada de martírio na Guerra do Paraguai, e inscreveu seu nome nas páginas mais brilhantes da sua história.

É justo, pois, que unidos em torno do pavilhão sacrossanto da Pátria, ergamos ainda hosanas ao Onipotente pela grande vitória alcançada e preces fervorosas pelos que sucumbiram.

Entrega de medalha – Há poucos dias tive a grata oportunidade de fazer entrega da medalha militar de bronze ao 2º Tenente Guilherme Luiz de Araújo e Sousa, que a ela fez jus pelos bons serviços prestados em mais de 10 anos consecutivos sem nota em contrário.

Maior é hoje a minha satisfação em fazer-lhe entrega da medalha de 1ª classe, em que o eminente Sr. Presidente da República vem agraciá-lo pelo ato de abnegação e coragem que praticou o mesmo oficial salvando com risco da sua própria as vidas de uma humilde família prestes a sucumbir em pavoroso incêndio.

Esse ato de benemerência e altruísmo foi devidamente apreciado por todos, e a Providência Divina, que os assiste sempre, também quis recompensá-lo pela voz fulminadora do raio, em tarde serena e calma – súbito fê-lo tombar e presentir a morte.

Mas conservou-lhe singularmente a existência preciosa a maior de todas as recompensas ante a grandeza moral do cometimento. E nos sinais indeléveis que lhe deixou no corpo perpetuará a sua memória.

Faço, pois, entrega da medalha simbólica de “Amor e Fraternidade”, que atestará sempre o valor e intrepidez do agraciado a quem felicito com grande efusão.

Relevação de castigos correcionais. – Em homenagem à grande data de hoje, relevo dos restos dos castigos correcionais impostos por minha ordem a todas as praças.”

Terminada a leitura o Coronel Müller, ao som de uma harmoniosa marcha militar colocou ao peito do Tenente Guilherme de Araújo a medalha de ouro que lhe foi conferida pelo Sr. Presidente da República.

O 1º Tenente Othon Braga, Ajudante de Ordens do Chefe do Estado-Maior do Exército, visitou e cumprimentou, em nome deste, a Exm^a. Sr^a. D. Manoela Osório Mascarenhas, o Dr. Francisco Luis Osório e demais netos do legendário Osório, pela data de 24. – **O País**”.

“É a Pátria. O vulto máximo de Osório, cortando como um traço de fogo a multidão entrelada dos combatentes de Tuiuti, onde o mais singelo dos soldados dourou-se com um farrapo brilhante

Ele vale para a mocidade, para a geração de agora não somente como um semi-Deus que se glorifica, mas como um exemplo que é preciso seguir

A prosperidade é paz e a paz é a transmutação da força consciente e vigilante.

Este derradeiro estágio da comemoração de 24 de Maio resume todas as fases do culto aos heróis.

Bradamos com ele o mesmo clamor de triunfo, vivemos a sua glória e a sua lenda, mas em verdade somos dignos deles fazendo pela mesma Pátria os mesmos sacrifícios e as mesmas fulgurantes façanhas e conquistando para ela as mesmas vitórias redentoras”. (Editorial de **O País**, 24 de maio de 1908).

A família do herói da festa achava-se dignamente repre-

sentada pelos cidadãos Manoel da Terra Osório, Firmiano da Terra Osório, Marcelino Osório Marques, Manoel Luis da Terra Osório, Thomaz Osório Nunes e outro.

A Intendência (atual Prefeitura) achava-se ornada com apurado gosto. Às 6 horas sentaram-se à mesa, colocada no meio da sala, os cidadãos que compõem a comissão de festejos, presidida pelo intendente municipal Coronel Manoel Marques da Rosa.

As revistas ilustradas do Rio de Janeiro, entre elas o Fon-Fon, Malho, Revista da Semana e A Rua, dedicaram composições alusivas aos feitos de Osório, reproduzindo excelentes fotografias dos sucessivos festejos do Centenário. A Associação dos Veteranos do Paraguai distribuiu em poliantéia o seu órgão Voluntário da Pátria.

Para perpetuar a idéia, levada a efeito com vivo entusiasmo patriótico, da comemoração do primeiro centenário natalício de Osório, – o General Luiz Mendes de Moraes, na memorável sessão realizada a 24 de janeiro de 1908, em uma das salas do 9º Regimento de Inspeção, a que aludimos, propusera que, após os festejos do Centenário, a Comissão glorificadora se transformasse em uma Associação cujo fim fosse criar e manter um estabelecimento de educação exclusivamente destinado às filhas órfãs dos militares da terra e mar, nos mesmos moldes das instituições similares da Europa, como a casa de Saint-Denis, mantida em França pela Legião de Honra.

Estabelecimento esse que se denominaria Orfanato Osório, honrando de um lado a memória do ínclito cabo de guerra Osório e de outro perpetuando a feliz iniciativa do malogrado Marechal João Nepomuceno Medeiros Mallet, que a morte não deixará levar a efeito a criação de uma tal instituição, a que nos últimos dias de sua utilíssima existência se consagrara com devotado amor. (Esta instituição é hoje a Fundação Osório, que muito apoiou, através de seu Presidente, Cel Professor Arivaldo Silveira Fontes, os primeiros tempos da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, da qual é o seu 1º vice-presidente).

Inauguração do Monumento de Osório na Praça da Alfândega em Porto Alegre em 6 de agosto 1933

No dia 6 de agosto de 1933 foi inaugurado o Monumento eqüestre ao General Manoel Luiz Osório em Porto Alegre na praça da Alfândega por Comissão Pró-Monumento, presidida por João Maia que na ocasião pronunciou oração, seguida da palavra do Dr. Fernando Luiz Osório Filho, neto do General Osório e representando a família, e do representante do Exército, em nome da 3ª Região Militar, o 1º Ten Bayard Galvão e, por fim, a oração do padre Ponciano dos Santos Stenzel. Todas peças oratórias antológicas que muito bem definiram a significação histórica do heróico e legendário General Osório. Orações preservadas pela **Revista do Instituto Histórico do Rio de Grande do Sul**, 1933. Presente o interventor de RGS, General Honorário Flores da Cunha, que forneceu recursos do Estado para o término da obra idealizada pelo escultor Hildegardo Leão Velloso. Monumento com a dedicatória: **“A Osório o Rio Grande”**. Transcrevemos a seguir as palavras mais significativas dos oradores.

Palavras de João Maia, Presidente da comissão Pró-Monumento

“Contudo, um fenômeno altamente sugestivo nos é dado contemplar nesta hora augusta de transcendente con-

sagração cívica. Ela consiste na apoteose ora em desdobramento. Exatamente neste dia, há sessenta e dois anos, o general Manoel Luiz Osório era recebido em Porto Alegre, pelo povo, em verdadeiro delírio patriótico.

Dias a fio durou a prestação das excepcionais homenagens ao herói sem par em que às salvas de palmas, às aclamações populares se reuniam o troar festivo da artilharia e o crepitar frenético dos fuzis, em renhidos combates simulados.

Uma trégua súbita na sua acidentada vida militar. E essa mesma conseqüente de graves ferimentos recebidos em combate no Paraguai, permitiu ao herói acudir ao carinhoso chamamento da Província, ansiosa por testemunhar-lhe sua admiração seu afeto, seu reconhecimento.

De sua atuação na porfiada luta, já sexagenário, após uma esteira de triunfos começados aos quinze anos de idade, com guerra da Independência e continuados em todas as campanhas em que esteve em causa a honra e a integridade do Brasil, são marcos inabaláveis e iniciais a epopéia esboçada, as organizações de dois corpos de Exército no Rio Grande do Sul - paisanos que penosamente teve de transformar em soldados e conduzir aos recantos. E ele participava pessoalmente dos perigos das arremetidas, respondendo aos que lhes estanhavam a temeridade: “Eu preciso provar aos meus comandados, que o seu general é capaz de ir até onde os manda”.

Momento houve, no decorrer da guerra, em que os sofrimentos físicos do herói o forçaram a abandonar o teatro da ação. Foi quando os ferimentos recebidos em Avaí e agravados pelo excesso de trabalho e pelas chuvas, lhe aumentavam as dores e o impediram de andar a cavalo. Pediu licença para tratar-se. Mesmo ausente, entretanto, o prestígio de Osório impelia as hostes combatentes para as avançadas vitoriosas.

Quando – narra um cronista da época – o vulto varonil do notável guerreiro assomou nas dobras do acampamento, um entusiasmo, quase loucura, apoderou-se do Exército.

Apenas apertou-lhe a mão, o Conde d'Eu galopou à toda brida, deixando-o atrás para que ele recebesse sozinho as continências da tropa.

Os soldados, infringindo as severas regras da disciplina, os rigorosos preceitos da guerra, saíram de forma, às carreiras, em tropel, e cercaram o valente cabo de guerra. Vivas, hurras, tirar de bonés, agitar de braços casando-se aos sons das bandas marciais, tal foi a recepção nos campos de Pirajú, na Campanha da Cordilheira.

Os mais sôfregos, os mais entusiastas apoderaram-se das rédeas do cavalo, e Osório, exausto de comoção, pedia, suplicava que o deixassem passar, e o herói passou entre alas de soldados, que bendiziam a chegada do magistério da vitória. Que arquétipo outro se assinala nos fatos da nacionalidade com uma tão dilatada veneração...!

Oração de seu neto Fernando Luiz Osório (filho) representando a família

Não, é portanto, esta a apoteose senão do profundo brasileiro orgânico de Osório que tinha no coração o futuro da humanidade, como um amigo dos proletários fardados, um predileto dos humildes, na sublime utopia que refulge, num risco de beleza, do páramo sagrado em que circula a nossa história, abrigando a esperança, na atitude ovante e coesiva de um povo generoso que sobre as cabeças de seus paradigmas lança a triangulação do Brasil, pondo em comunhão todas as legendas vivas do Rio Grande, para o resguardo do nosso patrimônio e para o fulgor do dia de amanhã! Senhores, é, assim, verdadeiramente bela esta estátua que reflete toda a escultura heróica do Rio Grande... E si para erguê-la, faltasse material bastante, direis como o poeta, sem mendigar fulgores às estrelas:

...Temos na terra o que não há no céu,
Recolhe os ossos dos titãs soldados,
Apanha as armas que a seus pés caíram
E ajunta as balas que os canhões cuspiram,

E, então, de sabres e canhões e balas
Lanças partidas, pavilhões rasgados,
Levanta o alto pedestal da estátua
Que irá nas brumas se perder no espaço ...
E, assim, aos astros erguerás seu crânio,
E ao mundo inteiro estenderás seu braço!

Eu ajoelho a minha alma diante deste monumento, porque, também, venho, aqui, em nome da Família Osório, render homenagem ao gênio da Pátria!”

Oração do representante da 3ª Região Militar, Ten Bayard Galvão

“Quando pois, marechal do Exército Imperial, Marquês do Herval, dignitário de várias ordens monárquicas, ministro de Estado, - veio colher-te a morte na sua faina inexorável.

A triste nova correu o Brasil inteiro onde não havia um sítio em que não existisse um teu ex-comandado. E a população em peso chorou o teu fim.

Osório, tu não morreste para o Brasil! Essa fatalidade irrevogável a que está sujeito o mundo vivo não tem significação social para uma personalidade como a tua.

O Exército Brasileiro, do qual fizeste parte integrante, que ainda experimenta a tua influência subjetiva, hoje representada por teus comandados nas batalhas, - sente-se pleno de júbilo, todo entusiasmo, em prestar uma homenagem sincera a seu servidor sem par que concorreu com todas as suas energias morais, intelectuais e físicas, na guerra como na paz, para o seu bom nome, para a sua glória!”

Oração do Padre Ponciano dos Santos Stenzel

“Lembra-me bem, era eu ainda criança e já me sentia orgulhoso por ter nascido na terra onde Osório, pela primeira vez, viera à luz do sol formoso do Rio Grande e afinaria as primeiras harmonias de sua vida ao som alegre

dos cânticos maternos, nesse recôndito do Rio Grande, que é Conceição do Arroio.

Quantas vezes, cavalgando pelos campos, surgia-me imediatamente à imaginação aquela figura que não era amada, mas adorada, como ídolo do Exército Brasileiro. Era Osório que, com os olhos incendiados pelo fogo do amor da pátria, sustentando na destra a sua lança de ébano e com a sinistra sofrendo o fogoso ginete, que parecia também viver o entusiasmo do herói, apontava aos seus bravos do 21º de infantaria o território à frente em Passo da Pátria, exclamando:

“Soldados, fácil é a missão de comandar homens livres, basta mostrar-lhes o caminho do dever e o nosso caminho está aí em frente...”

Nunca me esquecerei de um momento de minha vida, momento este que já foi descrito na literatura de nossa terra.

Tinha eu doze anos de idade e cavalgava de minha vila para o próximo povoado de Tramandaí. O sol, tombando para o ocaso, se escondia por detrás das montanhas da Serra do Mar, tingindo de lilás e púrpura as nuvens do horizonte e dando aquela hora do crepúsculo uma tonalidade de tristeza e de saudade...

A uma légua de distância o mar, testemunha indiferente dos humanos acontecimentos, continuava em seus perenes regougos... Nessa hora solene da tarde chegara eu ao passo dos “Emboabas”. Quase instintivamente dei de rédeas ao cavalo. Contemplei com alegria e tristeza aquele lugar sagrado para a nossa história pátria. Com alegria, porque dele emergia, aureolada de glórias, a mais popular, a mais heróica figura do Exército Brasileiro, Osório, o ídolo dos campeões de nossa pátria, o gênio das batalhas, o amigo dos soldados, o homem nobre, generoso e forte. Com tristeza, porque daquela morada que servira de berço ao ínclito cabo de guerra, daquele remanso feliz, onde pela primeira vez bebera a luz do sol, balbuciara as primeiras palavras e sorrira às primeiras carícias de amor, nada mais resta, nem

tapera, nem alambrado, mas uns simples sinais de antigos valos que a tradição dos anciãos de Conceição de Arroio aponta como únicos vestígios da morada de Manoel Luiz da Silva Borges e D. Ana Joaquina Osório, progenitores do herói, cujo monumento inauguramos hoje no coração da capital gaúcha.

É de se esperar que a nobre iniciativa para colocar num pedestal de glória a figura brônzea de Osório, como símbolo do patriotismo desinteressado do nosso povo, leve também os meus conterrâneos a assinalarem com uma coluna, com um marco o lugar do nascimento de Osório, onde se leia, ao menos uma simples frase, “Aqui nasceu Osório”, para que a tradição deste lugar não desapareça com as gerações futuras, mas permaneça como centro de unidade da família de Conceição do Arroio (atual Osório), que verá sempre na figura do “Legendário” a maior e a mais significativa expressão de sua grandeza histórica que se projetou em, iluminuras de gênio para as páginas auríferas de nossos anais de glória...

E tu, ó estátua de bronze ora inaugurada, desprende-te, então, deste pedestal, cavalga as ondas de nossos rios-oceanos, perlustra as plagas de nossa terra, penetra o seio de nossos povoados e cidades, galga a escarpada de nossas montanhas, sobe ao cume do Itatiaia e, de lá, tendo estas montanhas por pedestal, contempla o Brasil inteiro para que do Amazonas ao Prata ecoe o grito de teu comando, que será o grito da salvação, o brado da justiça e da verdade, o eco da consciência nacional despertando para os horizontes de nova era de grandeza e felicidade nacional: Será, então, o gênio de Osório vivendo no coração do povo brasileiro, e salvando o Brasil mais do que de uma derrota, livrando-o da ruína de um cataclismo moral... Salve grande Osório!...”

Decorridos 37 anos deste apelo do padre Stenzel de recomposição do local de nascimento do maior herói e líder popular brasileiro, surgiu o Primeiro Parque Histórico do Brasil, o Parque Marechal Manoel Luiz Osório.

Inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luís Osório em 10 de maio de 1970

Sobretudo o belo e imortal exemplo do General Osório atraiu para Tramandai no local onde ele nasceu e viveu até os 14 anos, o Presidente da República Emílio Médici, quatro ministros de Estado, o Alto Comando do Exército e altas autoridades militares civis e eclesiásticas e expressiva e representativa parcela do povo gaúcho para a inauguração, em 10 de maio de 1970, do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, idealizado pelo então Gen Ex Emílio Garrastazu Médici, comandante do III Exército (atual CMS).

Depois de 11 meses o Presidente Médici inaugurou, em 19 de abril de 1971, o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, dia do aniversário da 1ª Batalha dos Guararapes. Data que em 1994 no centenário da inauguração do Monumento a Osório no Rio, passou por decreto presidencial a ser o Dia do Exército Brasileiro.

Na ocasião da inauguração do Parque Guararapes lançamos, com apoio da Universidade Federal de Pernambuco, o livro **A Grande Festa dos Lanceiros**. Livro como nossa reportagem da inauguração do Parque Marechal Manoel Luiz Osório, cuja construção foi conduzida por Comissão presidida pelo Cel Cav Edson Boscacci Guedes que obteve da Caixa Econô-

mica Federal recursos para a aquisição de 60 hectares da propriedade onde nascera o General Osório. Foi obtido apoio do Cel Mario David Andrezza Ministro dos Transportes para construir asfalto, trecho ligando a Estrada ao Parque. Autoridade que muito apoiou a construção de uma rede de estradas no interior do Parque Histórico Guararapes, cuja coordenação do projeto, construção e inauguração foi de fato sob nossa responsabilidade por ordem do Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca, comandante do IV Exército (atual CMNE) que prefaciou nosso livro feito a sua ordem, **As Batalhas dos Guararapes – descrição e análise militar**, também lançado na inauguração do Parque Guararapes e reeditado, em 2004, pela Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) como o patrocínio da FHE-POUPEX.

Roteiro da inauguração do Parque

A cerimônia de inauguração do Parque Osório foi assim desenvolvida:

- Chegada do Presidente Médiçi em helicóptero.
- A recepção do Presidente pelo Comandante do III Exército e pelo Governador do Rio Grande do Sul
- Honras militares ao Presidente Médiçi por lanceiros do 13º Regimento de Cavalaria - Regimento Osório, vestindo uniformes do Império e que escoltaram o Presidente até a casa reconstruída onde Osório nasceu.
- O Presidente atravessou ala formada por alunos do Colégio Militar de Porto Alegre onde ele havia estudado e por oficiais generais perfilados defronte a Casa do Osório.
- O Presidente Médiçi e o General Oscar de Azambuja, o mais antigo general presente, hasteiam, respectivamente, a Bandeira do Brasil República e a Bandeira do Brasil Império.
- Discurso do Cel Edson Boscacci Guedes.

- O Presidente Médici inaugurou oficialmente o Parque Osório, cortando fita junto a Casa de Osório, colocada entre armas ensarilhadas.

Cerimônia no interior da Casa de Osório

- Descerramento de placa alusiva a inauguração da Casa, que foi abençoada pelo Capelão Nilo Kollet.

- Descerramento de placa na Casa inaugurada como Museu.

- Entrega ao Presidente de documentos históricos que pertenceram a Osório, pelo Sr. Romário Machado.

- O Presidente Médici assinou Decreto transformando o 13º Regimento de Cavalaria – Regimento Osório de Jaguarão, em 3º Regimento de Cavalaria de Guardas – Regimento Osório.

- Usa a palavra o Gen Ex Breno Borges Fortes, comandante do III Exército (atual CMS) entregando ao Presidente Médici um bronze de Osório, como recordação.

- Visita à réplica do barco farroupilha Seival, pelo Presidente. Barco que fora transportado da Lagoa dos Patos por terra em carretões até o mar, junto com o barco Farroupilha sob a liderança de Garibaldi, "o herói de dois mundos e o homem de ação de seu século", cujo bicentenário transcorreu em 4 Jul 2007.

- Discurso do Gen Ex Adalberto Pereira dos Santos, Ministro do STM, interpretando os sentimentos do Presidente Médici.

- Apoteose – Passagem do General Osório. Iniciada com desfile dos seus símbolos: o seu cavalo em estátua, sua lança e carruagem trazidos do Museu Nacional no Rio de Janeiro.

- Salva de 21 tiros de Artilharia durante a passagem do General Osório e Toque de Silêncio pelos clarins do 13º RC enquanto alunos do Colégio Militar de Porto Alegre soltaram centenas de pombos em revoada

sobre a Casa de Osório.

- Desfile apoteótico, com uniformes históricos do tempo do Império pelo 13º RC, ao som da Canção da Cavalaria e depois a galope ao som da Marcha Triunfal de Aída.

- A seguir, teve lugar um churrasco animado pelo CTG Estância da Serra. O Ministro do Exército Orlando Geisel agradeceu a presença do Presidente numa festa tão significativa para a Cavalaria e para o Exército.

O Presidente Médici agradeceu falando sobre o Cívismo e sua importância na formação do Cidadão.

Citou o exemplo dos farrapos “que a simples tentativa de aproximação de estrangeiros, depuseram as armas, declarando que acima de seus ideais de República, estavam seus sentimentos de brasileiros que não podiam perder de vista o sentimento de Unidade Nacional”.

E a seguir anunciou, ao Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca, Comandante do IV Exército a sua disposição de inaugurar o Parque Histórico Nacional dos Guararapes pelo que este nome significa na formação da Nacionalidade Brasileira.

No citado livro **A Grande Festa dos Lanceiros**, transcrevemos os discursos do Cel Boscacci, do Gen Ex Breno, Comandante do III Exército e o do Gen Ex Adalberto e os dizeres das placas na Casa de Osório e as homenagens recebidas do Montepio da Família Militar, do Grêmio Expedicionário Geraldo Santana, da Prefeitura de Osório e do GTG Simuelo do Pago de Uruguiana.

Em iconografia no livro **A Grande Festa dos lanceiros** publicamos algumas fotos da cerimônia de Inauguração.

E neste livro, sínteses biográficas de Garibaldi, Anita, John Griggs (norte americano comandante do Seival), do Coronel Joaquim Teixeira Nunes, o maior lanceiro farrapo e seus intrépidos Lanceiros Negros e abordagem do General Osório como um grande herói popular.

Comemorações do Centenário de Morte do General Osório na Academia Militar das Agulhas Negras em 28 de Set. a 6 de Out. de 1978

As comemorações foram presididas por Comissão presidida pelo Coronel Clóvis Jacy Burmann - Comandante do Corpo de Cadetes, e integrada pelos tenentes coronéis Ney Salles, Chefe da Seção de Ensino A - História e Geografia, Cláudio Moreira Bento - Instrutor de História Militar, e sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), Roberto Baldissera - Chefe do Departamento de Equitação, Edison Murilo Serratini - S/3 do Corpo de Cadetes, Mário Roberto da Costa Ferreira - comandante do Curso de Cavalaria e José Cláudio Chagasteles - Instrutor de História Militar.

Dia 28 Set. Concurso Hípico para oficiais e cadetes e a noite no Cinema Acadêmico palestra sobre a vida e a obra de Osório, ilustrada com slides e proferida pelo Cel Cav Arnaldo Serafim, Comandante da Escola de Material Bélico.

Dia 29 Set. Demonstração hípica de volteio pela PMSP e Caçada à Raposa com 100 participantes, vencida pelo Cap Roosevelt e cadete Gomes.

Dia 30 Set. Missa Campal no Campo de Paradas da AMAN pela alma do General Osório. Carga de Cavalaria com 100 oficiais e cadetes e recepção solene da Espada de Honra de Osório e de sua lança de combate.

Dia 1º Out. Inauguração na Cadeira de História Militar de

Coleção de Gravuras do pintor argentino Cândido Lopes sobre a Guerra do Paraguai e exposição na Biblioteca da AMAN de 48 peças relacionadas com o General Osório.

Dia 2 Out. No Fórum de Resende, promoção da Delegacia Homem de Mello da Academia Brasileira de História, a palestra Osório e os Princípios de Chefia e Liderança pelo Ten Cel Ney Sales e Osório em Tuiuti a cargo do Ten Cel Sergio M. Marcondes.

Dia 3 Out. A Cadeira de História Militar em reunião de oficiais na Biblioteca presidida pelo Comandante da AMAN Gen Bda Iran Ribeiro Arnt, ofertou quadros com gravuras do pintor argentino Cândido Lopes.

Dia 4 Out. Alvorada festiva com tiro de canhões e metralhadoras, realizado por cadetes de Artilharia. À tarde, formatura do Corpo de Cadetes ao comando de seu Comandante Cel Cav Clóvis Jacy Burman, às 18:10, hora exata do falecimento do Patrono da Cavalaria quando foi realizado um minuto de silêncio.

À noite, no Fórum de Resende, na Delegacia Barão Homem de Mello da ABH, palestra Osório, o Poeta, pelo Ten Cel Prof. Ney Paulo Panizzutti, seguida da palestra sobre Resendenses na Guerra do Paraguai por Joaquim Maia e Noel de Carvalho, Delegado interino da ABH e Governador do Distrito Rotary de Resende com o tema - Osório – o cidadão.

Dia 5 Out. Encerramento do Ciclo de Palestras da ABH, no Fórum de Resende, com palestra do Ten Cel Cláudio Moreira Bento, acadêmico da ABH, ilustrado por slides da obra de Cândido Lopes e com o título - Osório – seu pensamento militar, seguida da palestra Osório – Perfil Militar, pelos cadetes José Sacido Barcia Neto e Décio Luiz Schons, respectivamente Presidente e Diretor Social do Grêmio Antônio João do Curso de Cavalaria.

Dia 6 Out. Formatura Geral da AMAN no então Pátio General Mascarenhas de Moraes, ao comando do General Iran Ribeiro Arnt, Comandante da AMAN, tendo como ponto culminante a entrada no pátio de três cadetes conduzindo a espada de honra de Osório, sua lança de combate e um cavalo com sela de oficial general, estribada ao contrário, por um par de botas com esporas, simbolizando o herói guerreiro legendário que foi Osório, não mais presente materialmente entre

os vivos. A seguir foi lido trabalho literário sobre Osório de lavra do Cadete de Infantaria Marcondes José Tenório da Silva, ao qual foi oferecido um prêmio da AMAN a ele entregue pelo Ten Cel Cláudio Moreira Bento.

Foram encerradas as cerimônias evocativas às 10 horas, depois de demonstração de um Carrossel de 60 figuras realizado pelo Regimento Andrade Neves. As palestras e mensagens citadas foram publicadas na citada **Revista Cavalaria**, nº Especial. O Professor Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro proferiu, em 4 de maio de 1979, brilhante palestra sobre Osório, ao pé de seu monumento na Praça 15 no Rio de Janeiro, a qual a **Revista Cavalaria** transcreveu na página 6. Na Biblioteca da AMAN o Museu Histórico Nacional expos fotos de Osório e relíquias de seu acervo.

Retrato e Relíquias no Museu Histórico Nacional

- Cartão de Ouro oferecido a Osório em 1877, por acadêmicos do Recife, durante visita que lá fez e onde seus filhos estudaram Direito.

- Bengala de marfim e ouro que recebeu de uma dama, ao chegar ao Rio de Janeiro para assumir sua cadeira de Senador em 1877.

- Charuteira de tartaruga, com a inscrição Osório.

- Faca de carnear em prata. Cuia e bomba para chimarrear e boleadeiras de ágata e prata.

- Sinete com as armas do Marechal e Marquês do Herval.

- Tinteiro com as iniciais MH (Marquês do Herval).

- Guampa para beber água com a inscrição: "Campos do Rio Grande do Sul" e por ele usada na campanha do Paraguai. Em chifre e metal.

- Coxinilha e sobre-cincha da montaria de Osório e que ele usou na Guerra do Paraguai.

- Binóculo usado por Osório no Paraguai.

- Rebenque: Trabalho regional em couro, pele e couro.

- Chapéu armado, de couro, plumas, tecido e fios metálicos.

- Revólver com tambor com 6 balas, usado por Osório

no Paraguai.

- Solteiras de uniforme com rosetas em metal dourado.
 - Pistola e balas. Pistola de dois canos transformada em 1879 no Arsenal do Rio de Janeiro, segundo instruções do Osório.
 - Fruteira. Enviada de Assunção para Pelotas pelo Conde D'Eu quando Osório se recuperava em Pelotas em 1870.
 - Xícara para café, com retrato do General Osório. Porcelana casca de ovo – francesa.
 - Chícara para chá, com retrato de Osório. Idem à anterior.
 - Copo para beber água, com retrato do General Osório, de cristal.
 - Telas de Osório do acervo do Museu Imperial e que desde então se encontram no acervo da AMAN.
 - Documentos sobre Osório do Arquivo do Exército.
- Obs.: De todo este acervo a **Revista Cavalaria** publicou fotos das páginas 7 a 11.

A Revista Cavalaria nº Especial publicou as seguintes conferências ou artigos comemorativos das efemérides

- Troca de Mensagens entre o Presidente da República João Figueiredo e o Ministro do Exército Gen Ex Walter Pires.
- Discurso do Professor Pedro Calmon junto ao Monumento de Osório.
- Conferência sobre Osório do então Cel Arnaldo Serafim, atual 2º Vice Presidente da AHIMTB e seu Delegado em Brasília.
- Oração do Cadete de Infantaria Marcondes José Tenório da Silva em formatura geral da AMAN.
- Conferência “Osório, vida e carreira” do Ten Cel Ney Salles.
- Osório, o Poeta - do Ten Cel Nei Paulo Panizzutti.
- Conferência sobre Os Voluntários da Pátria Resendenses na Guerra do Paraguai de Joaquim de Azevedo Carneiro Maia.
- Conferência “Osório - Pensamento Militar” do Ten Cel Cláudio Moreira Bento.
- Conferência “Osório, o Predestinado” pelo Dr. José Gomes Bezerra Câmara, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, proferida na sede do IHGB em 03 Out 1979, em sessão solene.

O traslado dos restos mortais do General Osório do Rio de Janeiro para o Parque Histórico Marechal Osório em 11 de novembro de 1993 e a deposição definitiva de seus restos mortais no seu jazigo arquitetônico no Parque

Recordo que fizemos o referido estudo focalizando o possível bom estado de conservação de seus restos mortais em razão de seu corpo haver sido embalsamado, e que se encontrava bem conservado em 1894, quando foi depositado no seu monumento na Praça 15, em cerimônia marcante no meio do grave período 1893-95, marcado pela Revolta na Armada e Guerra Civil no Sul. Os restos mortais de Osório permaneceram 99 anos no Rio de Janeiro.

Feitos os estudos para o traslado, o que se encontra arquivado no Arquivo Histórico do Exército, o projeto foi abortado, ressurgindo forte no final de 1993.

O traslado foi iniciado em 1º de dezembro de 1993, com a retirada de seus restos mortais de seu monumento na Praça 15 e se encerrou 11 dias depois no aniversário da Batalha do Avaí (11 de dezembro de 1993), ocorrido há 122 anos, na qual Osó-

rio recebeu um ferimento no rosto com fratura de seu maxilar e perda de dentes, como foi abordado neste livro.

A Comissão de Traslado imortalizou a cerimônia em fita de vídeo que a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, a transformou em DVD, para que ele permanecesse por mais tempo na memória da citada Academia.

A cerimônia de traslado, seguramente uma das mais expressivas, senão a mais expressiva e comovente ocorrida no Exército Brasileiro, teve o seguinte desenvolvimento, documentado hoje em DVD:

Inicialmente, uma visão do Parque Marechal Manoel Luiz Osório, 23 anos depois de sua inauguração pelo Presidente Médici, com o toque de clarins. “Aí vem Manoel Luiz” e descrição do traslado.

Em 1º de dezembro de 1993 a exumação dos restos mortais do General Osório de seu monumento, com a participação do Coral das alunas da Fundação Osório, cadetes da AMAN e transporte dos seus restos mortais em cortejo solene a pé, do Monumento até a Igreja Santa Cruz dos Militares onde seu descendente Luiz Alfredo Osório agradeceu em nome da família a homenagem que o Exército prestava a Osório.

Da Igreja Santa Cruz dos Militares os restos mortais são transportados para o Palácio Duque de Caxias, pelo Regimento Andrade Neves.

Após permanecer algum tempo neste local, seus restos mortais foram transportados solenemente para o Palácio Guanabara, passando pela casa da Rua Riachuelo onde o herói falecera como Ministro da Guerra e Senador pelo Rio Grande do Sul.

No Palácio Guanabara, sob a guarda da Polícia Militar do Rio de Janeiro, os restos mortais do Marechal foram alvo de intensa visitação pública.

Do Palácio Guanabara, foi transportado pelo 15º Regimento de Cavalaria Mecanizado para o Aeroporto do Galeão, onde recebeu a homenagem da Força Aérea Brasileira. E foram transportados pela FAB até Pelotas, onde foram recebidos pelo 9º Batalhão de Infantaria Motorizada – o Batalhão Tuiuti, que

participou da maior batalha campal na América do Sul, vencida por Osório. Cidade para onde Osório havia se transferido depois da Guerra contra Oribe e Rosas 1851/52.

Do Aeroporto, Osório foi levado pelo 10º Regimento de Cavalaria, transportado numa carruagem fúnebre até a Prefeitura, próximo da casa onde vivera e que conserva a parede frontal. E ali foi alvo de intensa visitação pública. E foi prestada homenagem à sua falecida esposa Francisca Osório, Marquesa do Herval, que faleceu quando Osório estava a caminho de casa, vindo do Teatro de Guerra.

Teve lugar sessão solene da Câmara de Vereadores de Pelotas no Teatro Sete de Abril. Câmara que mantinha em 1986 em suas dependências, na Biblioteca Municipal, original pintura do herói, conforme constatamos em 20 de setembro de 1986 ao ali pronunciarmos palestra sobre o Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, a convite da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada pelo seu ilustre comandante Gen Egeo de Oliveira Freitas, que presidiu a construção do atual QG da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada, Brigada Manoel Marques de Souza (1º), onde lançaríamos, em 2001, a **História da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada**, em parceria com o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, como parte do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, projeto iniciado pelo Gen Div João Carlos Rotta em 1994, como comandante da 3ª Região Militar.

Da Prefeitura, os restos mortais de Osório são transportados para Rio Grande, para o quartel do 6º Grupo de Artilharia de Campanha, Grupo Marquês de Tamandaré. Quartel mandado construir por Osório quando Ministro da Guerra.

Dali, transportado pela Marinha de Guerra, Osório é levado para Porto Alegre, para o Palácio Piratini, sede do Governo Estadual, local onde são entregues prêmios aos melhores trabalhos sobre a vida e obra do herói e em local onde ele servira como Major de Legião na Revolução Farroupilha e, mais tarde, como comandante da atual 3ª Região Militar, quando recrutou o 3º Corpo de Exército.

Em 10 de dezembro Osório foi transportado para o quartel no Partenon (antiga caserna do 6º Batalhão de Engenharia de

Combate), para o 3º Regimento de Cavalaria de Guardas – Regimento Osório.

Foi transportado de helicóptero, um símbolo da moderna Cavalaria, para o Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, onde ele viera ao mundo em 10 de maio de 1808, há 187 anos atrás. Local onde se desenvolveu esta monumental cerimônia cívico-militar.

O DVD focaliza a casa restaurada, onde Osório nasceu, local onde seus restos mortais foram colocados provisoriamente.

Desfilam os estandartes de todas as unidades de Cavalaria do Exército. De um helicóptero saltam para-quedistas do Esquadrão de Cavalaria da Brigada Para-quedista, trazendo as bandeiras Nacional e a do Império para serem hasteadas no Parque.

E desfilam entre alas formadas pelos Regimentos Osório e pelo Regimento Bento Gonçalves da Brigada Militar do Rio Grande do Sul. Bento Gonçalves que o Alferes Osório ajudara a salvar depois da batalha de Sarandi.

União feliz que recorda também que o Tenente Osório e o Cel de Estado-Maior do Exército Bento Gonçalves da Silva, comandando uma Brigada, lutaram na Batalha do Passo do Rosário e que mais tarde o Tenente Osório, no comando da unidade de Cavalaria em Bagé, apoiou este líder até a Proclamação da República Rio Grandense.

Neste conjunto, 12 cadetes de Cavalaria da AMAN, a cavalo, portam as bandeiras históricas do Brasil. E entra em cena um cavalo tordilho com sela de oficial general, tendo um par de botas, com cada pé voltado para a retaguarda, simbolizando o falecido patrono da Cavalaria.

E, em seguida, transportado por integrantes do Batalhão Tuiuti de Pelotas o tálburi que Osório passou a usar depois da infecção de suas pernas na operação da invasão em Passo da Pátria. E transportadas por dois tenentes as lanças de Osório. A de combate e a de honra. Esta, oferta do povo do Rio de Janeiro.

Em seguida, desfilou com uniformes históricos, uma peça La Hitte raiada, das que Mallet usou na Batalha de Tuiuti.

Foi apresentada a relação por datas dos combates e bata-

Ihas que Osório participou, da de Sarandi em 1825 até Peribe-
buí, na Guerra do Paraguai.

A seguir, cortejo solene e numeroso acompanhou os restos do patrono da Cavalaria para o seu sepulcro definitivo, onde os corais da Casa de Cultura Mário Quintana e o do Comando Militar do Sul entoaram diversas canções.

Em seguida o Gen Ex Edson Boscacci Guedes usou a palavra como presidente da Comissão de Traslado de Osório, completando sua obra iniciada há 23 anos antes, como Coronel. Autoridade que, como Coronel, comandara o Regimento de Cavalaria em Quaraí, no qual Osório ingressara no Exército quando este regimento integrava a Legião de São Paulo e local onde o Tenente Osório fora destacado três vezes para ali guardar a fronteira.

Regimento hoje integrante da 2ª Brigada de Cavalaria Mecanizada – Brigada Charrua, cuja história foi escrita por mim e pelo Coronel Luiz Ernani Caminha Giorgis, sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, sob o patrocínio da FHE-POUPEX, presidida pelo Gen Ex Clóvis Jacy Burmann. Obra lançada em 13 de março de 2007 no antigo QG da Brigada e hoje Casa de Cultura de Uruguaiana.

Seguiu-se discurso de D. Stella Francisca de Assumpção Osório, integrante da Comissão de Traslado e trineta de Osório, que interpretou a vida multiforme de Osório com suas variadas projeções, repetindo julgamentos sobre Osório de autoria do Barão Homem de Mello. O Barão, como presidente da Província, auxiliara Osório a mobilizar o 3º Corpo de Exército. Também biógrafo de Andrade Neves; de Ouro Preto, Olavo Bilac e Barbosa Lima. A fala de D. Estela Francisca foi feita tendo por fundo música de autoria do General Osório.

Foi acesa junto a seu Jazigo Arquitetônico uma chama votiva pelo governador do Rio Grande do Sul Alceu Colares.

Estiveram presentes à solenidade, entre outras autoridades, o Gen Ex Rubem Bayma Denis, Comandante Militar do Sul, Dr. Alceu Colares, governador do Rio Grande do Sul e o Eng. Leonel de Moura Brizola, Governador do Rio de Janeiro, onde

os restos mortais do General Osório permaneceram por cerca de 114 anos.

E assim teve lugar esta expressiva cerimônia em época do Centenário da Revolução Federalista, evento que dividiu a alma da Família Brasileira, por serem conduzidas as operações por civis improvisados chefes militares, e marcadas pelos massacres, como a degola em Rio Negro, da Cavalaria Civil, por federalistas, e respondidas por imperiais no massacre de federalistas em Boi Preto.

Evento que resgatamos do ponto de vista do Exército na obra **História da 3ª Região Militar, 1889-1953**. Porto Alegre: Pallotti, 1995.

Enfim uma preciosa lição de quem não conhece a História correr o risco de repeti-la.

O DVD em tela focaliza a casa onde residiu o bisneto e também biógrafo do General Osório Fernando Luiz Osório (filho), destacado historiador militar civil, cuja obra tomei conhecimento menino no escritório de meu pai, Tabelião de Canguçu Conrado Ernani Bento e fui então despertado para minha vocação de historiador militar.

A obra era **O Espírito das Armas Brasileiras**. Pelotas, 1918. Lembro que me impressionaram as ilustrações da obra da qual, em data recente, fui presenteado com um exemplar do historiador pelotense e canguçuense Flávio Azambuja Kremer, retirado de seu precioso Armazém Literário e Iconográfico que ele batizou com o nosso nome.

Recordo que no Centenário de Fernando Luiz Osório Filho, coincidente com o sesquicentenário da Revolução Farroupilha, o homenageamos na **Revista do Clube Militar**, set/out 1985, p. 35 e depois na Biblioteca Pública de Pelotas em 1986.

Mais tarde, criamos em Pelotas a Delegacia Luiz Fernando Osório Filho, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, com base na Sala Histórica do Batalhão Tuiuti, tendo como delegado o historiador pelotense, filho de Canguçu, Major Ângelo Pires Moreira que, ao falecer, foi substituído pelo historiador Mario Osório Magalhães, trineto do General Osório.

História do Regimento Osório e Comandantes

A alma do Regimento Osório transcende ao tempo presente e se depara ao ano de 1737, no qual o Império português, buscando delimitar e manter seus domínios nas terras dantes descobertas, bem como protegê-las de possíveis invasores espanhóis, remete um contingente de militares, dentre os quais militares “Dragões” para a Região Sul. Este primeiro contingente era proveniente do Regimento de Dragões Reais de Minas Gerais. O desembarque das tropas deu-se em Rio Grande, onde já se encontravam outras tropas, e ali permaneceu até o ano de 1754, sob o nome de REGIMENTO DE DRAGÕES DO RIO GRANDE, tornando-se intacto e invencível sob as investidas dos Castelhanos. Após ter sido firmado o tratado entre Portugal e Espanha, o Regimento mudou-se para a localidade de Rio Pardo, passando a se denominar REGIMENTO DRAGÕES DO RIO PARDO. Neste contexto, o Regimento atuou decididamente na Guerra Guaranítica. Pelo Decreto de 1º de dezembro de 1824, passou a denominar-se 5º REGIMENTO DE CAVALARIA DE 1ª LINHA, com sede, ainda, em Rio Pardo.

O Regimento participou ativamente da Campanha da Cisplatina, particularmente no cerco a Montevideu e na Batalha de Sarandi, no ano de 1825, no qual a ilustre figura do futuro Patrono da Arma de

Cavalaria, Manoel Luís Osório esteve presente e, por fim, na Batalha do Passo do Rosário.

Pelo Decreto do Poder Executivo de 04 de maio de 1831, o 5º Regimento é transformado em 2º CORPO DE CAVALARIA DE 1ª LINHA. Em 1834, o 2º CORPO DE CAVALARIA é deslocado para a localidade de Bagé, tendo em vista a perda da importância de Rio Pardo.

Em 1839, sob o Decreto nº 30, de 22 de fevereiro, o Regimento é reorganizado e toma a denominação de 2º REGIMENTO DE CAVALARIA LIGEIRA – 2º RCL. Verifica-se, por intermédio da ordem do dia do General Manoel Jorge Rodrigues, que o 2º RCL mantém a honra de dar continuidade à história do antigo 5º RC de 1ª Linha, formando seu “caráter” com os militares da antiga Unidade, tendo recebido o arquivo para dar continuidade às tradições dos heróicos “Dragões”.

Em 1851, o 2º Regimento de Cavalaria marcha em direção à República do Prata, participando da Batalha de Morón (Monte Caseros), sob o comando do Tenente-Coronel Manoel Luís Osório (célebre combate que se encontra, hoje, retratado em quadro a óleo no Pavilhão de Comando do Regimento Osório). Após a campanha, o 2º Regimento de Cavalaria regressa à Pátria amada, coberto de louros pela vitória.

No ano de 1864, inicia o maior conflito da história da América do Sul, a Guerra da Tríplice Aliança, na qual Brasil, Argentina e Uruguai enfrentam o Paraguai. Nesta Guerra, o Regimento participou de maneira singular em Batalhas de vulto, como Tuiuti, Itororó, combate contra a Fortaleza de Humaitá, Avaí, Angostura, Peribebeú, dentre outras.

Em maio de 1876, o 2º RC recebe ordens de deixar o solo paraguaio. Em maio de 1878, o Regimento retira-se de Bagé, com destino a Jaguarão.

Pelo Decreto nº 10.097, de 1º de dezembro de

1888, o 2º RCL é organizado, definitivamente em Jaguarão, sob a mesma denominação. Em 1889, pelo Decreto nº 56, de 14 de dezembro, o Regimento recebe a denominação de 2º REGIMENTO DE CAVALARIA.

De 1893 a 1895, o 2º RC participa da Revolução Federalista. Pelo Decreto nº 6.971, de 04 de junho de 1908, sua denominação é alterada para 12º REGIMENTO DE CAVALARIA.

A 11 de dezembro de 1919, pelo Decreto nº 13.916 (BE nº 280, de 15 Dez), o Regimento passa a ser denominado 9º REGIMENTO DE CAVALARIA INDEPENDENTE.

A 08 de fevereiro de 1924, passou a denominar-se 3º REGIMENTO DE CAVALARIA DIVISIONÁRIO, de acordo com o BE nº 147, de 10 de fevereiro. O 3º RCD participa das Revoluções de 1930 e 1932, honrando suas tradições de heroísmo e abnegação.

No ano de 1933, sob o Decreto nº 22.687, de 04 de maio, transcrito no BE nº 27, de 15 de maio do mesmo ano, o 3º RCD - unidade comandada por nove anos pelo General Manoel Luís Osório - recebeu a denominação histórica de "REGIMENTO OSÓRIO".

Em 1937, o Regimento recebe ordens para se deslocar para Porto Alegre. Pelo Decreto nº 21.134-A, de 15 de maio de 1946, o 3º RCD é transformado em 18º REGIMENTO DE CAVALARIA e, a partir de 1947, o mesmo entra em processo de extinção.

O Decreto nº 29.175, de 29 de janeiro de 1951, passa a denominação histórica de "REGIMENTO OSÓRIO" ao 13º REGIMENTO DE CAVALARIA, sediado em Jaguarão, que recebe o acervo histórico e o patrimônio do extinto 18º RC.

Em 1970, pelo Decreto Presidencial nº 66.617, de 21 de maio, o 13º RC passa a ser denominado 3º REGIMENTO DE CAVALARIA DE GUARDA e tem sua sede transferida para Porto Alegre.

Os comandantes do Regimento Osório

Capitão Francisco Pinto Bandeira	1737-39
Coronel Diogo Osório Cardoso	1739-52
Tenente-Coronel Tomás Luís Osório.....	1752-62
Coronel Francisco Barreto Pereira Pinto.....	1762-67
Coronel José M. de Figueiredo	1767-73
Capitão José Carneiro da Fontoura.....	1774
Coronel José Casimiro Roncali	1774-79
Sargento-Mor Patrício José Corrêa da Câmara	1779-81
Coronel Gaspar J. de M. F. de Lucena.....	1781-95
Coronel Tomaz da Costa Rabelo e Silva	1807-16
Tenente-Coronel Sebastião Barreto Pereira Pinto	1816-18
Coronel Bento Corrêa da Câmara	1818-23
Coronel Gaspar F. Menna Barreto.....	1824-25
Tenente-Coronel Felipe Neri de Oliveira	1826-31
Coronel José Rodrigues Barbosa	1832-35
Tenente Manoel Luís Osório (Major de Legião)	1835-36
Major Francisco Fernandes Anjo.....	1837-38
Tenente-Coronel Manoel Luís Osório	1839-52
Tenente-Coronel João F. Menna Barreto	1853-58
Coronel João Antônio de O. Lobo	1859-63
Tenente-Coronel José Ferreira da S. Júnior	1864-66
Coronel João S. Sampaio M. Barreto	1867-73
Tenente-Coronel Adolpho S. Athayde.....	1873
Coronel Antônio Nicolau Falcão Frota.....	1873-78
Tenente-Coronel João José de Deus.....	1878-80
Coronel Manoel Lucas de Souza.....	1880-85
Coronel Manoel Antônio R. Júnior.....	1886
Coronel Carlos Machado de Bitencourt	1886-90
Tenente-Coronel José J. de Aguiar Correa	1890-92

Tenente-Coronel Francisco M. Bitencourt.....	1892-1903
Coronel Alfredo Barbosa	1904-05
Tenente-Coronel Cândido de A. Rangel.....	1905-06
Tenente-Coronel Fredolin José da Costa	1906-08
Tenente-Coronel Érico Augusto Oliveira.....	1909-10
Coronel João Carlos M. Barreto	1910-12
Tenente-Coronel Afonso Barrouin.....	1912
Tenente-Coronel Epifânio A. Pequeno	1913
Tenente-Coronel Marco Antônio T. Ferreira.....	1914-15
Tenente-Coronel Olivério de Deus Vieira.....	1917-18
Tenente-Coronel Aristides de Almeida Rego	1918
Tenente-Coronel Joaquim de Castro	1919
Tenente-Coronel Álvaro de S. Portugal	1919
Tenente-Coronel Jerônimo F. do Nascimento	1920-21
Tenente-Coronel Floduardo da C. Martins	1921-22
Tenente-Coronel Eulálio F. Ribeiro	1922-23
Coronel José Ricardo de A. Salgado.....	1924-27
Coronel Antônio Carlos C. de Carvalho.....	1927
Coronel Estevão T. R. de Resende.....	1928-30
Coronel Álvaro de Carvalho	1931-32
Coronel Francisco G. Castelo Branco	1932-33
Coronel Evaristo M. da Silva.....	1934
Coronel José Antônio Medeiros	1935-36
Tenente-Coronel Orozimbo Martins Pereira	1936-37
Tenente-Coronel Léon de Campos Pacca.....	1937-38
Coronel Luiz Gaudie Ley.....	1938-41
Tenente-Coronel Ary Salgado Freire	1941-44
Capitão Eduardo Monteiro de Barros Júnior	1944-46
Capitão Ney Futuro Rocha.....	1947
Capitão Antônio Moreira Borges.....	1947-51

Capitão Oriovaldo P. de Lima.....	1951
Coronel Valter Dutra da Silveira	1951-52
Coronel Descartes Cunha	1952
Coronel Valter Dutra da Silveira	1952-53
Coronel Waldemar N. M. Barreto	1954-55
Coronel Arthur D. de Sá Souza.....	1955-57
Tenente-Coronel Darcy S. Pires Strohschoen	1957-60
Tenente-Coronel Plínio Pitaluga	1961
Tenente-Coronel Heitor F. de Moraes	1961-63
Tenente-Coronel Alceu Vieira.....	1964-65
Tenente-Coronel Demócrito Corrêa Cunha.....	1966-67
Coronel Tristão José Cartaxo Pereira	1968-69
Tenente-Coronel Renato Moreira.....	1970-72
Coronel Egeo Corrêa de Oliveira Freitas	1973-75
Coronel Ary Rodolpho Carracho Horne.....	1976-78
Tenente-Coronel Nery Pacheco Prates	1979-80
Ten-Coronel José Gallatos de Miranda Almada.....	1981-82
Coronel João Hipólito Ribeiro Machado	1983-84
Coronel Ney Leite Xavier.....	1985-86
Coronel Edson Machado	1987-88
Coronel Gilberto Milan Bueno	1989-90
Coronel Fernando Sérgio Galvão	1991-92
Coronel Élio Fontoura Fleury	1993-94
Coronel Luiz Adolfo Sodré de Castro.....	1995-97
Coronel Ricardo de Mattos Cunha	1998-99
Coronel Antônio Augusto Brisolla de Moura.....	2000-01
Tenente-Coronel Carlos Gomes Monteiro.....	2002-03
Coronel Valério Stumpf Trindade	2004-06
Tenente-Coronel Artur José Solon Neto	2007 (atual).

O 3º comandante dos Dragões, do atual 3º RCD e o General Osório

O Coronel de Dragões em Rio Pardo Coronel Thomaz Luiz Osório o 3º comandante do atual Regimento Osório era tio bisavô do general Osório, cujo irmão caçula Thomaz Luis nascido em 16 dez 1830 foi posto em homenagem ao injustiçado Coronel Thomas Luiz. Personagem que comandou os Dragões em Rio Pardo de 1752 a 1763 e depois da Guerra Guaranítica de que participou com destaque, recebeu enorme extensão de terras no atual município de Pelotas onde existe em sua homenagem o CTG Cel Thomaz Luiz Osório.

O Cel Thomaz Luis em 1760 na possibilidade de ser o Rio Grande invadido pelo Governador de Buenos Aires, General D. Pedro Cebalhos foi mandado pelo Governador General Gomes Freire do Rio de Janeiro para se deslocar com o grosso do seu Regimento para a região de Castilhos Grande e lá ficar em condições caso, o General Cebalhos conquistasse Colônia do Sacramento erigir uma trincheira que batizou com o consenso de seus oficiais a Fortaleza de Santa Tereza em território então de Portugal pelo Tratado de Madrid de 1750.

E ali foi deixado no desamparo como os seus desmotivados Dragões reforçados por um contingente de 600 civis sem experiência militar.

Com a morte de Gomes Freire a sua situação ficou crítica e seu desamparo foi total, em posição numa fraca

trincheira que com grandes sacrifícios conseguiu delinear sem dispor de tempo e material suficiente para torná-la intransponível ou deter ou retardar avanço do poderoso espanhol que em seu avanço conquistara a poderosa base militar e naval portuguesa de Colônia do Sacramento.

O General Cebalhos atacou e conseguiu conquistar a Trincheira de Santa Tereza e prender o Cel Thomaz Luiz Osório que fora abandonado pela maioria de sua tropa que desertou em direção a Rio Grande.

O Cel Thomaz Luiz foi levado preso para Buenos Aires e depois da paz foi condenado a morte e executado na forca em Portugal, em função de uma injusta e manipulada Devassa sobre a entrega da Vila de Rio Grande aos espanhóis.

O Dr Fernando Luiz Osório e seu filho de mesmo nome ao biografarem o seu pai e avô General Osório defenderam a memória do seu injustiçado trisavô e tetravô Coronel Thomaz Luiz Osório com argumentação convincente feita por dois competentes advogados. A Devassa escondia responsabilidades de autoridades do Rio Grande, pela perda de Rio Grande e conseguiram eleger o Cel Thomaz Luis como bode expiatório de uma derrota que ia muito além.

Tomamos conhecimento desta injustiça histórica contra um grande soldado através de escritos do General Francisco de Paula Cidade, meu patrono no Instituto de Geografia e História Militar do Brasil. Pois ele assistira e lamentou os destemperados e radicais confrontos de opiniões sobre a culpa e não culpa do Cel Thomaz Luis na tomada dos espanhóis da Vila de Rio Grande e de São José do Norte entre o Dr Fernando Luiz Osório Filho e o Cel Jonathas do Rego Monteiro, que escrevera artigo A Dominação Espanhola da Vila de Rio Grande nos números de 1 a 4 da Revista Militar Brasileira, em 1935, dois anos depois da inauguração do Monumento do General Osório em Porto Alegre.

Na oportunidade do bicentenário da Reconquista do

Rio Grande do Sul aos espanhóis em 1776, sugerimos ao nosso saudoso e competente presidente no IGHMB que aquele evento fosse alvo de uma comemoração condigna pois era insuficientemente conhecido. Ele aceitou e convidou o Dr Pedro Calmon, grande presidente e líder do IHGB para participar, do que resultou uma comemoração conjunta denominada pelo professor Pedro Calmon de Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul, que deu origem ao Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande do Sul 1776-1996, cujas palestras foram publicadas em 1979 em Anais do Simpósio Comemorativo do Bicentenário da Restauração do Rio Grande. Rio de Janeiro: IHGB/IGHB, 1979, 4v. Foi nomeado seu coordenador Abeillard Barreto, ilustre riograndino estudioso do assunto mas favorável a tese defendida na Devassa da entrega do Rio Grande aos espanhóis de traição do Cel Thomaz Luis Osório ou de sua responsabilidade a entrega da Fortaleza de Tereza.

Como membro do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e egresso da Comissão de História do Exército do Estado-Maior lhe propusemos a publicação de nossa pesquisa Em Defesa da Memória do Cel de Dragões Thomas Luiz Osório o que Abeillard Barreto não aceitou sob o argumento da improcedência da minha tese e mostrou-me documento que condenava a força o injustiçado Cel Thomaz Luis. Fui vencido mas não convencido! Eu ainda não era sócio do IHGB!

E só foi aceito para publicação nossa conferência A Guerra da Restauração do Rio Grande publicada no volume 4, dos citados Anais as p.527/555. Para não perdemos nossa pesquisa não aceita pelo coordenador do Simpósio a enviamos ao comandante do Regimento Osório, solicitando que a encaminhasse ao Parque Osório e lá, espero que ela se encontre dada a sua importância do assunto.

A citada conferência teve lugar em 12 de julho de 1976 ilustrada por 80 slides coloridos, época em que servíamos no Estado-Maior do II Exército (atual CMSE) em São Paulo.

Da citada conferência transcrevo o trecho a seguir que esclarece nossa opinião sobre o assunto, a mesma do Dr Fernando Luis Osório e de seu filho homônimo na História do General Osório em dois volumes e mais a do General Francisco Paula Cidade.

Fundação de Santa Tereza

Após 12 dias de marcha forçada, por terra, do Rio Pardo ao Chuí, um contingente de dragões, ao comando do Coronel Thomaz Luiz Osório, atingiu seu destino em 10 de setembro de 1762, com 400 homens e 10 canhões pequenos.

Em 10 de outubro de 1762, o Coronel Osório, ao saber que o General Ceballos havia cercado Colônia de Sacramento, deu início à construção de uma fortaleza em Castilhos. Batizou-a cinco dias após, com o nome de Santa Tereza, por consenso entre seus oficiais.

360 alquebrados dragões e 640 civis improvisados em militares defendiam uma extensa faixa de fronteira com início em Rio Pardo e término em Santa Tereza.

Rendição de Colônia

Ceballos atacou a Colônia de Sacramento em 1º de outubro, que rendeu-se cerca de um mês após, apesar dos socorros enviados do Rio.

Em Portugal, o despreparo material e moral do Exército, esquecido das glórias passadas de Aljubarrota e Índias, resultou numa marcha triunfal do invasor. Cerca de 50 fortalezas caíram em poder do inimigo, sem resistência, apesar da reação ser dirigida pelo renomado técnico militar, Conde de Lippe, mandado pela Inglaterra em socorro a Portugal.

Morte de Gomes Freire de Andrade

Em 1º de janeiro de 1762, morreu no Rio de Janeiro, Gomes Freire, por desgostos acumulados em consequên-

cia da perda da Colônia e pressões de comerciantes locais por aquele fato.

O General Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, Governador e Capitão-General do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, desde 1733, fora, por 29 anos, o arquiteto do processo da progressiva conquista portuguesa do Rio Grande, local onde permaneceu quase 1/4 de seu governo.

Dragões e paulistas na vitória em Monte Grande

No dia da morte de Gomes Freire, sob o comando do Capitão Francisco Pinto Bandeira, tropas da fronteira do Rio Pardo, Dragões e 200 paulistas obtiveram retumbante e brilhante vitória em Monte Grande, nas proximidades da atual Santa Maria. Dentre os paulistas, muitos eram descendentes de bandeirantes e com experiência de lutas contra índios no Centro-Oeste. Confirmaram seu valor provado na fundação do Rio Grande e Demarcação. Entre eles despontaria a intrépida e legendária figura do Capitão Cipriano Cardoso Barros Leme que, junto com outros paulistas, prestariam relevantes serviços na guerra de guerrilhas contra o invasor, que foi decisiva para a Restauração.

Vice-Reino no Rio — Desamparo de Santa Tereza

Em 27 de janeiro de 1762 foi criado o Vice-Reino do Brasil, com sede no Rio de Janeiro. Deslocou-se o centro do poder da Colônia, para fazer face, inclusive, à ameaça sobre o Sul.

A morte de Gomes Freire, menos de um mês antes, deixou a isolada trincheira de Santa Tereza desamparada militar, moral, administrativa e economicamente. Sua guarnição dependia do governador Eloy Madureira, na Vila de Rio Grande. Em Santa Tereza, o Coronel Osório, seus velhos e desmotivados dragões, com 32 meses de soldo em atraso, e um pugilo de improvisados mili-

tares, estavam cômnicos da adversidade da situação e de que pouco poderiam contar com o apoio, na conjuntura militar adversa, vivida por Portugal e seus domínios na América.

Ceballos invade o Rio Grande

Em sua marcha, Ceballos chegou a Santa Tereza. Seu comandante, por deficiência de informações e em função de ordens superiores que classificou de “infernais”, perdeu a oportunidade ideal de retirar-se.

Decidida a resistência, 80% da guarnição de Santa Tereza desertou, em pânico, na noite de 18/19 de abril. Em 19 de abril, a trincheira capitulou, com os 150 homens que permaneceram fiéis ao Coronel Osório.

Com 3.000 homens, Ceballos prosseguiu. Conquistou o Forte de São Miguel. Em 24 de abril de 1763, ocupou a Vila de Rio Grande, que estava abandonada. O Governador Eloy Madureira também fugiu, sem ao menos tentar fortificar-se em São José do Norte, conforme ordens recebidas da Junta Governativa que substituíra Gomes Freire. Ceballos atravessou o canal e estabeleceu base de partida para uma penetração mais profunda.

Esta invasão foi uma humilhação para o Rio Grande. Posteriormente, foi aberta uma devassa para apurar as responsabilidades do governador Madureira, já falecido, e do Coronel Osório, prisioneiro dos espanhóis.

A culpa pela perda da Vila de Rio Grande

Para enfrentar o poderoso inimigo com poucos meios, foi necessário atribuir missões aos nossos que tirassem o máximo partido do terreno rio-grandense. A solução foi a adoção da guerra de guerrilhas pela Junta Governativa aqui do Rio. Em 6 de junho de 1763 ela baixou a seguinte ordem: “A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas atuando dispersas, localizadas em matos e nos passos dos rios e arroios. Destes locais, sairão ao

encontro dos invasores para surpreendê-los, causar-lhes baixas, arruinar-lhes cavalhadas, gados e suprimentos e, ainda, trazê-los em contínua e persistente inquietação.” O papel relevante executado por estas guerrilhas, até agora, era pouco conhecido em toda sua projeção. Suas bases localizavam-se em Encruzilhada do Duro (atual Canguçu) na Serra dos Tapes, a cargo de Rafael Pinto Bandeira e, nas guardas da Encruzilhada (atual Encruzilhada do Sul) na Serra do Herval, inicialmente a cargo de Francisco Pinto Bandeira e, após a sua morte, do intrépido e heróico paulista, Cipriano Cardoso de Barros Leme.

Publicamos as considerações transcritas na obra de nossa lavra, **A Guerra da Restauração do Rio Grande**. Rio de Janeiro: BIBLIEx - 1996, que traz novos esclarecimentos com apoio nas Memórias do Tenente General Henrique Bohn que comandou o Exército do Sul na expulsão dos espanhóis. Lamentavelmente o livro foi publicado sem o Sumário, dificultando a sua apreciação e sem a referência ao trabalho do tradutor do francês das Memórias do General Bohn, o Cel Nei Paulo Panizzutti, criando sério embaraço para explicar ao tradutor a ausência de seu nome como eu fizera constar. E foi publicado quando dirigia a BIBLIEx o Cel Paulo Macedo de Carvalho que era contrário a publicação da obra ao que foi forçado pelo Chefe da DAC General Carlos Patrício de Freitas. Foi contrário igualmente a publicação do nosso livro **Caxias e a Unidade Nacional** e a reedição de nosso livro **As batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar**. Esta batalha ele venceu! Estas e muitas outras hostilidades sutis ele moveu contra mim. Não alcanço os motivos. Mas esta é outra história para as Minhas Memórias, como uma lição de vida. Não podia deixar de fazer este registro.

Bibliografia

Em ordem cronológica, em princípio

1) OSÓRIO, Fernando Luiz. **História do General Osório**. Porto Alegre: Fundação Parque Histórico Marechal Osório, 1979 (v. 01, 2ª ed.). 1ª Ed. em 1894.

2) INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. Arquivo do General Osório, cuja Guarda lhe foi confiada pela família de Osório em 1º de junho de 1911.

3) OSÓRIO, Joaquim Luiz et. OSÓRIO, Fernando Luiz (filho). **História do General Osório**. Porto Alegre: Fundação do Parque Histórico Marechal Osório, 1979. v. 2, 2ª ed. (A 1ª ed. em 1915).

4) LIMA, Onofre Muniz Gomes. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1938.

5) SILVA, Valentim Benício. **Osório na Infância, na Adolescência, na Família, na Imortalidade**: Rio de Janeiro: BIBLIEX, 1939.

6) BARROSO, Gustavo. **Osório, o centauro dos Pampas**. Rio de Janeiro: Costa editor, 1939.

7) SILVA, Alfredo Pretextato Maciel da. Manoel Luiz Osório **in: Os generais do Exército Brasileiro. 1812 - 1989**. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar, 1940. v. 2, 2ª ed. (p.367/ 438).

8) MAGALHÃES, João Batista. **Osório e seu papel histórico**. Rio de Janeiro, João Batista de Magalhães, 1938.

9)(____). Pensamentos militares do General Osório. **Revista Nação Armada**. Nº 77, p. 43/59.

10) FIGUEIREDO, Lima. Osório, o patrono da Cavalaria. **in: Grandes Soldados do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944, (p. 31/ 37).

11) MAGALHÃES, João Batista, Estudo sobre o passado no Exército. **Jornal do Comércio**. Rio de Janeiro, agosto 1947.

12) (____) Traços da personalidade de Osório. **A Defesa Nacional**, XXXIV - 831 / 834, XL maio. (p.3/ 4).

13) INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO. O Espírito Militar e Civil do General Osório. Rio de Janeiro V. 239, (p.

311/ 317), abril/junho 1958.

14) SENADO FEDERAL, **Senador Manoel Luiz Osório**. Marquês de Herval. Brasília: Gráfica do Senado, 1982. (Organizador: Leonardo Leite Melo).

15) OLIVEIRA, João Pereira de. Manoel Luiz Osório. **in: Vultos e fatos de nossa História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, 3ª ed. (p. 134 / 136).

16) CIDADE, Francisco de Paula. O General Osório: sua vida e seus gestos. **Revista A Defesa Nacional**. XVH, 227/ 228.

17) EDITORA BRASIL-AMÉRICA. **Osório - O Leão de Herval. Grandes Figuras**. Rio de Janeiro, 1971. (Quadriniação de Nair da Rocha Miranda e desenhos de Nice Rosso).

18) REIS, Jorge Manoel Luiz Osório **in: Homens do passado**. Bagé: URCAMP, 1989 (p. 24, 31, 43, 61, 81, 90, 99, 100, 113, 120, 129, 130).

19) PALMA. Américo. General Manoel Luiz Osório **in: Soldados e Marinheiros do Brasil**. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1962, p. 129 - 134.

20) PILLAR, Olyntho. Manoel Luiz Osório, Patrono da Cavalaria **in: Os patronos das Forças Armadas**. Rio de Janeiro, 1966, p. 77 /101.

21) SANTOS. Francisco Ruas. **Osório**. Rio de Janeiro. BIBLIEx 1967.

22) BENTO, Cláudio Moreira. **A grande festa dos lanceiros**. Recife: UFPE, 1971 (Aborda a inauguração do Parque Histórico Marechal Osório).

23) (____). Osório-um ídolo popular do passado. **Diário Popular**, Pelotas, 05 Jul 1970.

24) (____). Osório, um grande ídolo popular do passado, **Jornal do Comércio**. Recife, 19 junho 1970.

25) (____). **Osório um grande ídolo popular do passado**, Jequié - BA, Nov. 1970

26) (____). Osório, um grande ídolo popular do passado. **Jornal de Notícia** - Salvador 16 julho, 1970

27) (____). Osório - Patrono da Cavalaria. **Correio Brasiliense**, Brasília, 10 Mar 1970.

28) (____). Dia do Patrono da Cavalaria. **Correio Brasiliense**, Brasília, 10 de maio 1972.

29) (____). Muito Obrigado General Osório. **Correio Brasiliense**, 1º maio 1972.

30) (____) A Amizade Caxias - **Osório**. **Revista do Exército**, v. 136.

31) REVISTA CAVALARIA. nº Especial alusivo Ao Centenário da

morte do Gen Osório. Resende: Curso de Cavalaria, 1979.

32) BENTO, Cláudio Moreira. **General Osório. Pensamento Militar, Revista do Clube Militar**. N-º 236 set/ out 1979, p. 7/11.

33) (____). Osório Pensamento militar, **A Defesa Nacional**, nº184 Jul/Ago. 1979.

34) (____). **Osório Pensamento Militar**. RIHGB, V. 325, out/ dez 1979.

35) (____). General Osório, traços de seu perfil militar. **Correio do Sul**, Bagé, 4 out 1979.

36) (____). General Osório, Traços de seu perfil militar. **Diário Popular**, Pelotas, 4 out 1979.

37) (____). Osório Pensamento Militar. **Revista A Defesa Nacional**, nº 684, 1979 (dedicada ao centenário do falecimento de Osório).

38) (____). O patrono da Cavalaria. **in: Os Patronos nas FFAA**. (em artigos no site da AHIMTB: www.resenet.com.br/users/ahimtb). 1980.

39) (____). Osório rompe o cerco na Batalha de Sarandi, 1825 **in: História da 3ª RM, 1807-1889 e Antecedentes**. Porto Alegre: SENAI, 1994.

40) (____). **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Corrêa da Câmara** de Porto Alegre: Ed. Pallotti, 2002 (referências diversas a Osório).

41) ARAGÃO, A. C. Muniz de. Evocação de Osório. **Revista do Clube Militar**, nº 236, set/out 1979. p.3.

42) QUEIROZ, Dinah Silveira de. Humanização de Osório. **Revista Militar Brasileira**. v. 27 nº 3 jul/ set 1965. p. 51/54.

43) MIRANDA, Gen Div Salm de. Gen Manoel Luiz Osório. **Revista Militar Brasileira**. v. 17, nº 3, jul/ set 1969).

44) CARVALHO, Estevão Leitão de. Osório e a Cavalaria. **Revista Nação Armada**, nº 3, p. 23/27

45) TELES, Ladário Pereira. Osório. **Revista Nação Armada**, nº 3, p. 23 /27.

46) CALMON, Pedro. Espadas do Brasil-reprodução, espada de honra. **Revista A Defesa Nacional**, n-º 24, p. 21/26.

47) VIDAL, Barros. Relíquias históricas de General Osório. **Revista Nação Armada**, nº 5, p. 24/28 (Retrato e Relíquias no Museu Histórico Nacional).

Não estão em ordem cronológica os números 9, 12, 16, 44, 45 e 47.

Posfácio

Entusiasmado e sumamente agradecido, acabo de ler, ainda no original, o livro **Osório – O Maior Herói e Líder Popular Brasileiro**, de autoria do Cel Cláudio Moreira Bento, fundador e Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) e Presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS). Tal privilégio que o autor me concedeu é alicerçado na velha amizade que nos une e que foi robustecida por ocasião das comemorações do Centenário da República e da Adoção da Bandeira Nacional; amizade que vem sendo burilada, dia-a-dia, na luta pela valorização da nossa História Militar, na qual o Cel Bento se destaca como um guerreiro incansável na preservação e na divulgação da memória histórica.

Sempre atento aos fatos históricos, o Cel Bento se antecipou a todas as comemorações que marcarão a data dos 200 anos de nascimento de Manoel Luis Osório, que ocorrerá no dia 10 de maio de 2008, e apresenta à sociedade essa esplêndida obra que nos faz meditar sobre as grandezas e virtudes de nosso povo, tantas vezes esquecidas, desprezadas e vilipendiadas.

Nesse portentoso trabalho de pesquisa, a figura de Osório emerge gigantesca e nos faz reconhecer a sua patriótica e grandiosa presença na alma da gente.

O autor, graças à experiência adquirida, como professor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras, soube abordar, de maneira didática e bastante agradável, cerca de 140 efemérides acompanhadas de 179 ilustrações legendadas que mostram a vida e a obra do herói. Catalo-

gou, também, 50 depoimentos de personalidades oriundas de diferentes áreas de conhecimento e de atividade, como também de instituições nacionais, que opinaram sobre ele nestes últimos 200 anos. Tais testemunhos permitem ao leitor e a todos os interessados comprovarem a propriedade e a razão do título do livro, uma escolha extremamente acertada e feliz. Realmente, o General Osório é o maior herói e líder popular brasileiro, e podemos até acrescentar, de todos os tempos.

Para os estudiosos e pesquisadores, merece destaque especial, a original abordagem, à luz dos campos da Doutrina Militar, do desempenho de Osório como Ministro do Exército.

Um elucidativo sumário abrange todo o livro e orienta o leitor na busca do assunto de seu interesse, o que constitui uma característica dos trabalhos do autor. O volumoso material compulsado teve no competente historiador um tratamento de mestre, com um amplo e metucioso trabalho de pesquisa e de conhecimento doutrinário militar que reavivou toda a grandeza do excelso biografado.

O Cel Bento que já nos havia dado, entre tantas obras, o excelente **Caxias e a Unidade Nacional**, que eu tive a honra de prefaciá-lo a seu convite, confirma, uma vez mais, sua merecida posição entre os mais brilhantes historiadores militares terrestres do Brasil e, particularmente, do Rio Grande do Sul, a província que viu nascer Manoel Luís Osório. O conjunto de sua obra está impregnado de notável valor histórico militar terrestre e apresenta profundo significado para as futuras gerações.

Para satisfação dos admiradores do inolvidável **Legendário**, podemos afirmar que a publicação do livro **Osório – O Maior Herói e Líder Popular Brasileiro** é a prova mais eloquente da perenidade do extraordinário sentimento de admiração que a Nação dedica ao notável brasileiro, mui justamente escolhido **Patrono da Cavalaria Brasileira**.

Eu que nasci nos arredores do Quartel do Regimento de Cavalaria de Pirassununga – SP e desde criança fui me

encantando com o tropel dos cavalos, os clarins, as bandeirolas, as lanças, o canto das canções, os desfiles, os jogos de pólo, o volteio e os concursos hípicas, aos poucos fui tomando gosto pelos fatos ocorridos nos exercícios e nas manobras militares, logo fui atraído pelas histórias dos grandes chefes da Cavalaria, e então, o nome do General Osório começou a me impressionar e a crescer na minha imaginação. Falavam que se tratava de um exemplo de coragem e de bom coração e, por essas qualidades, era muito querido de todos. Hoje, vejo que esse homem foi realmente um portentoso ídolo, pairando no nível dos heróis excepcionais. Foi um predestinado!

Osório é o mais legítimo símbolo do soldado brasileiro pela simplicidade de sua origem, pelo mérito de ter feito ele próprio a sua grandeza, pela inteligência, pela bravura, pelas glórias que deu ao Exército e pelo amor que deu ao Brasil.

O seu lugar foi sempre na vanguarda, no ponto onde o perigo era maior, onde o chefe tem que decidir com presteza, onde a vitória exige esforço supremo.

Pode orgulhar-se um povo que tem na sua história, um Osório. Muito nos envaidecemos de sua presença real e eficiente na vida brasileira desde as lutas da Independência, honrando-a e engrandecendo-a.

Curvemo-nos ante esse vulto legendário, esse campeão da coragem e da força de vontade que não permitiu que as fronteiras brasileiras recuassem um milímetro sequer; reverenciemos com carinho e respeito esse bravo a quem o Brasil tanto deve, porque vidas como a de Osório são fochos de luz que não se apagam nunca.

Fazendo coro com José do Patrocínio, proclamamos: “Povo! Mocidade! Recordar esse grande guerreiro, venerá-lo, é mostrar que em nós ainda existe um grande entusiasmo pelo futuro e pela Pátria”.

General-de-Divisão **ARNALDO SERAFIM**
2º Vice-Presidente da AHIMTB e seu Acadêmico Emérito
Delegado da Delegacia Marechal José Pessoa - DF



Academia de História Militar Terrestre do Brasil

Foi fundada em Resende em 1º março 1996, data do aniversário do término da Guerra do Paraguai e do início do ensino militar na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende. A Academia de História Militar Terrestre do Brasil, destina-se a desenvolver a História das Forças Terrestres do Brasil, Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Forças Auxiliares (Polícias e Bombeiros militares) e outras forças que as antecederam desde o Descobrimento. A novel entidade, com sede e foro em Resende, mas de amplitude nacional, tem como patrono o Duque de Caxias e como patronos de cadeiras historiadores militares terrestres assinalados, por vezes também ilustres chefes militares, como os marechais José Bernadino Bormann, José Pessoa, Leitão de Carvalho, Mascarenhas de Moraes, Castelo Branco e generais Tasso Fragoso, Alfredo Souto Malan e Aurélio de Lyra Tavares. Foram consagrados em vida como patronos de cadeiras, em razão de notáveis serviços prestados à História Militar Terrestre do Brasil, os generais A. de Lyra Tavares (falecido), Jonas de Moraes Correia (falecido), Francisco de Paula Azevedo Pondé (falecido), Severino Sombra (falecido), o Almirante Hélio Leôncio Martins e os coronéis Francisco Ruas Santos, Jarbas Passarinho e Hélio Moro Mariante (falecidos), este da Brigada Militar/RGS. Figuram como patronos os civis falecidos, Barão do Rio Branco, Dr. Eugênio Vilhena de Moraes, Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Dante de Laytano, Arthur Ferreira Filho e José Antônio Gonsalves de Melo, pelas contribuições assinaladas à História Militar Terrestre do Brasil. A Academia tem como 1º presidente de Honra o Comandante do Exército,

2º Presidente de Honra o Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército; 3º Presidente de Honra o comandante da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e 4º o Cel Antônio Esteves, Presidente das Faculdades Dom Bosco. Entre os fatores da escolha de Resende ressalta ser a AMAN a maior consumidora de assuntos de História Militar, que ministra curricularmente a seus cadetes, através de sua cadeira de História Militar, o único núcleo contínuo e dinâmico de estudo e ensino de História Militar no Brasil.

A primeira posse como acadêmico foi a do Gen Carlos de Meira Mattos, na cadeira marechal J. B. Mascarenhas de Moraes. Aos dois muito se deve a preservação da Memória da Força Expedicionária Brasileira.

A segunda posse como acadêmico foi a do Gen Plínio Pitaluga e logo na 1ª oportunidade o Gen Ex Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira, distinguindo assim chefes que combateram na FEB. A Academia participou de 23-25 de setembro 1997 de Seminário Comemorativo da Guerra de Canudos na Câmara Federal e em 25 de setembro, na Globo News, sobre o mesmo tema, defendendo a participação das Forças Terrestres no Trágico Episódio que, via de regra, vinha sendo deturpada, quando em realidade a responsabilidade moral e política foi da Sociedade brasileira da época que ordenou a destruição de Canudos. A Academia possui como órgão de divulgação o jornal O GUARARAPES, já no seu nº 55 (último trimestre de 2007) que é dirigido a especialistas no assunto e a autoridades com responsabilidade de Estado pelo desenvolvimento deste assunto de importância estratégica por gerador da perspectiva e identidade históricas das Forças Terrestres do Brasil e, principalmente pelo desenvolvimento de suas doutrinas militares. Divulgação que potencializa através de sua Home page – <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb>, a pioneira entre as entidades do gênero no Brasil, onde implantou vários livros e artigos, tais como **As batalhas dos Guararapes**, relacionadas com o Dia do Exército, e **Caxias e a Unidade Nacional**, relacionada com o Dia do Soldado. E irá procurar de futuro explorar mais este meio de comunicação.

A Academia desenvolve seu trabalho em duas dimensões: 1ª, a clássica, como instrumento de aprendizagem em Arte Militar, com vistas ao melhor desempenho constitucional das Forças Terrestres, com apoio em suas experiências passadas, etc. A 2ª, com vistas a isolar os mecanismos geradores de confrontos bélicos externos e internos para que, colocados à disposição das lideranças civis estas evitem futuros confrontos bélicos com todo o seu rosário de graves conseqüências para a Sociedade Brasileira.

A Academia dá especial atenção à Juventude masculina e feminina que estuda nos sistema de ensino das Forças Terrestres Brasileiras, com vistas a promover encontro dela com as velhas gerações e com as atuais, de historiadores militares terrestres e soldados terrestres e, além disso, tentar despertar no turbilhão da hora presente, no insondável 3º milênio, novas gerações de historiadores militares terrestres, especialidade hoje em vias de extinção por falta de apoio e, sobretudo, estímulo editorial. Constatar é obra de simples raciocínio e verificação! É assunto que merece, salvo melhor juízo, séria reflexão de parte de lideranças das Forças Terrestres com responsabilidade funcional de desenvolver a identidade e perspectiva históricas das mesmas e, além disso, as suas doutrinas militares expressivamente nacionalizadas, calcadas na criatividade de seus quadros e em suas experiências históricas bem sucedidas, o que se impõe a uma grande nação, potência, ou grande potência do 3º Milênio. No desempenho de sua proposta ela vem realizando sessões solenes junto à juventude militar terrestre brasileira, a par de posses de novos acadêmicos do Exército, Fuzileiros Navais, Infantaria da Aeronáutica, Polícias e Bombeiros Militares, que vem progressivamente mobilizando e integrando em sua cruzada cultural e centralizando subsídios em seu Centro de Informações de História Militar Terrestre do Brasil em Resende, junto à AMAN.

Outra finalidade da Academia é enfatizar para os jovens com os quais contata, a importância da História do Brasil e a de sua subdivisão: A História Militar Terrestre do Brasil. A

primeira como a mãe da identidade e perspectiva históricas do Brasil e a segunda como mãe da identidade e perspectivas históricas das forças terrestres brasileiras no contexto das do Brasil, como em todas as grandes nações, potências e grandes potências mundiais. Isto por ser subsidiária de soluções táticas, logísticas e estratégicas militares que nos últimos 500 anos foram responsáveis, em grande parte, pelo delineamento, conquista, definição e manutenção de um Brasil de dimensões continentais. Soluções capazes de contribuir para o desenvolvimento da doutrina militar terrestre brasileira, com progressivos índices de nacionalização, como a sonharam o Duque de Caxias e os marechais Floriano Peixoto e Humberto Castello Branco, etc.

Complementarmente procura a Academia apontar aos jovens, seu público alvo, os homens e instituições que lutam patrioticamente, a maioria das vezes sem nenhum apoio, para manter acesas e vivas as chamas dos estudos de História do Brasil e seus desdobramentos com o apoio na análise racional e não passional de fontes históricas, íntegras, autênticas e fidedignas, que com grandes esforços garimpam, ao invés das manipulações históricas predominantes entre nós, fruto das mais variadas paixões, fantasias e interesses, o que Rui Barbosa já denunciava em seu tempo. Confirmar é obra de simples verificação e raciocínio. E se os jovens disto se convencerem e exercerem o seu espírito crítico será meia batalha ganha.

A Academia vem atuando em escala nacional com representantes em todo o Brasil em suas várias categorias de sócios e já possui em Brasília, junto ao Colégio Militar, funcionando a sua Delegacia Marechal José Pessoa. Instalou no Colégio Militar de Porto Alegre a Delegacia General Rinaldo Pereira da Câmara. Em Fortaleza a Delegacia Cel José Aurélio Câmara e no Rio de Janeiro, no IME, a Delegacia Marechal João Baptista de Matos. A Delegacia General Luiz Carlos Pereira Tourinho, no CM de Curitiba e na Polícia Militar de São Paulo a Delegacia Cel PM Pedro Dias Campos. Em Caxias do Sul a Delegacia Gen Morivalde Calvet Fagundes, em Pelotas a Delegacia Fernando Luis Osório, em São Paulo

a Delegacia General Bertoldo Klinger, em Campinas a Delegacia Marechal Mário Travassos e em Minas Gerais a Delegacia General Antonio de Souza Júnior, etc. Em outros locais estabelece sócios correspondentes. Comemorou condignamente o Bicentenário de seu patrono em 2003, o Duque de Caxias, conforme registrou em seu **O Guararapes 39**, onde se destaca a edição do livro **Caxias e a Unidade Nacional**. Comemorou em 2006 o seu 10º aniversário, comentado no **O Guararapes 49**.

Resumo Histórico do Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS) – 1986/2006

Luiz Ernani Caminha Giorgis (Vice-Presidente do IHTRGS)

Em 10 de setembro de 1986, sesquicentenário do combate do Seival, que criou condições para a Proclamação da República Riograndense (1836-45) no Campo do Menezes, foi fundado, em cerimônia concorridíssima na Escola Técnica Federal de Pelotas, o Instituto de História e Tradições do RGS (IHTRGS). Instituição destinada a memorar fastos sesquicentenários da Revolução Farroupilha (1835-45). A referida fundação está toda documentada em volume especial encadernado, guardado pela Presidência à Rua Florença, 266, Jardim das Rosas, Itatiaia – Rio de Janeiro, CEP 27.580-000, e-mail ben-tocm@resenet.com.br. Volume sob o título **IHTRGS – Histórico, Organização e Fundação – 1986**, com índice, em 311 páginas, sendo que às págs. 220/223 constam os nomes dos membros de diversas categorias diplomados na sua Fundação, como dados dos sócios fundadores, com votos e respectivos votos para a eleição da Diretoria. Estes foram apurados por comissão integrada pelos presidentes do IHGB e IGHMB. Os Estatutos foram registrados no Tabelionato de Canguçu pelo seu titular José Moreira Bento e escritã Carla Bento Bosenbecker. Guarda o Presidente, no endereço citado, toda a documentação produzida nos diversos encontros. Como sócios efetivos fundadores figuraram: Cel BMRS Alberto R. Rodrigues, Major Ex Ângelo Pires Moreira (coordenador, falecido), Arnaldo Luiz

Cassol (falecido), Clayr L. Rochefort, Cel Ex Cláudio Moreira Bento (Presidente), Corálio Cabeda, Fernando O'Donell, Gastão Abbot (falecido), Cel BMRS Hélio Moro Mariante (vice-presidente, falecido), Ivo Caggiani (falecido), Gen Jonas Correia Neto, Cel BMRS José Luiz Silveira (2ºvice, falecido), Júlio Petersen (falecido), Manoel A. Rodrigues (falecido), Mário Gardelin, Mário Matos, Marlene Barbosa Coelho (falecida), Gen Morivalde Calvet Fagundes (falecido), Mozart Pereira Soares (falecido), Osório Santana Figueiredo (secretário), Péricles Azambuja, Sejanos Dorneles (falecido), Mário Barbosa Mattos e Telmo Lauro Muller.

Dentre as múltiplas realizações do IHTRGS registradas em seus Anais mencione-se encontros anuais, com vistas a integrar historiadores, tradicionalistas e folcloristas, isolados no movimento cultural gaúcho, estreitar laços de amizade e culturais entre eles e deslocamentos do IHTRGS até os locais cenários de fastos históricos, para comemorá-los.

Assim, em Pelotas ocorreu o encontro de fundação na Escola Técnica Federal, coordenado por Ângelo Pires Moreira e com apoio do **Diário Popular**, através de Clayr Lobo Rochefort, que dedicou edição especial ao combate do Seival, elaborada pelo presidente do IHTRGS.

Em 08 Abr 1987 ocorreu o Encontro de Caçapava do Sul, no Clube União Caçapavano, sob a coordenação de Arnaldo Luiz Cassol, onde foi empossado sócio efetivo Humberto Fossa (já falecido) de Encruzilhada do Sul.

Em 13 Set 1987 ocorreu mais um encontro em Pelotas, na sede da União Gaúcha Simões Lopes Neto, mais uma vez sob a coordenação de Ângelo Pires Moreira. Encontro que se estendeu a Porto Alegre, no CPOR/PA, com conferência do presidente sobre os **Sítios farrapos de Porto Alegre**, sob a coordenação do sócio Jonas Correia Neto, na época comandante da 6ª DE.

Em 30 Abr 1988 ocorreu o encontro de Rio Pardo, comemorativo do sesquicentenário da maior vitória farrapa – o combate do Rio Pardo – quando foi lançada pelo presidente plaqueta alusiva. Encontro ocorrido no Clube Literário Recre-

ativo de Rio Pardo.

Em 10 Set 1988 ocorreu o encontro de Canguçu, na Casa de Cultura, tendo como tema o combate de Cerro Alegre de 20 Set 1932, quando foi lançada plaqueta alusiva de José Luiz Silveira e Osório Santana Figueiredo, preparatória à fundação 3 dias após, da Academia Canguçuense de História. Encontro coordenado por Marlene Barbosa Coelho, onde foi efetivado o tradicionalista Armando Ecíquo Perez, que representara o Instituto no sesquicentenário de instalação da República Rio Grandense em Piratini, em 06 Nov 1986 e que mereceu do **Diário Popular** memoração condigna do fato histórico, através de artigo do presidente.

Em 10 Jul 1989 ocorreu o encontro de São Borja, no Teatro do Regimento João Manoel, tendo como tema central a comemoração à resistência a invasão paraguaia em 1865. Coordenaram o evento os sócios efetivos então empossados Sérgio Roberto Dentino Morgado e Aparício Silva Rillo (falecido). Houve visita do presidente às ruínas de São Miguel.

Em 15 Set 1990 e 28 Set 1991 ocorreram os encontros de São Gabriel, na Associação Alcides Maya, sob a coordenação do sócio Osório Santana Figueiredo, um dos esteios do IHTRGS e com apoio cultural e logístico do Dr. Milton Teixeira, quando foi efetivado o poeta gaúcho Caio Prates da Silveira e muito evocada a obra de Alcides Maya.

Em 14 Set 1992 ocorreu o encontro de Lavras do Sul, no Plenarinho da Casa de Cultura José Néri da Silveira, sob a coordenação do sócio Edilberto Teixeira.

Em 25 Set 1993 ocorreu o encontro de Santana do Livramento, de caráter internacional, marcadamente histórico e tradicionalista, na Associação Comercial e Industrial, sob a coordenação do historiador santanense Ivo Leites Caggiani, ocasião em que foi lançada a obra **O Exército Farrapo e seus chefes**, da lavra do presidente e diplomados efetivos os historiadores Raul Pont, Miguel Jacques Trindade e Blau Souza.

Em 07 Abr 1995 ocorreu o encontro do Rio de Janeiro, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sob a coordenação do sócio então empossado Manoel Pessoa Mello

Farias, coordenador do Núcleo Rio de Janeiro do IHTRGS, que reunia diversos e ilustres gaúchos e gaúchas residindo no Rio de Janeiro e também sócios da quase sesquicentenária Sociedade Sul Riograndense, lá existente. Na oportunidade foram diplomados sócios efetivos Manoel Pessoa Mello Farias (falecido), Edson Otto (falecido), Daoiz de La Roche, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Ciro Dutra Ferreira (falecido). Categoria na qual já haviam sido empossados, quando da fundação do Núcleo do IHTRGS na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, P. J. Mallet Joubim e Hélio Almeida Brum (falecido).

Dia 10 Set 1996, o IHTRGS fez mais um encontro no Rio de Janeiro, na sede do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em parceria com a Sociedade Sul Rio Grandense, e seu CTG Desgarrados do Pago e mais o Galpão da Saudade da Academia Militar das Agulhas Negras, para memorar, no seu 10º aniversário, suas realizações em prol da História, Folclore e Tradições do Rio Grande do Sul. E o fez com a satisfação de já haver superado o tempo de duração da República Rio-Grandense, cujos fastos se propôs prioritariamente memorar e divulgar, o que tem consciência de havê-lo bem cumprido.

Em 27Mai99 foi feito um memorável encontro no Salão Brasil do Colégio Militar de Porto Alegre, onde foi reverenciada a memória dos seguintes sócios falecidos, evocados pelos novos sócios: Arthur Ferreira Filho, de São José do Norte; Aparício Silva Rillo, de Porto Alegre (samborjense de coração); Raul Pont, de Uruguaiana; Miguel Jacques Trindade, de Alegrete; Edilberto Teixeira, de Lavras do Sul; Arnaldo Cassol, de Caçapava do Sul; Humberto Castro Fossa, de Encruzilhada do Sul; Sejanos Dornelles, de Santa Vitória do Palmar; Manoel Pessoa Mello Faria, de Pelotas (viveu no Rio); Hélio de Almeida Brum, de Dom Pedrito (viveu no Rio) e Marlene Barbosa Coelho, de Canguçu. Foram eleitos os seguintes sócios efetivos: Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Ivo Benfatto, Major Flávio Mabilde (falecido), Cap BMRS Aroldo Medina, José Conrado de Souza, Cel Leonardo R. de Araújo e Ten Cel Cláudio Belém de Oliveira.

Em 24Jul99, na cidade de Alegrete, em encontro presidido pelo 2º presidente, Osório Santana Figueiredo, foram eleitos sócios efetivos: Hugo Ramires e Maria Fraga Dornelles. Sócios colaboradores: Sérgio Alves Levy, César Pires Machado, João Francisco de Andrade e Marione Jacques. Sócio correspondente: Daniel Fantti.

Em 15 Abril de 2000, na reunião de Rosário do Sul, presidida por Osório Santana Figueiredo foram entregues diplomas de colaboradoras às professoras Mara Regina Miranda de Souza, Secretária Municipal de Educação e Maria Almir Souto Nascimento.

Nestes 22 anos de resistência cultural, alguns dos soldados do IHTRGS faleceram, outros foram atingidos por problemas de idade e outras limitações, para uma presença mais efetiva em suas atividades. A renovação de novos nomes foi pouca, de igual forma que nas demais entidades brasileiras do gênero, parecendo que as novas gerações são avessas a estudos históricos ou pelo menos à produção e à divulgação históricas, o que nos parece lamentável. E no caso do Rio Grande do Sul, como ficará em breve a sua perspectiva e a identidade históricas na cabeça das novas gerações gaúchas? Só Deus sabe! É grande a manipulação de sua história.

Aqui, por oportuno, registre-se o apoio que o IHTRGS teve de parte do jornal **Diário Popular de Pelotas**, de **A Platória** de Santana, dos mensários **Ombro a Ombro** e **Letras em Marcha** e de o **Tradição**, que era editado pelo sócio efetivo Edson Otto que o tornou órgão de divulgação oficial do IHTRGS, MTG e da CBTG.

Em História ou Estória, que o Presidente do IHTRGS publicou em Tradição, maio 96 (ano da consciência tradicionalista) abordou a conjuntura crítica da historiografia brasileira, assunto estratégico nacional, para o qual os governos em todos os níveis e a Mídia, salvo raras e honrosas exceções, não tem dado a menor atenção. Em vista desta postura de quem teria obrigação social e cívica de estimular estudos de História, qual o jovem que se animará a dedicar-se a este assunto? E quem no futuro escreverá HISTÓRIA e não ESTÓRIA do Rio

Grande do Sul, como bússola para a construção segura do futuro do Rio Grande do Sul e de seus filhos e como mãe legítima das TRADIÇÕES GAÚCHAS? Eis a pergunta que o IHTGRS deixará no ar no seu 22º ano de atividades. Praza a Deus que os estudos de História do Rio Grande do Sul sejam retomados com vigor, para que produzam perspectiva e identidade históricas seguras. E estas, mais consensos sobre soluções a implementar! E que não aconteça o que ocorria em 1904, segundo J. Simões Lopes Neto em sua histórica conferência na Biblioteca Pública de Pelotas sobre Educação Cívica e sobre o ensino de História do Brasil:

“Esse estudo não é somente descurado, mas ele não existe e nunca existiu. E a sua conseqüência é a preferida ignorância em que vivemos da nossa história e estudando histórias alheias.

Todo o ensino tem um fim, o da História do Brasil é dar-nos o conhecimento da noção exata da solidariedade nacional, da disciplina cívica, da liberdade obediente e com ela o amor ao Brasil.”

Para estreitar mais o contato com seu integrantes, o IHTGRS divulga seu Informativo O Gaúcho, já no numero 48. Desde 2000 vem realizando reuniões no CMPA em parceria com a AHIMTB da qual tem sido parceiro na edição de algumas obras do Projeto História do Exército na região Sul.

Nos anos de 2005 e 2006 diversos novos membros foram admitidos no IHTGRS. Foram os seguintes: Dr. Aécio César Beltrão (Médico), Dr. César Pires Machado (Agrônomo), Cel Mauro da Costa Rodrigues, Cel Edmir Mármora Júnior, Cel Ernani Medaglia Muniz Tavares, Dr. Florisbal de Souza Del’Olmo (Dentista), Dr. Frederico Euclides Aranha (Advogado), Cel Geraldo Lauro Marques, Dr. Jorge Babot Miranda (Economista), Cel Juvêncio Saldanha Lemos, Bacharel em História Srta. Katy de Siqueira, Dr. Agamennon Vladimir Silva, Cel Hiram Reis e Silva, Cel Ruy Collares Machado, Cap Andrei Clauhs, Sr. José Ernesto Wunderlich, Sra. Adir Fanfa Onofrio e Sr. Ciro Oscar de Borba Saraiva, Dr Talai Djalma Silvestre, Cairo Moreira Pinheiro, Dr Amilton Valente da Silveira, Professora Alette Martins Ribeiro e Ivete Possas Silveira e Luiz Renato Braganholo.

Currículo cultural sintético do Cel Cláudio Moreira Bento



Natural de Canguçu, RS, onde nasceu em 19 de outubro de 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento. Esta, descendente dos primeiros povoadores de Canguçu, das famílias Mattos, Borba, e Gomes. Iniciou sua carreira como soldado na 3ª Cia Com em Pelotas-RS. Asp de Eng em 15 Fev 55 da Turma Aspirante Mega. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, 1981-82 e dirigiu o Arquivo Histórico do Exército, 1985-90, tendo, como oficial de Estado-Maior servido no Comando Militar do Nordeste, Estado-Maior do Exército, Departamento de Engenharia e Comunicações, Comando Militar do Sudeste, Academia Militar das Agulhas Negras e 1ª Região Militar.

Historiador Militar consagrado, com mais de 80 títulos publicados e mais de 1.000 artigos em periódicos civis e militares do Brasil e Estados Unidos, sobre História Militar e, em especial, a do Exército. Seu artigo Participação das Forças Armadas do Brasil na 2ª Guerra, publicado em inglês na Military Review, do Exército dos EUA está acessível na Internet. Integra as principais instituições nacionais de História: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro/1978 (sócio emérito); Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (membro benemérito); Academia Brasileira de História patrono: Gen Tasso Fragoso) e as academias de História de Portugal, Real de Espanha e da Argentina, o Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai, o Instituto Bolivariano do Rio de Janeiro e o Marechal Ramon Castilha Brasil-Peru. Fundou em 1986 e preside o Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e fundou as academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itaiense de História. Das duas últimas é Presidente Emérito da 1ª e 2ª Presidente. Idealizou a de Itajubá-MG, da qual é Presidente de Honra. Presidiu a fundação da Academia Barramansense de História da qual é acadêmico na cadeira Mal Floriano Peixoto. Pertence aos institutos históricos do RS, SC, PR, SP, MG, MT, RJ, PB, RN, CE e das cidades de São Luiz Gonzaga, São Leopoldo, Pelotas, Sorocaba-SP e Petrópolis. É correspondente das academias de Letras do Rio Grande do Sul e Paraíba e da Academia Petropolitana de Poesia Raul Leoni.

Fundou em 01Mar1996, em Resende – A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), com o apoio cultural da Associação Educacional Dom Bosco. Academia que

tem como patrono O Duque de Caxias e entre seus patronos de cadeiras dois ex-comandantes da AMAN, os marechais José Pessoa e Mascarenhas de Moraes e os civis Pedro Calmon, Barão do Rio Branco e Vilhena de Moraes, biógrafo do Duque de Caxias e Gustavo Barroso.

Foi instrutor de História Militar na AMAN/1978-80 onde, com apoio do Estado-Maior do Exército (EME) editou o manual **Como Estudar e Pesquisar a História do Exército Brasileiro** que, desde 1978, vem sendo adotado na AMAN e ECEME, particularmente no tocante à metodologia de pesquisa histórica. Coordenou então a edição dos livros textos **História da Doutrina Militar e História Militar do Brasil**, com apoio em recursos do EME e desde então livros textos na Academia Militar das Agulhas Negras (há 29 anos).

Coordenou o projeto, a construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, inaugurado em 19Abr1971, ocasião em que foram lançadas suas obras **A Grande Festa dos Lanceiros** (relacionando o Parque Histórico Mal Osório, inaugurado, e o Parque Guararapes) e **As batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar**, sobre a qual se manifestaram, elogiosamente, por escrito, Pedro Calmon, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, José Américo de Almeida, Mauro Mota, Nilo Pereira, Leduar Assis Rocha, etc. e os historiadores militares generais Aurélio Lyra Tavares, Antônio Souza Júnior, Carlos de Meira Mattos, Coronel Ruas Santos, entre outros. Trabalho no qual foram baseados a Maquete e mapas explicativos das batalhas, constantes de Sala sob o Mirante dos Guararapes, inaugurada em 20 de abril de 1998, pelo Exmo. Sr. Ministro do Exército Zenildo de Lucena, conforme consta dos referidos mapas e foi anunciado pelo mestre de cerimônias na inauguração do Mirante. Participou em 14-15 abril do 1º Simpósio Guararapes, onde abordou, na SUDENE, o tema As Batalhas dos Guararapes e foi distinguido pelo Comando Militar do Nordeste para ali hastear a bandeira nacional em homenagem a seu pioneirismo, há 29 anos, na idéia do 1º Parque Histórico Nacional, hoje concretizado, e lançamento de seu livro sobre as batalhas, o qual ajudou a que a data da 1ª batalha dos Guararapes, em 9 Abril de 1648, fosse considerada, em 24 de Março de 1994 por decreto presidencial, o Dia do Exército, que ali despertou seu espírito, junto com o de nação brasileira.

Foi coordenador científico, em 1971, do **Projeto Rondon dos Guararapes**, que contou com a participação de cinco cadetes da AMAN, alunos e alunas universitárias de Ciências Humanas vindos de diversos locais do Brasil, para pesquisarem a Insurreição Pernambucana, com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes citado, do que resultou o livro por eles escrito O Projeto Rondon nos

Guararapes, que foi editado pela SUDENE, com apoio de seu Superintendente, o então Gen Bda Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira. Os estudantes retornaram na inauguração do Parque, em 19 de abril de 1971, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam no Morro do Telégrafo, a do Brasil e a de Portugal, hasteadas respectivamente por um cadete da AMAN e um cadete de Engenharia de Portugal. Experiência que inspirou a criação, pelo Cel Bento, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada para a juventude militar atualmente freqüentando as escolas do Exército, da Marinha e da Aeronáutica e as das Forças Auxiliares.

Foi adjunto da Presidência da Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército, que editou a **História do Exército Brasileiro** em 3 volumes, cabendo-lhe, como historiador convidado, abordar as guerras holandesas. História ora reeditada com apoio da Odebrecht e relançada no Forte do Brum em 20 de abril de 1998, em cerimônia presidida pelo Exmo Sr Ministro do Exército Zenildo de Lucena, com a denominação de **O Exército Brasileiro na História do Brasil**, com novas ilustrações e coordenada pela DAC/BIBLIEx. Presidiu: Comissão que editou **Revista do Exército** comemorativa do bicentenário do Forte de Coimbra, e que resultou na escolha do Forte de Copacabana como Museu do Exército e sua conseqüente criação no final dos anos 80, além de haver cooperado no texto relativo ao Salão Império do Museu; Comissão de História Militar de **A Defesa Nacional**, na administração, da BIBLIEx, do Cel Aldílio S. Xavier. Revista de que foi conselheiro editorial por longo tempo.

Possui sete prêmios em concursos literários no Brasil e Estados Unidos onde se destacam: pela BIBLIEx, 1º lugar com o **Exército e a Abolição** e o **Exército na Proclamação da República** e **O Negro na Sociedade do Rio Grande do Sul**, 1º lugar em Concurso Nacional. Primeiro lugar pela **Military Review** com a pesquisa O Exército no desenvolvimento – o caso brasileiro, 2º prêmio com **O Gaúcho fundador da Imprensa Brasileira**, pela Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul e Associação Rio Grandense de Imprensa e 2º lugar em concurso nacional com a obra **Estrangeiros e descendentes na História Militar do Rio Grande do Sul**, comemorativo ao Biênio da Colonização e Imigração para o Rio Grande do Sul em 1975-76. Foram destaques especiais em 1989 e 1990 pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (ABERJ) suas obras **Quartéis Gerais das Forças Armadas do Brasil** e **A Guarnição Militar do Rio de Janeiro na Proclamação da República**, editadas pela FHE-POUPEX, e premiado com a Monografia **A Produção de Estimadas**, em concurso Argus promovido pela EsNI em 1976. As duas obras, antepenúltima e penúltima, mais seus álbuns

Escolas de Formação de Oficiais das Forças Armadas (FHE-POUPEX) e A História do Brasil através de seus fortes decoram paredes de comandos e tropas espalhados por todo o Brasil.

Sua bibliografia consta do **Dicionário de historiadores brasileiros** v. 1 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do **Dicionário Biobibliográfico Gaúcho** (Martins Livreiro) e do site: www.resenet.com.br/users/ahimtb.

Produziu e foram lançadas em 1995 no Rio Grande do Sul as seguintes obras suas, dentro do Projeto O Exército na Região Sul: **História da 3ª Região Militar 1809-1995 e Antecedentes**, em 3 volumes, que traduzem a História Militar do Exército no Rio Grande do Sul e que foi completada com **Comando Militar do Sul – 4 décadas de História/1953-95 e Antecedentes**.

Já lançou a **História da 8ª Bda Inf Mtz**, a **História da 6ª DE**, a **História da 3ª Bda C Mec**, a da **6ª Bda Inf Bld** e a da **Artilharia Divisória da 6ª DE (AD/6)**, além dos livros **Caxias e a Unidade Nacional, 2002-175 anos da batalha do Passo do Rosário**, **História Militar Terrestre da Amazônia** e **As Batalhas dos Guararapes, Análise e Descrição Militar** (2ª edição). **Publicou a História da 2ª Bda C Mec** (Uruguaiana) e prepara a **História do Casarão da Várzea**. Lançou também, em 2003, a plaqueta **A Educação Cívico-Militar na visão do Capitão da Guarda Nacional João Simões Lopes Neto**. Coordenou o 13º Simpósio de História do Vale do Paraíba, que teve por tema pioneiro A Presença Militar no Vale do Paraíba, realizado de 3-5 julho 1996 na Fundação Educacional D. Bosco, na Academia Militar das Agulhas Negras em Resende e no Centro Sargento Max Wolf em Itatiaia e que contou com a presença de ilustres historiadores militares e civis.

O Cel Bento se dedica à História Militar Terrestre do Brasil dentro do seguinte contexto, definido pelo Marechal Ferdinand Foch, o comandante da vitória Aliada na 1ª Guerra Mundial:

“Para alimentar o cérebro (comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a eventualidade indesejável de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o da HISTÓRIA MILITAR”. Isto por considerar também a História Militar como o Laboratório de Táticas e Estratégias e, por via de consequência, contribuir para o desenvolvimento doutrinário militar dos Exércitos.

Foi lançada pela Biblioteca do Exército sua obra **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul** aos espanhóis/1774-76, baseada no Diário de Campanha inédito em português do Ten Gen Henrique Böhn, que comandou o Exército do Sul/1774-77, que reconquistou o Rio Grande do Sul aos espanhóis e que liberou as terras de Pelotas e Canguçu para povoamento por Portugal.

Possui as seguintes condecorações: Comendador do Mérito Militar, Medalha Militar de Ouro com passador de platina por mais de 40 anos de bons serviços ao Exército, Pacificador, Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas, Ordem do Mérito Tamandaré pela Marinha, Medalha de Honra da Inconfidência, Medalha Santos Dumont, Marechal Mascarenhas de Moraes, Mérito Cívico pela Liga da Defesa Nacional, Comenda Conde de Resende e J.Simões Lopes Neto pelas Câmaras de Resende e Pelotas, respectivamente, e, ainda, Medalha Estrela de Reconhecimento, pela BMRS.

Historiador Emérito pela 8ª Bda Inf Mtz em Pelotas, cuja denominação histórica Mar Manoel Marques de Souza I, pesquisou e instruiu processo de concessão.

Teve transcrito nos Anais da Assembléia Legislativa de Goiás seu artigo, em 1972, do **Correio Brasileiro** - Um filho de Goyáz, herói da Integridade e da Independência do Brasil (Mal Xavier Curado), bem como na Câmara Federal, trabalho seu sobre o centenário de morte do Duque de Caxias, em 1980, por proposta do deputado federal pernambucano Dr. Lucena. E na Câmara de Recife trabalho alusivo ao centenário do Patrono da Artilharia, Mal Mallet, no Comando das Armas de Pernambuco e nas câmaras de Resende e de Diamantina, respectivamente, seu discurso sobre o Conde de Resende no aniversário da cidade em 1992 e outro sobre O diamantinense, que foi o cérebro da Revolução Farroupilha na Assembléia Legislativa de Minas Gerais. Por indicação do Sr. Ministro do Exército e apoio logístico de sua assessoria parlamentar, participou de Simpósio na Câmara Federal, comemorativo do Centenário de Canudos, tendo ali defendido a Força Terrestre de manipulações que a apresentavam ao Povo, injustamente, como a responsável pela Tragédia de Canudos, em realidade uma responsabilidade da Sociedade da época, ou de todos os avós e bisavós dos brasileiros. Idêntica postura transmitiu em entrevista pela **Globo News** em que as falsas e manipuladas acusações vieram à tona e foram rebatidas sem contestação. Idêntica postura em reportagem de **O Globo** e oferecida a outras publicações brasileiras.

Assinou o Livro de Honra do Corpo de Cadetes em 1955, p. 42, 18ª linha, por haver realizado seu curso de oficial sem nenhuma punição. Em 1993/94 foi o Diretor Cultural da SORAAMAN (Sociedade Resendense de Amigos da AMAN) quando publicou a plaqueta 1994 - **Jubileu de Ouro da Academia Militar das Agulhas Negras** em Resende. Sociedade constituída de civis e militares destinada a estreitar os laços de amizade entre as comunidades resendense e a acadêmica.

Foi o Diretor Cultural e da **Revista do Clube Militar** no centenário do Clube, tendo colaborado e coordenado a Revista do Clube

Comemorativa e enriquecido o seu museu com quadros históricos que promoveu e fez as legendas. Integrou a Comissão do Exército no Centenário da República e da Bandeira, tendo colaborado e coordenado **O Caderno da Comissão do Exército Comemorativa dos centenários da República e da Bandeira**, publicado em parceria pela BIBLIEx e pelo SENAI, este presidido então pelo Cel Arivaldo Silveira Fontes que também editou livro do Cel Bento **O Exército na Proclamação da República/1989**, que fora premiado pela BIBLIEx, lançado na ECEME e distribuído amplamente na AMAN .

Publicou com apoio da Odebrecht: **A Participação da Marinha Mercante e das FFAA do Brasil na 2ª Guerra Mundial**, comemorativo aos 50 anos do Dia da Vitória e distribuído amplamente na AMAN. A pedido do Cel Sérgio Westphalen Echegoyen, comandante das CIAS SUL (Cruz Alta-RS), elaborou pesquisa sobre os **68 sargentos heróis da FEB**, para emular os alunos daquela Escola de Sargentos. Trabalho que difundiu em palestra na Escola de Sargentos das Armas, a convite de seu comandante e das unidades às quais pertenceram os bravos heróis e que participaram da 2ª Guerra Mundial. Obra reeditada pela ANVFEB/RS.

Possui várias distinções civis onde se destacam a de cidadão itajubense por unanimidade pela Câmara de Vereadores em 1982, a de Comendador da Ordem J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas, a de Irmão da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, brasão de Canguçu, em reconhecimento “AO FILHO ILUSTRE, PELA RECONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA COMUNITÁRIA” (Set 91). Orador oficial na Câmara de Resende no aniversário da cidade, quando resgatou a memória do Conde de Resende, em cujo estudo esta se apoiou para criar a Comenda Conde de Resende. Câmara que acaba de aprovar, por unanimidade, Moção Congratulatória por sua atuação, de 1991 a 97, para o resgate e divulgação da História de Resende e Itatiaia. Foi orador, em 13 de abril, na cerimônia de inauguração, no Batalhão Escola de Engenharia em Santa Cruz-RJ, do Memorial ao Patrono da Arma de Engenharia, o Ten Cel Vilagran Cabrita. Integra a Confraria dos Cidadãos de Resende, voltada para o culto da cidadania, na função de Tribuno.

Pois desde 1991 tem escrito sobre a História de Resende onde se destacam seus livros **A Saga da Santa Casa de Misericórdia de Resende: 1994-Jubileu de Ouro da AMAN em Resende** (já citado); **“Os puris primitivos habitantes do Vale do Paraíba: ‘Lenda resendense do Timburibá’; História Militar do Vale do Paraíba e, ‘Resendenses na Guarda de Honra de D. Pedro na proclamação da Independência em 7 setembro de 1822’**”. Foi distinguido pela Câmara de Resende com

Voto de louvor pela brilhante participação da Academia de História Militar Terrestre do Brasil nos 200 anos de Resende em 2001 e, em 2006 lhe foi concedido título de cidadão resendense.

Conferencista Emérito da ECEME, EsAO, EsIE e Instituto Militar de Engenharia onde, em 15Abr 98, pronunciou para os corpos docente e discente palestra de 2 horas sobre As Guerras Holandesas, em comemoração aos 350 anos da 1ª batalha dos Guararapes e 4º ano do Dia do Exército. Tem pronunciado palestras na AMAN e em especial sobre a História da mesma aos novos cadetes, logo que nela ingressam. De igual modo tem atendido alunos da ECEME e em especial seus ex-alunos da AMAN, para ajudá-los com fontes históricas na elaboração de suas monografias, gravando para os mesmos seu pensamento e interpretações, o mesmo acontecendo em relação a pesquisas históricas de cadetes e da própria AMAN no seu arquivo pessoal sobre a história da mesma e antecessoras. Como diretor do Arquivo Histórico do Exército/1985-91, promoveu sessões comemorativas de centenários de generais brasileiros, resgatando expressivamente suas memórias e suas preciosas lições.

Vem acompanhando e divulgando na mídia civil e castrense fatos expressivos recentes ocorridos na AMAN, relacionados com o culto das tradições da mesma. Estudou de 1938-44 no Colégio N. S. Aparecida de Canguçu; de 1945-50 no Ginásio Gonzaga de Pelotas, tendo se bacharelado no Curso Ginásial, com destaque, em 15 de dezembro de 1948. Concluiu o Científico, com destaque, em Porto Alegre, na Escola Preparatória de Cadetes no Casarão da Várzea. Como aspirante, 2º tenente, 1º tenente e capitão serviu em São Leopoldo/1955-57, em Bento Gonçalves (2 vezes, 1957-59 e 1961-66) e em Cachoeira do Sul/1959-61. Como presidente do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul presidiu encontros da entidade em Pelotas, Porto Alegre, Caçapava do Sul, São Gabriel, São Borja, Santana, Lavras, etc.

Possui alentada produção histórica sobre a Zona Sul do Rio Grande do Sul na antiga Coluna Querência do **Diário Popular** de Pelotas, bem como no jornal **Tradição** de Porto Alegre, órgão de divulgação do MTG, no qual é considerado autoridade tradicionalista.

Passou sua vida nos seguintes locais: Canguçu-RS / 1931-44; Pelotas / 1945-50; Porto Alegre / 1951-52; Resende-RJ / 1953-54; São Leopoldo / 1955-57; Bento Gonçalves e Veranópolis, destacado no vale dos rios da Prata e das Antas / 1957-59; Cachoeira do Sul / 1959-61; Bento Gonçalves / 1962-66 (sendo que no 2º semestre de 1964 na Vila Militar-Rio de Janeiro); Rio de Janeiro / 1967-69 (na Praia Vermelha); Recife / 1970-71; Brasília / 1972-75; São Paulo / 1976-77; Resende / 1978-80; Itajubá-MG / 1981-82; Rio de Janeiro / 1983-85, no EM 1ª

RM e de 1985-91 no Arquivo Histórico do Exército, quando passou para a Reserva, passando a residir em Resende, onde construíra casa de campo em 1980 e para onde se fixou em definitivo em 1991, à sombra de sua mãe profissional, a AMAN.

Residiu destacado quando no 1º Btl Ferroviário, sucessivamente em Jabuticaba, junto a ponte ferroviária sobre o Rio das Antas (Bento Gonçalves); Rio da Prata (em Veranópolis junto a Gruta do Paco); no km 2, na altura do Passo do Governo (Bento Gonçalves) e na Linha Marechal Hermes (Violanda) em Veranópolis e próximo de Muçum-RS. Tudo na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante, conforme registram suas alterações. Foi pioneiro em 1963, como capitão, na perfuração do maior túnel ferroviário da América do Sul, o Túnel 19 Boca Norte, no qual revolucionou o rendimento de perfuração de no máximo 8 metros por semana para até 21 metros, tendo em consequência sido distinguido pelo seu comandante de Batalhão, Cel Dirceu de Araújo Nogueira, com a caminhonete Aero Willys que até então usara, até adquirir outra, para cumprir promessa feita junto ao então coronel Rodrigo Otávio Jordão Ramos, atual denominação histórica do 2º GEC em Manaus.

Revisou, com o concurso da AMAN, ampliou e condensou, num só volume, os originais de projetada reedição de **As Batalhas dos Guararapes, análise e descrição militar**, com apresentação de S.Exa. o Gen Ex Zenildo de Lucena e por sua Exa. instruído a BIBLIEx a publicá-lo. Obra em implantação em disquete no Web do CComSEx, para apoiar estudos e pesquisas que se estenderam até 19 de fevereiro de 1999, 350 anos da 2ª Batalha dos Guararapes.

Produziu para o Sistema de Ensino a Distância para preparação para a ECEME os trabalhos **Lutas internas no período monárquico, Ação pacificadora do Duque de Caxias e Conflitos externos e lutas internas na consolidação da República/1889-97**.

Produziu, há cerca de 8 anos, para a FHE-POUPEX, pesquisa original sobre **Os patronos nas Forças Armadas** (Exército, Marinha e Aeronáutica) ilustradas pelo pintor Newton Coutinho e que se destinariam a distribuição no seio da juventude militar brasileira, estudando em escolas das FFAA e potencialmente futuros associados à FHE-POUPEX. Lamenta o autor a falta de recursos para dar prosseguimento ao projeto que cobriria lacunas biográficas referentes a personalidades exemplares para a juventude militar, tão carente de obras sintéticas e ilustradas do gênero.

É também autor da obra inédita **Moedas de Honra**, que consolida a bibliografia sobre Ordens de Cavalaria vindas de Portugal até as honoríficas atuais, a nível federal, e condecorações militares. Obra

inicialmente encomendada pelo GBOEx, pelo presidente Antônio Lisboa Mello e Freitas, e não honrada por seu sucessor, que nem sequer indenizou o sofrido investimento intelectual e financeiro do autor. É obra essencial para o conhecimento do assunto pelos recipiendários. É importante disciplina auxiliar da História Militar e Civil do Brasil e foi implantada na Internet no Site da AHIMTB: <http://www.resenet.com.br/users/ahimtb>, que a cada dia que passa vem sendo enriquecida com livros e artigos sobre História Militar Terrestre do Brasil. Em 1972 foi autor do parecer solicitado ao EME pelo Ministério dos Transportes sobre o verdadeiro local da descoberta do Brasil, se em Porto Seguro ou Cabrália, opinando sobre a descoberta em Cabrália, do que resultou a decisão governamental de estender a rodovia federal até lá, conforme consta da obra: MAIA, Rocha. **Do Monte Pascal a Cabrália**. Rio de Janeiro, MT, 1993, p. 25-26.

Sua projeção atual na historiografia nacional e internacional resultou de seu desejo de escrever a História de Canguçu, sobre a qual produziu os seguintes trabalhos, entre outros:

– **Canguçu, reencontro com a História**, 1983. **História da Real Feitoria do Linho cânhamo do Rincão do Canguçu/1783-89. Município de Canguçu formação histórica: 200 anos da Igreja N. S. da Conceição de Canguçu**. Apresentação do livro de Ilka Neves **Primeiros povoadores e batismos de Canguçu 1800-13**. Colaborações na antologia anual do CIPEL: Canguçu na Revolução federalista; Guerra à gaúcha; As Pedras das Mentiras; A Educação em Canguçu – evolução; Canguçu, aspectos da Comunicação Social, até o advento da radiodifusão e apreciável volume de artigos em **O Diário Popular** de Pelotas e no **O Liberal**, de Canguçu, etc.

Possui as principais fontes da História de Canguçu reunidas no Arquivo Conrado Ernani Bento, seu pai, iniciador da preservação das referidas fontes históricas. Arquivo que será colocado à disposição da pesquisa na sala da Casa da Cultura destinada à Academia Canguçuense de História.

Acaba de ser agraciado pela Câmara de Vereadores de Resende com a Comenda Conde de Resende. Está produzindo para o Jornal da SASDE (2ª DE-SP), Passagens da História Militar de São Paulo. Lançou em 2007 a reedição de **Canguçu, reencontro com a História**, bastante ampliada.

É colaborador da Revista Eletrônica da AHIMTB no site www.militar.com.br

Endereço: Rua Florença nº 266, Jardim das Rosas, Itatiaia-RJ,
CEP 27.580-000; E-mail: bentocm@resenet.com.br
e bentoclaudio@uol.com.br - Fone: (0xx24) 3354-2988